
ENTRE A LUZ
E A
ESCURIDÃO
MARIANA ROSA

Autora: Mariana Rosa

Obra: Entre a luz e a escuridão

Devidas apresentações – Capítulo 1

O nevoeiro estava denso, eu mal conseguia enxergar um palmo na minha frente. Porém a noite estava incrivelmente silenciosa, tirando talvez por dois ou três sapos que coaxavam em algum lugar pelos os jardins ornamentados da rua. As chamas que tremulavam dentro dos lampiões nos postes deixavam o ambiente um tanto fantasmagórico, já que as luzes amareladas batiam contra o pesado nevoeiro. Eu caminhava lentamente na rua de paralelepípedo, onde minhas botas marcavam o chão batendo ritmicamente. Controlava minha respiração, respirava fundo e cada vez que expirava o ar saia condensado, formando uma pequena fumaça. Eu gostava do frio, melhor eu amava o frio. Mas o que eu odiava mesmo era ficar sozinha vagando em uma cidade sozinha, só que eu fui condicionada a isso. Melhor dizendo, eu me acostumei com isso. Não era algo que gostava, mas era necessário. E se era necessário eu fazia. Eu procurava as trevas na noite, esse era o meu trabalho. Caçar a escuridão no meio da noite. Claro, que a escuridão existia no dia, mas o clichê sempre funcionou dessa maneira, não é mesmo? Obviamente – ao menos no meu ver - que as trevas surgem mais a noite. A maioria de nós temos medo da noite, medo de não ver o que está ali na sua frente.

Eu olhei para cima e quase sorri. A lua estava cheia e amarelada, estava gigantesca. Parecia que era possível toca-la se subíssemos alguns andares dos pequenos prédios que me cercavam. Percebi que na realidade quem estava deixando toda a rua com a iluminação assustadoramente fantasmagórica não era os postes e sim a grande bola amarela que ficava pendurada no céu sem estrelas.

Pensava ainda na minha estranha conversa com ela hoje de tarde. Quando eu a encontrei em um antigo bar perto do porto.

Lá estava ela, sentada no canto do bar.

Era tudo basicamente feito de madeira velha e verniz descascado – tudo realmente parecia ser velho demais, ouso dizer quase caindo a os pedaços. -, mas era um lugar ajeitado. Havia meia dúzia de mesas espalhadas pelo o pequeno espaço. O chão era

basicamente feito de cimento e pequenos amontoados de areia distribuídos aqui e ali. No bar havia um punhado de homens, acho que eram uns sete. Um estava com a cabeça deitado sobre a mesa, outros dois conversando alto e rindo exageradamente. Um homem extremamente alto estava sentado no balcão bebendo Gin e o proprietário do bar estava atrás do balcão cruzando os braços com olhar claramente entediante.

Fui me aproximando obviamente atraindo olhares, era incomum verem mulheres desacompanhada em bares, era mais incomum ainda ver uma mulher da alta sociedade desacompanhada em um bar caindo a os pedaços.

Ela não pareceu perceber minha presença, continuava a olhar através da janela imunda com os olhos brilhantes e com um pequeno sorriso nos lábios que me intrigaram, devo admitir.

- Espero que não tenha feito você esperar muito. – Disse me sentado do outro lado da mesa em sua frente.

A cadeira estalou, mas descobri que ela iria aguentar meu peso.

A observei lentamente virar sua cabeça e seus olhos negros me fitaram.

- Não. – Ela sorriu gentilmente. – Cheguei agora pouco. – Pegou um copo de vidro com um conteúdo branco.

Esperei ser leite.

- O que está achando da cidade? – Perguntei enquanto tirava as luvas pretas e as colocava em cima da mesa lotada de poeira. Eu detestava luvas faziam minhas mãos transpirarem e eu gostava de poder sentir as texturas das coisas em meus dedos.

Ela deu de ombros e seus lábios comprimiram em uma pequena linha, parecia que estava um pouco decepcionada com o que virá até agora.

- Não gosto de dias cinzentos e desde que cheguei nessa cidade... – Sua voz morreu e ela respirou fundo parecendo aborrecida, seu peito acompanhou a respiração subindo lentamente e seus seios se comprimiram contra a camisa branca de botões. Estava realmente aborrecida. – Quatro dias aqui e nenhum sol. A cidade toda é cinza. As casas, os prédios, sem cor. – Ela apontou para a janela suja e acompanhei meu olhar. O dia estava realmente feio. Dava para ver as nuvens cobrindo o sol, um estaleiro feito de madeira velha e seu telhado cinza. Gaivotas voavam no céu perto do píer, onde pescadores carregavam caixotes com peixes e peixes. Adivinhem só. Também cinza.

- Bem-vinda a cidade. – Voltei a olha-la e seus olhos passearam pelo o meu rosto, lendo-me claramente.

- É... – Falava com pesar e seus olhos momentaneamente ficaram tristes.

Eu a conheço em menos de um dia e ela é a pessoa mais expressiva que já vira. Talvez seja o fato de que na alta sociedade, você seja obrigada a reprimir quase todas suas emoções.

Quando alguém conta uma piada, você não pode se escangalhar de rir. Em um velório você não pode simplesmente chorar, borrar sua maquiagem? Jamais. Mulheres não podem fazer isso. E até mesmo na hora do prazer você tem de se ponderar.

- O que você fez ontem. Foi... – Tentei achar a palavra correta para essa frase, coloquei os nós dos dedos embaixo do queixo e o levantei um pouco. – Devo dizer, fascinante. – Disse achando a palavra perfeita.

- Aquilo? – Ela inclinou a cabeça. – Ah... – Ela voltou a me apresentar seu sorriso, colocando a mão atrás da cabeça e coçando rapidamente.

Seus cabelos eram louros brilhantes, desgrenhados de uma forma selvagem, mas não de uma maneira estranha, combinava com ela. Uma mulher expressiva tem que ter um cabelo expressivo.

Porém, outra peculiaridade dela era mostrada para mim. Usava seus cabelos apenas com uma fivela de couro vermelha enrolada em uma pequena trança. Mulheres não usavam cabelos soltos, ao menos não em público. Era bem raro.

- Tem uma habilidade incrível. Com espadas e luta corporal.

- Eu fui treinada a vida inteira para isso. – Ela respirou fundo novamente e suas mãos sumiram da minha vista, ela se encolheu um pouco e se esticou novamente. – A única coisa que eu sei; é quebrar coisas. – Ela deu um sorriso sem graça e mais uma vez deu de ombros.

- Não se deprecie, minha querida. – Induzi. – São habilidades raras. Eu aprecio elas e preciso delas. – Falei rispidamente.

Ela me encarou com seus olhos grandes e expressivos. Nossos olhos se encontram verdadeiramente por longos segundos pela primeira vez e senti um arrepio na base da minha nuca.

- Sim.... Eu sei. – Ela disse simplesmente.

- Sabe? – Arquei uma de minhas sobrancelhas.

Essa mulher era diferente, não estava errada.

- Sim... – Ela me olhou sério, mas ainda sim conseguia ver o fantasma do seu sorriso. – Na apresentação, eu não pareço, mas se tem algo que gosto de fazer é observar. E

eu te vi lá. Você chamou minha atenção. Seu olhar principalmente. Não sabia direito o que era, se era tristeza ou um pedido de ajuda. Acho que afinal eram os dois, não era? – Seu olhar inocente por um momento havia ido embora e foram substituídos por compreensão. Eles estavam lá, duas grandes pupilas negras e brilhantes me estudando novamente. Eu poderia ter ficado com raiva por sua intromissão. Entretanto, ela não estava errada. O que me fez ficar ali. Sentada na velha cadeira que resmungava cada vez que me mexia.

- Quero que trabalhe para mim. – Falei com seriedade, não afirmando o que ela vira na apresentação. – Sem perguntas, será devidamente paga e se aceitar, sua estadia será paga por mim também. Apenas escolha o hotel. – Peguei o pequeno pedaço de papel que estava preso no cinto do meu vestido preto e o passei para ela escorregando o pedaço de papel sobre a mesa.

De primeiro momento ela não pegou o papel, o encarou com interesse aparente, mas depois alternou o olhar para mim.

- Me encontre as 20h nesse local. - Pressionei com a ponta da unha o pedaço de papel na mesa e isso fez com que chamasse a atenção dela, fazendo com que seus olhos voltassem para mesa.

- Desculpe Senhorita. Mas o que faz tanta certeza que irei te encontrar lá? De que irei te ajudar.

- Catastrophe... – Seu nome saiu estranho de minha boca, quase um sussurro. – Você tem um potencial surpreendente. Sua vida não pode se resumir em pequenas apresentações. Sua alma...

Eu olho para os lados, sempre tenho essa sensação que alguém estava me observando. Mas aparentemente os homens estavam empoleirados em suas próprias vidas. Me aproximei mais um pouco com o tronco quase tocando meus seios na mesa.

– Sua alma, minha querida. Ela tem fome, está faminta. Por qualquer coisa que faça sentindo não está? Em sua vida toda, aposto que todos sempre disseram o que fazer e quando fazer e onde fazer. E estou lhe oferecendo uma oportunidade de escolha. De viver algo que nunca viveu.

E foi assim, pela primeira vez senti sua aura. Uma aura gigantesca e desordenada vindo como um tsunami em minha direção. Ela era quente, expansiva e explosiva. Se eu deveria me assustar? É claro que sim, mas ela fora a melhor aura que já havia presenciado. Uma sensação única de conforto de que era bem-vinda.

- Eu... – Ela tentou sibilar alguma coisa, abriu a boca uma, duas vezes. Ela então respirou fundo tentando se acalmar e assim juntamente sua aura foi diminuindo. –

Está bem.

Sorri.

Me levantei devagar e peguei minhas luvas pretas, onde fui colocando-as encaixando os dedos em cada espaço, erguendo-as até logo abaixo do cotovelo.

Meu encontro estava acabado.

Ela se levantou rapidamente e educadamente. Como um rapaz com a mínima de boa educação faria. Achei aquilo estranho, mas estava aprendendo que tudo que vinha de Catastrophe era diferente. Seu jeito afobado ao se levantar quase derramou o copo de leite que estava em cima da mesa.

- Você tem um nome, senhorita. – Ela disse um pouco apressada, enquanto me observava a virar e ir embora.

- Sim. – Continuei andando.

Viro à esquerda e me encontro em uma pequena viela, ainda mais mal iluminada que o resto da rua. Em ambos os lados grandes casas erguiam-se em direção ao céu. Eu andava com passos apertados e logo pude ver os grandes portões de ferro e pontiagudos em minha frente. Parei ali e fiquei aguardando pacientemente.

Ela não irá vir. – Uma voz baixinha ria em escoria perto do meu ouvido, era capaz de sentir o bafo gelado contra minha pele. Tentei ignorar, balançando a cabeça. A escuridão tinha me encontrado.

- Saia... – Sussurrei algumas vezes, sacudindo meu tronco para frente e para trás. Repetindo essa palavra como um mantra.

Odeio demônios. – Pensei.

Foi então que ouvi passos. Meu coração bateu forte contra o meu peito. Não conseguia sentir a presença de ninguém, apenas ouvia os longos e lentos passos.

Uma silhueta se formou na pequena viela lotada de nevoeiro. Estava com uma calça de couro e um sobretudo vermelho sangue. O cabelo estava solto batia até a cintura. Lindos cabelos louros e selvagens. Catastrophe.

Ela sempre se vestia de maneira diferente, não era normal uma mulher em 1890 usar calças como homens, mas ela era Catastrophe. Ela sabia que poderia fazer aquilo.

Eu era apenas mais uma mulher da alta sociedade vestida com um vestido negro e um coque austero.

- Catastrophe? – Sorri maliciosamente.

Ela andava despreocupadamente com as mãos no bolso e enquanto chegava perto, pude ver a bainha de sua espada escondida entre o sobretudo e a calça.

Uma espada? Esperava armas mais eficazes.

- Desculpe a demora. Essas ruas, elas são todas iguais. – Sorriu e ficou junto comigo na frente do portão. Assobiou e sua cabeça inclinou para trás, ela estava tentando ver a altura do portão de ferro. – UAU.

- Espero que não tenha feito você esperar muito. – Retornou a dizer ao olhar para mim.

- Não. – Limitei a dizer. – Vamos? – Fiz um movimento com as mãos e o portão lentamente rangeu e se abriu apenas o suficiente para nós duas passarmos.

- Você.... Fez... – Me olhou estupefaça e riu nervosamente. - Eu sabia que você era diferente. Estou aceitando aulas mais tarde, caso queira me ensinar fazer isso.

Fiz um gesto com a mão, indicando que ela poderia entrar primeiro ignorando sua fala. Ela me encarou uns instantes, seus olhos negros brilhavam. Estava curiosa, podia sentir.

Deu de ombros e sorriu mais uma vez.

- Bem, acho que não vou me arrepender da minha escolha.

E entrou sem hesitação.

Fui logo atrás dela, observando seus cabelos louros.

- Aposto que não. – Sorri maliciosamente, enquanto os portões se fechavam atrás de nós.

Bem-vinda ao meu mundo Catastrophe.

Lâmina de Sangue - Capítulo 2

Eu já estive ali por algumas vezes. Porém ainda me surpreendia com a beleza desse jardim. As árvores – que pareciam ser recentemente podadas, com formas de circunferência.- eram distribuídas harmonicamente formando duas fileiras, uma do meu lado direito e a outra do esquerdo acompanhado um corredor de cascalho entre elas. Algumas flores de pequeno porte se distribuíam acumuladas pelo jardim. Um banco de metal ficava localizado a nossa direita com um charmoso chafariz com formato de ganso.

Ali o nevoeiro já não era tão denso.

Catastrophe analisava tudo, não era aquela menina distraída que tinha conhecido

durante a tarde. Seus olhos fixaram-se na grande árvore que ficava no centro do jardim. Chamava atenção, pois suas folhagens escorregavam até o chão e quando o vento batia nelas, farfalhavam ritmicamente, formando quase uma melodia entre as folhas.

A luz da lua ajudava na iluminação, ali havia apenas um poste, que estava perto do banco. O local realmente era de tirar o fôlego.

- Finalmente, um lugar bonito nessa cidade.- Catastrophe falou baixinho, andando alguns passos na minha frente.

- Bonito, mas perigoso. Fique atenta. – Falei.

Andamos pelo caminho de cascalho que o corredor formava à espreita de qualquer perigo. Catastrophe andava com a mão no cabo de sua espada a espera de alguma coisa acontecer.

- Sabe.... Eu sei que não deveria fazer perguntas. Só que eu realmente gostaria de saber seu nome. – Ela perguntou tentando ser gentil.

Olhava para as sombras fixamente procurando qualquer sinal de perigo. Meu corpo estava tenso sabia que alguma coisa estava para acontecer. Eu sabia exatamente o que encontrar aqui, eu só deveria ter paciência e rezar para não ser encontrada primeiro.

- Meu nome é.... – Minha voz fraquejou e senti meu corpo congelar. Parecia que meu corpo não me obedecia, eu estava estática sem conseguir me mexer nem sequer um centímetro. Eu forçava minhas pernas, mandava mensagens desesperadas para que elas se movessem, mas era inutilmente em vão.

- Senhorita? – Ouvi a voz preocupada de Catastrophe, que foi ficando longe e trêmula.

Escuridão.

Tudo estava preto, sem Catastrophe, sem jardim. Apenas eu no escuro, a única iluminação era um foco de luz que descia sobre minha cabeça, parecendo um holofote. Eu ainda não conseguia me mover e isso começava a me irritar.

- Victoria? – A voz tão conhecida soou em meus ouvidos.

Meu coração bateu dolorosamente em meu peito. Respirei fundo tentando controlar meus impulsos. Finalmente, depois de uma terrível concentração consegui me mover e me virei em direção a voz. Coloquei as mãos na boca e meus olhos se arregalaram com a cena em que me foi mostrada. Medo, pânico e desespero.

Meu irmão. Sob um holofote assim como o meu.

Meu querido irmão acorrentado pelos pulsos. Não sabia de onde as correntes vinham, pois elas desapareciam na escuridão.

- Pietro? – Minha voz saiu trêmula e desesperada. Fiz menção de ir até ele, salvar meu irmão. Mas quando mergulhei minha mão na escuridão, senti minha pele queimar e em meus dedos começaram a brotar um pequeno foco de fumaça, minha mão estava sendo tostada. Eu berrei em angustia e rapidamente recolhi minha mão colocando-a contra meu peito. Voltando rapidamente para a luz.

Meu punho estava vermelho e claramente ferido. Nada muito grave, levaria alguns dias para curar.

- Droga. – Sacudi a cabeça frustrada.

- Salve-me, por favor. – Pietro falou chorando. Seu cabelo, já grande cobria seus olhos. Porém eu conseguia ver seus ferimentos e seu cansaço.

- Onde você está? – Indaguei rapidamente. Esticando os pés, querendo ver através de meu irmão. Sabia que isso era patético, pois ele estava apenas acompanhado pelas trevas.

- Na escuridão. – Ele disse antes de cair desmaiado.

A luz então sob sua cabeça se apagou e me vi novamente sozinha.

- Senhorita? – Senti alguém segurando meu corpo.

A escuridão se esvaiu e um toque firme e quente me aparava, a luz começava a tomar conta de todo o local. Logo eu percebi de quem se tratava. Sua aura. – Senhorita? – Catastrophe sussurrava meu nome contra minha orelha.

Ela estava atrás de mim, segurando minha cintura. Minhas costas roçavam levemente contra o seu tórax e sentia sua respiração entrecortada batendo atrás de minha orelha.

- Catastrophe? – Falei ainda perdida com meus sentidos, aos poucos o jardim começava a focar em minha vista e a lua ganhava a cor cada vez mais amarelada.

Recuperei um pouco das minhas forças e consegui ficar sobre meus pés. Oscilei apenas um pouco, mas não o suficiente para que eu pudesse cair. Apoiava-me em Catastrophe, com uma de minhas mãos em seu ombro. Respirei fundo e fechei meus olhos momentaneamente.

- Você se machucou! – Ela disse claramente alarmada, pegando o meu pulso e vendo as pequenas feridas em minha mão. – Mas como? Você simplesmente ficou parada, congelada no lugar, sussurrando coisas e de repente quase foi ao chão. – Ela parecia realmente preocupada com o meu estado. Eu achei aquilo estranho, ela mal me conhecia.

Eu queria me convencer que era pelo o dinheiro, afinal comigo morta ou gravemente ferida o pagamento iria demorar. Queria me enganar, sabia que não era isso, tinha algo

a mais.

- Eu estou bem. – Falei rispidamente, ficando ereta e passando a mão que estava apoiada no ombro de Catastrophe em meu sobretudo preto.

Ela não disse nada, apenas voltou a caminhar junto a mim.

- Quem é Pietro? – Perguntou curiosa.

Não respondi.

- Senhorita... O que é aquilo? – Catastrophe apontou para a árvore maior.

Entre os grandes ramos de folha havia alguém de cócoras, sacudindo seu tronco para frente e para trás. Suas mãos pairavam perto da boca.

Ele percebeu nossa presença, pois assim que Catastrophe falou a cabeça dele virou para nós. Ele não era um simples humano. Era uma criatura das sombras.

Seus olhos eram quase brancos. Suas pupilas eram brancas e estavam totalmente dilatadas, a não ser por um fino aro verde claro de sua íris. Seus dentes projetavam-se para fora da boca e estavam com sangue e pedaços de carne agarrado entre eles. Meu estômago sempre embrulhava quando via esse tipo de criatura, elas eram asquerosas. Olhou para nós duas fixamente e com um movimento rápido veio para cima de mim. Não dava tempo de reagir, sua velocidade era incrível.

Catastrophe pôs se em minha frente e sacou sua espada ainda mais rápido que a investida da criatura. A lâmina ameaçadoramente brilhava sob a luz amarelada da lua, que se encontrava na garganta da criatura.

Eu olhei para criatura que grunhia com as mãos nas laterais do seu corpo, mas pude perceber que seus dedos que se estendiam em garras estavam prontos para o ataque se necessário. Aposto que elas eram tão afiadas quanto a espada de Catastrophe.

- Onde está seu mestre? – Perguntei friamente, levantando o queixo. Queria mostrar que não estava abalada.

Ele riu e vi que Catastrophe apertava os nós de sua mão no cabo da espada. Fez uma leve pressão na garganta da criatura, fazendo-o soltar um barulho de protesto.

- Você pode senti-lo não pode? O mestre dos mestres – A voz da criatura era metálica. – Ele está em cada sombra e em cada medo. Você sabe disso não sabe garota? Você mais do que ninguém conhece a escuridão. – Ele riu sadicamente até que lhe faltasse o ar. – Eu sei que ele fala com você, sussurra para você. Você gosta, garota? Gosta dele invadindo seu sonho? Você pensa nele não pensa? Desde que capturou o seu irmão não tinha um dia que se passe que você pense no mestre.

Era tudo verdade. Eu o sentia. Sentia sua presença constante ao meu redor. Acho que

era por isso que sempre achava que estava sendo seguida. Cada sombra e cada escuridão ele estava lá me observando.

- Onde ele está? – Desta vez quem falou fora Catastrophe.

A criatura olhou para ela estudando seu rosto e a farejava como um animal no cio.

- Luz! Luz! – Ele arregalou os olhos e riu, para logo em seguida se encolher um pouco. A criatura voltou a olhar para mim e desta vez parecia com raiva. – Você acha que esse pequeno lampião irá ameaçar, meu mestre. – Sua voz foi ficando ameaçadora. – Não se preocupe minha querida, na hora certa você vai encontra-lo.

A criatura bateu suas garras na espada de Catastrophe, fazendo com que a lâmina oscilasse um pouco na garganta em sua garganta. Ele tentou investir contra Catastrophe, com as garras como se fosse um gato selvagem, cortando o ar várias vezes e ela foi desviando de um lado para o outro, com certa facilidade.

Catastrophe girou a espada e quando a criatura investiu outra vez contra ela, foi o suficiente para ela desviar se agachando e perfurar o estômago da criatura com sua lâmina.

A criatura olhava para baixo estatelada para Catastrophe, tentando puxar o ar pela boca. Rapidamente a ferida abriu e quando Catastrophe tirou a espada da barriga da criatura o sangue começou a brotar e rapidamente escorregou pelas suas pernas. Formando uma pequena poça de sangue em volta de seus pés.

A criatura despencou no chão e em pouco tempo começou a tremer e se debater, desaparecendo em nossa vista. O corpo dava lugar para cinzas, até que finalmente ficara apenas uma poça de sangue com cinzas sobre ela.

Ela se virou para mim e seus olhos negros estavam diferentes, sem brilho e turvos. Catastrophe guardou a espada na bainha e olhou para o sangue no chão.

- Ele poderia ter te matado.... Por isso que terminei com a existência dele. – Catastrophe piscou algumas vezes. Colocando a mão na testa, como se ainda não estivesse acreditado no que acabara de fazer. Seu sobretudo vermelho bordo estava aberto e conseguia ver seu peito subindo e descendo rapidamente. Usava uma blusa cinza onde a maior parte do seu colo estava aparecendo e mesmo com o frio que fazia pude ver uma pequena camada de umidade.

- Mas ele não matou, Catastrophe. Graças a você. Ele não me matou. – Falei sussurrando invadindo o espaço pessoal dela. – Victoria Burke. – Disse novamente.

Alguns segundos se passaram até que ela pudesse me ver realmente em sua frente. Seus olhos procuraram os meus e os vi brilhando novamente, assim como sua aura que esquentava cada vez mais, trazendo-me conforto na noite fria que estava fazendo.

Eu não gostava dessa aproximação pessoal, mas com Catastrophe eu começava a mudar de idéia.

- O que? – Sua voz saiu em um fio, ela franziu a testa tentando me entender.

- Meu nome é Victoria. – Respondi baixo olhando para o seu rosto que formava um sorriso gentil ao finalmente descobrir meu nome.

- Victoria. Eu gostei, combina com você.

- Assim como Catastrophe. Inusitado como você. – Desta vez fui eu quem sorri. Um sorriso malicioso.

Gostei de como meu nome soa em sua boca. – Pensei.

Victoria – Capítulo 3

Catastrophe me acompanhou até em casa, não havíamos trocado muito assunto e ambas de nós estávamos em nossos próprios pensamentos. Ela andava agora um pouco mais despreocupadamente com seu sobretudo fechado. Cruzava os braços em baixo dos seios e se encolhia um pouco, parecia que o frio estava a atingindo. Eu aproveitei para a olhar de soslaio, a brisa batia contra seu cabelo louro e o balançava levemente. Acabei por perceber que um fio de couro vermelho estava em uma trança perdida.

Dobramos a esquina e pude ver minha casa. Uma grande casa de três andares, feita de tijolos cinzas, preenchida por janelas de madeira pintadas de branco. Antes de chegar a propriedade havia um cercado baixo de metal e um pátio de concreto com um pequeno chafariz ao centro.

Meu bairro era um dos afortunados com sistema elétrico. Apenas em alguns bairros cidade adotavam de eletricidade.

Catastrophe adentrou em minha propriedade junto comigo e parou na grande porta de madeira também branca. Olhava distraidamente para os cantos da propriedade e para a praça que se localizava quase à frente da minha casa.

- Eu gostaria de agradecer mais uma vez pelo o que fez hoje. – Falei procurando seus olhos e ela respondeu me olhando de volta. – Seu serviço foi realmente de grande ajuda.

- Mas eu não fiz nada. Quero dizer, apenas arruinamos a vida daquela criatura. Não vimos absolutamente nada e nem descobrimos nada. – Lamentou não sustentando meu olhar, e os desviou de mim.

- Talvez para você não tenha significado nada, mas para mim sim. – Dei um passo em sua direção entrando mais uma vez em seu espaço pessoal. – Poderia estar morta.

Senti a aura de Catastrophe me aquecer um pouco e respirei fundo gostando da sensação.

- Bem, enquanto a isso. Acho que foi bom eu estar por perto. – Ela sorriu sem graça e vi uma coloração nascendo em sua bochecha. Finalmente seus olhos voltaram para os meus e percebeu quão próxima nós estávamos.

Ficamos ali mais alguns segundos sem dizer nada, ela me estudava com tamanha curiosidade. Como seu eu fosse a inusitada e não ela.

- Passe aqui as 9 da manhã amanhã. Eu irei pagar pelo o seu serviço. – Disse me afastando apenas um pouco para alcançar a maçaneta.

- Tudo bem. Te vejo amanhã. Senhorita Bur- Victoria. – Corrigiu-se.

Eu arqueei uma sobrancelha. Eu poderia achar um tanto insolente da parte dela usar meu nome assim de maneira tão intima. Mas eu gostava do jeito que o meu nome saia da sua boca. Ela tinha uma rouquidão na voz que me agradava.

Ela estendeu a mão para mim e a olhei. Seus dedos eram longos e bem desenhados. Voltei a fitar Catastrophe e finalmente toquei sua mão a cumprimentando. Sua pele era incrivelmente quente – talvez um pouco acima do normal – e bem macia, sem qualquer calo. O que me deixou impressionada, já que ela lutava. Catastrophe sorriu docemente e sacudiu minha mão levemente, passando seu polegar pelo os nós dos meus dedos. Senti levemente minha nuca formigar, uma sensação boa, que estupidamente esperava por mais.

- Até. – Ela largou minha mão um pouco sem jeito, quase abruptamente e colocou as mãos no bolso casualmente.

Não esperei ela sair de minha propriedade, entrei em casa e fechei a porta atrás de mim. Me apoiei contra ela e olhei para o meu hall de entrada. Estava cansada, mesmo ficando poucas horas fora de casa. A minha experiência com meu irmão, causara um grande despendimento de energia, sendo assim muito desgastante. Levantei novamente e tirei meu pesado sobretudo preto e o descartei em cima de uma cadeira solitária que estava no hall de entrada. Desatei o coque e deixei meu cabelo tomar liberdade. Eles iam até os meus seios e eram absolutamente negros.

Desmoronei ali no chão cansada demais para subir minhas escadas.

Pietro. – Repeti seu nome inúmeras vezes em minha cabeça.

Ele me salvara há quase três anos de um terrível ataque da criatura das sombras e foi

levado para longe.

Até hoje não sei explicar o que eu tenho, se é um dom ou uma maldição. Mas de qualquer forma se manifestou em mim ainda quando era pequena e se meu irmão fora capturado, tudo isso era culpa minha, graças ao seja lá o que eu tenha.

Coisas estranhas começaram a acontecer comigo. De começo via pessoas que já haviam partido em vida, mas depois elas foram desaparecendo e sendo substituídas por essas criaturas da sombra. Eu tinha pequenas visões, que vinham através dos sonhos e em alguns momentos conseguia até mesmo mover certos objetos. Mas o que mais me intrigava de tudo era minha capacidade de enxergar as auras das pessoas e já conhece-las antes mesmo de abrirem a boca.

Entretanto, quando você está crescendo as coisas começam a sair do seu controle. Dormia durante o dia e a noite era bombardeada por sonhos e pesadelos desconexos. Passei a dormir então apenas duas horas. Eu tinha medo de dormir, tinha medo de dormir e nunca mais acordar. Fiquei por inúmeras vezes debilitada e doente. Não deixava ninguém entrar em meu quarto, então rapidamente ele ficara zoneada e escuro, com o forte cheiro de coisa guardada. O único que permitia a entrar lá, no meu casulo pessoal era Pietro. Foi ele que me ajudava e aos poucos permiti que tivesse algum tipo de progressão sobre o controle, do que seja lá o que eu tinha. Conseguia canalizar minha energia melhor, passei até mesmo a ajudar algumas pessoas. Minhas habilidades cresciam e mais coisas eu descobria, elas não eram como tsunamis - não até Catastrophe chegar - tudo agora vinha mais devagar, mais sossegada, como uma lagoa.

Houve um episódio em minha vida em que fui jogada dentro de um hospício, pelos meus próprios pais, que tinham certeza que eu era louca e que tudo fazia parte da minha imaginação fértil. Eu deveria ter mais ou menos uns 24 anos na época. Eles aproveitaram que meu irmão tinha viajado para os países tropicais e me trancafiaram lá, Pietro eu tenho certeza, jamais permitiria isso. Que sua irmã fosse enjaulada como um animal de circo em um lugar estéreo e sem vida. Eu recebia tudo como uma ótima paciente que eu era. Tratamentos de choques, isolamento durante dias dentro de um quarto, além de meu corpo submerso em uma banheira lotada de água gelada, me deixavam lá por muitos minutos. Rasparam meu cabelo e minhas sobrancelhas.

Eu estava rezando para que algum enfermeiro errasse algum medicamento e colocasse mais do que o necessário em minhas veias para que pudesse finalmente sair do meu corpo.

Me perguntava se isso o que eu tinha era realmente um presente. Desejava por muitas vezes ser normal, só que eu sabia que era um pedido impossível. Eu ria da minha própria desgraça, eu ria em desespero por estar ali e não ter mais esperança.

A pior coisa na vida é não ter esperança.

Parecia um morto-vivo perambulando sem sentido pelos corredores do hospício. Lá tiraram praticamente toda minha dignidade e o progresso que fizera com meu irmão, praticamente não existia mais.

Minha esperança fora reacendida como um pequeno pavio e deixei a fraca chama tremular. Meu irmão reapareceu, poderia ter passado 2 meses, 6 meses ou 2 anos. Mas meu irmão apareceu e me tirou dali.

Ele veio também acompanhado com uma terrível noticia, mesmo que não os amassem descobri que meus pais haviam morrido. Em um acidente de barco. Sei que é horrível pensar nisso, mas em algum lugar dentro de mim ficara aliviada, pois nunca mais iria ser jogada em lugares escuros. Eu nunca mais os veria.

Alguns anos se passaram e novamente eu e Pietro estávamos fazendo progresso com o meu problema. Entretanto, eu passei sempre ter o mesmo tipo de pesadelo. Alguém tentando me pegar, me machucar. Desaparecer comigo e me arrastar para as sombras.

Foi aí que uma noite qualquer após ter mais uma bateria de pesadelos eu fui obrigada a acordar e quando abri os olhos, desejei não ter. Uma silhueta negra praticamente da altura do teto avançava sobre mim. Tudo o que eu via eram duas bolas vermelhas onde julguei ficar ser seus olhos. Sua aura era assustadora, era sufocante, paralisante.

Ele avançou em minha direção e tudo o que consegui fazer foi gritar com toda minha força. Eu me debatia inutilmente contra a força monstruosa da sombra. Tudo estava acontecendo tão rápido. Eu estava berrando como uma louca sem parar, a enorme criatura insistentemente me puxava para escuridão do meu quarto. Suas garras negras me agarravam pelas minhas pernas e conseguia sentir minha pele romper com a pressão que ele fazia. Eu fiz rapidamente um movimento com as mãos concentrando toda minha aura para ele se afastar de mim e a criatura negra uivou como um lobo, foi o suficiente para que ele me soltasse. Eu comecei a me arrastar pelo chão, senti que escorregava com mais facilidade, pois o piso estava encharcado com meu sangue. Tentei desesperadamente me agarrar em alguma coisa, me proteger. Eu sabia que iria morrer hoje, mas queria ao menos morrer com dignidade. Seja o que essa criatura quisesse o meu fim estava próximo. Talvez eu queria isso. Talvez eu tivesse o chamando o tempo todo e dar fim logo com meu pesadelo constante.

A porta do meu quarto foi arrombada e meu irmão sem hesitar pulou contra escuridão. Ele começou a deferir socos e chutes a esmo, na sorte de pegar algum desses golpes na criatura negra. Pietro tirou uma corrente de prata de seu bolso e rodou no ar lançando as cegas, mas foi o suficiente para acertar o pescoço da criatura.

Eu consegui me afastar mais um pouco, mas eu começava a ficar tonta, estava perdendo

muito sangue, estava ficando fria e trêmula. Tudo ficou disforme e vi meu irmão sendo lançado contra a parede, quando tudo ficou preto.

Eu acordei sob a luz forte do sol de verão vazando pela cortina e batendo diretamente nos meus olhos. Todo o meu quarto estava destruído e percebi que realmente não se tratava de um pesadelo e sim que ontem tudo acontecera de verdade. Olhei para minhas pernas e coloquei a mão em minha têmpora, começando a chorar. Elas estavam feridas e lanhadas, esperava sair viva dessa situação, desejei não ficar com nenhuma cicatriz. O sangue no chão já estava seco assim como o da minha pele. Me levantei muito lentamente, oscilando várias vezes. Cheguei a vomitar antes de finalmente estar de pé.

Gritava em prantos pelo meu irmão, mas nenhuma resposta foi obtida. Ao voltar para o meu quarto vi que o anel de Pietro estava em minha cama.

O anel de Pietro.

Eu dei para ele em seu aniversário de 21 anos.

A joia era de prata com uma pedra de rubi ao centro. Eu coloquei o anel em meu polegar e levei para minha mão para o meu peito, fechei os olhos e tivesse a sensação que ele realmente poderia estar ali.

Foi quando eu ouvi uma voz ao longe. Um sussurro invadindo o meu quarto.

Encontre-me.

Ele foi capturado e eu não iria parar até encontra-lo.

Agora aqui estou. Sozinha, no hall de entrada de minha casa. Desesperada a sua procura.

Eu estava começando a perder a esperança, eu conhecia essa sensação e não queria que ela me pegasse de novo. Porém, finalmente depois de tanto tempo conseguir vê-lo mesmo que seja por uma visão, fora o suficiente para aquela pequena chama de pavio curto tremular.

Abri três botões do meu vestido que cobriam meu pescoço e tirei a corrente de prata escondida sob as minhas vestes. O anel de Pietro sempre me acompanhava e sempre me acompanhara até eu encontrar ele.

Brinquei com a jóia em minha mão e percebi que meus ferimentos estavam um pouco melhor, talvez a visão não fosse forte o suficiente para que realmente machucasse minha pele.

Suspirei e pisquei para não deixar as lagrimas descerem.

Estou só. Sem família, com 35 anos. Com escuridão invadindo e intoxicando cada vez mais minha alma.

- Madame? – Ouvi a voz grossa e passos se aproximando ao longo do corredor.

- Luke? – Chamei.

O homem alto e ruivo se vestia com um uniforme vinho e preto de mordomo, parou perto das escadas e olhou para mim.

- Algo que posso te ajudar, Madame? – Suas mãos estavam para trás e o corpo ereto como uma estátua de marfim.

- Não Luke, eu estou indo me deitar. Pode se recolher também. – Me levantei do chão e fui andando até subir o primeiro degrau da escada. Virei minha cabeça e olhei para Luke, que ainda olhava para frente encarando a porta. Fiquei de sua altura e coloquei a mão em seu ombro. – Estou perto, Luke. Pietro está perto. – Disse sorrindo gentilmente.

Luke era a única pessoa que confiava. Um amigo. Talvez meu único amigo, que me salvara tantas e tantas vezes.

- Fico feliz, Madame Burke. Sabe que sempre que necessário te ajudarei. – Ele ficou olhando para frente ainda encarando a porta, mas eu percebi um pequeno e minimalista sorriso.

- Boa noite meu amigo. – Disse fracamente subindo degrau por degrau.

Hoje começava um novo capitulo de minha vida e Catastrophe iria ser a chave principal dessa história.

Catastrophe – Capítulo 4

Eu acordei com o quarto sendo iluminado pela claridade que já estava lá fora. Eu despertava devagar me desenrolando do cobertor. Estava uma manhã fria, não insuportável. Fazia meses que não dormia assim, durante uma noite inteira sem pesadelos e eu acordei bem, como muito tempo não acordava.

Sentei na cama e trouxe meus joelhos para cima e os abracei. Os resquícios do sono ainda estavam alojados em mim, uma sensação de preguiça boa. Apoiei o queixo no joelho e respirei o ar frio do quarto. Eu poderia ter acendido a lareira, mas chegara tão cansada que acabei indo direto para cama.

Eu estava fazendo progresso, nas últimas duas semanas progredi mais do que nos últimos anos a procura de meu irmão. Era a primeira vez que tinha visto meu irmão,

desde que fora capturado.

Eu já havia capturado e torturado criatura das sombras, mas nenhuma delas davam pistas sobre o paradeiro do meu irmão. Ou quando davam alguma dica, sempre caia em algum tipo de armadilha. Eu estava parecendo um cachorro atrás de seu próprio rabo. Minha espera já estava quase se esgotando, mas tudo mudou quando vi meu irmão. Junto com o sonho que tivera e minha reunião com Catastrophe.

Catastrophe...

Inusitada foi a maneira que nós nos conhecemos.

Era um domingo de manhã. Estava mais uma vez perdida em meus próprios pensamentos, acho que já passavam das dez horas e estava ando sem rumo no centro da cidade. Era final do outono e o frio começava a pairar sobre a cidade, as pessoas já não pareciam tão alegres e as árvores começavam aos poucos ficarem nuas.

Estava cansada e sonolenta, não tinha sido uma madrugada fácil para mim. Depois de acordar várias e várias vezes. Gritando por Pietro, tive um sonho que me deixou cismada e que me fez acordar definitivamente.

O sonho partia do seguinte princípio, eu estava em pé no meio de um lugar totalmente branco. Era luz para todo o lado. Não conseguia focar meus olhos muito tempo por em local, colocava minha mão a cima dos meus olhos tentado formar alguma sombra, mas era inútil. Era simplesmente muita luz. Andava sem rumo por aquele imenso espaço branco, quando me cansava virava e começava a andar novamente. Tracei caminhos desconexos, rodei inúmeras vezes. Meu coração já estava apertado aquele lugar era claustrofóbico.

Até algo me fez parar, uma aura. Uma aura gigantesca se projetava para cima de mim, era pura e quente o que me fez relaxar. Eu sabia que ali não estava em perigo.

Um pássaro gigante descia bem na minha frente, entretanto quanto mais o pássaro se aproximava sua forma transmutava em um humano. Uma mulher com lindas asas brancas, eu não pude ver seu rosto pela quantidade de luz que ela emanava.

- Para encontrar alguém que ame, ache alguém que não sinta nada. Troque alma por alma. Uma alma pura por outra alma pura. – Sua voz invadiu docemente meus ouvidos.

E antes que eu pudesse falar ou fazer qualquer coisa. A mulher de assas me empurrou pelo ombro e eu cai, fazendo eu acordar verdadeiramente do sono.

Estava agora vagando pelo centro da cidade, procurando e caçando alguém que pudesse ser a troca perfeita para o meu irmão. Mesmo que não soubesse onde ele estava, ter alguém para troca já era um começo.

Pietro por alguém, alguém sem importância. Faria isso sem hesitar. Ele certamente não aprovaria isso. Mas também não aprovava viver longe de meu irmão. Mataria o mundo por Pietro.

Logo em minha frente perto do parque vi duas pequenas arquibancadas com cerca de três andares. Onde estava pude ouvir os gritos de excitação e os suspiros de surpresa. Me aproximei e pude perceber que se tratava de uma apresentação. Confesso que fui tentada a me distrair um pouco. Resolvi pagar pelos ingressos e assistir.

Sentei na arquibancada, ao lado de duas mulheres que murmuravam e se impressionavam com a apresentação. Quando comecei a assistir me dei conta do que se tratava, tinham instrumentos de luta para todo os lados no campo verde entre as duas arquibancadas. Saco de bater, um manequim de madeira, uma grande tora de madeira fincado no chão com vários pequenos pedaços fixados a tora maior. Tinha também espadas, escudos e machados todos eles expostos em uma espécie de estante.

Havia uma lona ao fundo onde três homens corpulentos entraram.

- Senhoras e senhores. Agora lhe apresento a nossa atração principal. Preparam-se para ver a dançarina mortal. A única mulher que consegue fazer com que a luta vire algo sublime.- Um homem baixo e rechonchudo com um bigode branco sujo gritava para a plateia fazendo movimentos exagerados com os braços. – Apresento a vocês, CATASTROPHE! – Ele incentivou as palmas, batendo as mãos fortemente e o público fielmente copiou.

Ele se retirou rapidamente desaparecendo na tenda.

Alguns longos segundos foram passados. Pessoas esticavam os pescoços curiosos pela demora.

E então uma flecha.

Rasgando o ar e saindo de dentro da lona. Correndo livremente para algum alvo misterioso. Ouviu-se um grito fino e todos imediatamente olharam para quem tinha sido o responsável pelo o som. Uma mulher de meia idade com roupas gastas estava com as mãos na boca. Me estiquei e vi que logo a cima dela havia um pequeno alvo que se fixava na parede de madeira da arquibancada.

Impressionante.

Quando virei a cabeça para o centro do espaço, finalmente vi a responsável pela flecha. Lá estava ela. Catastrophe. Saindo imponente e caminhando para o meio da arena como um gato selvagem pronto para o bote. Estava com calças de seda uma blusa branca justa por dentro da calça e livres de sapatos. Seus cabelos louros

rebeldes que batiam em sua cintura estavam soltos foram o que mais me chamaram a atenção.

Olhou para o público passando os olhos pacientemente, seus olhos analisavam tudo e estudavam todos. Até que finalmente seu olhar parou no meu. Eles eram terrivelmente brilhantes, inocentes e negros. Ela me encarou por algum tempo e senti os pelos da minha nuca se eriçarem. Coloquei minha mão atrás de minha cabeça e apertei levemente minha pele, onde a sensação fora sentida. Seus olhos eram grandes e expressivos. Tanta coisa que ali tinha.

É ELA!

Algo despertou em mim.

Eu pisquei e foi o suficiente para Catastrophe quebrar o contato visual comigo.

Seis homens no total começavam a sair da lona. Um mais forte do que o outro. E eles rapidamente cercaram Catastrophe, pareciam que todos eles estavam em sincronia, eles realmente queriam derruba-la.

O primeiro tentou dar um soco nela, mas ela era esguia e rápida, conseguiu pegar a mão do homem e com uma incrível rapidez deferiu um soco no meio do seu nariz. Fez com que o homem recuasse e protegesse seu rosto. O homem já estava sangrando.

O segundo tentou lhe dar um chute na barriga, mas ela se inclinou para trás como um gato e voltou para sua base, dando um chute rodado no rosto do rapaz. Eles eram fortes, mas eram lentos. Ela era baixa e rápida, talvez não tão forte, mas seus golpes eram precisos. Catastrophe sabia machucar.

Antes que o primeiro homem tentasse alguma coisa, ela andou em sua direção e chapou o pé na barriga do homem jogando todo o seu peso para cima dele. Foi algo realmente parecido com um coice. Isso deve ter doido e muito.

Eu olhava aquilo com certa excitação, a algum tempo não havia nada espetacular. Ela era excêntrica, diferente de tudo aquilo que eu já vira. Tão habilidosa, dura e ao mesmo tempo com uma beleza fantástica. Seus golpes eram limpos e leves, parecia uma dança. Seus cabelos a acompanhavam em cada movimento, não a atrapalhava.

Então os quatro homens restantes resolveram a atacar de uma vez só. Um erro mortal, não se brincava com Catastrophe, pelo o que eu aprendi nesses minutos. Ela começou acerta-los com precisão. Encaixando um gancho no rosto de um, dando dois chutes na costela de outros.

Um dos homens que havia levado um chute frontal e ao mesmo tempo ela conseguira dar uma cotovelada no rosto de outro enquanto ele tentava a pegar por trás.

Agora parecia que apenas um tinha coragem de enfrentar ela e esse não estava de brincadeira. Ele pegou uma espada e colocou na frente de seu corpo. Ouvi suspiros e respirações engasgadas.

Ele foi para cima dela tentando verdadeiramente corta-la, mas ela conseguia desviar dos golpes. Sempre concentrada. Porém, no último instante ele conseguiu enganar ela e a lâmina da espada raspou em seu braço direito. Entretanto não fora o suficiente para a ferir, a manga de sua camisa, entretanto fora rasgada.

Ela fechou o punho e inclinou a cabeça olhando para sua blusa.

- Oh...- Eu sorri maliciosamente.

Catastrophe estava com raiva.

Catastrophe correu o mais rápido possível, aliás o mais rápido que já vi alguém correr na minha vida. O homem preparou a espada, colocando-a na horizontal e ele também foi em direção a ela. Mas Catastrophe era um gato, em um movimento sublime ela pulou sobre o homem pisando em suas costas, dando uma cambalhota no ar e aterrissando perfeitamente no solo. Pôs se a correr de novo e escolheu qualquer espada da estante. Quando ela se virou o homem já estava a atacando novamente e ela como era de se esperar levantou a espada e as laminas bateram violentamente. Eles lutaram, mas ela rapidamente desarmou o homem e ficou atrás dele com a espada em seu pescoço.

Ela tinha vencido. Sem um arranhão. Deus ela era incrível. Tinha que ser Catastrophe. Ela era a minha troca.

Os homens saíram gemendo e mancando e o apresentador surgiu enquanto eles adentravam na lona.

- Senhoras e senhores. Quero ouvir muito aplausos. MUITOS!! – O apresentador pegou a mão de Catastrophe e a colocou para cima. Em sinal de vitória. Ela apenas sorria docemente com seus grandes olhos negros inocentes.

Agora ela já não parecia um animal selvagem e sim uma moça a flor da idade. Ela não passava dos 24 anos.

Todos, sem exceção aplaudiram loucamente. Assobiaram e alguém jogou uma rosa branca que caiu perto dos pés de Catastrophe. Ela se agachou e a cheirou. Ergueu a flor no ar e a mexeu de um lado para o outro, ainda com um sorriso nos lábios.

Esperei pacientemente todos saírem das arquibancadas. Homens e mulheres foram falar com Catastrophe sobre sua incrível apresentação. Ela apareceu ser atenciosa e bondosa. Sorria e conversava. Respondendo às perguntas pacientemente, alguns homens a galanteavam ela sempre contornava a situação. Sua voz era rouca e doce e

havia um sotaque diferente da minha língua, não consegui identificar de qual pais ela era.

Aos poucos as pessoas iam embora e finalmente teria um tempo com ela.

Eu levantei e desci das arquibancadas segurando a saia de meu vestido. Fui caminhando em sua direção enquanto ela se despedia do último casal. Recebera uma pequena embalagem redonda lilás.

- Senhorita. – Ela disse sorrindo de lado para mim.

- Catastrophe. – Falei friamente.

- Espero que tenha gostado da nossa apresentação. – Seus olhos procuraram pelo os meus e percebi um brilho diferente nascendo deles. Meu peito se apertou e senti minha mão ficar soada dentro das luvas. Me censurei, Deus isso era ridículo.

- Sim, eu realmente devo lhe parabenizar. – Assenti com a cabeça tentando devolver um simpático sorriso.

- Obrigada. – Ela disse envergonhadamente.

- Ei garota! Seu pagamento. – O apresentador rechonchudo berrou do limiar do toldo, sacudindo um pequeno saquinho de veludo roxo.

A observei rolando os olhos de maneira entediada, virou a cabeça rapidamente e levantou a mão para cima em sinal de entendimento. Nesse momento percebi que ela era mais baixa do que eu. Tudo bem que eu estava com uma bota com salto e ela descalça, mas mesmo que tirasse minhas botas continuaria maior que ela. Talvez uns 10 centímetros.

Quando ela virou novamente para mim percebi que seu nariz era acompanho com sardas e sua pele era oliva, diferente da minha palidez.

- Gostaria de encontrar você amanhã de tarde no bar do porto. Sei que é um pedido meio incabível, mas gostaria de contar com sua presença. – Fui direta.

Suas sobrancelhas se levantaram e sua boca enrugou. Ela pareceu surpresa com o meu convite.

- Hmm... – Ela me estudou colocando o cabelo atrás da orelha e olhou momentaneamente para os seus pés. – Eu não costumo a fazer isso. Mas não recusaria um pedido de uma linda moça.

Engoli em seco, desta vez eu que fiquei surpresa. Estava tentando flertar comigo?

Não seja boba, ela está apenas tentando ser simpática com você, é isso o que as pessoas boas fazem, Victoria. Elas sempre querem agradar. – Eu pensei.

- Ótimo. – Acenei com a cabeça não escondendo minha satisfação. – Você sabe onde fica?

- Sim. Eu passei por lá ontem. Estarei lhe esperando. A que horas?

- As quatro da tarde. Por favor.

Sem qualquer despedida rodei meus calcanhares e fui andando para a saída da arena, mas ao ouvir a voz de Catastrophe parei.

- Senhorita! – Ela me chamou e eu virei. Ela vinha correndo atrás de mim. – Antes de ir... – Catastrophe havia parado muito perto e senti um pouco de sua aura se manifestando, era forte e fez com que eu recuasse meio passo. – Eu gostaria de lhe dar isso – Catastrophe me ofereceu o pequeno embrulho lilás para mim. – Acho que precisa mais do que eu. – Ela sorriu colocando o chocolate em minha mão. – Até mais. – Ela se virou e saiu correndo novamente em direção ao toldo.

- Madame Burke? – A voz do Luke rompeu meus devaneios. Ele bateu levemente na porá e a abriu apenas um pouco o suficiente para colocar a cabeça para dentro do quarto.

- Sim...- Disse me levantando da cama.

- Senhorita Catastrophe está a sua espera. – Disse com sua pose usual. Não olhando diretamente para mim.

- Fale para ela que já descerei.

- Claro, Madame. – Ele me cumprimentou com a cabeça antes de se virar e fechar a porta.

Fechei os olhos e respirei fundo, sentia a aura de Catastrophe invadindo o meu quarto aos poucos. Uma sensação gostosa tomou conta do meu corpo e o frio que estava sentindo fora amenizando aos poucos.

Essa garota é uma caixinha de surpresas.

Apenas eu e ela - Capítulo 5

Após me arrumar devidamente para minha convidada, desci as escadas que dava para o hall de entrada e Catastrophe não estava ali. Parei no último degrau e segurei no corrimão, estiquei o pescoço e virei a cabeça para o corredor, mas nenhum sinal dela. Ouvi então passos contra o meu assoalho da sala de estar. Desci o último degrau e virei à esquerda. Me encostei no batente da porta e fiquei observando-a, onde distraidamente

estava perto das prateleiras abarrotadas de livros.

Esse talvez seja o ambiente da casa que eu mais goste, era grande espaçoso, iluminado e arejado. Assim que entrava na sala de estar podia ver um sofá verde elegante com madeira envernizada como acabamento. – Seus pés eram tão bonitos haviam desenhos meticulosamente entalhados - Duas poltronas igualmente verdes, uma de frente para outra e uma lareira feito de mármore preto a frente do sofá maior, causando um ambiente acolhedor. Uma pequena mesa redonda preta com uma cadeira alta igualmente preta de madeira, logo a baixo das grandes janelas que iluminavam o toda o ambiente. Essas eram as únicas janelas diferente de toda a casa. Elas praticamente alcançavam do chão ao teto. As janelas iluminavamtodo o ambiente. Da outra extremidade da sala, grandes prateleiras vazadas lotadas de livros. Uma mesa de madeira onde ali empoleiravam-se mapas livros e papeis. Espalhado pelo resto da sala tinha alguns pequenos vasos e dois instrumentos de pesquisa, que pertenciam a Pietro .

- Interessada por leitura? – Eu perguntei cruzando os braços sob meus seios.

Catastrophe levou um susto, dando um pequeno pulinho. Rapidamente seus ombros se encolheram, parecia uma criança que fora pega fazendo traquinagem. Ela se virou e deu alguns passos em minha direção.

- Claro! A um mundo inteiramente novo em cada página nesses livros. Cada mundo com suas próprias regras. Em livros tudo é possível. – Ela sorriu gentilmente. – Bom dia senhorita Victoria.

Catastrophe estava com calças pretas de linho que iam até sua cintura, três botões presos de cada lado. Uma camisa de botão branca por dentro da calça acompanhada de um colete aberto e o sobretudo preto por cima dele. Catastrophe era exótica, ela não parecia nem um pouco masculina nessas roupas. Seus seios avantajados se exprimiam na camisa e a calça sempre abraçava suas coxas.

Ela era definitivamente uma mulher atraente.

- Bom dia Catastrophe. – Entrei na sala de estar e me dirigi a ela. – Como foi sua noite?

- Devo lhe confessar senhorita, que de início foi bem perturbador fechar os olhos. Mas o cansaço sempre consegue me vencer.- Catastrophe disse casualmente colocando as mãos no bolso da calça.

- Eu entendo o que quer dizer. Aceita alguma bebida. Um chá talvez? – Perguntei me virando e indo para minha cadeira preta perto da janela.

- Eu estou bem. Obrigada senhorita. – Ela disse sacudindo a cabeça negativamente.

Toquei um sininho que ficava descansando na mesinha preta e que depois de alguns segundos Luke apareceu prontamente na porta da sala de estar.

- Luke, eu gostaria de um chá de camomila e alguns croissants. Por favor. –Pedi educadamente.

- Claro Madame. – Ele assentiu e foi aos seus afazeres.

Me sentei na cadeira, cruzando as pernas e relaxando minhas costas contra ela. Virei um pouco em direção de Catastrophe que já andava para perto da mesinha. Apoiou seu quadril nas costas da poltrona e me fitou.

- A senhorita tem poderes? Vê futuro? Mexe em objetos? – O canto dos seus lábios começavam a nascer um sorriso divertido e seus olhos brilhavam de maneira jovial.

- Me diga Catastrophe. Você é uma mulher cética? – Respondi com outra pergunta, olhando para seu rosto.

Ela me olhou de volta, seu olhar parecia compenetrado e atenciosos, isso fez com que eu me mexesse um pouco na cadeira.

- Eu acredito em absolutamente tudo. Para mim tudo é possível e real. – Ela deu de ombros e cruzou os braços. – Mas vou te confessar, na noite passada eu não esperava aquilo.

- E obviamente você deseja uma explicação. – Respirei fundo e olhei através da grande janela. Começava a garoar, as gotas estavam se acumulando no vidro da janela e quando ficavam pesada demais a gravidade fazia seu trabalho e elas escorregavam pala superfície transparente.

- Você acredita nas trevas? – Retomei a dizer me virando para ela. Apoiei meu cotovelo na mesa e descansei meu queixo nas costas da minha mão. – Um mundo escondido, que todos nós tememos e poucos tem coragem de ir. Lá é desconhecido e perigoso. – Continuei falando calmamente observando suas feições que pareciam totalmente concentrada no que eu estava dizendo. Seus braços continuavam cruzados e seu quadril ainda apoiado nas costas da poltrona. – Mas a gente sente as trevas não sente Catastrophe? Mesmo você que nunca a conheceu, você a sente. O medo faz parte das trevas e todos nós sentimos medo.

Sua aura estava inconstante e quente, quase que convidativa. Sua aura definitivamente me atraia. Seja pela sua quentura ou pela sua estranheza. Eu realmente tinha escolhido a pessoa certa.

Eu parecia um imã que sempre me atraia a ela.

Como um inseto em direção ao fogo.

Ela apenas balançou a cabeça, seus lábios grossos estavam entreabertos, eu estava a dominando de alguma maneira, talvez fosse a calma do meu tom de voz. Ou talvez

simplesmente estar oferendo algo que ela nunca provara.

- Eu- Eu acredito. – Catastrophe disse finalmente engolindo em seco.

- Ontem estávamos nas trevas Catastrophe. Não se engane pelo o jardim lindo que estávamos. A beleza contém os maiores perigos. A sempre almas nesses lugares, seja por pedido de ajuda ou por maldade. – Continuei falando e me levantei da cadeira. Fui me aproximando sem pressa até chegar seu espaço pessoal e quando fiz isso ela descruzou o braço como se tivesse permitindo minha aproximação. – Eu preciso ainda mais de suas habilidades Catastrophe. –Sussurrei.

Meu corpo estava sendo atraído pela aura abrangente de Catastrophe, sua quentura convidativa era muito para eu aguentar. Uma aura que podia ser calma e atormentada. Profunda como um oceano e rasa como um pequeno lago.

- Eu estou lhe oferecendo um convite. Quero que continue aqui comigo. Eu posso te oferecer coisas que ninguém nunca irá te oferecer. – Olhei para seus lábios que ainda estavam entreabertos, ela poderia julgar muitas promessas implícitas nesse pedido. – Eu posso oferecer alimento para sua alma. – Minha voz ficou baixa e a observei lamber o lábio inferior. – O que acha?

- Me diga o que tudo isso se trata? – A rouquidão da voz de Catastrophe conseguiu sair ainda mais rouca e ainda mais baixa que a minha. Quase um murmurar. Seu olhar estava como uns de um gato selvagem esperando por mais.

- Lhe direi tudo com tempo.... Tudo em seu tempo, meu bem. Mas prometo que não irá se arrepender. – Me aproximei um pouco mais, atraída não apenas pela sua aura, mas também pela sua beleza.

Meus lábios estavam prestes ao tocar nos dela.

Deus, essa garota era muito diferente.

- Madame Burke... – Luke pigarreou chamando atenção, quebrando o momento que estava por vir.

A aura de Catastrophe rapidamente se apaziguaram, sabia que ela estava ansiando pelo o que iria acontecer se Luke não tivesse interrompido. Eu recuei um pouco e olhei para Luke com a bandeja em suas mãos. Fiquei frustrada devo admitir e Catastrophe também parecia partilhar do mesmo sentimento. Afinal, ela poderia gostar de mulheres como eu. Era raro ver na sociedade que vivia, raro não era a palavra certo. Mas pessoas como eu que sentiam atraídas pelas pessoas do mesmo sexo que o meu andavam escondida e tentavam não demonstrar qualquer tipo de afeição em público. Isso poderia acarretar vários problemas.

- Coloque em cima da mesa Luke. – Falei secamente.

Luke era um homem alto e corpulento. Tinha cabelos ruivos que iam até a metade de sua nuca, seus olhos eram verdes bem escuros, ao contrário dos meus que eram extremamente claros. Tinha uma pequena cicatriz em seu queixo e um nariz pontudo. Ele era um homem atencioso e atingia quase a meia idade. Era bonito nos olhos da maioria das mulheres.

- Luke aproveite e traga o dinheiro da moça. - Disse enquanto novamente me sentava na cadeira, onde peguei uma pequena colher e joguei dois torrões de açúcar na xicara do meu chá, misturando todo o conteúdo até que os torrões desmanchassem.

O olhar doce de Catastrophe voltara novamente, não era mais os predatórios que se formaram alguns minutos atrás. Ela plantou um sorriso nos lábios e me fitou.

- Eu aceito. – Disse ela finalmente enquanto saía de perto sofá e começava a andar pela sala. – Eu aceito trabalhar para você, senhorita Victoria.

Minha troca! Alma por alma. Mesmo que minha feição por Catastrophe estivesse aumentando eu tinha que fazer isso. Tinha que fazer a troca pelo meu irmão, era a única saída de vê-lo novamente.

- Mas eu quero ter explicações, eu quero saber do que você sabe. Eu vou respeitar seu tempo, só que para continuar eu preciso saber aonde estou me metendo. – Ela falou de costas para mim se aproximando de um dos objetos de pesquisa de Pietro.

- Você tem um acordo. Eu continuarei te pagando e explicando o que estou fazendo. Mas você ainda não está preparada. – Disse antes de bebericar o chá e fechei momentaneamente os olhos ao sentir o gosto quente descendo pela minha garganta.

- Então.... Você costuma a achar aquelas criaturas com essas coisas? – Ela perguntou curiosamente se curvando em cima do objeto enquanto mexia com cuidado com a ponta do dedo.

- Eles não são meus.

- São de Pietro?

Eu parei com meu croissant na metade do caminho da minha boca e a fitei estatelada. Eu me recompus e coloquei o croissant de volta no prato.

- Sim. – Respondi travando o maxilar.

- É por isso que estava lá, não é? No jardim. Ninguém vai as trevas atoa. – Sua voz rouca tomou um tom sério, algo que nunca tinha ouvido.

Ela era perspicaz.

- Você está correta, minha querida.

- Eu vou lhe ajudar senhorita, quando quiser. – Ela falou se virando para mim e sorrindo docemente.

- Madame Burke? – Luke novamente pareceu com uma bandeja de prata e em cima dela estava um envelope cheio de dinheiro em nota.

Eu apontei com a cabeça para Catastrophe e ele foi até ela entregar o envelope.

- Obrigada. – Catastrophe agradeceu e Luke apenas acenou.

- Isso é tudo Luke, obrigada. – Falei antes de morder o primeiro pedaço de croissant.

- Madame. – Ele me cumprimentou. – Senhorita. – Fez o mesmo gesto para Catastrophe e se retirou.

- Bem, senhorita Victoria.... Creio que esteja atarefada e não quero atrapalhar seus afazeres. Eu devo ir, irei pedir demissão das minhas apresentações. Eu ficarei na cidade como prometido, estou na pousada Lírios perto da praia. É único lugar com mais cores nessa cidade inteira. – Ela sorriu sem graça.

Catastrophe bateu com o envelope nos dedos e logo em seguida o guardou no bolso de seu sobretudo.

- Até mais senhorita. – Catastrophe disse gentilmente, enquanto se direcionava para porta da sala de estar.

- Obrigada Catastrophe. Se eu precisar lhe chamarei.

Catastrophe assentiu e jogou seus cabelos rebeldes para trás.

Ouvi Luke abrindo a porta da frente para ela e segundos depois fecha-la.

Eu tomei meu café da manhã sem qualquer pressa, ao contrário do que Catastrophe disse eu não era uma mulher atarefada e sim bastante entediada. Sem muitas alegrias, não gostava de aproveitar a vida sem meu irmão por perto. Era quase injusto. Não me permitia divertimentos, simplesmente não poderia fazer isso.

A aura de Catastrophe ainda permanecia na sala e a sensação de experimenta-la tão perto na hora do meu quase beijo foi eletrizante e fez com que meu corpo se arrepiasse com a memória da sensação.

Eu subia as escadas tranquilamente até o patamar, estava com um livro nas mãos iria passar o dia lendo. Era isso que fazia nos meus dias, lia e engolia todos os livros possíveis.

Quando virava para o meu quarto, algo me fez parar. A sensação de congelamento como ontem durante o jardim se apoderou de mim. Eu sabia que alguém estava atrás de mim.

Sentia a presença forte.

Senti a bile invadindo minha garganta, porém com grande dificuldade e esforço pus-me a engolir.

Virei lentamente e dei um passo para trás. Uma criatura disforme se arrastava pelo o meu carpete vermelho.

- Ajude-me... – Sua voz era grunhindo baixo. Era como vidros estivessem caindo no chão.

Eu pisquei algumas vezes, não acreditando no que estava vendo, queria me mexer, mas simplesmente não conseguia. Queria ir para o meu quarto o mais rápido possível.

Catastrophe.

Ela veio em minha cabeça, se ela estivesse aqui daria um jeito na criatura.

Não seja ridícula, você se virou a vida inteira sozinha. Não precisa dela nesse momento. Você consegue se virar. – Dizia a mim mesmo tentando me convencer da minha coragem.

- Ajude-me por favor. – A criatura agora parecia chorar e com grande dificuldade se arrastava em minha direção.

Ele ainda tinha a forma humana, mas com as características das criaturas da sombra já nasciam nele. Seu olho leitoso e suas garras já começavam a se projetar no alongamento de seus dedos.

- Eu preciso de você, estarei na ponte Brig a noite, por favor, me salve.

E ele simplesmente desapareceu.

Eu tive vontade de chorar, de me encolher no canto do corredor e esquecer do que vira. A criatura ainda estava em metamorfose e veio a minha procura. Mesmo não querendo, eu iria ajuda-lo, averiguar a situação. Pietro faria isso. Quem sabe essa mesma criatura não pudesse saber alguma coisa, alguma pista.

Consegui parar de tremer, respirando cada vez mais fundo até que meus pulmões doessem. Me apoiei no parapeito do corredor reconstruindo minha força.

Catastrophe mal havia partido e eu novamente teria que a procurar.

Perguntas e Respostas - Capítulo 6

- Luke?! – O chamei de forma exasperada pelo parapeito da escada.

Eu vi Luke entrando pelo hall da sala e levantando seu olhar para cima. Ele subiu as escadas de dois em dois degraus e no meio do processo alguns fios de seu cabelo ruivo caíram para sua testa.

- Preciso que a encontre. – Eu falei ainda assustada, enquanto ele se aproximava em passadas largas.

- Quem, madame Burke? – Ele perguntou confuso franzindo o cenho.

Luke olhou para mim a procura de respostas. Como sempre estava impecável, mesmo quando tirou os fios de cabelo que estavam em sua testa. Ele usava um uniforme preto e vermelho, quase da mesma cor que meu carpete do segundo andar. A calda de seu palito – no qual eram cheios de botões- ia até a parte de trás de seu joelho e seu sapato incrivelmente bem lustrado. Luke era impecável assim como eu.

- Catastrophe, chame-a. Ela está na pousada Lírios perto da praia. Leve a carroça para chegar o mais rápido possível. – Disse despejando a informação. Estava apreensiva com aura obscura daquela criatura, ele me pegou como um verdadeiro soco na face.

- Tudo bem. Madame. Mas está tudo bem? – Ele pretendia me tocar, mas hesitou e eu na mesma hora dei um passo para trás. Eu gostava de Luke, mas não precisava de acalento agora, ou de outra aura se manifestando.

Eu gostava de Luke. Ele era meu amigo. Mas agora eu estava um pouco confusa.

- Eu estou bem Luke, de verdade. Obrigada pela preocupação. – Eu ofereci um sorriso tranquilizador. – Eu preciso que encontre Catastrophe e peça para ela vir de noite. Perto das 20h00 da noite, por favor.

- Como quiser. – Ele colocou os braços na lateral do corpo e inclinou para frente.

- Ela deve estar resolvendo alguns problemas agora, se você chegar na pousada e ela não estiver espere. Espere até ela chegar.- Eu disse agora com um pouco mais de calma.

- Deseja mais alguma coisa?

- Na realidade sim. Prepare um banho para mim. Por favor. Assim que acabar você pode sair.

Ele apenas assentiu, virou-se e desceu as escadas.

Já em meu quarto fui me despindo a os poucos. Estava usando uma blusa preta de gola alta que subia até a metade de meu pescoço formando um colar de rendas até o meu colo permitindo um pouco do meu vislumbre do meu decote, as mangas da blusa também eram de rendas, mas suas cores eram brancas. A saia também preta começava

na minha cintura e sua bainha tocava o chão, era aveludada e elas quase contornavam minhas pernas. Tirei minhas botas sentindo meus dedos dos pés aliviados pela pressão do calçado e calmamente fui tirando os grampos de minha cabeça que prendia um coque alto.

Peguei meu roupão de seda que estava no cabideiro perto de minha cama e o coloquei deixando-o em um nó frouxo.

Abri as cortinas do meu quarto deixando a iluminação entrar melhor, o sol estava encoberto por nuvens pouco cinzas. A garoa fina lá fora ainda continuava, a minha janela dava para os fundos da casa e um jardim bem cuidado era apresentado na vista.

Meu quarto não tinha tantos objetos, era um espaço exageradamente grande para mim. O chão era de assoalho assim como a da sala de estar, tinha uma cama grande e preso na parede na frente dela uma prateleira na altura dos meus olhos e lá colocava alguns objetos e alguns livros de leitura atual. Um armário comum de madeira onde minhas roupas e uma pequena escrivaninha que também fazia de penteadeira, simples de cor preta. Meu quarto era assim, simples e espaçoso.

Gemi prazerosamente quando desatei o roupão do meu corpo e coloquei meus pés na água quente da minha banheira. Com as mãos me apoiei na borda da banheira e aos poucos fui afundando meu corpo na água. Meu corpo inteiro formigou e meus olhos ficaram semicerrados. Inclinei para trás e molhei meu cabelo negro na água, era exatamente do que precisava.

Soltei um outro gemido e abri os olhos apoiando a parte de trás da minha cabeça na borda da banheira. O cheiro de canela dominava meu sistema olfativo e o banheiro em um todo. Luke sabia fazer um banho como ninguém. Banhos podem não resolver seus problemas, mas certamente os afastam por um tempo.

Meu banheiro assim como meu quarto era praticamente vazio. O chão era de ladrilhos preto e branco, minha banheira ficava ao centro do banheiro, ela era grande e feita de porcelanato, com lindos pés de metais robustos redondos. Uma pia branca e logo a cima dela um espelho relativamente de bom tamanho, que conseguia pegar de minha cintura até minha cabeça.

Tentei relaxar isolando meus pensamentos dos últimos dias. Criaturas sombrias, dons e Pietro. Mas a única coisa que não consegui isolar era Catastrophe, que me levava a pensar em tudo novamente. A garota de cabelos louros e olhos pretos grandes e expressivos. Minha isca perfeita. Agora era apenas investigar e encontrar pistas do paradeiro do meu irmão, sentia que as coisas a partir de agora iriam se desenrolar naturalmente. Sentia que estava cada vez mais próxima do meu objetivo final.

Catastrophe.

O nome pairou novamente em minha mente, assim como a sensação de sua aura abraçando o meu corpo. Era quente e reconfortante, instável e inabalavelmente forte. Meu corpo reagiu a lembrança e senti um arrepio prazeroso na base de minha espinha, fazendo eu lamber os lábios involuntariamente. Eu queria provar sua aura de novo, elas eram viciantes. Essa menina era um mistério, um oceano inteiro a ser descoberto. Eu tentava não cair na tentação, eu tinha que seguir com o plano, ela era uma isca. Mas Catastrophe era assim, quanto mais ela dava a você mais você queria e eu queria conhecer Catastrophe. Ela me aguçou por inteira, como a muito tempo eu não sentia isso.

Ela estava me surpreendendo mesmo conhecendo tão pouco, ela parecia saber exatamente no que estava se metendo e como agir perante as situações.

Sua aura era única.

Obviamente cada aura era diferente, assim como as pessoas. Cada pessoa tem uma única aura, é possível conhecer bastante uma pessoa sentindo sua aura. Ou até mesmo o tipo de emoções que elas estavam imprimidas no momento. No começo eu me confundia, me sentia perdida, mas com tempo, com estudo e concentração aprendi a conhecer as pessoas verdadeiramente desse jeito. As auras contavam histórias, a única que não conseguia descobrir era de Catastrophe. Sua aura era tudo e ao mesmo tempo nada.

Eu não conhecia bem, não tinha ideia de onde viera ou como chegara até aqui. Para a minha missão isso não importava, mas o lado Victoria mulher queria conhecer. O lado Victoria mulher queria saber quem era Catastrophe.

- Foco! – Me repreendi de voz alta. – Ela é apenas uma troca.

Respirei fundo e recostei minha cabeça novamente na borda da banheira. Fechei os olhos e finalmente consegui relaxar.

- Obrigada, meu irmão. Obrigada, por me tirar daquele terrível lugar. – Soluçava em seus braços, afundando meu rosto vermelho em seu peito.

- Seu lugar não é em um manicômio. Mamãe e Papai cometeram um erro. – Pietro acariciava meu cabelo carinhosamente. – Quando eu recebi a notícia que eles faleceram, eu voltei rapidamente de viagem, mas quando eu voltei descobri que você estava aqui. – Ele beijou minha testa. – Seu lugar não é aqui, Vic. Você não é louca. Você é especial. – Ele sorriu enquanto me ajudava a se levantar e pegar minha mala.

Acordei em solavanco, derramando a água da banheira no chão do banheiro. A temperatura da água começava a esfriar e o meu corpo já sentia o feito do frio. Levantei

um pouco zonza com a memória que acabara de ter. Ao colocar o pé no ladrilho senti o quanto estava gelado e soltei um som estranho na garganta protestando.

- Merda. – Disse com raiva me agachando e pegando o meu roupão de seda que estava um pouco molhado.

Fui ao meu quarto e escolhi algumas peças no armário. A blusa era composta por um tecido branco de gola alta aberto, em contrate perfeito com a blusa fina escura de mangas longas esta especificamente de renda. Um cinto de couro com encaixe prateado prendia a saia que descia em pregas pretas. Montei meu coque como usual e apliquei um pouco de maquiagem. Almocei sozinha na mesa da cozinha e passei o resto do dia lendo e escrevendo enfurnada na sala de estar à espera de Catastrophe.

Estava descendo as escadas ajeitando meu casaco, quando vi Luke abrindo a porta da frente e cordialmente se colocando de lado. Catastrophe entrou no hall de entrada com um sorriso estampado em seus lábios, seus olhos rapidamente me acharam e seu sorriso aumentou ainda mais. Meu peito apertou e engoli em seco, droga. Por que ela tinha esse efeito poderoso sobre mim?

Estava como sempre vestida de maneira diferente. Com suas calças habituais de couro, porém com delicadas correntes penduradas em sua calça, elas iam até a metade da sua coxa e formavam um meio arco. Usava um sobretudo marrom e botas de pretas de salto. Algo, porém me chamou atenção um grande cordão adornava seu pescoço um pingente de asas batia na altura do seu umbigo.

Ela mexeu em seus cabelos louros com os dedos os colocando para trás e subiu o primeiro degrau da escada. Senti sua aura vindo em minha direção e me permiti ficar suspensa por uns instantes nela.

- Senhorita Victoria. – Ela sorriu para mim me cumprimentando, me observando atentamente enquanto descia as escadas até ficar apenas um degrau acima dela.

Daqui eu conseguia ver suas sardas pintando o seu rosto e sua boca grossa rosada.

- Catastrophe, pontual como sempre. – Eu disse tentando parecer jocosa, enquanto erguia uma sobrancelha.

- Você está precisando de minha ajuda e aqui estou. Não irei embora enquanto não conseguir o que quer. – Ela esticou os braços como tivesse se mostrando.

- Hoje pode ser perigoso, não sabemos se é uma armadilha ou não. – Avisei.

- Não se preocupe senhorita. Minha função aqui é sua proteção. Apenas confie em

minha. – Ela falou baixo, enquanto sua aura batia contra mim como uma marola na praia no final da tarde. – Você confia em mim, não confia? – Ela me fitou e seus olhos grandes brilhavam orgulhosamente para mim.

- Confio... – Eu a estudei com interesse.

Eu confiava nela, era verdade. Mesmo que a conhecendo tão pouco.

- Vamos? – Ela sorriu docemente enquanto dava espaço para eu passar na escada.

- Sim. – Passei a sua frente e esperei Luke abrir a porta. – Não iremos longe Luke, estaremos na ponde de Brig.

- Ok, Madame Burke. – Ele falou enquanto saia da mansão.

Caminhamos sob a insistente garoa que se permaneceu o dia inteiro. Nós não trocamos muitas palavras, Catastrophe apenas me seguia pela cidade que começava a dormir.

- De onde você é Catastrophe? – Perguntei abruptamente, não resistindo minha curiosidade.

- Daqui e dali. Não fico muito tempo em um só lugar. – Catastrophe disse despreocupadamente dando de ombros.

Essa garota poderia ser tão invasiva nas respostas quanto eu, cheguei à conclusão.

- Você pode me dizer o que iremos fazer na ponte? – Ela perguntou depois de alguns longos segundos de silêncio.

- Depois que você saiu de minha casa, uma criatura veio me contatar. As vezes isso acontece, elas têm poderes mediúnicos, algumas delas ao menos. Para falar a verdade, todas as criaturas das trevas, como vimos ontem no jardim, eram na realidade humanos com algum tipo de mediunidade. Aparentemente senhores das trevas, gostam de humanos assim. Até hoje eu não sei ao certo o porquê. – Abracei meu tronco, sentindo um pouco de frio.

- Talvez seja apenas para provocar a desordem. Eles não estão sempre no escuro, causando terror? – Catastrophe me interrompeu tentando apontar seu raciocínio. – Às vezes a maldade não tem que ter uma razão ou um propósito é apenas algo que acontece.

- Pode até ser, mas não é o caso do que aconteceu com meu irmão. No começo eu achei que eles iriam transformar meu irmão, mas ele não tem nenhum poder mediúnico entende? Não tem sonhos, não vê auras, não fala com pessoas mortas. Absolutamente nada, até hoje me pergunto o por que sequestraram meu irmão. Tem que ter um proposito maior, eu sei que tem. Pois o mantiveram vivo até hoje. – Eu a olhei

rapidamente e vejo que seu olhar estava direcionado para frente.

- Eu pensava que elas eram apenas criaturas insanas e loucas. Eu estava errada, eles têm afinal tem algum tipo de consciência. – Ela olhou para mim, me pegando no flagra enquanto eu a fitava. Rapidamente eu desviei o olhar para o chão e pude sentir seu sorriso.

- Aquele ainda era um humano, em transformação. Leva algum tempo até eles vivarem praticamente uma criatura. Por isso o pedido de ajuda. – Eu falei ainda encarando o bico de minhas botas. – Ele ainda tinha um fio de lucidez. A maldade completa ainda não tinha chegado até ele.

- Você já conseguiu salvar algum deles. Não já? – Ela parecia estar com orgulho de mim e puder comprovar pela sua aura que me cercava.

Apenas assenti com a cabeça.

- E o fato de estarmos indo para lá. Tem alguma coisa relacionada com Pietro?

Eu pisquei algumas vezes um pouco assustada com a pergunta e com o nome do meu irmão siando pela boca de Catastrophe. Ela disse o seu nome de maneira tão casual, como se ele já tivesse a conhecido.

- Não. Eu acho que não. Não sei. – Disse com sinceridade.

- Entendo.

- Senhorita Victoria? – Ela me chamou.

- Sim Catastrophe. – Eu olhei para ela e vi seus lábios com um sorriso bondoso. – Nós iremos encontra-lo. Eu prometo.

Sua voz foi tão sutil que tive vontade de chorar, ela estava tornando as coisas difíceis. Engoli o nó que estava preso e minha garganta e respirei fundo.

- Obrigada Catastrophe. – Sorri verdadeiramente para ela, pela primeira vez. Esquecendo por alguns segundos que ela era minha troca, e que era apenas uma garota tentando ajudar a achar meu irmão.

Eu já não estava mais sozinha pela minha busca incessante. Agora eu tinha alguém em quem confiar e que confiava em mim. Alguém que no final eu iria jogar para morte, para o abutre das trevas.

Eu olhei para ela e respirei fundo.

Eu sinto muito Catastrophe.

O primeiro toque – Capítulo 7

Nossas botas batiam ritmicamente contra o paralelepípedo da rua, eu já conseguia ver a ponte. Estruturas com dois metais pontiagudos de cada lado crescente no meio da noite. A rua já estava ficando vazia e a iluminação ainda que bem distribuídas pelos postes estavam precárias, o fogo ali dentro parecia não se fortalecer com frio que se construía.

A ponte estava desativada a alguns meses, devido algum acidente que prejudicou sua estrutura. Ela cortava uma grande baia e do outro lado havia uma pequena ilha constituído praticamente de pescadores. Eu tinha ido lá apenas umas duas vezes, era um lugar com natureza, vilas e uma igreja central. Como a maioria das ilhas habitáveis que se arrastavam pelo litoral do pais.

Chegamos ao limiar do chão da ponte e conseguíamos ouvir os ferros rangido uns contra os outros, numa maneira não muito agradável para os nossos ouvidos. Na realidade era assustador, pareciam crianças gritando.

Estava escuro e com pouca iluminação. Olhando para baixo eu pude ver grandes pedras umas amontoadas nas outras e a água da baia batia nelas, formando uma pequena marola.

- Pegue sua espada Catastrophe, não sabemos o quão perigoso isso aqui pode ser. – Ordenei.

Catastrophe prontamente ouviu minhas ordens e tirou a espada da bainha, deixando a lâmina para baixo. Ela reluzia muito, mesmo com a escassa iluminação.

Ficamos olhando com cautela, hora para os rochedos lá em baixo, hora para ponte a procura de qualquer sinal.

Finalmente eu consegui ver alguma coisa, alguém ou alguma coisa escalando desesperadamente os rochedos, subindo com grande dificuldade. Catastrophe que observou minha concentração, acabou por ver a mesma coisa que eu.

- Catastrophe. – A chamei apontando para a pequena figura que já estava chegando praticamente no topo.

Sem esperar mais nenhum segundo ela se pôs na minha frente, um dos seus braços ficara esticados para que eu não andasse ou tomasse qualquer passo adiante.

Ela estava me protegendo.

A criatura meio homem finalmente conseguiu subir e ele não mudou absolutamente nada desde que o vira de manhã. Ainda estava terminando de completar sua transformação. A criatura começou a engatinhar na rua e tomou um impulso para ficar em pé. Ele estava alguns metros afastados, mas eu conseguia ver sua expressão corporal de desespero,

pude sentir sua aura carregada de pânico. Eu tremi involuntariamente e Catastrophe percebeu, olhou para mim de soslaio rapidamente.

- Você está bem? – Perguntou preocupada, ainda que séria.

- Sim.

- Por favor... – Ele choramingava como uma criança que se perdera de seus pais.

A criatura estava apenas com uma manta esfarrapada em volta de seu corpo e todo o segundo passava a barra da manta no nariz, fungando sem parar. Eu senti pena. Mas podia ser uma armadilha, não podia vacilar. Isso já tinha acontecido outras vezes.

- Como podemos confiar em você? – Eu perguntei levantando o queixo tentando mostrar superioridade.

- Eu sei quem é você, muita gente sabe quem é você. Você é a mulher que procura o irmão. A treva sabe disso. – Ele falou desesperado. – O seu nome é falado entre as criaturas.

Catastrophe me olhou novamente, como se estivesse esperando algum tipo de ordem. Percebi que ela virava um pouco o punho e apertava o cabo da espada. Catastrophe já estava pronta para ação.

Ela nascera para isso.

- O que você sabe?! – Falei com raiva.

Como ele sabia de mim? Como é que as criaturas simplesmente sabiam disso?

Eu desejei matar todas as criaturas e todas essas coisas ruins de uma vez só.

- Eu.... Eu não sei muito... – Ele colocou seus braços para cima, como se quisesse pedir calma, mexendo-os de um lado para o outro. – Tudo o que eu sei é que grandes mestres já sabem da sua procura pelo seu irmão e vem observando você. Eu consegui escapar antes que pudesse saber de mais. Eu simplesmente não conseguia ficar mais nenhum dia preso naquele lugar. – A criatura choramingou mais um pouco e de repente começou a se contorcesse. Abraçou sua barriga e murmurava de dor. – Eu posso lhe dar uma informação, mas por favor, me ajude. – Ele pediu se ajoelhando no chão, conseguia sentir seus resquícios de aura humana indo embora. Estava em terrível sofrimento.

- Eu prometo – Limitei a dizer. - Qual é a informação? – Perguntei, enquanto colocava a mão no antebraço de Catastrophe para que ela abaixasse o braço da minha frente e sem contestar ela fez.

- Um senhor das trevas, ele consegue transformar humanos em criaturas. Foi ele que me capturou e me prendeu em sua casa. Eu sei onde ele mora e sei que amanhã ele vai ter um baile. Ele é um homem influente nos negócios. – A criatura falava com dificuldade,

eu me aproximava lentamente e com cuidado. Sentia Catastrophe atrás de mim pronta para qualquer tipo de interferência.

Me agachei ao lado da criatura e coloquei a mão sobre sua cabeça seus olhos oscilaram e se fecharam.

- O nome dele é senhor Thompson. Ele vive no centro da cidade na Rua Lotus. Talvez lá você consiga alguma informação melhor sobre seu irmão.

- Ajuda-me com ele. Vamos leva-lo para minha casa, antes que seja tarde demais. – Falei colocando um dos braços da criatura sobre meus ombros e reuni minhas forças para levanta-lo. Eu consegui levanta-lo e me senti momentaneamente orgulhosa e sustentar praticamente o peso inteiro sozinha.

Meu corpo congelou e meus olhos miraram para a ponte. Catastrophe parecia ter percebido que alguma coisa também, pois seu olhar se dirigiu para o mesmo local. Ela rapidamente se posicionou com sua base de luta e a espada ficou na vertical a lâmina quase tocava sua face.

- Fique atrás de mim, Senhorita. – Ela falou seria.

Tensão.

Silêncio e então um grito esganiçado.

Três criaturas brotaram da escuridão da ponte em nossa direção.

- Afinal um pouco de ação. – Catastrophe não perdeu tempo e foi ao encontro deles antes que eles pudessem chegar até a mim.

Catastrophe em sua primeira tentativa tentou acertar a lâmina de sua espada em uma das criaturas, porém com suas enormes garras afiadas foi capaz de bloquear o golpe. Outra criatura circulou Catastrophe e avançou por trás dela se jogando em cima de suas costas. A criatura tentou enforca-la, mas em um movimento rápido Catastrophe foi capaz de pegar a cabeça da criatura e joga-la para frente, projetando o seu corpo. A criatura caiu no chão e sem perder tempo Catastrophe rodou a espada no ar dando um golpe mortal, perfurando a sua garganta.

A terceira delas desesperadamente tentava acertar Catastrophe com suas garras, arranhando o ar. Em outro golpe certeiro a espada de Catastrophe dançou no ar e sua lâmina partiu o punho da criatura. Seu grito alto de agonizante, fez meu coração pular de ansiedade.

Entretanto, a primeira criatura invadiu minha visão e me empurrou, voei alguns metros e cai de costas no chão. Senti a dor irradiando no meu corpo inteiro, arregalei os olhos e meu pulmão tentava trabalhar o mais rápido possível para puxar o oxigênio, mas ele

estava vindo fracionado. Consegui levantar a cabeça momentaneamente e pontinhos pretos invadiram minha visão, entretanto consegui por vislumbre ver a criatura arrancar a cabeça do homem em transformação e joga-la em baixo em direção da baia.

Eu tinha certeza que ia desmaiar, a dor que estava emanando pelo o meu corpo era forte, não a ponto de ser insuportável, mas minhas costas doíam de maneira absurda e minha cabeça já começava a latejar.

A criatura chegou até mim e suas garras estavam apontadas em minha direção. Tentei com meus cotovelos me movimentar, tentava me arrastar para trás, mas não conseguia.

Droga, eu não queria morrer agora, simplesmente não podia. Não enquanto eu estava tão perto de ver meu irmão.

De repente a criatura travou, seu corpo parecia estar petrificado e suas garras congeladas no ar. Foi então que eu vi a espada que tanto já conhecia perfurar o seu peito.

Ela caiu no chão e rapidamente seu corpo foi se descontruindo até formar pó.

Catastrophe estava parada na minha frente com espada abaixada e com seu rosto sujo de sangue. Seus olhos estavam extremamente selvagens e sua boca entreaberta, tentando encher seu pulmão de ar. Seu peito não parava de subir e descer rapidamente. Conseguia sentir sua aura como um turbilhão de fogos de artifícios. Seus olhos estavam turvos e ela olhava para mim.

- Catastrophe...- A chamei baixinho. Porém ela não respondeu, apenas me olhava com seus olhos pareciam me queimar. – Catastrophe! – Falei um pouco mais alto e mais sério.

Ela balançou a cabeça e olhou para mim. Sua aura começara se acalmar instantaneamente, assim como sua respiração. Catastrophe jogou a espada no chão e se ajoelhou ao meu lado.

- Senhorita Victoria. Você está bem? – Ela perguntou preocupada.

Senti a ponta de seus dedos quentes tocarem minhas bochechas, um toque que deveria me irritar. Um toque que eu não poderia aceitar, mas depois de tudo o que passei nessa noite era mais do que bem-vindo. Tentei não inclinar a cabeça em direção a seus dedos, eles eram assim como sua aura extremamente convidativos.

- Sim... – Disse roucamente.

Ela me ajudou a levantar, eu não precisei fazer um mínimo de esforço na realidade. Catastrophe era bastante forte. Cuidadosamente colocou seu braço em volta de minha cintura e eu o meu braço em cima de seus ombros, para me dar ainda mais apoio. Eu

nunca estivera tão próxima dela, seus fios rebeldes espetavam minha face. Mas resolvi ignora-los assim como minha dor que irradiava em minha coluna e cabeça.

Meu corpo estava zunindo com a mistura da pancada e da proximidade do corpo forte de Catastrophe. Eu a olhei assim tão próxima que não pude resistir de toca-la também, com a outra mão que estava livre coloquei atrás de sua orelha os fios soltos que atrapalhavam sua visão e arrastei o dedo por sua mandíbula.

- Melhor? – Sussurrei.

- Bem melhor. – Ela disse com rouquidão de sua voz, antes de lamber os lábios.

- Obrigada por me salvar.

Ela sorriu.

- É esse meu trabalho. – Ela falava enquanto caminhava ao meu lado, acompanhando os meus lentos passos. – Eu sinto muito pela perda de hoje. – Catastrophe retomou a dizer.

- Eu também sinto. Pobre homem.

- Não deixe a morte dele passar em vão Senhorita. – Catastrophe disse me apertando mais contra ela, querendo afirmar sua fala e obviamente meu corpo reagiu a isso. Senti meu ventre remexer lentamente. – Ele fez um ato de bondade antes de morrer. Ele te ajudou.

- Sim. – Eu falei com a voz trêmula. – Ele não será esquecido.

Andamos por mais alguns segundos sem trocar palavras, meu corpo já parecia moldado contra o de Catastrophe e a sensação de tê-la perto realmente era boa.

- Parece que teremos uma festa para irmos amanhã, senhorita Victoria. – Ela quebrou o silêncio.

- Sim. Espero que não aconteça muitas coisas com emoção. Não sei por quanto tempo vou aguentar. – Disse soltando uma risada cansada pela boca.

- Lembre-se que estou aqui, Senhorita. Se você se cansar é só pegar minha mão.

Com isso ela apertou sua mão em minha cintura e eu mordi meu lábio inferior reprimindo um som de desejo que crescia na minha garganta.

Ah, Catastrophe. Eu não quero apenas pegar sua mão. Eu sei que não resistiria a você.

Eu precisava provar Catastrophe.

Os doces lábios de Catastrophe - Capítulo 8

Depois que nossa pequena aventura acabara ontem à noite, Catastrophe me deixou em casa. Me perguntava quase insistentemente se estava bem, devido minha queda quando a criatura tinha me atacado. Eu insistia para ela que sim e era verdade, eu incrivelmente estava bem melhor. Ao chegar em casa, Catastrophe me colocou gentilmente no sofá, me olhou e sorriu como se tivesse acreditando em mim.

- Eu devo ir Senhorita Victoria. – Ela falou certificando-se mais uma vez que eu estava bem.

- Eu sei. – Eu concordei tentando relaxar um pouco no sofá. – Não se esqueça de amanhã Catastrophe. Me encontre no endereço que a criatura falou.

- Certo. – Ela assentiu. – A que horas?

- Hm... Não havia pensado nisso. – Segurei o meu queixo o indicador e o polegar, tentando buscar uma melhor hora. – Normalmente esses bailes começaram as 20h da noite, mas não queremos chegar logo no início, não é? Não pretendo ficar a noite inteira lá. Me encontre lá as 21h da noite. – Disse finalmente.

- Sem problemas. – Ela plantou um sorriso em seu rosto e descansou sua mão momentaneamente em meu ombro.

Pude sentir a quentura do seu toque mesmo sobre as camadas de roupas, poderia até não ser a temperatura do seu corpo, mas era sua aura que nesse momento me abraçada e me aquecia.

- Cuide-se senhorita. – Ela disse baixo. – Nos vemos amanhã.

Eu já colocava meu par de brincos como últimos detalhes para minha ida ao baile. Eu usava um vestido vermelho escuro, livres de mangas com pequenas pedras pretas que se fixavam em meu ombro, formando também pequenas linhas que caiam até a metade de meus braços. O vestido delineava toda a parte de minha cintura e trazia meus seios juntos e avantajados, graças ao apertado espartilho que usava acompanhado também de um leve decote. Eu ajeitei meu coque, o fazendo frouxo com alguns fios soltos. Marquei meus olhos verdes com sombra preta e coloquei um batom rosado, quase igual a coloração de meus lábios.

- Madame Burke? – Luke bateu na porta suavemente.

- Sim.- eu olhei para ele através do espelho, que já estava prontamente com meu sobretudo preto em mãos.

- A carruagem está pronta. Vamos? – Ele falou parado no vão da porta do meu quarto.

- Claro. – Eu disse sorrindo. Cheguei na frente de Luke e virei de costas, onde ele me ajudou a colocar meu sobretudo.

- Obrigada.- Eu voltei a olhar para Luke com um sorriso gentil nos lábios.

- Permita-me dizer Madame, a senhorita está muito bonita. – Ouvi ele dizer educadamente.

- Obrigada, meu amigo. – Agradeci novamente aumentando o sorriso.

- Senhorita Catastrophe não virá conosco? – Ele perguntou enquanto descíamos as escadas.

- Não. Ela irá me encontrar lá.

- Desculpe a liberdade Madame. Mas eu gosto dela. Desde que a conheceu não ouvi mais a senhorita gritando durante o seu sono. – Luke apontou. – Deveria confiar nela.

Mesmo minha casa sendo imensa, era obvio que meus gritos de desespero poderiam ser ouvidos pelos cômodos. No começo, quando Luke veio trabalhar comigo ele até me ajudava durante as noites de pesadelos, que invadiam meu sono constantemente. Mas com tempo eu decidira que ele não precisava mais interromper seu descanso para me ajudar e ele mesmo a contragosto aceitou.

- Eu confio. – Limitei a dizer, enquanto esperava Luke abrir a porta da carroça.

- Boa sorte Madame. – Ele disse fechando a pequena porta de madeira e o observei fazendo um sinal para o condutor ir embora.

Catastrophe...

Pensava nela enquanto sentia a trepidação das rodas da carruagem batendo contra o chão.

Eu estava ansiosa para vê-la queria saber como ela se comportava em lugares como aquele, uma festa da alta sociedade. Catastrophe não parecia ser o tipo de mulher que perdia tempo em formalizações e vestidos apertados para bajular pessoas de poder.

Não foi difícil encontrar a mansão do Lorde Thompson, afinal além de sua calçada estar movimentada cheias de carruagens a espera de chegarem as portas principais, ela era também a mais robusta da Rua Lotus.

Esperei até chegar minha vez na fila que se formara e desci do transporte, agradecendo o condutor pelos seus serviços.

O hall de entrada era maior que minhas salas juntas, minha casa não era pequena, não mesmo. Mas isso aqui era absolutamente gigantesco. Um dos empregados pegou meu

casaco e colocou dentro de um pequeno closet ao lado das portas de entrada. O hall de entrada era bastante iluminado e branco, o ambiente era claro não só pelas luzes, os moveis, o piso e as paredes eram brancos. Momentaneamente trouxe-me terríveis memorias da minha época trancafiada no hospício. O branco me assustava.

Uma grande e espaçosa escada dava para o segundo andar, que desaparecia pela escuridão. O corrimão estava enfeitado e adornados com flores brancas e amarelas.

Segui o fluxo de pessoas que viravam para a esquerda e lá estava o núcleo principal do baile. Uma sala imensa, com pessoas e garçons ziguezagueando para lá e para cá. A orquestra, que estava no canto da sala tocava as músicas e casais se arriscavam a dançar no meio do salão. O ambiente assim como o hall de entrada estava bem iluminado, com dois candelabros brilhante, imensos presos ao teto. Vasos altos, bem desenhados e estruturados que aparentemente custavam uma fortuna, arranjos de flores também pingavam pelo o salão e o perfume delas já era sentindo no ambiente, o que estava me deixando enjoada. No salão havia apenas uma janela que como a minha na sala de estar ia do teto até o piso, mas o que mais me chamou atenção foi um quadro de uma mulher em uma das paredes que estranhamente era forrada por um veludo vermelho. A mulher estava sentada em uma rocha, perto de uma cachoeira e ela parecia olhar através da gente, com a face angustiada. Aquilo me deixou desconfortável e fez com que eu levasse minha mão direita ao meu braço esquerdo e apertasse.

De repente eu relaxei, porque eu tinha sentido a tão conhecida aura. Eu parei, pisquei algumas vezes e me virei. Lá estava ela. Catastrophe, olhando para mim enquanto todos olhavam para ela.

Ela estava... Como eu devo definir como estava Catastrophe. Ela estava ela, exatamente como imaginava que seria. Exótica e linda.

Ela estava vestida com uma calça de linho preta de cintura alta que abraçava suas pernas, uma blusa roxa de seda por dentro da calça, na qual dois botões ficavam abertos. Um colete vinho e preto que formavam desenhos diagonais, quase escondidos por um blazer que ia até a altura da parte de trás de seus joelhos e um lenço branco por baixo do colarinho de sua blusa. Seus olhos estavam com pouca sombra, apenas o suficiente para realçar os seus olhos negros e sua boca grossa estava pintada com um vermelho fechado que combinara com ela.

Ela se aproximou até a mim e ficou comigo frente a frente.

- Você está linda. – Ela falou docemente.

- Obrigada Catastrophe. Eu devo dizer o mesmo, você realmente sabe fazer uma entrada, não é? – Sorri divertida dando um passo para frente na tentativa de receber mais um pouco de sua aura. – Estão todos olhando para você. Que eu saiba, bailes

exigem que mulheres usem vestidos e luvas.

- Oh, olhando para mim? – Catastrophe apontou para si mesma, e abriu a boca formando um pequeno "o", fingindo estar impressionada.- Eu acredito que eles estejam olhando para você e bem, minha senhorita pelo que observei você também não está usando luvas, como exigem.

Minha senhorita? Engoli em seco e mordi o lado de dentro de minha bochecha. Eu gostei disso. Gostei do tom de apropriação que ela dera para o tom.

Controle-se Victoria.

- Devemos ficar de olhos bem abertos Catastrophe. Thompson estará aqui a qualquer momento. – Falei tentando mantar uma linha de raciocínio.

- Manteremos os olhos abertos, senhorita. Mas podemos aproveitar um pouco do baile, não podemos? – Indagou num sussurro perigoso, enquanto se aproximava mais um pouco.

Catastrophe estava em meu espaço pessoal e já podia ver as harmônicas sardas distribuídas pelo seu nariz e maçã do rosto.

Suspirei repreendendo-me. Aproveitar o momento? Sabe a quanto tempo que não fazia isso? Era tanto tempo que nem conseguia me lembrar. Seria isso justo com meu irmão? Afinal se eu estivesse no lugar dele, ele não estaria perdendo o tempo em um divertimento. Aliás eu tenho mais do que certeza que Pietro já teria me encontrado.

- Eu sei que você não gosta disso senhorita, sei que não gosta de estar aqui. Sei mais ainda que não gosta de sorrir ao divertimento, a não ser que seja realmente necessário. – Ela disse tentando me tranquilizar, como seu de alguma maneira ela tivesse a capacidade de ler meus pensamentos e dizer exatamente aquilo que procurava ouvir.

- A senhorita irá encontrar com Thompson hoje, calma. Eu garanto que ele virá até você. – Catastrophe retomou a fala com um sorriso nos lábios. – Ele irá sentir você, senhorita Victoria. Não se controle tanto, não calcule tanto, deixe as coisas seguirem o seu próprio curso. - Castrophe me fitou com seus negros e sua aura me abraçou em um envolto quente, e mais uma vez eu aceitei seu argumento.

Eu não escondia meu fascínio por ela, acho que não conseguia. Catastrophe não era uma mulher comum, ela era formidável.

- Catastrophe... – Tentei argumentar, não querendo ganhar a guerra. Ela estava certa, mas em algum lugar de minha cabeça queria protesta inutilmente.

Tudo que fizera até hoje foi estritamente calculado e controlado, pois em qualquer deslize perderia meu irmão para sempre.

Sua aura e sua conversa agora me deixavam dividida, eu queria entrar nesse mundo que Catastrophe estava me oferecendo, o relaxamento, nem se fosse por alguns minutos. Todavia, parecia que lá atrás de minha cabeça eu ouvia meu irmão chamar por mim.

Balancei a cabeça tentando afastar minha batalha interna, seria apenas por alguns minutos eu poderia sorrir genuinamente, por esse espaço curto de tempo.

Meu coração disparou e meu corpo se perdeu quando senti seu braço envolvendo minha cintura e me trazendo mais para perto. O meu corpo parecia sozinha agraciar o toque de Catastrophe, obviamente quem seria eu para reagir ao contrário.

- Sabe, uma vez uma senhora me censurou, pois eu não usava luvas como uma mulher regular usava. Mas eu sei porque mulheres como eu e você não usam luvas. – Ela acariciou a palma de minha mão com a ponta do dedo e tive a sensação gostosa na base de minha nuca. – Nós gostamos de tocar, não gostamos? Senhorita Victoria? – A rouquidão da voz de Catastrophe parecia um pouco mais sensual, ela sabia que estava conseguindo me dominar.

Ela me puxou mais para perto e pude sentir sua respiração contra o meu rosto, e seus seios encostar levemente contra os meus. Catastrophe começou a se mover lentamente no ritmo da música, me trazendo junto a ela.

- Você sabe que poderiam nos interromper não sabe? – Eu disse enquanto colocava uma de minha mão perto de seu pescoço.

Duas mulheres dançando juntas, era incomum, mas já tinha visto em alguns bailes isso acontecer. Aparentemente, eles se importavam mais quando dois homens estavam dançando do que duas mulheres.

- Senhorita, ninguém tocara em você. – Catastrophe falou tentadoramente, me apertando um pouco mais contra ela.

Desta vez eu não pude deixar de rir, um riso baixo e tímido. Catastrophe estava diferente hoje, estávamos absolutamente flertando. Outra coisa que a muito tempo não sabia o que era.

- Mais uma de suas habilidades. Você é uma caixinha de surpresa, não é mesmo Castrophe? – Falei sussurrando a seguindo no passo da dança.

Meu corpo estava flutuando, parecia que era espectadora dos meus próprios movimentos. A sensação da reação do meu corpo era realmente boa. Estava dominada pelos olhos negros que não saiam da minha vista.

- Prometo lhe mostrar todas minhas habilidades, senhorita. – Eu sorri maliciosamente ao ouvir o comentário de Catastrophe, sentindo mais uma onda de arrepio caminhando por todo o meu ser e meu ventre se apertou prazerosamente.

- Mal posso esperar para ver. – Falei sem censura, ter Catastrophe assim tão perto era irresistível.

Nós dançamos e mesmo que eu percebesse olhares para nós eu não me importei. Eu apenas queria aproveitar o momento de ter essa mulher tão perto de mim. Sentindo o seu toque firme, mesmo que suave.

Ela se aproximou do meu pescoço e inclinou a cabeça ligeiramente, foi quando senti seu nariz roçar levemente na pele do meu pescoço.

- Eu gostei de sua colônia. – Ela disse roucamente, apertando minha cintura.

Nossos corpos realmente estavam próximos e eu tendia meu corpo ainda mais para sua direção. Eu tentava esconder minha excitação crescente, mesmo Catastrophe flertando comigo insistentemente poderia ser algo momentâneo do seu ser e eu não poderia deixar isso acontecer ela era minha isca.

Isca.

Parei no meio do passo e Catastrophe me olhou confusa.

- Catastrophe, eu não posso conti...

- Ei. – Ela me interrompeu. – Apenas relaxe, lembra apenas uma música.

Tentei isolar o pensamento para fora de mim, droga, estava sendo difícil, mas eu queria aproveitar Catastrophe ali.

Ela novamente começou a me levar de maneira gentil, no começo eu relutava, porém, eu simplesmente não conseguia resistir ao seu toque.

Eu então sorri e ela afastou um pouco o seu rosto para me ver melhor. Ela sorriu de volta quando vê meus lábios, de pouco em pouco seu sorriso vai sumindo e seu olhar começa a mudar. Catastrophe lambe o lábio inferior desejando algo que eu sabia o que era, em um pequeno impulso eu encontraria sua boca.

Eu só precisava ter coragem relaxar um pouco mais, eles estavam tão convidativos, era só eu...

- Nosso anfitrião. Lorde Thompson. – Alguém falou ao fundo, fazendo com que eu despertasse do meu transe.

Em cinco minutos meu divertimento acabara e agora estava de volta na realidade massacrante da minha vida.

Eu vi que Catastrophe suspirava desapontada, ainda me segurando contra ela. Entretanto com uma certa relutância ela foi me soltando aos poucos.

Catastrophe se virou ficando ao meu lado e viu um homem alto e forte entrando no

salão.

Ela segurou minha mão e senti sua aura ao meu redor, como se estivesse me protegendo.

Lorde Thompson parecia um político, seu andar poderoso e com um sorriso predatório. Como soubesse a melhor maneira de te derrubar. Tinha um cavanhaque perfeitamente desenhado seu rosto, que mesclava pelos brancos e pretos. Seu cabelo era curto e encaracolado penteado totalmente para trás, sem nenhum fio rebelde sequer se desprendia. Ele olhava para multidão como se todos fossem pertencentes a ele. Até que seus olhos azuis pairaram sobre mim e inevitavelmente apertei a mão de Catastrophe.

Ele era ruim, muito ruim. Mesmo as pessoas não percebendo eu podia vê-lo como realmente era. Sua aura se espalhava como ervas daninhas, o terror se espalhava ao entorno de todos.

Catastrophe encarava o homem e Thompson assentiu para nós, ele então se voltou e começou a bancar o bom anfitrião cumprimentando os convidados.

Eu estava indo falar com ele, quando Catastrophe me puxar de leva.

- Ele irá vir até você. Ele percebeu quem você é. – Ela falou calmamente.

Eu não sei quanto tempo se passou, estava começando a ficar irritada e impaciente. Eu não pude resisti e peguei um drinque, depois de algum tempo sem beber álcool era o que eu precisava naquele momento. Quando levei o liquido marrom na boca, meu paladar estranhou, mas forcei e engoli. Senti o liquido queimar levemente minha garganta, era realmente o que precisava esse momento.

Para mim o salão já não parecia tão belo, estava ficando quente e claustrofóbico. Passei a mão no pescoço e apertei levemente.

- Droga. – Falei baixo.

- Senhorita Burke. – Catastrophe me chamou e quando a olhei percebi que Lorde Thompson estava em seu lado, com o sorriso mais encantador e falso que já vira em minha vida.

- Já nos conhecemos? – Ele estreitou os olhos me analisando

Me concentrei para que minha aura se apaziguasse se ele fosse capaz de senti-las como eu posso, ela iria ficar constante sem qualquer alteração.

- Eu acredito que não Lorde Thompson. – Eu sorri de maneira convidativa, era hora de reunir toda boa educação que aprendera durante a vida para não fazer nenhuma besteira.

- Como soube do meu baile? – Perguntou curiosamente, enquanto ainda me estudava.

- Bem, ouvi pelas rodas de chá sobre seu baile e não pude resistir em comparecer.

Desculpe se o senhor me achou intrometida em aparecer sem qualquer convite. – Tentei inventar uma mentira bastante convincente, o tempo inteiro sorrindo e piscando mais do que o usual.

Ele pareceu satisfeito com a resposta, sorriu e cruzou seus enormes braços no peito.

Lorde Thompson era poderoso e ameaçador.

- E essa bela luz, quem seria? – Thompson voltou seu olhar sem vida para Catastrophe, que o olhava para ele com interesse evidente.

Enquanto a aura aterrorizante de Thompson cobria todos os convidados, com Catastrophe isso não acontecia. Sua aura estava constantemente brigando para não ser tomada pela escuridão.

- Sou Castastrophe. – Ela falou antes que eu pudesse responde. – Promovo a segurança da Senhorita Burke. – Catastrophe inclinou a cabeça em minha direção, enquanto dizia com seriedade.

Era a segunda vez que Catastrophe usara meu sobrenome, talvez pelo fato que não quisesse que Lorde Thompson soubesse da nossa aproximação. Ou por puramente respeito a mim enquanto a um baile da alta sociedade. Cordialidade nessas ocasiões eram praticamente obrigatórias.

- Eu vejo.... Então como um cão de guarda? – Lorde Thompson ria de sua própria piada sem graça.

Ele sorriu predatoriamente e foi como por um momento Thompson tivesse esquecido de mim.

- Bem, se o senhor ver desse jeito. Então sim, eu sou um cão particular da Senhorita Burke. – Catastrophe levantou um pouco o queixo o desafiando. Vi sua artéria do pescoço estava pulsando, ela estava com raiva. Nunca sentira ela desse jeito sendo desafiada e parecer gostar de ser.

Eles se encararam por mais alguns segundos.

- Eu estou brincando, minha querida. – Lorde Thompson quebrou o silêncio, juntando suas enormes mãos.

- Ela é apenas uma amiga que pedi para que me acompanhasse. – Disse simplesmente.

Seja lá o que tinha acontecido entre os dois, havia acabado e já estava começando a me convencer que nada iria sair desse estupido baile.

- Espero que se divirtam. – Lorde Thompson esticou a mão para mim.

Eu hesitei de princípio, olhando para ele e para sua mão, mas no fim eu acabei por

cumprimentá-lo. Foi aí que me arrependi tragicamente, imagens que irão me atormentar pelo o resto da vida.

Escuridão. Trevas. Rancor. Ódio.

Imagens desconexas passaram pela minha cabeça.

Homens estavam sendo jogados em uma pequena cela suja e lá eram atormentados. Eu conseguia quase toca-los, era desesperador ver o pânico deles, gritavam por suas vidas. Sangue, vômito e suor, tudo isso dentro de uma pequena cela com todos esses homens.

Terror e solidão.

Estavam sendo transformados em criaturas sombrias.

Eu olhava aflita como espectadora e Lorde Thompson estava ali, saindo dali, daquele espaço tenebroso. Subia as escadas calmamente e eu fui seguindo atrás dele, até ele abriu uma portinhola e entramos no que se pareceu o salão do baile. Ele fechou a portinhola e percebi que estávamos saindo do quadro gigante, a menina com o rosto sôfrego da cachoeira.

Ele caminhava apenas de calças com os suspensórios caídos e descalços manchando todo o chão de sangue com suas pegadas.

Uma mulher estava sua espera.

- O grande mestre está ficando cada vez mais forte, Lorde Thompson. – Ela falava com a felicidade estampada em seu rosto. – Daqui pouco todos saberão sua verdadeira face.

- Devemos nos preocupar com a garota? – Ele falou limpando as mãos com sangue em um pano puído.

- Não.... Ela é do—

Pisquei voltando a realidade e Thompson estava com a testa franzida, tentando sair do cumprimento. Ele me olhava de forma suspeita e eu esperava que ele não sentira o que eu acabava de presenciar.

Eu estava fraca, ouvia os gritos de socorro dos homens que lutavam por sua vida batendo constantemente no meu ouvido.

Eu estava cercada de muita gente, não conseguia pensar, não conseguia mais respirar direito. Eu soltei a mão do homem rapidamente e tentei controlar meus sentimentos perante tudo o que estava acontecendo comigo.

Lorde Thompson saiu de perto ainda que desconfiado, mas finalmente quando ele se

afastou conseguia respirar um pouco melhor.

Entretanto ainda era muito para mim eu simplesmente não conseguia me mantar em ordem, estava aberta e de repente as auras começaram a invadir a minha volta, eu era novamente aquela menina de 13 anos que sentia as sensações de todos ao mesmo tempo. Eu estava com medo.

Meus olhos começaram a arder e já respirava pela boca.

- Senhorita Victoria. – Castastrophe nada mais era do que um borrão em minha visão agora. Eu tentei olhar para ela, mas eu não conseguia.

O chão era parecia se abrir, era como se estivesse sobre uma areia movediça, eu tentava me equilibrar, mas era quase impossível. Eu senti as mãos de Catastrophe em mim, tentando me por de pé.

Quando dei por mim estava correndo porta a fora, pelas ruas escuras e fria da cidade. A chuva caia, não era forte, só que era o suficiente de em minutos te deixar bastante molhada.

Eu conseguia ouvir ao longe os sons dos trovões cantando na madrugada. Simplesmente não parava de correr, eu já havia tropeçado talvez umas duas ou três vezes devido os saltos do meu sapato entrando entre os paralelepípedos da rua, porém, eu queria ficar o mais longe possível daquela casa.

- Senhorita! – Ouvi a voz de Catastrophe logo após um trovão.

Ela segurou minha mão e com puxão fez com que eu inclinasse para trás e batesse no seu corpo. Eu estava agora parada com suas mãos em minha cintura.

Eu respirava com dificuldade, a adrenalina do meu corpo parecia agora se esvaindo e de repente me senti muito cansada.

Eu me virei e ela cuidadosamente se aproximou, como se tivesse medo que ela mesma fosse me machucar. Catastrophe me olhava com preocupação, tentando entender o que ocorrera minutos atrás.

Ela acariciou minha bochecha e com o polegar limpou a minha lagrima que descia teimosamente pelo o meu rosto. Mesmo chovendo ela parecia ter pego a gota certa.

- Seja lá o que você viu ou sentiu, iremos resolver isso. Lembra, eu estou aqui. – Ela disse gentilmente ainda com a mão em minha face.

Eu não resisti e me inclinei em direção aos seus dedos, sentindo-me um pouco mais segura.

- Ele é muito poderoso Catastrophe, eu me descontrolei. Foi horrível o que eu vi, precisamos ajudar aquelas pessoas. Elas estão trancadas e desesperadas. – Eu falei rapidamente. – Eu perdi a chance de achar alguma coisa, Thompson parecia ter alguma convidada e eu desperdicei a chance de ouvir por medo.

Eu sentia meu corpo tremer, não era do frio e sim ainda da experiência que estava revivendo a todo tempo.

- Nós iremos ajudar eles. Acredite em mim.... Não perdemos chance alguma, eu prometo a você. Estamos perto, minha doce Victoria. – Catastrophe disse meu nome de maneira tão gentil, que me deu vontade de chorar, meu coração bateu mais forte.

– Escute, podemos ter perdido uma batalha. Podemos perder todas as batalhas. Mas eu lhe garanto que a última batalha nós venceremos. – Ela disse enquanto sua mão lentamente escorreu até o pescoço e parou atrás de minha nuca. Sua aura parecia uma caricia constante em volta do meu corpo querendo me acalmar e me proteger.

- Catastrophe... – Eu surrei seu nome.

Olhei para sua boca para logo em seguida o seu olhar, seus olhos negros que brilhavam de uma maneira que fez com que meu corpo responder.

Catastrophe me desejava.

- Victoria. – Ela disse meu nome antes de se inclinar e me beijar.

Sua boca era tão doce e macia. Seu beijo tão delicado.

Começou apenas com um roçar de lábios, era como se ela estivesse pedindo permissão para ir além. Eu queria a incentivar, eu queria mais de Catastrophe. Eu me apertei mais contra ela e movi minha boca, seus lábios agora acompanhavam os meus vagarosamente. Estávamos degustando o sabor de cada uma.

Minhas mãos pairavam em seu peito e as suas estavam descansando em meu quadril. Nossas línguas entraram em contato e foi como receber um choque pelo corpo inteiro. Não havia luta por domínio, era apenas um reconhecimento um desejo permitido de uma querer a outra.

Catastrophe era deliciosa.

Nos separamos quando o oxigênio foi necessário. Ela roçou seu nariz contra o meu e ficou na ponta dos pés para beijar minha testa. Parecia que sua aura fazia parte de mim agora, que de alguma maneira estava se conectando comigo. Ela olhou para mim com um sorriso inocente nos lábios e eu não pude deixar de sorrir abertamente.

Eu não poderia fazer isso. Essa era uma das últimas coisas que devia ter acontecido. Mas Catastrophe trouxe aquilo de mais importante que não tive em toda minha vida;

ironicamente uma vida. Com ela os cinco minutos de leveza eram persistentes e como desejar isso se ela era minha isca? Se ela era a troca do meu irmão?

Eu ia entregar para a escuridão a mulher que estava me trazendo luz.

- Daremos um jeito de achar seu irmão. - Catastrophe rompeu meus pensamentos. – Eu e você.

- Ah Catastrophe. – Eu disse com a voz trêmula.

Eu me agarrei nela e senti seus braços em volta de minha cintura.

- Eu prometo. Apenas fique do meu lado. – Ela sussurrou contra o meu pescoço.

Tudo agora ficara mais difícil.

Minha esperança - Capítulo 9

Catastrophe tirou seu sobretudo e o colocou em meus ombros, enquanto andávamos pelas ruas frias da cidade.

Eu tentei protestar, dizendo que não era necessário que já estávamos quase chegando em minha casa.

- Eu sou forte. Uma chuva não me derruba. – Ela informou enquanto se inclinava e roubava um beijo casto em meus lábios.

Meu coração ainda batia dolorosamente contra o peito, eu simplesmente não sabia o que fazer. Eu não podia deixar meu irmão nas trevas e agora olhando para Catastrophe, também não podia abandona-la na escuridão.

Calma, Calma. Para tudo tem um jeito. Você vai descobrir, apenas respire. – Eu dizia a mim mesma.

Catastrophe estava comigo aqui, eu iria ficar bem.

Eu já não queria mais ter o direito de escolha entre um e outro. Mas Pietro era meu irmão, alguém que ficou ao meu lado a vida inteira e Catastrophe estava me mostrando outro sentindo da vida que nunca provara antes.

- Pare. – Catastrophe falou severamente.

Eu pisquei e virei o rosto para ela.

- Simplesmente pare de pensar, você está sofrendo com esses pensamentos. Apenas

pare.

Ela pegou minha mão e apertou.

- Eu sei que muita coisa aconteceu hoje e que você está confusa, eu sinto muito se....

- Não...- Eu intervi. – Não sinta, o beijo. Catastrophe; o seu beijo foi... eu não sei o que dizer.

- Eu quero ter mais deles. – Ela falou sorrindo jovialmente.

- Eu também. – Admiti. – Eu quero muito mais deles.

- Nós iremos resolver isso não é, Catastrophe? Meu irmão. – Perguntei.

- É claro. – Ela disse obviamente.

Eu precisava disso, eu precisava da esperança dela. A ilusão que tudo iria ficar bem.

Eu havia aberto uma porta entre mim e Catastrophe, que agora simplesmente não podia fechar. Mais do que nunca terei que conviver com o fato da escolha.

Desperto de meu sono pesado e pela primeira vez desde que Catastrophe chegara aqui na cidade o sol finalmente brilhava no céu azul.

Sentei na cama e apoiei minhas costas na cabeceira, sentindo o a luz bater em minha face, eu suspirei aproveitando a sensação. A luz que emanava no sol parecia com a sensação dos lábios de Catastrophe quente, prazeroso e vital.

Ainda lembrava de sua boca insistente ao me deixar em na porta de minha casa. Eu havia oferecido o quarto de hóspedes, para que ela dormisse aqui. Já que chuva parecia aumentar mais.

Ela negou, disse que eu precisava de um tempo sozinha e que seria arriscado saber que eu estava no quarto ao lado. Catastrophe parecia o tipo de pessoas que não gostava de apressar as coisas, que gostava de apreciar e construir.

Eu finalmente derrotada rocei meus lábios nos dela. Antes de fechar a porta, pedi para que ela voltasse para que pudéssemos lidar com Thompson. Ela acenou com a cabeça e disse.

- *Boa noite, minha doce Victoria.*

O medo que antes crescia em mim, estava sendo substituído pelo afago de Catastrophe. Eu sabia que poderia dividir o peso que carregava com ela. Era mais um motivo de me

odiar, pois novamente passava pela minha cabeça que a chance de joga-la na escuridão era real.

Daremos um jeito de achar o seu irmão. Eu e você.

Lembrei da sua voz rouca acariciando meus ouvidos ao me dar um sinal de esperança.

Eu me apegava enganosamente nessa frase, de que arranjaríamos um jeito. Mesmo que não conhecesse outro.

Seja como for eu esperava que um dia eu me perdoasse.

Balancei a cabeça tentando isolar o pensamento.

- Apenas aproveite o que Catastrophe está te oferecendo. Aproveita a vida que você nunca teve. Deixaremos decisões para depois. – Me enganava falando em voz alta.

Entretanto, eu não podia também negar, que apesar de toda a situação eu me sentia feliz. Como a muito tempo não tinha sido. Coloquei as pontas dos dedos em minha boca e toquei levemente. Eu já sentia falta de Catastrophe.

Mesmo com sentimentos conturbados eu ia dar uma chance para mim e seguir em frente com Catastrophe.

Ela logo estaria aqui novamente. Iriamos continuar com o plano de entrar na casa do Lorde e salvar aquelas pessoas.

Eu queria salva-las antes do crepúsculo. No dia, enquanto a luz reinava as criaturas ficavam mais fracas e tentavam se recolher na escuridão, talvez esse fosse a melhor hora para atacar.

A manhã se arrastava. Eu tomei um longo banho para que as horas passassem. Me vesti colocando uma saia roxa, uma blusa branca que fechava meu pescoço e acompanhava uma pequena fita formando um mimoso laço fino da mesma cor da saia. Um sobretudo preto de um único botão, onde seu comprimento batia na metade das minhas coxas. Fiz um coque mais frouxo e coloquei uma pequena presilha com formato de aranha que prendia meu cabelo.

Eu precisava ver Catastrophe, queria poder vê-la ainda mais depois do havia acontecido ontem, eu olhava para o relógio do corredor do primeiro andar de cinco em cinco minutos e o tempo se arrastava, era como se ela não quisesse trabalhar junto comigo.

Andava de um lado para o outro entre as poltronas verdes da sala de estar a espera ansiosa de Catastrophe. Eu arrastava meus pés descalços sobre o confortável tapete, esperando e esperando.

Uma batida na porta e eu paro ainda entre os sofás. As portas da sala de estar estão abertas e olhava fixamente para o hall de entrada. Eu vi Luke surgindo do corredor e abrindo a porta da frente. Ele estava de costas para mim, mas eu o via cumprimentando o visitante.

Catastrophe apareceu no meio do hall de entrada, primeiro seus olhos penderam para cima, olhando o segundo andar. Depois sua cabeça virou e seus negros me fitaram.

Ela estava vestida com calças claras de cintura alta, abraçando suas coxas. Uma camisa simples branca com dois botões abertos e suspensórios pretos, seu casaco estava na mão de Luke que fechava a porta e se recolhia para o corredor.

Obviamente seus cabelos rebeldes estariam soltos, mas para minha surpresa dessa uma trança do seu lado direito se desenhava com um fio grosso de couro preto. Sua espada estava guardada dentro da bainha e ela segurava na mão esquerda, não estava amarrada ao seu quadril como o usual.

Catastrophe apoiou a espada na parede do hall de entrada e deu alguns passos em direção a sala de estar, parando no vão da porta.

Ela sorriu timidamente para mim e levou a mão para trás da nuca de maneira envergonhada.

- Finalmente sol. Afinal, essa cidade não é tão cinza em todo. – Sua voz estava amistosa.

Ela veio andando até mim, contornou o sofá e parou em minha frente.

Sua aura estava branda e como sempre, convidativa.

Segurei seu queixo com as pontas dos meus dedos e a trouxe para mais perto. Meus lábios encontraram os dela e suspirei auditivamente dentro do beijo quando sentia sua maciez.

Catastrophe sorriu dentro do nosso beijo e seus braços enlaçaram meu pescoço me trazendo mais para perto.

- Eu passei a noite sonhando com isso. – Ela admitiu com um toque de humor na voz, antes de lamber os lábios.

Catastrophe beijou minha testa e se afastou um pouco.

-Teremos um dia cheio hoje, não é? – Catastrophe disse se sentando ao sofá me trazendo junto com ela.

Me sentei ao seu lado o máximo possível, encostando a lateral da minha coxa com a dela. Senti uma onda de calor invadindo o meu corpo, estar assim tão perto dela e poder toca-la.

- Sim, infelizmente teremos que ir daqui pouco. – Eu disse respirando fundo, jogando a cabeça para trás, apoiando-a no sofá.

Senti sua mão em meu joelho e seus dedos apertaram levemente, com o toque surpresa de Catastrophe novamente uma nova onda de calor veio, mas dessa vez irradiando em meu centro.

Victoria, concentre-se – Me repreendi mentalmente.

- Talvez devemos levar Luke. – Falei tentando ignorar a reação do meu corpo.

- Luke? – Ela disse duvidosamente. – Ele é hábil para isso?

- Catastrophe, entregue um revolver para ele, que todos os alvos serão acertados. Eu te garanto isso, já o vi em ação.

Olhei para Catastrophe ainda com a cabeça encostada no sofá. Ela estava sentada na beirada do estofado com as pernas um pouco abertas e sua mão ainda pendia em meu joelho.

Seus modos eram graciosos, para não dizer ao contrário. Algo selvagem nela sempre estava presente, seja qual for a situação.

- Então levaremos Luke. – Ela disse jogando uma piscadela para mim.

- Victoria? – Catastrophe disse meu nome seriamente, ela virou o corpo um pouco em minha direção para me fitar melhor. – Seja o que acontecer lá, não banque a heroína, se algo der errado fuja.

Ela me olhou séria, estudando meu rosto para que eu não tivesse tempo de protestar. Pude ver algo em seus olhos, era como se ela já estivesse passado pela situação que iriamos enfrentar. Onde sua experiência dizia que atos heroicos de pessoas sem habilidades, sempre acabavam em desastres.

Eu assenti.

- Eu quero que você corra o mais rápido possível e não olhe para trás, têm uma missão maior do que essa para cumprir. Eu sei me virar. – Ela sorriu de maneira reconfortante para mim, enquanto apertava com as pontas dos dedos meu joelho.

Sua aura estava diferente agora, parecia atenta e excessivamente protetora.

- Eu prometo, tudo bem? Prometo não fazer nenhuma besteira. – Eu assegurei firmemente.

Chamei Luke e perguntei se ele poderia fazer aquilo, já que todos nós estávamos indo para arriscar nossas vidas. Eu contei absolutamente tudo para ele, de como foi o baile e

minha visão com Lorde Thompson, obviamente deixando escapar alguns detalhes. O beijo que eu e Catastrophe partilhamos e a dança que dividimos no meio do salão.

Prontamente ele aceitou, afirmando que realmente não poderíamos deixar aquilo acontecer, que humanos sendo transformados por crueldade não era certo. Então o pedi para que se arrumasse e arranjasse todo o necessário para entrarmos na casa.

- Victoria? Como iremos entrar na casa do Lorde? –Catastrophe dizia enquanto amarrava a bainha da espada em seu quadril.

- Fácil, pela porta da frente. Eu duvido que um homem como Thompson estará em casa.

- Como você ter tanta certeza? – Ela perguntou me desafiando e sua sobrancelha perfeitamente desenhada se erguia.

- Eu simplesmente sei. Confie em mim.

Cruzei os braços e apoiei meu quadril nas costas do sofá. Eu a observava se aproximar novamente e sua mão levantando até alcançar meu pescoço, onde acariciou levemente.

- Tudo bem, minha cara Victoria. – Catastrophe sorriu e se inclinou para selar os meus lábios. – Mesmo que se ele estivesse lá, nós daríamos um jeito. - Ela deu dois tapinhas no cabo de sua espada e sorriu para mim.

Através do ombro de Catastrophe vi Luke aparecendo no hall de entrada, me afastei um pouco abruptamente de Catastrophe e ela me olhou confusa.

- Luke, está tudo pronto? – Perguntei.

Ela se virou e encarou o homem.

- Sim. Madame Burke. Achei melhor levarmos a charrete, ela é mais simples, dois cavalos são o suficiente. Podemos prende-los em qualquer lugar.

Fomos então, nós três em direção ao covil das sombras. Eu só esperava não ter que enfrentar uma missão suicida.

A carroça era bem menor que minha carruagem, uma pequena cabine preta com uma janelinha que mal entrava corrente de ar e apenas dois lugares, onde a pessoas ficava de frente para a outra. Ao olhar da pequena janela de dentro da carroça senti um leve desconforto, estávamos nos aproximando da grande casa imponente.

Observei Catastrophe em minha frente e seus olhos se encontraram com os meus, como se estivesse querendo me transmitir confiança. Eu pude sentir isso, não apenas pelo olhar, mas pela sua aura que se esquentava dentro do cubículo da cabine.

Me inclinei levemente em minha direção e nossos joelhos se tocam levemente. Eu queria sentir com esse toque algum tipo de reconforto de que tudo iria acabar bem.

Catastrophe parecia sempre entender os meus movimentos e os motivos pelo os quais eu fazia, ela juntou sua mão da minha e sorri gentilmente.

- Confie.... Tudo dará certo. O que faremos aqui hoje Victoria será grande, você está dando a essas pessoas segundas chances.

Catratrophe apertou minha mão e acariciou com o polegar as falanges dos meus dedos.

- Essa casa é viciada em morte e dor. Ele é poderoso, meu irmão foi capturado por um alguém como Lorde Thompson, cheia de escuridão. – Disse lamentavelmente, balançando a cabeça sem tentar transparecer meu medo.

- Escute. – Catastrophe apertou minha mão novamente para buscar minha atenção. – Eu não sei ao certo o que aconteceu com seu irmão ou o que aconteceu. Talvez você nunca me conte, mas eu estarei aqui para ouvir.

- Catas...

- Deixe eu terminar. – Ela me interrompeu levantando um dedo. – A gente não sabe como iremos encontra-lo ainda, talvez leve dias, talvez meses. Mas eu sinto Victoria, o que estamos passando é necessário para caminharmos em direção ao encontro de Pietro. Sinto de verdade, que as coisas irão acontecer. Eu sei que não posso ter poderes como você, mas se algo que tenho e sempre funciona é o meu instinto. Quando eu digo que estamos indo no caminho certo é porque estamos indo.

Catastrophe respirou fundo, engolindo o ar.

- Seu positivismo as vezes me assusta. Eu não sou acostumada com isso. Para mim, tudo deu errado.

Eu mordi meu lábio inferior com força e fechei os olhos por alguns segundos.

Estava caminhando para novamente fazer tudo errado. Meu irmão ou Catastrophe.

- Eu nunca conheci ninguém assim. – Disse murmurando olhando para seus grandes e negros olhos brilhantes.

Deus, ela era linda.

- Parece que para você tudo tem solução, para você parece que tudo tem a obrigação de acabar bem e de onde eu vim Catastrophe isso não é possível. – Eu começava a ficar frustrada com as coisas, triste e quase com inveja de não saber partilhar esse sentimento que Catastrophe sentia. – Eu conheço a dor, a morte e o escuridão. De onde você vem as coisas são bonitas e vivas.

- Minha doce Victoria, eu lidei com o dor e com a morte. Mas eu sei lidar com elas. Eu aprendi a ser assim, isolar tudo, obviamente que quando você isola seus sentimentos ruins, você acaba isolando os sentimentos bons e levou muito tempo até eu me sentir do

jeito que estou me sentindo hoje. – Ela falou docemente a última frase, antes de sorrir para mim.

Não diga isso Catastrophe, por favor. Não torne as coisas mais difíceis.

- Você mesmo experimentando toda a dor e a escuridão, Victoria. Também conseguiu experimentar a felicidade e o amor. O que você sente pelo seu irmão é inegavelmente incrível. Eu espero sentir esse amor incondicional um dia e experimenta-lo.

Ela lambeu os lábios e me olhou abrindo a boca novamente.

- Eu sei que as coisas não acabam bem, mas está aí uma coisa que admiro muito nos seres humanos. Simplesmente batalham até o último suspiro, enquanto a esperança simplesmente nunca se descansa. Você não vê isso, não é? Ah minha cara Victoria. – Ela sorriu para mim e observo seus olhos marejados. - Você fala que eu sou assim sempre cheia de esperança, mas até agora o que eu vi em você foi só esperança. Lutando até o ultimo da sua energia para achar seu irmão. Não somos afinal, tão diferentes. Você é fantástica, acredite. – Ela me olhava com aqueles olhos negros brilhantes com lágrimas, parecendo querer falar mais. Esse tempo todo segurando minha mão de maneira delicada. Sua aura me abraçava e tentava me acalmar, eu podia sentir as ondas de calor.

Eu não disse absolutamente uma palavra para Catastrophe, eu parecia tão previsível para ela.

Eu sentia o leve movimento da cabine, enquanto os cavalos caminhavam pela Rua Lotus, respirava lentamente, sentia como se meu corpo estivesse prestes a flutuar. As palavras que saíram da boca de Catastrophe parecia uma verdade absoluta, uma garota com uma década diferente de mim era tão mais sabia do que eu. Tão paciente e relaxada se conformava com a minha falta de explicação e com entendimento de que não era necessário fazer perguntas. Eu não podia negar que o instinto de Catastrophe realmente funcionava, e me vi então confiando e acreditando nela veemente.

Oh Deus.

Eu não podia negar que estava cada vez mais encantada por Catastrophe.

Me inclinei mais um pouco fazendo com que nossas bocas ficassem centímetros de distância, eu podia sentir sua respiração batendo levemente em minha bochecha.

Era incrível que nem com essa proximidade era impossível de ver a pupila de Catastrophe.

- Como você pode ser assim... – Disse sussurrando sensualmente, tocando quase em seus lábios grossos, mas no último segundo quando nossas bocas iam se encontrar, eu mudei de direção e plantei um beijo na base de seu pescoço. Senti o seu pulso sob meus

lábios e ouvi um pequeno suspiro.

- Victo...- A voz de Catastrophe saiu cortada quando a carroça parou.

Me afastei de Catastrophe e olhei pela janela. Lá estava a grande mansão de Lorde Thompson.

Luke abriu a pequena porta e me ajudou a descer da cabine.

Os cabelos de Luke já não estavam todos penteados ordeiramente para trás, caiam quase sob seus olhos e tampavam a metade de suas orelhas. O uniforme de mordomo, fora substituído por uma calça clara uma blusa e um casaco grosso marrom. Ele usava um cinto, onde suas duas armas ficavam escondidas sob a vestimenta, uma em cada lado de seu quadril.

- Madame Victoria. – Luke disse dando passagem para eu passar e entrarmos na propriedade do Lorde.

Ao chegarmos as grandes portas da entrada da mansão, Catastrophe parava em minha direita e Luke em minha esquerda, foi ele quem pegou a argola de metal da aldrava - que era segurada por um rosto de carranca – e bateu três vezes bem forte.

Não demorou muito para um homem excessivamente magro abrir a porta.

- Pois não? – A voz do homem que julguei ser o mordomo pelo o uniforme era arrastada e baixa.

- Lorde Thompson está? – Perguntei.

- Não, ele se encontra em uma reunião. – Ele disse olhando para nós três.

Luke empurrou o homem para dentro da casa e puxou sua arma da correia, dando uma coronhada na cabeça do homem. Após o impacto sofrido, nós três vimos o homem desabar no chão.

- Uau... – Catastrophe disse após alguns segundos, enquanto Luke se agachava e amarrava as mãos e os pés do homem com uma corda que tirara de trás do seu casaco. – Você é bom. - Catastrophe admitiu.

Luke ofereceu um sorriso minimalista e assentiu. Colocou o homem sentado na parede do hall de entrada e fechou a porta principal.

- Não podemos demorar muito. Eu paguei algumas moedas para um menino tomar conta da carroça. Esperemos que ele não fuja com ela. – Luke dizia sério, guardando arma no seu cinto.

- Vamos. – Disse apressadamente virando à esquerda para entrar no salão.

Ele parecia muito maior agora, sem as pessoas. Os vasos, as flores e o grande quadro ainda estavam lá, porém a multidão fora substituída por um pequeno divã de veludo no meio da sala, virado para a grande janela.

- Lá está. – Apontei para Luke e Catastrophe o quadro da mulher na cachoeira.

Ao chegar nele tentei procurar por uma maçaneta, ou por alguma coisa que eu pudesse puxar e o quadro se deslocar, mas não tinha absolutamente nada. Eu tentei usar a força bruta e puxa-lo dali, mas ele não se movia por um centímetro qualquer era como se estivesse tocando uma montanha. Catastrophe e Luke tentaram também, porém nada parecia surtir efeito. Tentamos então nós três usar a força bruta, ainda sim nada surtiu efeito.

Tentei me concentrar e usar minha aura para abrir o quadro ou fazer com que ele se mexesse. Como havia feito nos portões de metal do jardim. Argui a mão umas duas vezes no ar e absolutamente nada. Intacto.

Raiva e frustração.

Eu me virei e por um súbito de inconsciência empurrei os ombros de Catastrophe.

- Cadê? Cadê aquela merda de discurso, agora? Esperança, positivismo. – Trincava os dentes de raiva, eu queria descontar isso em alguém e o alvo mais fácil agora pareceu ser a única pessoa a querer proteger e desejar o meu melhor.

Vim até aqui para ajudar pessoas e não conseguia fazer absolutamente nada. Eu era realmente um caso perdido, maldita hora que ouvi meu pensamento e ter remorso por pessoas. Por que não me concentrar apenas em meu irmão? Não conseguia fazer absolutamente nada direito. Não era culpa de Catastrophe, porém descobri que seria nela que depositaria minhas frustrações e expectativas.

Ela ficou parada, como se raízes de árvores estivessem a prendendo e deixando-a fixa no lugar. Eu tentava empurra-la, e ela olhava dentro de meus olhos, eu me senti vulnerável, pois praticamente era como se ela estivesse enxergando minha alma.

Foi então que a sensação de congelamento isolou o meu corpo, senti dificuldade de respirar e eu puxei o ar pela boca. Meu corpo perdeu o controle, meus braços se esticaram, dando leves espasmos, como seu eu estivesse com dor e minha cabeça tombou para trás. Minha visão estava embaçada, eu conseguia ver o lustre do teto como um borrão brilhante. Meus pulmões ardiam e meu corpo tremia. Eu fazia força para aquilo se afastar de mim e uma enorme pressão invadiu minha cabeça. Minhas pernas fraquejavam, porém nunca o suficiente para cair.

Consegui olhar para as minhas mãos que se contorciam sem parar e vi inúmeras

pequenas aranhas vermelhas brotando pela as unhas dos meus dedos e subiam pelo meu braço. Vinham diretamente para meu rosto, tentando chagar perto de meu pescoço, inclinava o máximo de minha cabeça para a direção oposta, começando a sentir uma dor lasciva e isso me fez gritar. Eu as queria fora de minha face, a ideia de aranhas em mim estavam me aterrorizando, porém nada adiantava elas ainda subiam e começavam a entrar pela minha boca e de repente já não conseguia respirar. Foi tudo ficando turvo, pisquei dando meu último suspiro.

- Victoria. – Catastrophe sussurrava me segurando pelo os ombros com cuidado.

Eu me afastei assustada gritando, quase caindo no chão. Puxei o ar pelo nariz fortemente e olhei desesperadamente para minhas mãos e meus braços. Nenhuma aranha estava ali, fora talvez apenas minha imaginação.

Entretanto, algo estalou dentro de minha cabeça. Eu franzi o cenho e olhei para Catastrophe que me fitava confusa.

- Já sei o que preciso fazer. – Disse para os dois. – Eu preciso de uma faca.

- Madame? – Luke olhou para mim cheio de dúvidas.

- Apenas me dê. – Falei secamente ordenando.

Catastrophe foi quem me entregou a faca que estava guardada na parte de trás no cós de sua calça.

Parei na frente do quadro e respirei fundo.

Peguei a faca, levantei minha mão fechando os quatro dedos e deixando apenas o polegar a mostra. Passei a lâmina da faca em minha pele o suficiente para romper. Um filete de sangue nasceu e começou a brotar, através de minha pele. Levei meu polegar até a tela do quadro e comecei pacientemente desenhar o aracnídeo. Um pequeno corpo, quatro patas do lado direito e quatro patas do lado esquerdo.

- Aranhas. - Sussurrei e as palavras saíram gélidas de minha boca.

Foi desse jeito que simplesmente o quadro se moveu como se fosse uma porta. Sua espessura era bem grossa e era feito de pedra. O barulho que ela fazia ao se abrir era significativamente alto.

Virei a cabeça e vi Luke olhando em direção da escuridão que se formava depois da porta e observei Catastrophe me olhando com orgulho.

Voltei a olhar a porta já aberta.

Eu conseguia enxergar apenas os quatro primeiros degraus e o resto era engolido pela escuridão, mas lá embaixo uma chama tremulava irregular e fracamente.

Uma imensidão de trevas e um pequeno ponto de luz.

Esperança.

Catastrophe.

Eu levei a polegar a boca e chupei o sangue.

Catastrophe se aproximou de mim com um lenço na mão e gentilmente limpou o ferimento.

- Obrigada. – Disse baixo ainda envergonhada do que fizera a ela minutos atrás.

Ela apenas assentiu e sorriu.

Eu me virei novamente em direção da porta e comecei a descer os degraus e atrás de mim vinha me esperança.

Catastrophe.

Lorde Thompson - Capítulo 10

Ao chegarmos no final da escada a chama tremulava timidamente no meio da escuridão. Em nossa frente havia um portão de metal enferrujado que ia do chão ao teto e através dele era possível ver uma sala onde parecia estar os prisioneiros.

Catastrophe foi quem abriu o portão com um esforço notável, eu a ouvi grunhir enquanto usava sua força e cheguei à conclusão que o portão era mais pesado do que pensava.

A sala subterrânea parecia uma caverna, suas paredes eram de rochas e nelas haviam alguns buracos cortados simetricamente, onde crâneos humanos eram empilhados uns sobre os outros. Algumas tochas eram distribuídas pelas paredes, formando uma penumbra no ambiente um pouco assustadora. O lugar estava quente e o cheiro era uma mistura de sangue, carne estragada, fumaça e algo que não identifiquei, mas o suficiente para fazer meu estomago revirar. Eu olhava fixamente para as sombras, com medo de a qualquer momento uma criatura saltar dali.

Havia um altar no meio da sala uma elevação que parecia ser natural do piso, uma cama grande de metal ali em cima, ela estava com sangue e com uma adaga descartada de qualquer maneira. Tinha também um pedestal de cobre que ia mais ou menos da altura do meu quadril.

A o lado direito podíamos ver três celas, onde os mais tenebrosos sons saiam de lá.

Elas estavam escuras, mas eu podia ver os homens desesperados com os rostos enfiados entre as barras de ferro gritando por socorro e com os braços estendidos.

Aparentemente as celas estavam dividas, no total eram três. Por homens ainda não transformados, por outros ainda seguindo a transformação e na terceira as criaturas já transformadas.

- Viemos aqui para soltar vocês. – Eu disse me aproximando cautelosamente das primeiras duas celas.

- Ajudem-nos! Por favor... – Os homens gritavam inúmeras palavras de misericórdia e desesperados querendo o mais rápido saírem dali.

A última cela com as criaturas já transformadas, esticavam suas garras para tentar nos agarrar.

- Luke. – Olhei para a arma em sua cintura. – Mire nos cadeados e os tire daqui.

- Afastem-se – Luke ordenou para os homens desesperados.

Ele se aproximou da primeira cela e mirou a ponta do cano perto do grande cadeado que os trancavam lá dentro. Luke virou o rosto e usou o braço livre para protege-lo e então disparou, dois tiros secos e rapidamente um dos homens abriu a porta da cela e cinco deles saíram de lá.

Na segunda cela Luke fez o mesmo procedimento, porém apenas dois homens começando a ter os aspectos nojentos de criatura saíram de lá. Haviam outros 4 cadáveres acumulados no canto da cela. Nem todos os humanos saiam vivos da transformação.

- Luke você trouxe o que eu te pedi? - Perguntei.

- Sim Madame Burke. – Luke respondeu, tirando de um dos seus bolsos internos do sobretudo 4 pequenos fracos.

Água benta.

Ironicamente poderia se curar absolutamente tudo que tivesse a escuridão envolvida com essa água. Era o único jeito que eu conhecia para romper a transformação dos homens, as vezes era tarde demais ou as vezes simplesmente os humanos não aguentavam e morriam.

- Escute com atenção. – Disse alto tentando chamar a atenção dos dois homens desesperados. – Assim que vocês virem o sol beba toda essa água o mais rápido possível, não hesitem. – Entreguei dois dos quatro fracos para os homens que estavam ainda se transformando. - Vocês iram sofrer e sentir muitas dores durante dias, mas eu prometo que isso será o suficiente para uma cura.

- Luke tire todos os homens daqui. Leve-os lá para cima e se necessário de um pouco de dinheiro. – Falei seriamente.

Luke reuniu os sete homens e os liderou para a fora da sala.

- Venham! – A grossa voz de Luke ordenou os sete homens e com um sinal de mão todos os seguiram.

A última cela deixamos trancadas, por motivos bastante óbvios.

- Victoria, talvez devemos procurar por algo que possa nos ajudar a encontrar o paradeiro do seu irmão ou talvez qualquer informação a mais que seja útil.

- Mas o que iremos procurar? – Indaguei olhando para ela.

- Qualquer coisa, acho que saberemos quando encontrar.

Eu me direcionei ao altar e fui direto ao pedestal, em sua superfície estava cravado dizeres no qual eu não entendia e também não fiz muito questão de entender. Abaixo dessas letras desformes para mim, tinha um pequeno símbolo com três travessões verticais e um outro na maior horizontal pintado de vermelho cortando os três verticais.

Eu já havia lido coisas sobre esses símbolos, era o símbolo real do rei da escuridão. Algo que nunca por hipótese alguma deveria chegar perto, todavia eu já estava mergulhada nele.

De repente eu me senti fraca e segurei com as mãos nas bordas do pedestal, era como se uma enorme rocha estivesse pesando sobre meus ombros.

- VICTORIA! – Catastrophe gritou o meu nome e quando levantei a cabeça vi quem estava também presente na sala.

Lorde Thompson, encostado nas grades do portão com seu sorriso arrogante nos lábios.

- Minha querida, não disseram a você que é muito feio invadir a casa dos outros.- Ele falava em divertimento ainda com seu sorriso desenhado pelo cavanhaque a mostra.

- O que você faz aqui é errado. – Catastrophe falou atrás de mim perto dos buracos lotados de crâneos.

- Cale a boca ponto de luz. – A voz de Thompson saiu grave e assustadora, que inevitavelmente apertei ainda mais as bordas do pedestal.

- Sabe o que eu faço com meninas malvadas...- Ele voltou a falar descruzando os enormes braços do peito. – Elas morrem.

Thompson então correu vindo para cima de mim, porém no último instante ele desviou e quando me virei, vi suas enormes mãos penduradas no pescoço fino de Catastrophe.

Ele foi arrastando-a para a parede mais próxima e a ergueu com certa facilidade.

- Pequeno foco de luz. – Thompson disse em centímetros do rosto de Catastrophe. Ele aproximou seu nariz nos fios de cabelo de Catastrophe e se perdeu lá.

- Cheira tão bem. Tanto tempo que não sinto esse cheiro. – Sua voz saiu abafada.

Eu tranquei o maxilar e contrai um pouco de raiva, sentindo meu coração bater em meus ouvidos. Quem ele pensa que é para chegar tão perto assim de Catastrophe.

Os pés de Catastrophe começavam a se debater a procura de algo para se apoiar.

- Catastrophe! – Gritei seu nome com o ultimo folego que tinha em meus pulmões.

Seu rosto estava ficando perigosamente vermelho e seus olhos cada vez mais esbugalhados.

Catastrophe me fitou e uma lágrima desceu pela sua face, ela estava lutando bravamente pela sua vida eu poderia sentir isso. Catastrophe não queria se perder ali, entretanto sua aura estava cada vez mais pesada e rasa.

Mas Catastrophe sempre me surpreendia, ela ergueu as mãos e com os polegares pareceu pressionar os olhos de Lorde Thompson e com o ultimo resquício de força sua canela foi em cheio entre as pernas do homem. Foi o suficiente para Thompson largar Catastrophe e se afastar.

Catastrophe desabou no chão e eu rapidamente corri em sua direção. Ela estava de joelhos recuperando o ar perdido durante esses longos segundos, massageava a pele fina do pescoço, onde vi que estavam bastante vermelhos.

Eu coloquei minha mão em suas costas e esfreguei rapidamente.

- Você está bem, querida? – Eu perguntei levemente preocupada.

- Sim. – Catastrophe disse com um pouco de dificuldade.

Ela virou o rosto para mim e sorriu docemente.

Thompson soltou um rugido monstruoso, ele segurou o cadeado da última cela e com uma facilidade estrema o arrebentou.

As criaturas vieram como leões para cima de nós. Catastrophe não conseguiria se levantar a tempo.

Então a primeira criatura caiu, uma bala atravessou a sua testa e foi o suficiente para ela se transformar em uma poça de sangue e cinzas.

Luke aparecera bem na hora, o cano da sua arma surgiu na grande porta de metal. Rapidamente ele começou a disparar certeiramente os tiros, enquanto contornava o altar do lado oposto de Thompson para se juntava a nós.

Catastrophe com um pouco de dificuldade ficava de pé, tomando um passo para ficar

em minha frente.

Uma das criaturas conseguia se esquivar de todos os tiros efetuados por Luke e rapidamente pulou em direção de Catastrophe. Mas ninguém contava com a sua recuperação fosse tão rápida, com sutileza ela desviou do golpe e agarrou sua cabeça. A esmagou três vezes contra a parede de pedra mais próxima. O sangue vermelho da criatura ficará pintado na rocha, mas o seu corpo foi dando lugar as cinzas e desmanchando nas mãos de Catastrophe.

Sua respiração era rasa, seu corpo estava tenso e seus punhos fechados. Catastrophe virou para Thompson e abaixou um pouco a cabeça, olhando-o friamente.

- Foco de luz, você acha realmente que pode me matar? – Lorde Thompson disse debochadamente.

- Eu posso tentar, mas eu tenho certeza que vou e quando você voltar para onde veio, diga a seu pequeno rei que mandei minhas lembranças. – Catastrophe correu com o punho para cima pronto para soca-lo.

O soco deferido acertou o rosto de Thompson, ele foi tão forte que eu ouvi o osso de algum lugar da face do homem se quebrando.

Eu pensei que ele fosse defender, mas não.

Lorde Thompson caiu no chão sentando e seu nariz estava inundado em sangue, o vermelho se arrastava pelo seu cavanhaque e descia pelo pescoço, manchando o seu colarinho.

Mas tudo o que ele fez foi gargalhar. Uma gargalhada alta e sádica que me fez engolir em seco.

- É realmente tudo o que tem? – Thompson disse com desdém, levantando-se.

O grande homem agora investia contra Catastrophe. Ameaçou dar um chute em direção de suas costelas, mas ele a enganou, pois, ao levantar a perna rapidamente a abaixou de novo, fixando seu pé no chão. Rodou trocando sua base e tentou acertar seu calcanhar no rosto de Catastrophe, entretanto rapidamente ela foi capaz de bloquear o golpe com o braço.

Eu olhava para Catastrophe e Lorde Thompson lutando habilmente, um bloqueando o golpe do outro. Uma luta mortal, onde apenas um iria sair vencedor. Catastrophe era astuta e esguia, enquanto Thompson era assustadoramente forte, mas consequentemente mais lento. Era onde achava que Catastrophe tinha vantagem.

Catastrophe usando sua vantagem, se agachou e com as mãos apoiada ao chão deu um rasteira no homem fazendo com que ele caísse. Ela não perdeu tempo e montou em cima

de seu quadril distribuindo sequências de socos por toda sua face. Seu punho ia de encontro com o rosto de Thompson e cada vez que um soco achava a face do homem sua cabeça batia contra o chão de pedra.

Catastrophe não parava, não tinha controle. Era uma leoa destroçando sua vítima para ter certeza que a caça fosse morta.

Sua aura irradiava fortemente e ameaçadora. Elas estavam indo em direção a o Lorde como tsunamis gingantes e a aura negra do homem recuava cada vez mais.

Como se fosse o seu último suspiro, Thompson foi capaz de desviar do soco e o punho de Catastrophe foi de encontro com o chão. Ele se mexeu um pouco em baixo de Catastrophe e pegou uma pequena faca que estava em escondida em sua calça. Antes que eu pudesse gritar o nome de Catastrophe, ele a esfaqueou abaixo de suas costelas.

Ela parou rapidamente, pois com certeza havia sentindo a lâmina perfurar sua pele e a dor rapidamente deve ter irradiado por todo o seu corpo.

Catastrophe levantou cambaleado e vi uma pequena poça vermelha começando a nascer em sua blusa branca, grudando o tecido na sua pele.

Thompson se levantou e o seu rosto estava irreconhecível, se ele saísse vivo daqui hoje ele nunca mais teria uma boa aparência.

Novamente sua aura negra começava a se estabelecer, assim como sua postura superior.

Eu fiz menção em ajudar Catastrophe, mas Luke me impediu.

- Isso é entre Ele e Catastrophe. – Ele tentou apontar racionalmente. – Deixe, se a senhorita for irá morrer.

- O que? Mas ela está ferida Luke. – Eu tentei sair de sua mão, mas ele se mantéu no lugar.

- Ela não está morta, senhorita. Catastrophe é a única pessoa que pode enfrenta-lo, se você for lá agora ele matará as duas. Pense no seu irmão. – Luke disse apontando para Lorde Thompson e Catastrophe.

Tudo que podemos fazer é aguardar e rezar para que Catastrophe ganhe.

Eu olhei para ela e a vi ainda cambaleando com a mão sobre o ferimento. Balançava a cabeça algumas vezes e se curvou tentando pegar fôlego. Todos nós observamos ela a os poucos ficar ereta e novamente pronta para o combate.

Thompson não perdeu tempo.

- Hoje será seu fim. – Ele investiu contra Catastrophe com os braços abertos com intensão de agarra-la.

Porém Catastrophe se abaixou e puxou a metade da espada para fora da bainha. O punho da espada bateu contra o estômago de Thompson, rapidamente ela se jogou para o lado correndo em direção ao altar, enquanto tirava o resto da espada da bainha. Ela subiu na cama de ferro e a usou como impulso, pulando contra Thompson que estava curvado ainda sentindo a dor do primeiro golpe.

A lâmina de sua espada encontrou o ombro esquerdo do Lorde e a afundou até o seu cabo. Catastrophe se pendurou nas costas do homem e retorceu a espada, ele soltou um grunhido tão alto que rebateu por toda a sala causando um enorme eco.

Porém antes que ele caísse, Thompson a agarrou pelo colarinho e sussurrou algo perto de seu ouvido.

Finalmente Lorde Thompson cairá no chão de pedra e de pouco em pouco seu corpo ia se transformando em cinzas.

Catastrophe se virou para mim e seu rosto estava completamente pintado por sangue e sua blusa cada vez mais molhada e pintada por um vermelho escuro. Ela deu um sorriso cansado e percebi que suas vibrações estão fracas e inconstante.

- Acho que já podemos ir... – Ela sussurrou, enquanto guardava a espada em sua bainha com dificuldade. Ela deu alguns passos em minha direção, mas oscilou.

Eu e Luke rapidamente demos suporte a ela e cuidadosamente a levamos para bem longe dali.

Antes de sairmos da casa fechamos o quadro e conferimos se realmente estava selado.

Luke tirou seu sobretudo e jogou nas costas de Catastrophe com cuidado.

O mordomo ainda estava desacordado, e pedi para que ele não se lembrasse dos nossos rostos.

Ao chegarmos a carroça colocamos Catastrophe lá dentro e Luke pagou o menino que ainda estava aguardando para receber a outra metade do pagamento.

- Vá e chame o Doutor Franco para nos ajudar. – Falei enquanto fechava a porta, antes de dar uma última olhada em Catastrophe que estava com os olhos semicerrados e subia na carroça para controlar os cavalos. – Ele não mora muito longe daqui.

Joguei um lenço que tinha para Luke.

– Limpe o rosto e não demore. – Bati com as cordas nos lombos dos cavalos e parti em direção para casa.

Catastrophe simplesmente não poderia me deixar agora.

O medo de Catastrophe – Capítulo 11

Com grande dificuldade eu subia as escadas de minha casa com Catastrophe se arrastando, apoiando praticamente seu peso todo em cima de mim. Cuidadosamente a depositei na cama no quarto de hóspedes, empilhei os travesseiros atrás de suas costas, tentando coloca-la de maneira mais confortável possível.

Ela gemia de dor a cada movimento que fazia.

- Vai ficar tudo bem, eu prometo Catastrophe. – Me sentei do seu lado colocando a mão em sua testa.

- Eu sei Victoria. – Ela disse com a voz bastante grogue antes de sorrir fracamente.

Eu respirei fundo e tomei a liberdade de levantar calmamente a blusa de Catastrophe. Eu podia sentir seus olhos em cima de mim e rapidamente sua aura tremulou um pouco mais forte.

Afastei com cuidado o tecido para ver o ferimento melhor, ela acabou gemendo em dor e suas mãos se fecharam tentando aliviar a tensão que seu corpo estava causando.

Eu não soube julgar a gravidade, mas o ferimento já não sangrava e a lâmina não parecia ter perfurado tanto sua pele, ao menos não de maneira aparente.

Meus olhos passearam pela sua barriga plana e subiram para os seus seios que ainda estavam cobertos pela blusa. Eu simplesmente não resisti e meus dedos se arrastaram levemente pela pele quente de sua barriga, subindo até próximo de seus seios.

- Victoria. – Ela chamou a minha atenção com sua voz rouca.

Sua mão fechou em volta do meu punho, levando até seu peito, eu sinto a macies do seu seio esquerdo, mas também consigo sentir seu coração bater de maneira descompassada.

- Eu quero muito isso também. - Ela sorriu engolindo com dificuldade.

Me inclinei levemente e beijei seus lábios.

- Eu sei.... Me desculpe. – Eu sorri de volta. – Eu vou limpar esse ferimento até o doutor chegar. Acho que você teve sorte, seu ferimento parou de sangrar.

- Eu tenho sorte. – Ela disse fracamente, mas ainda sim de maneira gentil.

Eu vou até o banheiro pego algumas toalhas de rosto e uma pequena vasilha de porcelana, onde enchi de água.

Voltei para o quarto e me sentei ao seu lado e vagarosamente com extremo cuidado

comecei a limpar em volta do ferimento.

Catastrophe me olhava com seus olhos negros com fascínio, ela gostava da atenção que eu dava para ela.

Sua respiração era continua e lenta, gemia uma vez ou outra, quando me aproximava muito do ferimento.

- Obrigada. – Catastrophe disse baixinho.

- Pelo o que? – Indaguei concentrada em seu ferimento.

- Por estar aqui e cuidar de mim.

Ah garota, não faça isso comigo. Por favor. – Pensei mordendo o lábio inferior.

Constantemente eu tinha que lembrar que ela fazia parte do meu plano que ela era ou Pietro.

Sacudi a cabeça e respirei fundo.

- Madame Victoria? – Ouvi a voz de Luke.

Sai da cama e fui até a porta do quarto, me inclinei para frente e falei alto.

- Estou no quarto dos hospedes.

Não demorou muito para que Luke e Franco entrassem no quarto.

- Senhorita Burke. – Franco estendeu a mão para mim e eu educadamente o cumprimentei.

Franco era baixo e com uma barriga saliente, tinha um bigode branco um pouco torto e o seu cabelo estava preso com uma fita era da mesma cor que o seu bigode.

- Minha amiga se feriu e gostaria que desse uma olhada nela. – Falei sem rodeios, querendo cuidar de Catastrophe o mais rápido possível.

Eu dou espaço para que ele fosse até a cama. Doutor Franco colocou sua maleta de couro gasta no chão e sentou ao lado de Catastrophe, onde anteriormente eu estava. Os olhos dela estavam atentos e sua respiração era lenta.

Com cuidado Doutor Franco viu a ferida de Castrophe e examinou colocando os dedos em volta do ferimento, fazendo com que ela gemesse em protesto.

- Seja lá o que sua amiga tenha aprontado. – Ele falou se virando para mim, enquanto tirava o seu casaco e me entregava. – Foi feio, mas não tão ruim assim. Não foi tão profundo e o sangue coagulou rápido, algo raro nesses casos. Ela teve sorte, deve ter ocorrido uma tontura, mas ela irá se recuperar.

Doutor Franco sorriu e arregaçou um pouco suas mangas.

- Acho que alguns pontos e passar um emplasto que irei deixar com a Senhorita Burke para passar em você será o suficiente, em poucos dias estará nova em folha. – Doutor Franco dizia com um sorriso bondoso para Catastrophe.

Franco se inclinou para abrir sua maleta e de lá tirou uma seringa e uma pequeno fraco transparente com um liquido e um elástico amarelo.

- Para que isso? – Catastrophe segurou o punho do homem que segurava a seringa e a afastou do seu corpo, gemendo em dor.

Franco gentilmente retirou sua mão do aperto de Catastrophe e sorriu mais uma vez para ela.

Doutor Franco era um homem de coração bom, ele por inúmeras vezes me ajudara quando me feria e perdia o controle das coisas. Em muitas madrugadas Franco passava em claro comigo, monitorando o meu melhoramento.

- É um remédio para que você não sinta tanta dor, enquanto eu faço os pontos e um anestésico para aliviar a dor também. – O doutor disse enquanto colocava a seringa dentro do frasco e o virava de cabeça para baixo.

Ele puxou a haste da seringa e olhou para o medidor.

- Victoria? – Sua voz saiu trêmula.

Catastrophe estava com medo de agulhas, ela tinha acabado de enfrentar um mestre das trevas, um demônio poderoso e estava com medo de uma pequena inofensiva seringa. Parecia uma criança perdida com os olhos grandes e brilhantes pedindo um por favor silencioso para que eu a tirasse ali.

Eu tive que tampar a boca com os dedos para reprimir um riso com seu olhar infantil e incerto.

- Ei, fique tranquila. – Eu tentei assegura-la com um sorriso reconfortante e mínimo.

Às vezes me perguntava como ela conseguia ser assim, entre a inocência e a sabedoria.

Eu não podia negar que estava feliz em vê-la bem, estava feliz por ela ter medo de agulhas e não de criaturas.

Felicidade?

Um sentimento que não lembrava de sentir, fazia muito tempo desde que eu sentira isso e Catastrophe era culpada por esse sentimento que começava a aflorar em mim novamente.

O certo agora não era experimentar esse sentimento, meu irmão estava perdido na escuridão e Catastrophe, bem ela era minha isca.

Mas eu deveria ter esperança, não era isso que meu irmão e Catastrophe falavam o tempo inteiro para mim.

Eles iriam se dar muito bem.

- Minha querida. – Eu contornei a cama e sentei do outro lado me inclinando um pouco demais para cima de Catastrophe. – Prometo que será apenas um desconforto.

Acabei por beijar sua testa, não me importando com os dois espectadores do quarto.

Franco olhou sob os seus cílios e arqueou suas sobrancelhas peludas.

- Senhorita Burke era certa. – O doutor falou aproximando lentamente prendendo o elástico no braço de Catastrophe.

Franco colocou a ponta da agulha sobre a pele da dobra do cotovelo e mergulhou a ponta.

Catastrophe agarrou minha mão e apertou, mordendo o lábio inferior. Seu corpo ficou tenso e seus olhos se fecharam apertadamente.

- Prontinho. – Franco tirou a agulha e o elástico do braço de Catastrophe.

Ele depositou a seringa usada e o frasco em cima de criado-mudo ao lado da cama. Se agachou de novo para novamente abrir sua maleta e pegar outra seringa e frasco.

- Mais agulhas? – Catastrophe ainda apertava minha mão e vi seu rosto sendo drenado, ficando completamente pálida.

- Sim, eu terei que fechar o ferimento e isso vai ajudar a você não sentir tanta dor. Eu prometo que serei rápido. – Doutor Franco disse, enquanto novamente fazia o mesmo procedimento de colocar o liquido dentro da seringa.

Catastrophe protestou novamente e dessa vez mais alto.

- Olhe para mim. – Ordenei.

Ela virou o rosto e me fitou ainda mordendo o lábio inferior.

Sua aura estava agitada, tornando-se cada vez mais forte na medida que passava o tempo.

- Vou começar. – Doutor Franco avisou.

Eu fitava Catastrophe dentro dos seus olhos, em nenhum momento desprendi do seu olhar, queria a sua atenção para pensar no ferimento ou no fechamento dela. Seu maxilar ficou tenso e seu nariz dilatava a cada vez que percebia que Franco mexia as mãos.

Eu acariciei seu ombro com a mão esquerda, já que com a direita ela ainda segurava.

Ela estava suando e claramente nervosa, mas seus olhos não desviavam dos meus.

Quem a veria assim, iria pensar ser uma moça, praticamente uma donzela indefesa com medos de agulha. Mas na realidade ela era a pessoa mais corajosa que conheci, não tão somente pelo seu desbravamento contra a escuridão. Mas em tudo no que acredita e defende.

Ela era um verdadeiro mistério para mim, um mistério no qual curiosamente procurava a desvendar. Eu sei que não poderia fazer isso, que minha missão era a troca, mas era inevitável não querer consumir Catastrophe. Mesmo a conhecendo tão pouco tempo eu já confiava nela.

Luke e Catastrophe nesse momento eram as pessoas que saberia que poderia contar.

- Doutor, você está bordando minha pele ou o que? Está demorando demais. – Catastrophe riu fracamente tentando manter seu humor.

Nós três sorrimos

- Pronto! – Franco disse pegando uma tesoura e cortando o fio preto rente a pele. – Daqui uns dias eu passarei aqui para tirar os pontos.

- Não precisa Doutor Fran, já tirei alguns pontos em minha vida, acho que posso ajudar a Senhorita Catastrophe. – Luke se pronunciou orgulhosamente com as mãos para trás.

- Ótimo.

O médico bateu as duas mãos juntas e sorriu.

- Obrigada Doutor por vir assim tão rapidamente. – Eu disse afetuosamente.

- Não a de que, senhorita. Ainda bem que calhou de hoje ser meu dia de folga do hospital.

Franco começava a guardar seu material usado delicadamente em sua maleta surrada.

- Devo apenas dizer que essa garota teve sorte. Se a faca entrasse um pouco mais inclinada ela se aforaria no próprio sangue.

- Sim, ela teve. – Eu disse seriamente, antes de voltar meu olhar para Catastrophe.

Minha mão ainda estava entrelaçada com a dela.

Sua respiração estava ficando calma e o seu corpo junto com os remédios e o cansaço estava finalmente se dando por vencido. Ela já estava de olhos fechados, praticamente ressonando

- Efeito do remédio. – Franco disse pegando sua maleta e tirando lá de dentro um frasco grande, quase do tamanho de um copo de whisky e lá havia um liquido pastoso amarelado. – Eu quero que você aplique duas vezes no dia. Isso irá cicatrizar mais

rápido, deixe o ferimento respirar um pouco também.

Enquanto ele instruía as informações ele mesmo mergulhara os dedos no liquido e passava no ferimento de Catastrophe com cuidado.

Finalmente ele colocou o frasco em cima do criado mudo e limpou os dos na toalha que anteriormente limpava o sangue de Catastrophe.

- Acho que meu trabalho acabou por aqui. – Ele falou colocando suas mangas para baixo e colocando seu palito que estava na poltrona no canto do quarto.

- Por favor Luke fique aqui caso Catastrophe acorde e depois desça com as toalhas e a cumbuca para lavar.- Disse me levantando para acompanhar Franco até a porta.

- Devo seguir alguma dieta?

Eu e Franco descíamos a escada lado a lado.

- Evite coisas muito pesadas. Como carnes, dê sopa e muita água. Ao menos nos primeiros três dias. Você sabe, o de sempre. – Ele olhou para mim com um sorriso confidente.

Eu apenas acenei.

- Obrigada Franco. Eu mandarei o dinheiro ainda essa semana. – Eu abri a porta da frente, mas ele não saiu.

- Seja quem for essa garota, Victoria. Ela está te fazendo bem. Desde a última vez que te vi, seu semblante mudou radicalmente. Acredito que ela seja uma boa amiga. – Ele colocou a mão no meu ombro e apertou. – Espero que você continue assim. Bem. – Ele sorriu, antes de tomar um passo para trás e sair porta a fora.

Eu também Doutor.

Eu fechei a porta atrás de mim e olhei para o topo da escada, Catastrophe estava em minha casa. Seu cheiro e sua aura agora impregnariam o quarto e a cama. Eu suspirei e de repente me vi sentindo falta dessas duas sensações. Segurei meu impulso momentâneo de correr para escadas e ficar ali com ela.

Eu ainda me perguntava, como diabos tudo isso aconteceu. Como de maneira quase abrupta me vi em volta dela, praticamente enfeitiçada pelo o que ela estava me oferecendo. As coisas dentro de mim ficavam cada vez mais difíceis, as escolhas eram cada vez piores. Seria tão mais fácil me afastar dela, mas eu precisava dela. Ela era minha isca e minha esperança.

Ela podia me dar um começo de uma nova vida ou a destruição dela.

Fiz Catastrophe como meu pilar principal. Eu realmente gostava de sofrer, gostava de

me machucar. Desejei que Catastrophe não tivesse poder sobre mim, pois ela tinha e a cada dia que passava ela teria mais. Eu não podia reclamar, gostava daqui mesmo que não desejasse.

Comecei a subir as escadas e a cada passo que eu dava, sabia que ia para o começo de alguma coisa e que seja lá o que fosse, esperava não acabar mal.

Calma, tudo irá se resolver. Tudo ao seu tempo. As coisas acontecem por elas mesmas. Ouvia o discurso positivista de Catastrophe em minha casa.

Ah, garota eu espero que você tenha razão. Porque nada se resolver eu vou merecer a morte.

Entrei no quarto e pedi para Luke que fizesse uma sopa para Catastrophe.

Ele acenou com as toalhas e com a cumbuca em mãos e se retirou fechando a porta do quarto.

Fui até a cama e me deitei ao lado de Catastrophe que ressonava tranquilamente, seu peito subia e descia lentamente.

Depositei um beijo em seu ombro e comecei a acariciar levemente sua barriga. Eu simplesmente não conseguia mantar minhas mãos longes de Catastrophe. Era outra coisa além de sua aura e seu cheiro que estava ficando viciada.

- Victoria? – Ela gemeu meu nome e tentou se mexer, mas eu a impedi.

- Descanse, minha querida. – Disse baixinho, roçando meus lábios levemente os no dela.

- Não saia do meu lado. – Ela pediu num ronronar que era praticamente impossível dizer não.

Sua mão parou em cima da minha e a senti um pouco gelada, algo que me surpreendera já que sua pele era mais quente do que o normal. Cheguei à conclusão que deveria ser por tudo que passara hoje. A luta, a falta de sangue, a luta e as agulhas.

- Eu não irei. Quando você acordar a primeira coisa que irá ver serei eu.

- Promete?

Seus olhos estavam fechados e sua cabeça se esfregou preguiçosamente contra os travesseiros.

- Sim, minha querida. Eu prometo.

Ela voltou a relaxar com um lindo sorriso pintado em seus lábios.

Agora eu observava e seu semblante era calmo e relaxado, rapidamente Catastrophe já estava no sono pesado.

Sua aura estava tranquila e cada vez mais forte. Eu estava aqui entre ela, sentindo o abraço quente que a aura me oferecia.

Eu deitei minha cabeça no ombro de Catastrophe e fechei os olhos, querendo sonhar com um mundo onde Eu, Catastrophe e Pietro pudesse viver sem a escolha.

Queria me iludir no mundo dos meus sonhos onde a escuridão não era uma opção.

Eu sou o Inverno e ela o Verão - Capítulo 12

- Victoria? – Eu ouvi meu nome sendo chamado ao longe.

A nevoa do sono ainda estava pesada em minha cabeça.

- Victoria? – Eu reconhecia a voz que estava me chamando.

Eu abri os olhos e vi Catastrophe me fitando apoiada em seu cotovelo.

- Catastrophe? – Falei roucamente de quem acabara de acordar.

- Boa noite, minha doce Victoria. – Ela disse baixo antes de beijar meus lábios.

- Noite? – Eu perguntei confusa franzindo o cenho.

- Sim, já está de noite.

Virei minha cabeça e olho para a janela, lá fora o céu estava escuro com algumas estrelas espalhadas.

- Desculpe te acordar, mas o jantar está ficando quase pronto e você precisa tomar um banho para relaxar.

Catastrophe se sentou na cama e sorriu.

Eu a olhei e vi que seu cabelo louro estava molhado e caia pesadamente como uma cascata. Seu colo estava praticamente nu, usando apenas uma fina camisola branca. Ela era minha, usado ainda quando era mais nova.

Ficara tão melhor nela no que em mim.

Seus seios e seus mamilos desenhavam perfeitamente contra o tecido da camisola e eu não pude deixar de notar, mesmo ainda sonolenta algo despertou dentro de mim.

Desejo.

Deus, ela estava linda.

- Espero que não se importe por pegar emprestado. – Catastrophe olhou para baixo

mirando o que estava vestindo.

- De maneira nenhuma, aliás ele fica muito melhor em você do que em mim.

Eu me sentei ficando em sua frente e a beijei sem censura. Um delicioso beijo que me fez suspirar e sentir uma deliciosa reação entre as minhas pernas.

- Victoria... – Meu nome saiu como um aviso. – O seu banho vai esfriar, eu mesma preparei. Eu estarei te esperando na sala de estar. – Ela me beijou mais uma vez, mas apenas um roçar de lábios.

- Você poderia ter me acordado para tomamos um banho juntas. – Arrisquei procurando seus olhos.

Ela riu de modo desavergonhado.

- Quando finalmente ter você para mim, quero que seja por completo não algo rápido na banheira para jantarmos. Além do que ainda estou ferida, não posso fazer muito esforço físico.

- Você tem razão, minha querida. – Disse finalmente.

Acariciei seu pescoço e passei pela sua nuca fazendo uma pequena pressão para ela vir um pouco mais para frente e novamente a beijei.

- Espere que não irei demorar.

Me levantei e fui direto para o banheiro.

Eu realmente poderia me acostumar com isso, acordar ao lado de Catastrophe e vê-la assim seminua com um lindo sorriso nos lábios.

Mas a realidade sempre batia em mim.

Escolha.

Sacudi a cabeça isolando mais uma vez esse pensamento.

Por que tinha que ser ela? Por que Catastrophe tinha que ser minha troca? E por que diabos meu irmão fora capturado?

Seria tudo mais fácil se minha vida tivesse acabado a 3 anos atrás.

Após o banho acabei por vestir calças largas e uma blusa de seda.

O jantar devo dizer; transcorreu tudo maravilhosamente bem, a lareira da sala de estar estava acessa e o ambiente estava com muito agradável.

Ficamos sentadas no tapete entre as poltronas de frente para o a lareira que estalava uma vez ou outra.

Luke fizera por fim uma deliciosa sopa de legumes com suco de morango. Catastrophe

chegou a repetir por duas vezes, sendo assim não falando muito. Ela apenas sorria e me olhava trocando algumas palavras.

Acho que no final das contas o diálogo não foi muito importante, estávamos verdadeiramente desfrutando a companhia que uma podia proporcionar a outra.

- Durma comigo. – Catastrophe não perguntou, ela praticamente me intimou de maneira gentil.

Eu a olhei enquanto subíamos as escadas.

- Catastrophe, seria uma boa ideia? Quero dizer, eu quero te tocar a todo instante. – Confessei sem pudor.

- Totalmente reciproco. Mas desde que adormeci do seu lado essa tarde eu descobri que gostei de dormir com você. A tempos que não relaxava tanto.

- Apenas dormir, não é?! – Indaguei.

Eu não iria mentir, adoraria nesse momento ser amparada pelos braços de Catastrophe e não apenas ir para cama dormir, o desejo que nós duas dividimos era quase palpável. Mas nesse momento, realmente não parecia uma boa hora. Ela deveria descansar e eu deveria segurar meus impulsos.

- Dormi apenas. Obviamente que terei de te beijar. – Ela me ofereceu um sorriso amplo e mostrou seus dentes brilhantes, percebi que um deles era um pouco torto, mas absolutamente não deixava ela menos atraente.

Eu ri baixinho.

- Claro. Eu posso sobreviver essa noite apenas com beijos. – Falei enquanto nervosamente colocava fios de cabelos para trás da minha orelha.

Deitamos na cama do quarto de hospedes, mas antes mesmo que eu pudesse me ajeitar Catastrophe me assaltou com sua boca faminta com um beijo de urgente, que fez gemer.

Finalmente depois que precisei de um pouco de ar afastei-a com gentileza.

- Minha querida, assim não irei me comportar. Por favor. – Eu disse roucamente sentindo meu corpo reagir a excitação.

- Desculpe, você tem razão é só que... – Ela parou para lamber os lábios, parecendo provar o meu gosto. – Eu nunca senti isso tão forte.

Eu sorri.

Nem eu.

- Acalme-se, venha melhor descansarmos um pouco mais, mas antes eu devo passar o emplasto em você. – Falei enquanto me virava para pegar o frasco do criado mudo,

junto com uma toalha branca que Luke tinha posto, enquanto arrumava o quarto.

Eu abri o pote e mergulhei dois dedos no conteúdo. Catastrophe se cobriu até a cintura com o cobertor felpudo e levantou a camisola. Foi aí que eu percebi que não vestia absolutamente nada por baixo.

Eu definitivamente preciso de outro banho.

Tentei me concentrar exclusivamente no ferimento, lembrando o tempo todo que ela poderia ter morrido. Para assim afastar qualquer pensamento luxuriante que pudesse plantar em minha cabeça.

Limpei o restante do conteúdo que sobrara na minha mão na pequena toalha e coloquei tudo novamente no criado mudo.

Me deitei e Catastrophe deitou de lado para me olhar melhor. Ela chegou um pouco mais perto e colocou sua mão em minha cintura, onde por cima da blusa começava a passear levemente com os dedos ali na área.

No começo do carinho meu corpo pediu por mais, ele se estruturava para gritar por Catastrophe, mas com passar dos minutos sua aura estava extremamente relaxada e branda. E o invés do seu acariciar me despertar o sono começou a me perturbar, meus olhos ficavam cada vez mais pesados e meu corpo mais pesado.

Eu realmente poderia me acostumar com isso.

Os dias foram passando tranquilamente, já havia 3 dias que Catastrophe estava aqui em casa. Ela estava se recuperando de maneira inacreditável, para ser sincera eu nunca vira alguém se recuperar tão rápido quanto ela.

Pedi para que Luke encerrasse a conta de Catastrophe na pousada e pegasse seus pertences, ela agora dormiria em minha casa. Sob a minha companhia.

O frio estava ficando mais severo. Eu amava o inverno, e ele já estava chegando. De todas as estações essa era sem dúvida minha preferida. Tudo tão absolutamente branco e se tinha uma coisa que eu adorava era a neve.

Desde a chegada de Catastrophe em minha casa, a aura dos cômodos mudou drasticamente, antes era tudo absolutamente pesado. Agora as coisas eram leves, mais fáceis de respirar. A escuridão dos cantos da casa, fora substituída por luz e uma sensação de quase alegria.

Eu ficava o dia inteiro ao seu redor, como um pássaro que insistentemente ia em direção ao sol. Conversava com ela sobre coisas corriqueiras e descobria mais uma

face de Catastrophe, uma ótima ouvinte e conselheira que apesar da pouca idade que aparentava, parecia ter uma alma milenar.

Ela conseguiu tirar tudo sobre mim, minha infância, minha juventude, algumas coisas sobre o meu dom, minha primeira vez com um homem e com uma mulher. Obviamente, algumas explicações eu omitia ou não contava com detalhes.

Expliquei exatamente como fora a noite do sequestro do meu irmão, sem tirar nem por. Era em momentos como esse que ainda prendia as lágrimas que ardiam em meus olhos, eu nunca tinha contado isso para ninguém. Simplesmente contei para uma mulher que ainda estava conhecendo. Nossa primeira palavra trocada, fazia recém uma semana e Catastrophe já sabia basicamente tudo sobre minha vida.

Ela percebeu o quanto meu coração ainda estava ferido e nada fora cicatrizado. Quando ela me ouvia atentamente e notava meu desconforto ou tristeza, seus braços automaticamente me envolviam para me trazer contra o seu peito e me abraçava colocando seu queixo em cima de minha cabeça, até que eu dormisse num sono tranquilo.

Eu também expliquei que as auras são como o cartão de visitas para as pessoas, elas imprimiam perfeitamente as emoções e os sentimentos das mesmas. Tudo isso era recebido até a mim em ondas, na realidade como se fossem notas musicais.

- E qual seria minha nota musical? – Catastrophe perguntou sentada confortavelmente na cama enquanto bebericava o chá de hortelã e me fitava.

- Você, minha querida? – Sorri sentada na poltrona de frente para cama, apenas de pijamas. – É uma orquestra inteira.

Ela riu alto jogando a cabeça para trás em divertimento de meu humor.

Ela estava linda, apenas com uma blusa cinza, com um cobertor em volta de suas pernas e seu rosto ainda marcado do travesseiro, pois havia acabado de acordar.

A pequena lareira do quarto estava acessa e a janela totalmente fechada, lá fora chovia consideravelmente e ventava um pouco também.

Eu mesma passava a ficar mais leve com os nossos dias corriqueiros, não sentia sequer alguma presença ameaçadora em meus ombros. Minha própria postura mudara um pouco durante esses dias, me dava o luxo de sorrir mais, mesmo que ainda constantemente me censurando.

Obviamente que ao mesmo tempo que estava me sentindo assim, algum lugar da minha cabeça mandava eu tomar atitudes em relação ao meu irmão. Eu tinha a sensação que estávamos ficando sem tempo, mas eu também sentia que coisas ainda estavam por vir. Iria seguir o que Catastrophe disse, deixa apenas acontecer, as coisas se resolvem por

si só.

Passamos a dormir juntas na mesma cama, desde de seu incidente. Ainda que não ultrapassássemos qualquer linha, apenas beijos e pequenas caricias que já me faziam ficar perdida, o meu centro formigava pedindo por ela.

Eu em minha vida inteira me acostumei a dormir sozinha, mas ao sentir o calor de Catastrophe ao meu lado durante a noite, me senti absolutamente protegida e envolvida por um tipo de manto que tinha a sensação de que nada aconteceria comigo. Ali parecia que a luz existia.

Nosso relacionamento estava agridoce, eu conseguia sorrir de algumas piadas bobas que ela fazia, não esperava que seu senso de humor fosse tão bom.

Mesmo querendo deixar as coisas acontecer, uma Victoria ainda independente procurava meios na cabeça para encontrar alguma pista de Pietro. Eu sabia que as coisas iriam se desenrolar, só que era praticamente inevitável a viciada Victoria trabalhar para uma solução, sozinha.

Eu sempre voltava à estaca zero quando pensava em alguma coisa, parecia que já havia tentado tudo. Ou ao menos quase tudo e novos planos não chegavam na minha cabeça. Porém, em uma tarde uma ideia pairou sobre minha cabeça. Uma péssima ideia que poderia dar certo.

Deveria ou não contar para Catastrophe?

Uma parte de mim sentia que deveria dar explicações plausíveis para ela. Que agora de alguma maneira eu já não poderia fazer planos sozinha.

Estávamos na sala de estar. Eu estava sentada no sofá e Catastrophe também, porém suas pernas descansavam em minhas coxas e suas costas apoiadas no braço do sofá.

Nesse momento olhando através da janela, o sol começava a se esconder ao longe e a noite aparecia aos poucos, hoje ao contrário dos últimos três dias faria uma linda noite fria com estrelas.

Resolvermos acender a lareira e Luke com uma paciência eterna acariciava o fogo para que ele ficasse cada vez mais forte.

Convidei Luke para nos acompanharmos e ele se sentou na poltrona encarando o fogo. Estava um silêncio harmonioso, cada um peso em seus pensamentos, escutando as madeiras estalarem e a pequena brisa que batendo contra as arvores e ouvindo as folhas chacoalharem.

Uma penumbra agradável e o cheiro de jasmim reinavam no ar.

Mas ainda algo me incomodava, eu não saberia guardar esse plano para conseguir mais

uma pista sobre meu irmão.

Mesmo Catastrophe sendo a minha dualidade entre minha isca e confidente eu iria contar a ela.

Esperava que ela me apoiasse, mesmo levando ela ao abismo.

- Eu tenho um plano para tentar ter alguma pista sobre meu irmão. – Falei rapidamente, enquanto interrompia o silencio agradável.

Luke e Catastrophe se entre olharam. Nesses últimos dias os laços dos dois tornaram-se mais firmes e próximos. Conseguiam conversar de maneira sensata e Catastrophe assim como eu acabamos por descobrir coisas mais sobre meu mordomo.

Ontem mesmo durante a tarde pegara Luke e Catastrophe fazendo uma torta de morango. Ele pacientemente ensinava cada passo da receita para ela. Os dois tão concentrados que nem notaram minha presença.

Achei Catastrophe ainda mais encantadora, sua testa estava suja de farinha e suas mãos pintadas de vermelhos. Seu olhar brilhava, naquele momento Catastrophe parecia ter 10 anos de idade.

- E o que seria? – Catastrophe se ajeitou no sofá puxando a manta em sua volta.

Ao contrário de mim, descobri que Catastrophe odiava inverno e frio. Ela amava o verão e o quente.

Catastrophe definitivamente era o verão e eu o inverno.

Engoli com dificuldade e me levantei com cuidado, levantando as pernas de Catastrophe para passar e novamente coloca-las sobre o estofado do sofá.

Fiz uma pequena trajetória pequena até a lareira e fiquei encarando a dança que o fogo fazia. Não sei, se seria capaz de olhar Catastrophe a o dizer isso. Sei que provavelmente ela não seria a favor, porém era minha única alternativa.

Eu precisava alimentar um pouco da minha esperança com uma tentativa de uma pista, mesmo que tenha que deixar as coisas acontecerem por si só. Precisava encontrar meu irmão e isso significava uma escolha.

Catastrophe ou Pietro.

Felicidade de um, infelicidade do outro.

Seja qual for, eu jamais seria completa.

- Victoria? – Sua voz rouca saiu baixa e doce.

- Sei que provavelmente você irá se opor Catastrophe, mas não vejo outra escolha. – Mordi o lábio inferior com força e fechei o punho momentaneamente.

- Conte... O que é? – Ela pediu de maneira frágil, não como uma ordem.

Cruzei os braços sobre o peito e me abracei, parecia que de alguma maneira eu mesma queria me consolar. A aura de Catastrophe estava calma, acho que ela queria me fazer sentir bem. A sensação era de que Catastrophe queria me abraçar, mas ela não se levantou.

Luke estava em silêncio, poderia apostar que seu olhar estava longe e encarava algum ponto fixo da sala à espera da notícia que eu iria dar e após recebe-la não iria esboçar qualquer emoção.

- Eu não sei como dizer isso, ou como fazer isso, não de maneira proposital – Eu me virei e olhei para Catastrophe. – Eu li em algum tempo atrás em contatar...

- Não. – Catastrophe disse secamente me surpreendendo com seu tom de voz.

Eu franzi o cenho sem entender a resposta aborrecida dela. Seu olhar me fitava como ela soubesse exatamente o que iria dizer.

- Mas você nem ouviu tudo. – Respirei fundo dizendo um pouco irritada.

- Victoria, você não fará ritual algum, muito menos invocar propositalmente uma criatura das sombras. – Ela se levantou e de repente pareceu ser mais alta do que eu e a sua voz era lasciva sem vacilo. – Você não sabe lidar com isso e se vier algo pior, alguém ou algo que não sabe de nada e te queira fazer algum mal. Ou pior sabe exatamente o que você quer e ainda sim fizer algo pior.

- De jeito nenhum. – Por fim ela falou.

Mas, como isso era possível? Quero dizer, como ela poderia saber do que eu estava indo falar.

Eu pisquei algumas vezes tentando entender, tentando descobrir como ela havia descoberto. Será que era realmente tão previsível assim para ela?

Sua aura ainda estava amena, sua indignação apenas aparecia em sua voz e sua atitude corpórea, mas não sua aura.

Eu recuei um passo. Ela realmente me pegou desprevenida e me senti envergonhada pelo meu plano ser cortado antes mesmo de discutir o assunto.

- Olhe...- Eu tentei organizar as ideias em minha cabeça sacudindo-a levemente. – Como? – Indaguei gaguejando um pouco.

- Não interessa como eu...- Sua voz aumentou um pouco, mas algo fez com que ela hesitasse.

Respirou fundo e se aproximou lentamente ignorando o fato que Luke estava no mesmo

cômodo que a gente. Ela pegou minha mão e trouxe até seus lábios.

- Escute Victoria, me desculpe. – Sussurrou. – Eu acho que sou apenas uma pessoa com boa intuição, eu li alguns livros que estavam no criado mudo do quarto. Eu apenas conectei as coisas. – Ela falou baixinho acariciando minha mão esquerda. – Eu não quero que se fira, encontraremos um jeito eu sinto isso. Promete não fazer nenhuma besteira?

Eu a fitei e seus olhos estavam irresistivelmente convidativos, eu queria beija-la.

- Prometo.

Menti.

Me senti suja, mas eu tinha que tentar. A antiga Victoria que andava por suas próprias pernas tinha que tentar uma última vez.

Eu apenas esperaria ela dormir e faria o que tinha que fazer, ia ser algo rápido e rezava para ser indolor.

Suas feições se suavizaram, mas ainda era possível sentir um pouco da tensão entre nós.

Eu tinha quase certeza que ela sabia que eu estava mentindo. Mesmo me conhecendo poucos dias, Catastrophe parecia saber mais sobre mim do que qualquer outro que convivera a vida comigo.

Levou alguns minutos até tudo começar a se suavizar, finalmente Castrophe foi para o sofá me puxando junto a ela.

- Luke, você poderia preparar nosso desjejum. – Catastrophe pediu gentilmente com um sorriso nos lábios.

- Claro Senhorita Catastrophe. – Ele se levantou acenando para ela.

Ela esperou que Luke saísse para se deitar no sofá e me encaixou em cima dela com cuidado para que não fizesse peso em seu ferimento.

- Desculpe. – Murmurou entre o meu cabelo. – Não queria ter reagido assim de maneira tão rude. – Seus braços levemente colocaram-se em volta de minha cintura para me trazer em um abraço.

- Tudo bem. – Eu disse apoiando a cabeça em seu peito, enquanto fitava a chama dançante da lareira.

O desjejum ocorreu com algumas trocas de conversas, porém nada muito sério. Novamente eu já sentia aquela tensão em meu ombro, a escuridão que tanto ansiava hoje começara a nascer. Minha postura já começava a mudar e Catastrophe percebia

isso, pois a todo momento me olhava com seus olhos negros através de mim, como se estivesse sentindo que minha escuridão aumentando a cada segundo. Era a velha Victoria tornando-se independente pela última vez, conseguir meus objetivos pela escuridão, apenas mais uma vez. Não como Catastrophe havia me apresentado essa semana.

Ela sorria para mim acariciando minha coxa e perguntava se estava tudo bem e eu, claro mentia dizendo que sim. Tentava de alguma maneira desfazer a tensão com conversas corriqueiras. Porém Catastrophe em suas respostas sempre desviava, obtendo falas meio vazias. Era como procurar uma agulha em um imenso palheiro.

Ela sabia tudo sobre mim e não quase nada sobre ela.

Eu bebia Catastrophe com o olhar era minha pequena dose de lucidez, para que não caísse hoje na escuridão por total.

Deitei a cabeça no peito de Catastrophe. Mesmo depois do pequeno desjejum com poucas palavras entre nós a tensão já não era mais palpável. Fiquei um pouco aturdida após ver Catastrophe daquele jeito. Era estranho ver alguém assim, tão calmo e paciente à beira de esbravejar. Talvez a palavra certa para tudo isso seja preocupação. Vê-la irada comigo foi diferente, nunca tivera alguém além de meu irmão que verdadeiramente se preocupasse comigo.

Ainda me pergunto como diabos ela descobriu algo do meu ritual, ainda não acreditava que simplesmente foi pelo fato dela ter conectado tudo isso com os livros. Catastrophe tinha seus segredos e mistérios que ainda não conseguirá descobrir.

Em seus braços eu me sentia protegida, ainda reunindo coragem para fazer o ritual.

Ela acariciava novamente meu cabelo de maneira tranquila e continua. Qualquer seja o toque de Catastrophe eles eram quentes e simplesmente irresistíveis demais.

- Desculpe. – Ela se desculpava mais uma vez. – Eu não quis ser rude. – Seus braços se apertavam envolta do meu corpo. – Eu quero sua segurança.

- Eu entendo, Catastrophe. – Eu falei inclinando a cabeça levemente. – Eu só quero que entenda, que antes mesmo de te conhecer eu mexia com isso. Minha vida é isso. A minha caminhada é nas sombras e não sob a luz, era assim que eu conseguia as coisas. – Eu levantei minha cabeça e apoiei um dos cotovelos na cama. – A escuridão faz parte de mim.

- Eu sei que ela faz parte de você, mas não significa que você tenha que deixar a escuridão te dominar. Você não tem ideia do quanto é poderosa, do quanto pode mais do que realmente faz.

- Eu quero que você saiba Catastrophe, que nunca medi esforços para achar meu irmão.

Mesmo agora concordando com você. Eu sinto que estamos perto, eu sinto que as coisas irão acontecer, sozinhas – Olhei para ela dizendo seriamente. – Mas eu não sou uma boa pessoa Catastrophe. Não mesmo. Eu não sei, as vezes eu gosto dessa escuridão toda dentro de mim, mesmo que me faça sofrer. Eu me acostumei com ela.

- Todos nós temos coisas ruins dentro de nós Victoria, é isso que te faz humano. A imperfeição, faz parte da humanidade. Você é perfeita com as suas imperfeições. Você é assim. Por causa de suas escolhas e das situações que a vida te colocou. – Ela disse calmamente, piscando lentamente.

Eu respirei fundo ainda olhando para ela.

Por que para tudo Catastrophe tinha uma resposta. Tudo para ela tinha um porquê. As coisas em sua visão pareciam tudo tão mais fácil. Talvez fosse, talvez para pessoas normais que não tinham problemas com criaturas das sombras, demônios. Onde a escuridão para muitos era aterrorizante, para mim era um subterfugio.

Porém, Catastrophe me mostrou que isso não é bom. Ela era meu ponto de luz.

A velha Victoria mesmo teimando mais uma vez em caminhar nas sombras para pegar pistas do seu irmão, a nova Victoria confiava em Catastrophe.

Talvez fosse o destino que fosse ajudar a nova Victoria. Ou finalmente Deus iria ouvir e começasse a limpar as folhas mortas do meu caminho para que pudesse caminhar sem sujar meus pés.

- Deveríamos dormir. Aposto que amanhã teremos um dia cheio. – Ela sorriu gentilmente, antes de escovar seus lábios sobre os meus.

- Amanhã? – Eu indaguei ela surpresa.

- Sim, amanhã. – Seus olhos já estão fechados e ela faz com que eu deite novamente em seu peito. – Boa noite Victoria. – Sua voz sai baixa.

- Boa noite, minha querida Catastrophe.

Será que a nova Victoria irá começar a ter novas perspectivas.

Mas a velha Victoria estava lá, esperando sua querida Catastrophe adormecer e começar a caminhar na escuridão uma última vez, sozinha.

Na escuridão se conhece o desejo - Capítulo 13

Não sei quanto tempo se passou, mas ao ouvir o coração de Catastrophe compassar calmamente e sua respiração ficar mais longa e pesada, vi que era o momento ideal

para começar aquilo que deveria.

Catastrophe dormia tranquilamente, seu braço estava por cima de seus olhos cobrindo-os e o outro circulando minha cintura. Tentei me desvencilhar de maneira sutil, sem que pudesse acorda-la. Desci da cama e pisei nas pontas dos meus pés, pois o assoalho do quarto rangia de maneira bastante audível, ainda mesmo nesse silêncio apenas quebrado pela chuva que batia levemente contra a janela.

O quarto não estava completamente escuro. Duas velas acesas iluminava o quarto, uma em cima da lareira e outro do criado-mudo ao lado de Catastrophe. Aprendi que ironicamente Catastrophe não gostava de dormir na escuridão total.

Peguei a vela da lareira e atravessei todo o corredor escuro e frio até o meu quarto. Onde parecia estar um pouco fantasmagórico. Tinha esquecido que passara poucas horas no meu quarto desde que Catastrophe chegou em minha casa.

A energia do quarto ainda parecia um pouco com a antiga Victoria. Isso fez com que meu corpo tremesse involuntariamente.

As cortinas brancas dançavam contra o vento que passava das frestas das janelas fechadas e a chuva ali batia mais forte do que do quarto do hóspede.

Fui até minha prateleira e lá com a vela que estava acessa em minhas mãos distribui as chamas, para as outras duas que estavam ali, todas elas tinham um suporte metálico, para que não queimasse a mão ou evitasse que algo pegasse fogo.

Peguei as três velas com cuidado e as coloquei sobre o chão do assoalho de meu quarto formando um triângulo. Me posicionei no meio delas sentando sobre minhas panturrilhas.

Fechei os olhos deixando fluir a escuridão dentro de mim, era muito mais fácil deixar a escuridão entrar em mim do que a luz. Pois eu estava dentro dela praticamente minha vida inteira. Era deixar com que ela se aflorasse. Deixar que escuridão me envolvesse como um abraço terno. Deixei de tudo o que fosse mais de terrível me dominar.

O ar de repente pareceu mais denso, um pouco mais difícil de respirar. Sentia uma leve pressão em meus ombros, obrigando-me a apoiar minhas mãos no chão. Minha pele ficava com uma pequena camada de umidade fria.

A porta do meu quarto bateu fortemente. Abri os olhos assustada, mas não movimentei a cabeça, aliás não mexi qualquer musculo. Apenas meu coração que batia rápido, o medo havia se apoderado de mim.

Podia sentir uma respiração quente em minha nuca. Ouvi um grunhindo baixo perto de minha orelha, trazendo-me um terrível calafrio.

- Procurando-me? – A voz gélida e arrastada como de uma besta falou baixo.

Senti uma grande pressão em minha nuca uma mão comprida e áspera trazendo-me minha cabeça contra o chão. Meu rosto estava a centímetros do piso, virei a cabeça rapidamente na tentativa de vê-lo, porém eu não conseguia. Sua mão era muito forte, a criatura deveria ser monstruosa.

Eu ultrapassava qualquer obstáculo referente a medo. Meu corpo estava imobilizado, gritando por salvação. A antiga Victoria tentava batalhar contra isso, tinha que me concentrar. Eu estava ali por um proposito.

- Eu preciso saber onde está meu irmão. – Falei com dificuldade, estava imobilizada pelo o medo e pela criatura que me foçava contra o chão.

Sua aura era instável como a de Catastrophe, porém emanavam escuridão e terror. Seja quem for, não era uma criatura que eu encontrava sempre. Parecia ser tão poderosa quanto Thompson ou a criatura que havia sequestrado meu irmão.

- Continue como está, o seu ponto de luz está certo. Logo você vai me conhecer a verdadeira face do mal – A voz gélida da criatura novamente preencheu meu ouvido, seguido por uma pequena risada grossa de escarnio. – Você pensa que tem livre arbítrio? – Ele apertou ainda mais minha nuca, fazendo com que desta vez eu batesse minha fase contra o assoalho do quarto. – Logo terás o que deseja. A verdadeira face do mal, possui seu irmão. - Ele riu novamente.

Eu tentava me mover, mas qualquer movimento que eu fazia era inútil.

A criatura faz um movimento brusco e sua mão direita se apoia no chão perto de minha cabeça, onde finalmente conseguia ver um pouco de sua pele. Era de um azul bastante escuro, quase preto e as pontas de seus dedos transformavam-se em garras negras. Havia uma terrível cicatriz nas costas de sua mão que formava o mesmo símbolo que vira no esconderijo de Thompson, as três linhas verticais cortada por uma horizontal.

Sinto sua respiração perto do meu cabelo e fico enojada por sua aproximação, quase invadida por algo que não desejava.

- Em breve, Victoria. – Meu nome saiu em sua boca e tivesse a sensação de que iria vomitar.

Ele me pegou pelos meus cabelos pretos e rapidamente comecei a me debater, sentindo a dor constante no meu coro cabeludo. Ele me puxou para cima até que eu ficasse de joelhos, seja quem for essa criatura era muito mais forte do que eu. Era como Thompson ou a criatura que capturou meu irmão.

Ele então começou a soltar palavras pela sua boca, na qual eu não entendia e meu corpo ficava cada vez mais dormente e pesado.

- Catastr... – Minha garganta ficou seca incapaz de pronunciar qualquer coisa, balbuciava sem parar.

Um barulho alto.

A porta.

A porta do meu quarto foi aberta violentamente, eu fui capaz de olhar para o lado e vi Catastrophe com minha camisola branca, seus cabelos rebeldes marcados pelo travesseiro e sua espada brilhando com fome de sangue.

A criatura se assustou com o barulho, pois ele tinha interrompido suas palavras.

Catastrophe correu em nossa direção, seu rosto estava parcialmente coberto pelo seu cabelo, então não conseguia ver seus olhos direitos, mas pela sua aura senti que não estava gostando daquilo.

Ela esticou o braço para dentro do triângulo formado pelas velas e agarrou a criatura tirando-o lá de dentro.

Meu corpo no mesmo momento desabou no chão, eu me levantei pelos cotovelos, mas não conseguia ver a criatura direito. Pois Catastrophe havia se colocando entre mim e ele.

Catastrophe começou a empurrar violentamente a criatura com a espada empunhada a mão, para a outra ponta do quarto, onde a sombra era mais forte. Catastrophe, mantinha a espada perto do pescoço da criatura e a mesma parecia imóvel para atacar, apenas obedecendo e dando um passo de cada vez para trás.

A sombra do meu quarto estava literalmente abraçando a criatura, a prendendo nas trevas. A sua aura estava sumindo e ficando mais fraca, até que simplesmente sumiu. Assim como a criatura.

Catastrophe ainda estava de costas para mim, ela respirava calmamente. Eu me levantei mais um pouco, até finalmente ficar de joelhos sentada sobre minha panturrilha.

Ela se virou e andou em minha direção seu rosto estava baixo e ainda não conseguia ver seus olhos.

- Catastrophe? – Olhei para ela, minha voz saiu falhada. Estava envergonhada, por obedecer a velha Victoria e arriscar minha vida.

Tudo em vão, pois nada consegui.

O medo também ainda estava presente, eu havia traído minha luz e minha lucidez.

Ela largou a espada no chão produzindo um barulho alto e metálico. Ela ainda continuava no limite do triangulo, foi então que eu percebi que estava dentro da

escuridão e de alguma forma ela não conseguia entrar.

Com cuidado eu removi uma das velas, arrastando-a junto a outra e quebrando assim o vínculo imaginário das trevas.

Catastrophe deu um passo em minha direção, eu esperava o pior, esperava que fosse experimentar sua irá. Sua aura estava estranha como um oceano profundo, entretanto só conseguia chegar até sua superfície.

Ela movimentou o braço e esperei um tapa. Esperei seus cinco dedos marcados em minha face, eu fechei os olhos a espera.

Mas Catastrophe era única.

Seus dedos não me marcaram e sim me acariciaram, eles roçaram contra minha face e que estava limpando uma lagrima minha que descia em minha bochecha. Não havia percebido, mas estava chorando.

Eu não sei se sentira pena ou compaixão de mim, mas seja como for eu sabia que ela tinha entendido o porquê fizera isso. Catastrophe não estava ali para me julgar, ela estava ali para me proteger.

- Eu não quero lhe perder. – Seus olhos se levantaram e finalmente se encontraram com os meus.

Eles estavam com um brilho diferente, um brilho que só eu via.

Era seu olhar a mim de devoção.

- Desculpe, eu precisava... – Eu tentei argumentar, porém estava muito cansada. Apenas inclinei minha cabeça em direção a sua caricia.

Ela não disse absolutamente nada, se abaixou mais um pouco colocando um braço atrás dos meus joelhos e o outro nas minhas costas e com uma facilidade inegável me ergueu em seu colo.

- Catastrophe! – Falei surpresa.

Minhas mãos rapidamente pararam em sua nuca para me segurar, me juntei mais contra ela para me firmar.

Fiquei preocupada com seu ferimento, mas ela não pareceu se importar tanto. Afinal, para nossa surpresa ele estava praticamente curado. Não iria faltar muito para finalmente tirar os pontos.

Ao caminhar em direção a minha cama sua boca se encontrou com a minha em um beijo urgente e recheado de desejo. Eu a abracei forte, até que senti minhas costas sendo pressionado contra algo macio. Era o colchão.

Ela me deitou gentilmente e colocou-se sobre mim, nunca a nenhum momento desgrudando sua boca na minha.

- Victoria. – Ela sussurrou o meu nome de maneira que nunca tinha ouvido, carregada de desejo – Eu não posso te perder – Ela me beijou mais uma vez, pude sentir o peso do seu corpo sobre o meu.

- Você não vai. Eu não vou a lugar algum. – Disse baixo contra seus lábios. Minhas mãos tocaram seu rosto e a segurei no lugar, olhando em seus olhos, queria mostrar para ela que não estava mentindo.

Apesar de tudo que estaria por vim, eu não iria abandona-la. Eu não podia e não queria.

Ela sorriu e sua boca mais uma vez encontrou a minha, com um beijo um pouco mais calmo ainda sim com desejo. Eu escutava nossos lábios pressionarem e se movimentarem um contra o outro, a sensação do seu toque e da audição fizeram com que minha excitação aumentasse constantemente.

Meu medo agora já não mais existia, foi substituído por segurança e ansiedade.

Sus lábios desceram pela minha mandíbula e provaram a pele do meu pescoço. Gemi baixo inclinando a cabeça dando mais espaço incentivando-a a continuar seu assalto. Minhas mãos um pouco ansiosas se direcionaram as finas alças de sua camisola. Eu fui abaixando pouco a pouco, sentindo sua pele contra os meus dedos se arrepiarem a cada toque.

Finalmente descendo toda sua camisola até a metade a sua cintura, eu ainda não conseguia ver seus seios, pois durante o tempo inteiro sua boca estava ou em meus lábios degustando preguiçosamente ou em meu pescoço, mordiscando e lambendo. Sentia seus seios pressionarem livremente contra os meus ainda cobertos, mas não pude deixar de gemer alto.

Minhas mãos passearam curiosamente pelas suas costas, começando pela base até o topo, sentia sua forte musculatura.

Era o momento, finalmente Catastrophe me teria. Finalmente seria dessa mulher tão misteriosa.

Mesmo restringido apenas beijos e caricias mais superficiais nos últimos dias, devido ao ferimento de Catastrophe. Parecia que finalmente estava pronta.

Meus dedos então sentiram duas protuberâncias, cada uma perto de cada escapula. Eram duas cicatrizes.

Grandes cicatrizes, sua pele ali era mais sensível e frágil, um pouco enrugada.

Ela então parou, congelou em cima de mim e sua boca já não trabalhava sobre a minha.

Em um impulso rápido Catastrophe foi para ao final da cama, perto dos meus pés. Ela subiu sua camisola e novamente estava vestida.

- Catastrophe??- Apoiei em meus cotovelos para poder vê-la melhor. Seus olhos estavam escondidos sob seus cabelos e sua respiração era acelerada, carregada de excitação.

Eu a fitava com misto de desejo e confusão, seu peso fora substituído por vazio. Meu sexo pulsava ainda querendo me entregar para Catastrophe.

- Talvez, seja melhor a gente dormir.- Ela pediu com a voz fraca, quase envergonhada.

Observei Catastrophe se levantar e ficar de costas para mim, sua camisola estava torta e pude ver um pouco de sua cicatriz do lado direito.

- Catastrophe, o que?? – Eu tentava montar uma pergunta, para sua interrupção tão repentina.

Seria apenas por insegurança, ou por algum segredo que acabara de tocar e não era permitido que eu perguntasse?

Se não fosse permitido eu não perguntaria, eu apenas a desejava e muito. Mas ela estava dura, sem dúvidas que nada iria acontecer ali.

Seja qual for o motivo que Catastrophe havia parado, certamente estava relacionado com suas cicatrizes. Eu havia tocado em algo misterioso e talvez proibido.

- Apenas vamos dormir. Por favor. – Ela me interrompeu, enquanto se virava para mim. – Eu estou cansada e o que acabamos de passar foi... – Sua voz morreu, parecia que estava trabalhando em alguma desculpa. – Talvez.... Seja melhor você dormir em seu quarto hoje. – Ela apontou para cama onde estava e sorriu fracamente.

Sua aura estava incerta. Catastrophe estava com medo.

- Minha querida. – Eu iniciei, mas então algo fez com que eu desistisse. Eu sei que hoje não ganharia qualquer argumento. – Tudo bem, durma bem... – Eu a fitei ao perceber seu suspiro de alivio.

Boa noite, Victoria. – Ela sorriu e inclinou a cabeça, antes de finalmente sair do meu quarto.

Sozinha.

Ela tinha me deixado sozinha.

Novamente me sentia como a antiga Victoria. Soterrada na escuridão e na infelicidade constante. Talvez, minha dependência por ela estava tornando-se maior do que imaginava. Seria tudo mais fácil, se ela fosse simplesmente minha isca, era muito mais

que isso.

Tudo o que me restava agora era dormir, abraçando-me a mim mesma e a escuridão que me cercava.

- Madame Burke. – Ouvi a voz de Luke ao longe.

– Madame. – Sua voz parecia um pouco mais alta e a agora já estava na superfície do meu sono e então lentamente abri os olhos.

- O que foi? – Disse um pouco rabugenta, antes mesmo de começar o dia já estava com uma enxaqueca terrível. Olhei para o lado momentaneamente e senti um vazio dentro de mim. Catastrophe não estava do meu lado.

- Temos visita. Um senhor está aqui para falar com você, Madame. Aparentemente ele é um dos homens que salvamos na casa de Thompson – Luke disse formalmente com as mãos para trás.

Luke estava com um uniforme preto hoje e seu cabelo não estava para trás como o usual. Estava espalhado pelo seu rosto, trazendo-lhe um ar mais jovial.

Eu levantei preguiçosamente e assenti.

- Já estou descendo. Luke, Obrigada.

Me arrumei com certa rapidez, com pensamento no que o homem tinha a me dizer e obviamente em Catastrophe, eu queria vê-la. Conversar com ela, tocar e novamente beijar os seus lábios.

Dizer que não teria problema guardar um segredo ou que se ela quisesse contar eu estaria aqui.

Coloquei um vestido vinho simples e fui ao banheiro começar minha higienização. Botei o mínimo de maquiagem, apenas para espantar a noite que tivera ontem de meu rosto e fui receber meu visitante.

Encontrei meu visitante sentado em uma das poltronas e Catastrophe que também já estava lá sentada na outra com um papel em suas mãos, seus olhos passeavam por ela.

Porém ela sentiu minha presença e seu olhar se levantou para me fitar na porta da sala. Seus lábios se formaram um sorriso tímido e rapidamente sua mão foi parar atrás de sua orelha, tirando um pouco do seu cabelo de sua visão.

O homem seguiu os olhos de Catastrophe e me fitou. Ele se levantou e estendeu a mão para mim.

Eu complacentemente aceitei o gesto e apertei gentilmente.

- Olá, eu sou Erick Julius. Você me salvou. – Limitou-se a dizer.

Erick era um homem alto e muito magro, com os olhos fundos de cor de mel. Um cabelo desgrenhado quase da mesma cor que os meus e uma boca fina, onde acompanhava um sorriso amarelado.

- Bom dia. – Disse educadamente levantando uma de minhas sobrancelhas.

O que diabos ele fazia em minha casa?

- Senhor Julius acredita que tenha algo que possa nos ajudar. – Ouvi a voz de Catastrophe e ao dizer isso o homem sorriu. - Pode ser uma passagem para o encontro do seu irmão. – Catastrophe falou baixo, levantando o papel de seu colo.

Senti sua aura me abraçar de felicidade.

Ela estava genuinamente feliz, por talvez uma pista em potencial literalmente caíra em seu colo.

Menina linda e tola.

Chegava mais perto de meu irmão, ao mesmo tempo iria dizer adeus.

Catastrophe era meu foco de luz e meu irmão minha vida.

Um representava a esperança e outro também.

Era só esperar, tudo irá caminhar como tem que caminhar, Victoria. Lembre-se do que Catastrophe disse. Ao menos escute ela, não deixe a antiga Victoria querer mandar de novo.

Pietro e Catastrophe.

Os nomes passaram em minha cabeça, eu precisava deles dois.

Porém, a escolha me assombrava a cada passo.

Pietro e Catastrophe.

Esperança renovada. - Capítulo 14

- Fique à vontade Senhor Julius. Aceita alguma coisa? – Eu coloquei a mão em suas costas o direcionando novamente para poltrona.

- Talvez um café. – Ele olhou para mim e sorriu. – Por favor, pode me chamar de Erick.

- Está bem. Um café então.

Vou até a mesa preta e toco o sininho, onde não demora muito para Luke aparecer. Pedi para que preparasse café para nós três e ele apenas assentiu aceitando o pedido.

Me sentei no braço da poltrona onde estava Catastrophe e seus dedos passearam fugazmente em minha coxa, acredito que ela queira se aproximar de mim para se desculpar. Depois de ter me deixado sozinha na noite passada. Eu realmente queria ficar com raiva dela, mas eu não conseguia.

Ela olhou para mim e eu fitei o pergaminho amassado e amarelado em seu colo. Catastrophe percebeu onde meu olhar estava e o entregou para mim.

- Eu roubei isso. – Erick disse quando me vê pegando o pergaminho. – Em uma das noites que Thompson começou as transformações. Ele tinha sido descuidado e em uma manhã deixou o cadeado da cela aberto, quando ele saiu eu aproveitei e sai para tentar sair dali de algum jeito, mas realmente não tinha. Então eu encontrei esse pergaminho e guardei para mim. Alguma coisa me dizia que iria usar isso, parece que está escrito em um latim bem arcaico. Eu não entendo muito bem, aliás não sei quase nada. – Direcionei meu olhar para o pergaminho e passei os olhos sobre seus dizeres.

A única coisa que reconheci foi o mesmo símbolo encontrado na casa de Thompson e na mão da criatura de ontem à noite.

O pensamento da noite passada me trouxe outras memorias, como a de que quase fui de Catastrophe.

Olhei para ela e rapidamente meu corpo reagiu à o estimulo da memória, mexi um pouco minhas pernas e engoli em seco. Catastrophe estava compenetrada em Julius parecendo não sentir meu olhar sobre ela.

Eu não pude deixar de pensar também em suas enormes cicatrizes e de onde elas vieram. Elas me intrigavam de uma maneira muito grande, eu sabia que nelas haviam muitos segredos.

Imaginei a dor que deveria ter sentindo ao ganhar essas cicatrizes, e sem notar acabei por depositar minha mão em cima de seu ombro, apertando levemente.

Ela olhou para mim e franziu o cenho sem entender o toque inesperado, mas logo em seguida sorriu para mim.

Sua aura estava calma e branda me cercando como um abraço quente.

Ela queria me proteger.

Seja lá o que for que ela tinha sentindo ontem, o medo repentino havia realmente passado.

Luke retornou com uma bandeja de metal com três xicaras de café, ele andou até a mesa

preta perto da janela e começou a preparar nossos cafés.

Luke colocou três torrões de açúcar no café de Catastrophe.

Outra coisa que aprendi sobre Catastrophe era além de detestar escuridão ela era simplesmente viciada em doce. Seja chocolate, tortas ou café lotado de açúcar.

- Quantos torrões o senhor deseja? – Luke perguntou para Julius, enquanto afundava a pequena colher de prata dentro do pote para pegar o açúcar.

- Um é o suficiente. – Ele sorriu. – Obrigado.

Luke pegou as xicaras e foi as entregando para nós respectivamente. Ele recolheu a bandeja novamente colocando-a de baixo do braço e se retirou.

- Julius? Você foi corajoso, imagino o quanto deve ter sido ruim ter ficado naquela situação. – Catastrophe falou inclinando para frente e colocando seus cotovelos no começo dos joelhos, suas pernas estavam um pouco abertas e sua postura um pouco relaxada.

Se ela se importava do jeito que se comportava? Obviamente que não.

Catastrophe estava de calças, porém elas eram um pouco mais folgadas do que as usuais e uma blusa branca mais justa com as mangas dobradas e suspensórios. Seu cabelo estava numa trança solta e um pouco bagunçada, seu rosto livre de qualquer maquiagem.

- Obrigada Senhorita. Eu nunca senti tanto medo em toda minha vida. – Ele lamentou, antes de bebericar seu café. – Isso aqui está uma delícia.

- Obrigada e por favor, você pode me chamar de Catastrophe – Ela sorriu docemente. – Vou lhe contar um segredo, eu nunca provei um café tão bom quanto o que Luke faz.

Catastrophe também toma um pouco do seu café e fecha os olhos momentaneamente.

Eu me perguntava, como Catastrophe conseguia ser daquele jeito. Ela conseguia abraçar todo mundo e todos queriam ser abraçados por ela.

Catastrophe tinha essa simpatia e esse olhar bondoso que todos ficavam à vontade. Talvez por isso eu tenha contado absolutamente quase tudo da minha vida para ela. Era atenciosa e receptiva não era de se estranhar ao ver Erick sorrindo para ela com interesse.

Ao contrário de mim que sempre fora terrivelmente anti-social e a timidez quase sempre me dominava em certar situações. Sempre tive medo de me aproximar das pessoas, talvez seja aquilo que elas possam se apresentar para mim. Dizer alguma coisa que sei que é mentira só de sentir sua aura descobrir exatamente o que aquela pessoa representa.

Além do meu "dom" que por muitos anos não fora controlado e simplesmente por medo – não podia culpa-las.- elas iam embora.

Eu queria ser assim, mais respectivas com as pessoas como Catastrophe era. Acho que seria mais uma coisa que Catastrophe ao final iria me ensinar.

- Então, Catastrophe... – Ele respirou fundo tornando-se mais sombrio. – Eu realmente queria morrer, eu desejei isso. As coisas que eu vi lá, eu não queria me transformar naquelas criaturas. Porém, eu sabia que não podia perder as esperanças. Um dos meus amigos fingiu estar morto e Thompson descartou ele, conseguiu fugir. Ele falou que iria trazer ajuda, a mediunidade dele ainda estava forte na sua parte humana. – Ele tomou o ar e olhou para mim.

- Ele disse que traria ajuda e trouxe. – Limitou-se a sorrir olhando para ambas de nós. – Você foi nossa esperança, senhorita Burke. Eu nunca fui um homem de fé, mas foi a primeira vez que acreditei em algo de verdade.

- Eu? – Falei num sussurro.

- Algo fez com que eu pegasse esse pergaminho e talvez por intuição, que sempre me ajudou muito nas coisas, achei que seria certo entregar isso a você. – Ele disse com a voz melancólica e coçou a bochecha sem graça.

- E como nos encontrou afinal Senhor Julius? – Olhei para o homem em nossa frente.

Julius deveria ser pobre a julgar pelas suas roupas, ele era mais de um dos milhares de operários fabris da cidade. Muitos iriam olhar para ele com desprezo, mas ele era claramente um homem bom, o que era raro de se ver no meu mundo.

Ele deveria ser o marido de alguém ou um pai de alguma menininha que precisava dele.

- Eu estava aqui por perto, foi então que eu vi seu mordomo e me lembrei dele no dia que vocês foram para o esconderijo de Thompson. Foi ele quem arrebentou os cadeados e foi ele quem me levou para cima, me dando também mais uma chance de vida. Ah, me desculpe por isso. Por seguir ele. – Ele se mexeu desconfortavelmente na poltrona e bebeu um pouco mais do café.

- Erick... – Catastrophe o chamou gentilmente. – Obrigada e você não precisa se desculpar. Nós que deveríamos agradecer. Você pode não saber, mas está nos ajudando. Talvez aqui tenha respostas para nossas perguntas.- Catastrophe falou enquanto novamente apertava meu quadril.

- Eu tenho mais uma coisa para falar. – Julius retomou a fala.

- E o que seria? – Arqueei a sobrancelha, sentindo a aura incerta do homem.

Seja o que for o que ele esteja prestes a falar, provavelmente mexera bastante com ele.

- No dia do baile. Uma mulher esteve lá e nos observou, selecionou alguns e levou com ela. Pelo o que percebi parecia uma feiticeira, usava uma túnica negra e em suas mãos segurava um livro grosso. Ela parecia ser importante, pois Thompson curvou-se perante a ela. Ela disse que o senhor das trevas estava recolhendo cada vez mais súditos e mais cedo ou mais tarde a escuridão reinaria. Se apresentaria como a verdadeira face do mal.

Meu corpo congelou e minhas mãos fraquejara fazendo com que a xicara caísse e fosse parar no chão. Senti Catastrophe se levantar rapidamente e me segurar, pois eu estava tombando do braço da poltrona.

Verdadeira face do mal. – Eu já ouvi aquelas palavras antes, ontem à noite. Quando a criatura apareceu.

- A senhorita está bem? – Julius perguntou preocupado e se levantou para ajudar, mas eu me encolhi em direção de Catastrophe, não precisava de mais uma pessoa com uma aura instável para me segurar.

Erick se deteve em pé e ficou apenas a me encarar.

Catastrophe me segurava em seus braços, sem se importar com o que o homem iria pensar de nossa aproximação.

Eu a fitei e ela estava extremamente preocupada.

- Continue. – Disse secamente. – Continue o que mais ela falou!? – Falei com um pouco de raiva e minha voz saiu mais alto do que desejei.

Erick recuou um passo visivelmente com medo.

- El-a... – Julius ficou nervoso e começou a gaguejar.

- Erick, por favor o que mais ela disse? – Catastrophe apaziguou a situação oferecendo um sorriso calmo para o homem.

Se não fosse por ela, o homem já teria saído pela aquela porta e novamente eu voltaria à estaca 0.

- Ela não disse mais nada. Apenas que a escuridão veria e que o mestre das sombras logo viria e conheceríamos a face do mal. Creio que ela seja importante. – Ele disse com a voz incerta.

- Onde ela vive? – Perguntei ainda com a cólera me assombrando. – Onde? – Disse me inclinando para frente.

- Eu—Eu não sei. – O homem falou com a voz trêmula.

- Por favor tente se lembrar. Ela não falou nada, nenhuma referência. Isso é importante

para nós. Para ela.- Catastrophe passou seu dedo opositor atrás do meu braço acariciando levemente.

Ele olhou para o chão parecendo tentar capturar alguma memoria passada.

Nesse meio tempo Luke apareceu e tentou arrumar a bagunça que eu tinha feito, mas eu o dispensei rispidamente.

Após alguns eternos segundos Julius olhou para Catastrophe e seu olhar se iluminou.

- Ele perguntou.... Como estava sendo viver na nova Torre Solitária, perto do lago do Urso. Sinto muito, é tudo o que eu consigo me lembrar. Eu deveria ir. – Ele pareceu desapontado.

- Claro, muito obrigada Erick. – Catastrophe falou amistosamente, enquanto me guiava ao sofá.

Estava ainda um pouco atônita, seja lá quem for essa mulher. Ela tinha ligação com a criatura que me visitara ontem à noite.

Pela primeira vez algo palpável sobre meu irmão veio até a mim. Mas junto a isso descobri que alguma coisa muito maior estava por mim. O que isso tinha a ver com meu irmão ou comigo eu ainda não sabia, mas agora não parecia importar tanto. Eu só queria reaver meu irmão de volta e acabar de uma vez por todas com isso. Mas aí vinha também a parte mais difícil, Catastrophe.

Catastrophe minha luz, o que eu poderia fazer?

Respirei fundo, agora era tentar traduzir o pergaminho para descobrir se havia algo relacionado com o meu irmão ou com a verdadeira face do mal. Se eu achasse a verdadeira face do mal eu acharia meu irmão.

Será que Pietro era apenas mais um peão para se transformar em um servo das sombras? Será que a alma de Catastrophe serviria para o mesmo propósito? Será que afinal haveria outros meios de não fazer a trocar? Era possível matar a escuridão? Eram tantas perguntas sem respostas. Minha cabeça não parava nem por um segundo. Eu estava me esgueirando em algo muito maior do que eu imaginava. Tudo para mim nesse momento se resumia a achar meu irmão.

O que eu deveria fazer primeiro? Que passo tomar?

Julius já havia ido embora e eu nem percebera. Apenas, voltei a mim quando Catastrophe sentou-se do meu lado me catando para o seu colo.

Ela olhou para mim acariciando levemente minha coxa, não para despertar meu desejo, um carinho genuíno demonstrando que ela estava ali para mim.

- O que você quer fazer, Victoria? – Ela perguntou murmurando, enquanto tomava a

liberdade de desfazer o nó dos meus cabelos.

- Eu não tenho ideia Catastrophe. Tudo o que sei foi que meu irmão fora capturado pelo o mestre de Thompson e da bruxa. Ontem quando você espantou aquela criatura ele se apresentou a verdadeira face do mal. Eu não sei porque ele não me pegou ali mesmo, eu não sei como ele apareceu depois de tanto tempo. Mas era ele. - Eu disse com angustia batendo em meu coração. Estava muito difícil de respirar. Desabotoei um dos meus botões e estiquei o tecido da gola do meu vestido, na tentativa frustrada de que ventilasse mais o meu corpo.

Catastrophe beijou o topo de minha cabeça e ainda acariciava minhas coxas.

- Deveríamos verificar o que está escrito no pergaminho. – Ela pegou o pergaminho da minha mão que eu apertava fortemente, onde já estava completamente amassado. – Depois que soubermos o que está escrito. Vamos dar uma olhada nessa torre. Talvez o pergaminho de mais pistas sobre essa Bruxa e sobre o mestre das sombras. - Ela falou enquanto colocava o pergaminho no sofá ao lado.

- Seja o que for Victoria, iremos enfrentar isso juntas. Eu não te deixarei até tudo isso terminar. – Ela falou, antes de selar meus lábios com os seus em um beijo casto e atencioso.

Deixar? – Essa palavra ficou em minha cabeça, martelando sem parar.

Será que Catastrophe já sabia das minhas intenções? Mas como? Será que ela sabia que a procurei por causa da troca? Eu não queria que ela me deixasse, não queria ela como isca.

Eu deveria pensar, mais uma vez e adicionar mais uma coisa importante.

Como é que iria salvar as duas pessoas que mais me importo na vida.

Catastrophe era minha luz agora.

Me abracei nela e me perdi em seus lábios que me tranquilizavam a cada movimento carinhoso.

Desvendando o pergaminho e o ciúmes de Catastrophe. - Capítulo 15

Esperava Catastrophe se arrumar no quarto de hóspedes, enquanto me forçava a comer alguma coisa. Iriamos nos encontrar com um amigo meu de longa data no final desta tarde. Benjamim, era o seu nome. Sabia que deveria ter comunicado a ele a minha visita repentina, mas não teria tempo e sei que ele não se iria opor a me ajudar.

Na realidade, tivemos um romance logo antes de Pietro ter sido sequestrado. Não durou muito tempo, apenas alguns meses. Um grande erro, pois ainda tentava me convencer em ser uma mulher convencional, tentar ter filhos e viver normalmente perante a alta sociedade. Mas eu não podia me enganar, podia? Meus desejos não eram despertados por homens e sim por lindas mulheres. Algo que por muito tempo, guardei dentro de mim. Entretanto, não conseguia esconder o que eu era. Não iria mais me conversar do que eu deveria ou não ser, seria apenas Victoria Burke. Uma mulher que amorosamente seria apenas feliz com outra mulher, mesmo que a sociedade não permitisse.

Benjamim era um homem engraçado e inteligente, mas extremamente prepotente. Eu gostava dele, apenas como um amigo. Alguém que sabia que poderia contar.

Eu subi as escadas e vou em direção ao quarto de hospedes, bati na porta e a abri vagarosamente.

Lá estava ela, Catastrophe trançando seu longo cabelo junto a um fio de couro grosso. Eu achava lindo quando ela o amarrava, deixando-o mais preso. Porém o que mais me atraia era quando ela os deixava soltos, representando sua natureza mais selvagem.

- Victoria. – Ela sorriu e andou até a mim, circulando seus braços delgados em minha cintura me trazendo mais para perto. – Antes de irmos, eu gostaria de falar com você.

Seus olhos negros pararam nos meus e seu olhar era de devoção e isso fez com que minha ansiedade diminuísse um pouco.

- O que foi, minha querida? - Falei aproveitando para tocar nos seus ombros fortes.

- Eu gostaria de pedir desculpas sobre ontem. O jeito rude que tratei você, não deveria ter feito aquilo. – Ela disse com pesar.

- Eu deveria pedir desculpas também. Eu fiz algo que você me pediu para que eu não fizesse. – Disse antes de mordiscar o meu lábio inferior.

- Vamos esquecer o que passamos ontem à noite, foi algo forte e difícil para ambas.

- Tudo bem, Catastrophe. Você tem razão. – Falei baixo, antes de beijar seus lábios carnudos e macios. – Devemos ir.

- Claro. – Ela assentiu.

Ao saímos da carruagem ouvi Catastrophe assobiar.

- Uau, nunca vi nada tão grande assim. – Catastrophe disse surpresa colocando as mãos no bolso de sua calça.

- Sim, essa é a Universidade Central. Realmente incrível, meu irmão estudou aqui. – Eu

ofereço um sorriso mínimo e consigo ainda ver o dia que Pietro chegara com o diploma em mãos. – Se formou em antropologia. Ela é muito inteligente, Catastrophe. Vocês se dariam muito bem.

- Eu tenho certeza que sim. – Ela sorriu gentilmente para mim.

A universidade tinha um lindo jardim por toda extensão com gramado baixo e poucas arvores espalhadas. O jardim era divido por um caminho largo que dava para porta principal da universidade. Ela era formada por quatro torres e pequenos prédios de dois andares que ligavam as torres. Todo complexo da universidade formava um quadrado e no centro dele um gramado também baixo com cadeiras e mesas espalhados.

Entramos no prédio e logo viramos para a esquerda, subimos cerca de três andares feitas por grandes e robustas escadas. Até pegarmos um corredor e depois da terceira porta, entramos numa pequena recepção. O ambiente era simples, uma mesa de escritório, onde uma secretaria lia distraidamente um livro. Um pequeno sofá marrom encostado na parede perto de outra porta envernizada que dava para o escritório de Benjamim. Uma estante precária do outro lado da sala, lotadas de livros e uma janela ao seu lado dando vista para cidade lá fora.

Fomos direto a secretaria.

- Com licença – Pigarreei, porém, a mulher não me deu se quer alguma atenção e continuou lendo o seu livro virando a pagina lento demais. – Eu gostaria de falar com Senhor Benjamim Callaco.

- Tem hora marcada? – Ela lambeu a ponta do dedo e novamente passou a página do livro.

- Não. Mas eu lhe garanto se disser meu nome ele irá me atender. – Disse secamente.

Ela olhou para mim rapidamente e logo em seguida olhou para Catastrophe. Seus olhos voltaram para o livro, mas então vi que seu cenho franziu e novamente seus olhos pousaram sobre Catastrophe. Olhando para ela de cima a baixo, analisando-a pacientemente o que pareceu não incomodar Catastrophe. Afinal de contas ela usava calças quase que o tempo inteiro e não era feitio de mulheres usar isso. Definitivamente o estilo de Catastrophe era diferente do resto das mulheres do mundo. Ela conseguia se destoar de qualquer uma.

- O senhor Callaco está em reunião. – A secretaria ainda continuava a analisar Catastrophe. – Deixe seu nome e mandaremos um telegrama para a senhora confirmando o horário e a data. – Ela me fitou impacientemente. – Ele é um homem muito ocupado.

Respirei fundo.

Eu realmente não tinha tempo para isso.

- Sua petulância é inacreditável. – Cuspi com um pouco de raiva.

- Ellie, você poderia... – Vi Benjamim abrindo a porta de seu escritório. – Victoria? – Ele cerrou os olhos para me reconhecer. – Oh Céus, Victoria. – Ele se aproximou de mim e me reuniu em seus braços.

Surpresa com o abraço, não consegui retribui.

- Olá Benjamim. – Eu disse quando ele desvencilhou de mim. – Como você está?

- Muito melhor agora, sentindo a minha falta? – Ele sorriu e já conseguia ver o começo de sua prepotência nascendo.

Sentia aura de Catastrophe atrás de mim um pouco mais forte.

- Eu preciso da sua ajuda. – Ignorei sua pergunta. – Poderia me ajudar?

- Claro, minha querida. Por você qualquer coisa. – Ele disse de maneira cortês.

Benjamim era alto, magro e branco, não pálido como eu. Ele estava ficando calvo e notoriamente tentava esconder sua calvície arrumando seu cabelo castanho em cima das falhas. Não o considerava um homem bonito, não como Pietro ou Luke, mas ele também não era feio. Algo em seu sorriso prepotente ou na sua atitude o embelezava um pouco. Seus olhos também castanhos estavam começando a ficar com as marcas de expressões castigado pelos anos de vida. Benjamim era um pouco mais velho do que um. Talvez uns 4 ou 5 anos. Não me lembrava.

Ele fitou Catastrophe e mais uma vez sinto que ela estava sendo analisada.

- Essa senhorita? Quem é? – Ele ergueu o queixo apontando para Catastrophe.

- Eu sou Catastrophe. – Ela tomou minha frente e se apresentou estendo a mão.

Benjamim hesitou um pouco, demorando para cumprimenta-la, mas acabou encontrando a mão de Catastrophe em um aperto.

-Nova governanta? - Ele falou com certa dúvida.

- Estou mais para uma segurança. – Ela sorriu gentilmente, mas percebo que sua aura não está tão calma e serena.

- Entendo. Uma mulher bonita como Victoria precisa de alguém para defende-la. A muitas pessoas ruins por aí. – Ele riu baixo. – Só acho engraçado outra mulher ter que cuidar disso. – Benjamim falou com certo despeito.

- Não subestime Catastrophe. – Eu disse secamente me aproximando dela.

- Então, o que lhe devo sua visita, minha querida? – Benjamim perguntou percebendo o pergaminho em minhas mãos e o olhou com curiosidade evidente.

- Preciso de suas habilidades. Sei que você lê Latim e preciso que leia isso. – Desenrolei o velho pergaminho e mostrei as escrituras.

Seus olhos passearam por toda a folha até chegar no símbolo das marcas.

- Isso não é nada bom. – Ele apontou para figura. Benjamim ficou analisando um tempo a figura e coçou sua barba rala. – Por que não entramos em meu escritório? Talvez podemos conversar com mais calma. Tenho um tempo até minha próxima aula.

- Obrigada Benjamim. – Eu acenei para ele seriamente.

Benjamim deu um passo para o lado e fez uma referência com a mão em direção a porta perto do sofá.

Seu escritório ao contrário da recepção era grande e fresco. Com parede claras e as estantes eram preenchidas por mais toneladas de livros. Uma mesa de granito e madeira a o centro com uma grande cadeira de couro e outras duas do outro lado da mesa, de madeira mais ainda sim elegantes. Um sofá robusto preto ao lado de uma grande janela, uma pequena lareira e vasos de plantas tropicais.

- Sentem-se, por favor. – Ele apontou para uma das cadeiras de madeira.

Ele circulou a mesa sentando na grande cadeira de couro e eu educadamente fiz o que ele pediu. Percebi que Catastrophe optou por ficar de pé. Porém, suas mãos se apoiaram nas costas da outra cadeira.

- Como está seu irmão Victoria? Já irá fazer um tempo desde que não o vejo – Ele perguntou curiosamente, enquanto colocava as mãos na mesa uma sobre a outra.

- Ele.... Está viajando. - Vacilei um pouco desviando os olhos. Nunca fui a melhor mentirosa do mundo. – Sabe o quanto aventureiro ele é e mandou essa escritura, como presente. Porém, eu não entendo quase nada de latim. Pensei em você assim que recebi isso em mãos. – Levantei o pergaminho do meu colo e o mostrei, para logo em seguida entrega-lo arrastando o papel sobre a mesa.

- Ainda pensa em mim Victoria? Depois de todo esse tempo? – Ele sorriu de maneira vitoriosa, enquanto pegava o pergaminho, roçando levemente seus dedos nos meus.

Ouço a respiração de Catastrophe mudar, eu viro a cabeça para olha-la, mas ela se negou a me fitar. Continuou com seu olhar no pergaminho.

Benjamim apoiou suas costas na grande cadeira de couro e começou por analisar o papel.

Senti a aura de Catastrophe ficando um pouco mais ouriçada. *Oh, Deus*. Isso não era bom.

- Você sabe que não dessa maneira, Benjamim. – Tentei contornar a situação. – Eu

preciso que você traduza isso para mim.

- E o que eu ganho em troca? – Seu sorriso aumentou e dessa vez senti sua aura vindo como rajada para cima de mim. Entretanto consegui ignora-la. A aura de Benjamim sempre fora rala, cuja seus sentimentos eram tão superficiais como uma poça de lama.

- Você só pode estar de brincadeira. – Ouvi a voz de Catastrophe ameaçadoramente. Eu não iria olhar para ela novamente, pois sabia que seu olhar estava pegando fogo e encara-la esse momento não seria de nenhuma ajuda.

- Ganhara um "obrigado". Algo que muitos gentilmente aceitariam. – Disse respirando fundo, enquanto cruzava as pernas.

Ele me olhou e o seu sorriso sumiu. Depois de um tempo fitou Catastrophe e finalmente para o pergaminho.

- Bem, devo dizer que contratou uma boa segurança. – Ele disse, enquanto vejo claramente seus olhos minunciosamente passando por cada palavra. Benjamim pegou seus óculos dentro de uma gaveta e os colocou, eles eram sem pernas. Apenas uma armação de ouro que eu dera para ele anos atrás.

Não disse nada. Apenas esperei Benjamim fazer seu trabalho.

- Bem... – Ele suspirou após alguns minutos verificando o material. – Seu irmão tem que tomar cuidado com o que te envia. – Benjamim olhou para mim rapidamente, antes de voltar seu olhar para o pergaminho. – Isso aqui não é algo para brincadeira. Bastante aterrorizante devo dizer. – Ele tira os óculos e coçou os olhos.

- O que está escrito? – Disse ansiosa e impaciente. Sinto que mais do que nunca esse pergaminho que caiu em meu colo, tem grande importância para o meu quebra cabeça.

- Esse pergaminho está escrito em um latim bem arcaico. Talvez, por isso você não tenha entendido. – Disse coçando a barba novamente. Esse cacoete de Benjamim estava me deixando com os nervos à flor da pele. – Vamos lá. – Ele respirou fundo. – Irei literalmente traduzir para você o que está escrito. Pode parecer um pouco desconexos, pois nem todas as expressões e palavras a uma tradução livre para o que está aqui.

Todos nós. Seguidores daquele que oferece abrigo na escuridão brevemente terá finalmente lugar na luz. Onde tudo sucumbira, as trevas e finalmente todos aqueles que merecem serão recompensados como merecido.

A verdadeira face do mal irá reinar e o seu manto de trevas estará junto a ele e todos que derem as costas caíram em banho de sangue. Ele e suas feiticeiras, suas escravas, mulheres, amantes e serventes severas do mal, faram o que for necessário.

No solstício do inverno tudo irá entrar em catástrofe. No solstício de inverno o

escolhido pelo mal se reunira com o rei e juntos...

- As letras morrem nessa parte, estão apagadas. – Disse Benjamim.

Eu estava atônita e pasma. Todo o meu corpo estava em um estado de transe, onde fui capaz de ver o mundo mergulhado nas trevas e seja como for eu me sentia fortemente ligada a isso, meu irmão e até mesmo Catastrophe. Muitas coisas não faziam sentido para mim, porém essas frases que Benjamim leu não parecia desconexas para mim. Sabia que as feiticeiras era uma daquelas que Julius encontrou na casa de Thompson, eu tinha certeza e a verdadeira face do mal, fizera uma visitinha surpresa ontem de noite em minha casa. Por que então, não fizera algo comigo? Por que seu interesse em meu irmão?

Estava me afundando cada vez mais em um lugar que não conhecia. Onde feiticeiras, criaturas das sombras e trevas me cercavam.

Eu virei minha cabeça e olhei para Catastrophe. Seus dedos estavam brancos, pois apertava fortemente as costas da cadeira. Seu rosto, porém, estava inabalável.

- Esse símbolo. – Benjamim retomou a fala, na tentativa de chamar minha atenção. – Ele é o símbolo do mal. Das trevas. De tudo de mais ruim nesse planeta. - Ele falou com a voz carregada. – Um conselho de amigo, Victoria. Queime isto e mande um recado para o seu irmão o xingando até o fim da sua vida. Porque isso é uma brincadeira de mal gosto. – Ele falou realmente sério e vi um olhar de Benjamim que nunca virá, era de suplicio.

- Eu realmente irei fazer isso. – Soltei em exaspero.

Benjamim enrolou o pergaminho e se levantou contornando a mesa e apoiando seu quadril nela. Ficando quase em minha frente. Entregou o pergaminho para mim e sorriu.

- Espero ter sido útil Victoria. – Ele cruzou os braços e inclinou o corpo um pouco em minha direção.

- Foi Benjamim. Muito obrigada. De verdade. – Segurei a pergaminho com uma mão e dei duas pancadinhas com o papel contra a outra.

- A qualquer hora Victoria. Você sabe que para você sempre tenho tempo. – Ele sorriu astutamente. – Cuide bem dela. – Benjamim olhou para Catastrophe e desta vez não vejo prepotência e sim uma preocupação verdadeira, um sinal de afeto. Senti sua aura um pouco mais forte do que o normal o que me surpreendi e fez com que eu oferecesse um mínimo de sorrisos.

- Eu irei Benjamim. – Escutei a voz de Catastrophe atrás de mim mais amistosa.

- Espero que me convide para um chá em breve Victoria – Ele sorri levantando o

queixo. – Relembrar os velhos tempos. – Ele jogou uma piscadela em minha direção e novamente sua prepotência nasce o que faz com que eu reprima um riso.

- Claro, marcaremos. – Eu ignorei sua terrível chance de me galantear.

Eu me levanto e estendo a mão para Benjamim.

- Eu tenho que ir Benjamim – Ele apertou minha mão suavemente. –Obrigada novamente por prestar seus serviços.

- A qualquer hora Victoria. – Ele sorriu acenando para mim e logo depois para Catastrophe.

- Temos cerca de 10 dias até o solstício de inverno Victoria. Temos 10 dias para acharmos seu irmão. – Catastrophe disse casualmente. Sua cabeça pendia para o céu observando o sol que estava a o oeste, já quase se ponto. Sua face estava direcionada a ele, acho que na tentativa de procurar algum calor.

- Sim. Receio que iremos trabalhar contra o tempo. – Disse com certo pesar enquanto caminhávamos para saída dos grandes portões da universidade.

- Como eu disse antes, tudo irá trabalhar com a gente agora. Minha cara Victoria. Eu prometo a você, o destino realmente está em nosso favor. As coisas estão acontecendo. – Ela se virou para mim, colocando a mão em meu ombro e apertando levemente.

- Eu te garanto que conseguiremos fazer tudo. – Catastrophe olhou para mim despreocupadamente retomando. Seus olhos negros estão novamente inocentes, diferente quando estávamos no escritório. – Você acha que deveríamos ir a torre solitária hoje? – Ela voltou com sua face para o sol e fechou os olhos momentaneamente.

Eu a fitei, seu rosto em perfil da impressão que suas sardas são ainda mais realçadas e vejo que sua bochecha também é preenchida por ainda mais dessas pequenas manchas. Meus olhos passam por Catastrophe até que chego a altura de suas costelas. Hoje durante antes de virmos para o escritório Luke finalmente tirou os pontos de Catastrophe, porém ainda em certos movimentos bruscos sentia ela hesitar. Mesmo que ela tenha me carregado no colo quando a criatura me atacou, acredito que tenha sido culpa da adrenalina fez com que retardasse um pouco mais sua cura.

- Creio que hoje não faremos mais nada. Podemos apenas averiguar o que tem nessa torre amanhã. Você precisa se recuperar um pouco mais. Iremos lutar contra feiticeiras. Não sabemos como elas são. Podem ser mais fortes que Thompson. – Eu disse enquanto o condutor abria a porta da carruagem e entravamos. – Por favor Rua 37. – Disse antes que ele fechasse a porta.

Assim que homem fez isso a boca de Catastrophe se juntou a mim em um beijo

devastador, molhado e extremamente sensual. Sua mão segurava os cabelos de minha nuca firmando ainda mais seus lábios no meu.

Um beijo com fome, mas assim que ele começou não demorou muito para acabar e após o termino do beijo eu ainda fiquei com os olhos fechados e a boca entre aberta.

- Eu precisava fazer isso, desculpe. Desde que Benjamim começou a falar com você. Eu não sei o porquê, mas eu queria te beijar ainda mais. – Ela disse roçando seus dedos em meu pescoço, enquanto mordiscava meu maxilar.

Catastrophe estava com ciúmes. Ela era territorial. Seu beijo foi uma confirmação de que eu pertencia a ela e eu tinha adorado isso. Meu corpo começou a construir um desejo latente por Catastrophe.

- Eu apenas quero você. – Disse roucamente a poucos centímetros de sua boca carnuda.

Ela sorriu para logo em seguida lamber os lábios.

Catastrophe tenta se recompor um pouco, mas sua mão passou livremente pela minha cintura até chegar em minha coxa.

- Eu acredito que já esteja pronta para lutar Victoria. Mas se é o seu desejo esperarmos, assim irá ser. – Ela disse acariciando levemente a minha coxa com um sorriso de compreensão nos lábios, agora vermelho e mais inchados.

- Prefiro esperar, quero ter certeza que esteja bem. Iremos amanhã averiguar a torre. Afinal, são quando as criaturas da escuridão estão mais fracas, temos que ver quem são essas feiticeiras, antes de fazer qualquer coisa. – Falei desenrolando o pergaminho e lendo o latim rebuscado, já nesse momento sabendo todo o seu significado. – Eu sinto que nesse momento Catastrophe estou mais perto do meu irmão como nunca estivesse. Sinto seu sopro de respiração. Parece que mais um pouco eu poderia toca-lo. Estupido, não?

E isso significava a minha troca. *Não pense nisso, sua idiota.* Me repreendi.

- Não. Nenhum pouco, isso se chama esperança. – Catastrophe falou olhando para a janelinha da carruagem tentando capturar a imagem do sol que estava se escondendo nas montanhas geladas.

- Aconteceu alguma coisa? – Perguntei preocupada.

- Aquele homem, ele gosta de você. – Ela sorriu.

- Benjamim? Ele é um prepotente. Enxerga somente aquilo que lhe interessa.

- Você o interessa, Victoria. – Ela olhou para mim com seus olhos negros melancólicos e um pouco enciumados, voltando novamente para o tópico de Benjamim.

- Catastrophe, você está com ciúmes? – Franzi o cenho. Colocando a mão no alto do seu joelho e apertando gentilmente. – Sabe que isso não tem necessidade, não é? Eu já disse quero apenas você

- Eu sei Victoria, é um sentimento que não consigo lidar ainda. É novo para mim sentir isso. – Ela diz simplesmente. – Mas fico feliz, que não esteja sozinha. A pessoas em sua volta, se você olhar de perto. A muitas pessoas que lhe ajudaram. Mesmo você não percebendo. Eu fico feliz por isso. Porque quando eu... – Sua voz morreu e ela fitou minha mão em seu joelho, hesitantemente colocou sua mão sobre a minha e apertou carinhosamente. Sua aura estava aflita.

- Eu me importo muito com você, Victoria. Muito.

Ela trouxe minha mão em sua boca e beijou os nós dos meus dedos, cada um deles pacientemente, adorando-me.

- Por que quando você...? – Eu perguntei baixinho.

- Nada, minha Victoria. – Ela olha para mim sorrindo tristemente falando a "minha" com certa propriedade.

Deixar. Novamente essa palavra ecoou sob minha cabeça.

Parecia que de alguma maneira ela sabia do nosso destino.

Minha felicidade nunca estaria completa.

Eu não pedia por muito.

Eu queria ela

E queria Pietro.

Eu queria os dois comigo.

Mas como isso seria possível? Eu esperava uma luz, alguém que me ajudasse a desvendar isso. Eu não aguentaria viver com um sem o outro.

Sempre incompleta.

Catastrophe era meu farol no meio do mar revolto da escuridão, sem ela percebo que bateria nas pedras, me perderia em alto mar.

Era por causa dela que estou indo em direção de Pietro. Não era ela apenas uma troca, Catastrophe me mostrava o caminho.

Eu estava apaixonada por ela.

Céus, o meu fim estava chegando.

A risada de Catastrophe - Capítulo 16

Ao chegarmos em casa, vi uma Catastrophe mais reclusa, achei um pouco estranho. Ela era sem dúvida a pessoa mais extrovertida que conhecia, tirando o meu irmão. Pietro era ridiculamente engraçado.

Não trocamos muitas palavras, estava concentrada e focada. Seus olhos não encontravam os meus, eles não se sustentavam por tanto tempo. Mas ainda sim, ela não parava de me beijar ou me acariciar de maneira bem oportunas. Resolvi, ao menos não por agora entrar no assunto principal de nossa missão. Talvez, ela esteja assim por inúmeros fatores, pela tensão de enfrentar as feiticeiras, por saber que temos um prazo agora de encontrar meu irmão. Onde os 3 anos da minha procura agora esteja se resumindo a aproximadamente 10 dias.

Devo admitir que minha comparação parece um pouco ridícula, mas Catastrophe parecia aquelas bonecas russas, que quando você abria uma, outra menor saia de lá de dentro. Catastrophe era assim, existiam várias camadas dessa garota que eu não conhecia.

Preferiu pôr fim não jantar, apenas se inclinou sobre meus lábios e me beijou, desculpando-por estar indisposta. Porém, ainda com sua boca sobre a minha pediu para que eu quando acabasse viesse deitar ao lado dela.

Eu obviamente fui, não perderia por nada o calor do corpo de Catastrophe moldando-se ao meu.

Na manhã seguinte o seu humor estava renovado, acordando-me salpicando beijos em minha nuca. Abri meus olhos sentindo minha pele se arrepiar e não pude deixar de sorrir e me espremer mais contra ela. Seja o que tenha perturbado Catastrophe ontem à noite, tinha sido enterrado ou isolado em algum lugar em sua cabeça.

- Você teme o passado Catastrophe? – Perguntei enquanto ela levantava a camisa apenas o suficiente para ver seu ferimento, que estava praticamente cicatrizado.

Sua pele estava apenas uma pouco vermelha e sensível, porém a aparência geral, estava muito boa. Ainda ficava surpresa com a evolução e a rapidez de sua cura.

- Não. Eu acho que o passado é o nos faz o que somos hoje. – Ela segurou a camisa olhando para frente, sentindo meus dedos em seu ferimento.

Ela estremeceu um pouco ao contato do meu toque e respirou fundo. Sorri maliciosamente, era bom saber que o mesmo que ela fazia para mim eu fazia para ela.

- Você gostaria de apagar algo de seu passado Catastrophe? – Olhei para cima

encontrando seus olhos.

Ela estava sentada na cadeira preta e eu de joelhos no chão enquanto mexia em seu ferimento recém-fechado.

- Creio que não. – Ela disse dando de ombros de maneira despreocupada.

Me levantei e me sentei no sofá.

Observei Catastrophe se levantar da cadeira e ir aos instrumentos de Pietro.

- Intrigante. – Ela sussurrou.

- Catastrophe? – Me estiquei um pouco para olhar o que ela olhando.

- Você Victoria. É uma mulher muito intrigante. – Ela se virou para mim sorrindo, enquanto caminhava sentando na poltrona

- Eu? – Aponto para mim sorrindo um pouco

- Sim, você já viu por tudo o que já passou. Já colocou isso em consideração? Você teve seu irmão sequestrado, perdeu seus pais, ficou algum tempo em manicômio e tentou administrar o que você tem. Tenho a impressão que ainda você passou muito mais coisas, sem dúvida você é uma mulher intrigante. Um verdadeiro leque. Como esses últimos 3 anos sem Pietro, eu não quase nada sobre eles. Me contou tudo sobre você, mas depois do sequestro de Pietro, foi como se para você não tivesse existido.

Eu me levantei para pegar um cigarro dentro de um pequeno baú de metal que ficava em cima da robusta prateleira em cima da lareira. Acendi com o fosforo que também estava dentro do pequeno compartimento e dou uma leve tragada.

Quando eu ficava muito nervosa eu fumava, de alguma forma isso inibia minha ansiedade.

- E não existiu, minha querida. – Minha voz ficou carregada com a fumaça que caminhava pelo meu pulmão. – Você já parou para pensar que nesses anos, seja melhor talvez não saber o que aconteceu.

Soltei a fumaça, liberando pelo meu nariz e pela minha boca para novamente levar o cigarro até a boca e traga-lo mais uma vez. Puxei com mais vigor e pude sentir um prazeroso comichão em meu peito.

- Eu gostaria de saber o que aconteceu com você.

- Mas eu não sou a única que guarda meus mistérios não é mesmo, Catastrophe? – Arqueei a sobrancelha e encontro seus olhos negros.

Ela não diz nada, apenas desvia seu olhar e os mira para o chão.

- Problemas em revelar seus segredos? – Disse antes de colocar o cigarro mais uma vez

na boca.

- Sem segredos. Apenas... – Ela vacilou tentando encontrar alguma palavra para se explicar. – É complicado. – Finalizou ela, trazendo suas pernas para cima e dobrando-as colocando ao lado de seu corpo.

- Fantasmas? – Perguntei jogando o resto do cigarro da lareira. – Eles sempre voltam nas nossas mentes não é, minha querida? Nos perturbam.

Lembrei de seu olhar e sua estranheza de ontem, talvez algum fantasma tenha visitado a mente de Catastrophe, afinal de contas.

- Sem fantasmas. Você não percebe não é mesmo Victoria? – Ela sorriu tristemente – Tudo isso aqui, não é sobre mim – Ela olhou para sala, enquanto jogava seus cabelos louros rebeldes para traz – É sobre você. Essa história é sua. Você é a pessoa que tem importância nessa sala. – Ela respirou e seus olhos me observam, sua aura está calma e sóbria. – Eu não sou importante. Nessa história eu estou aqui para lhe proteger, assegurar que tudo termine em sucesso.

- Mas para mim você é importante- Admiti rápido demais, um pouco ansiosa.

- Eu sei, eu sei que eu sou importante para mim. Eu sinto isso. Quando você me beija, me toca ou quando sorri para mim. Me sinto afortunada com tudo isso, pois sei que não é uma mulher de tais gestos. Mas essa é a sua história eu sou um artificio, Victoria.

- Catastrophe, eu...

Ela deveria ser só um artificio, mas não é. Catastrophe era muito mais do que isso.

Eu caminhei até ela sem falar. Catastrophe colocou suas pernas novamente no chão e estendeu o braço, ela sabe exatamente o que vou fazer.

Me sentei de lado em seu colo e ela me reuniu em seus braços, escondendo meu rosto em seu pescoço e cabelo exalando levemente seu perfume. Sinto seus lábios no topo da minha cabeça e uma de suas mãos acariciando minha coxa, sobre meu vestido leve.

- Isso é bom. – Falei abafadamente contra sua pele.

- Sim.... Parece que é certo. – Catastrophe disse me trazendo ainda mais contra ela.

- É certo, minha querida.

- Madame Burke? – Luke entrou na sala depois de alguns minutos de silêncio com uma bandeja prata em mãos. Com pequenos sanduiches, suco e algumas frutas – Achei que vocês estivessem com fome. – Ele disse educadamente olhando rapidamente para Catastrophe e logo depois para mim.

Mesmo vendo a cena de Catrastrophe me segurando em seu colo, ele não disse nada e

nem reagiu de maneira diferente, apenas adentrou a sala colocando a bandeja de prata na mesa preta.

- Eu estou faminta! – Catastrophe disse animadamente.

Se eu não saísse do seu colo, Catastrophe certamente me derrubaria no chão. Pois assim que me levantei ela deu um pulinho para fora da poltrona graciosamente, meu coração se acalentou a cena. Deus, ela era perfeita.

Ela seguiu Luke como uma criança animada e logo pega um dos sanduiches.

- Você sempre está faminta, Senhorita Catastrophe. – Luke se permitiu fazer o comentário de maneira descontraída.

- Eu gasto muita energia. Salvar Victoria não é fácil! – Ela jogou uma piscadela para ele, fazendo com que ele sorrisse.

- Ei.... Estou bem aqui. – Falei fingindo aborrecimento antes de sorrir secretamente dentro de mim.

- Luke?? – Catastrophe disse o nome de meu mordomo, antes de mordiscar o primeiro pedaço do seu sanduiche.

- Sim senhorita?

- Por que não me conta como você e Victoria se conheceram? Eu sei que não foi de maneira usual. Com Victoria nada é usual. – Ela apresentou um sorriso brilhante para Luke, junto com seu olhar infantil de criança como se quisesse um doce.

Oh, Céus. Ele não iria negar isso.

Luke olhou para mim e entendi que se fosse como uma permissão silenciosa.

A noite que conheci Luke realmente não foi nada usual, aliás se não fosse por ele. Provavelmente estaria morta.

- Claro, mas acho que a senhorita Victoria é melhor contadora de histórias do que eu. – Ele disse enquanto servia um pouco de suco de morango em dois copos.

- Sirva três copos Luke. Junta-se a mim, você pode me ajudar a lembrar de certos detalhes. – Eu falei pegando um dos copos.

Por fim, sentou eu e Catastrophe no sofá enrolada nas mantas de pele, aquecidas pelo fogo da lareira e Luke na poltrona da direita com o copo de suco em mãos.

- Foi numa noite muito escura quando conheci Victoria, senhorita Catastrophe. A bastante tempo atrás. – Ele timidamente dá um gole em seu copo e olha para nós duas.

Catastrophe nos fitou com os olhos brilhantes e excitantes de uma criança que iria começar a ouvir uma história épica entre dragão, príncipes e princesas.

- Já faz dois anos, meu querido amigo. – Eu olhei para ele novamente e vejo um sorriso bondoso em sua face.

Nascer aristocrata ainda mais com bastante poder financeiro faz toda a diferença. Graças ao meu pai conseguimos construir uma fortuna invejável, pedras preciosas era o que nossa família retinha. Tínhamos minas espalhadas por todo o país. Mas agora com meus pais mortos eu e meu irmão éramos os únicos herdeiros de tudo isso.

E o que fazer com esse dinheiro? Que não parava de chegar aos montes?

Obviamente eu e meu irmão, sempre fomos muito solícitos. Aprendemos que nós dois éramos realmente selecionados que muitos não viviam como nós. Então sempre que recebíamos uma grande quantidade de dinheiro após uma intensa exploração das minas dos nossos pais, pegamos uma parte e doávamos para orfanatos e casas de repousos que verdadeiramente usavam o dinheiro para pesquisa, para o melhoramento dos pacientes e não tortura-los. Desde que havia saído do hospício, vira os horrores que lá era cometido. Patrocinava médicos que queriam mudar as formas de tratamento.

Mas agora depois que meu irmão foi capturado nada fazia tanto sentido assim, fazia um ano desde que a criatura das sombras o pegou. Não tive muito sucesso em acha-lo. Não sei nem mesmo se ele estava morto ou não.

Tudo o que eu fazia agora era beber muito, não sabia mais a diferença entre o dia e a noite. Apenas bebia, dessa maneira a dor da perda e meu "dom" de alguma forma iam embora. Gastava minha fortuna no casino ao sul da cidade. Entrava ainda com o sol se pondo e saia de lá novamente quando o sol estava posto no céu. Jogos e mais jogos. Bebidas e mais bebidas. Obviamente algumas mulheres.

Já entediada tomava um drinque no bar do cassino. Com um cigarro nas mãos olhava calmamente todas as pessoas apostando suas pequenas fortunas, haviam poucas mulheres dançando com respectivos pares um tanto embriagados.

Sentia o álcool consumindo minha cabeça, um pequeno formigamento prazeroso.

Podia ver muitos homens de com seus colarinhos abertos e gravatas desfeitas. Rindo alto e apostando talvez mais o que devia. Alguns homens olhavam para mim. Não era comum mulheres em cassinos desacompanhadas, porém não iriam negar de fato minha entrada. Afinal era um aristocrata com uma herança invejável.

O cassino era novo na cidade. O teto era alto, com desenhos florais dourados pintados nos cantos da parede e subiam em ramos até o teto. Um imenso lustre já com energia elétrica ao centro do salão, uma pista central logo a baixo do lustre,

onde estes mesmos casais embragados dançavam. Uma gigantesca bancada preta com toda sua estrutura de apoio acolchoados de vermelho. Ali ficavam garçons nos servindo prontamente e logo atrás deles um paredão com uma estante de vidro brilhantes. Lá estavam as mais inimagináveis bebidas. Nos cantos do grande salão jogavam aqueles que gostavam de apostar. E um segundo andar formado como um camarote onde os musicistas tocavam alegremente canções.

Entediada, nada me dava alegria, aquela fagulha que todos os seres humanos tinham foi apagada. Antes quando Pietro ainda estava aqui essa fagulha existia mesmo que inconstante. Agora me olhava no espelho e meus olhos estavam opacos e eu transpirava infelicidade.

- O que uma mulher com uma beleza fascinante estaria fazendo sozinha? – Ouvi uma voz masculina grossa vindo do meu lado esquerdo.

Me virei e encarei o homem com o sorriso frouxo. Sua testa brilhava com uma pequena camada de suor. Sua pele era de cor oliva e seus olhos quase cinzas.

O fitei por um tempo.

- Apenas aproveitando meu drinque – Levantei a taça mostrando o liquido amarelado.

- Que tal aproveitarmos um drinque juntos? Uma noite tão bonita como essa merece ser comemorada, não acha? – Ele ofereceu um sorriso branco e com os dentes totalmente alinhados.

- Obrigada pela gentileza do convite. – Eu olhei para ele e dou uma última golada do drinque antes de termina-lo. – Mas terei que reclinar, eu já devo ir – Sorriu e me viro de costas para o homem.

Senti seus dedos me prenderem como garras em volta do meu antebraço. Ele me puxou para perto ficando frente a frente com ele. Podia sentir o hálito amargo do álcool contra meu nariz e no mesmo segundo sinto um terrível enjoo. Instalando-se em meu estomago.

- Por favor. Solte-me. Você está me machucando. – Adverti baixo. Olhando rapidamente para os lados e absolutamente ninguém parecia ter percebido seu assalto.

- Eu. Disse. Apenas. Comemorar. – Ele disse pausadamente e pude perceber seu ódio crescente. – Você não vai me negar isso, vai? – Apertou ainda mais seus dedos em volta do meu antebraço. Certamente a manhã teria um lindo hematoma.

- Eu já neguei. – Tirei meu braço do seu aperto, falando entre os dentes. Agora era a minha raiva que crescia.

- Você sabe.... Eu nunca recebi um não. – Ele ri sarcasticamente.

- Existe uma primeira vez para tudo. – Me virei e assim me perdi entre os pares dançantes saindo finalmente daquele cassino sufocante.

A madrugada estava fresca e deserta, agradável. Perfeita para mim. Minha casa era um pouco longe para ir andando, porém conhecia um atalho que poderia chegar antes do amanhecer.

Poderia no cassino ter pedido por um condutor para que me levasse em casa, entretanto adorava a madrugada e adorava ainda mais o silencio que ela oferecia.

Entrei em uma pequena ruela na qual me economizava alguns quarteirões.

Uma onda.

Aura.

E passos. Não apenas de uma pessoa, mas de várias.

Meu corpo enrijeceu, iria entrar em problemas. De novo. Me virei lentamente, a ruela estava escura, porém pude ver um homem de cartola se aproximando acompanhado de outros dois.

- Minha querida. Eu disse que queria uma comemoração – Ouvi sua risada já muito próxima de mim.

Tentei não demonstrar meu medo crescente, ainda me perguntava porque diabos atraia apenas pessoas que eram uma bagunça internamente. Pior, eu era um imã gigante onde encrencas eram direcionados a mim.

- Escute, vá para casa. – Falei com a voz bastante austera.

Seja como for, não conseguiria escapar de três homens estava cansada e um pouco bêbada, para lidar com isso, mesmo com a adrenalina a flor da pele. Sentia o resquício de álcool passeando pela minha cabeça.

Os dois homens vieram até a mim e cada um segurou meu braço, me imobilizando, não me debati, não adiantaria, apenas olhei fixamente para o homem de cartola. Ele estava com o mesmo sorriso frouxo do cassino.

O homem fez uma investida contra mim percebi que seu punho estava se armando de cima para baixo, porém no último segundo meu corpo conseguiu se mobilizar de maneira que o medo e fraqueza de isolasse.

- Caia.

O homem de cartola voou para a calçada suja. Ouvi os dois homens suspirarem exacerbadamente, entretanto senti meu estomago queimar e a dor lasciva invadiu

meu corpo. Um dos punhos dos homens que me segurava instalou-se violentamente contra minha barriga.

- Bruxa!! – Um deles gritou.

Eu cai no chão com o impacto do soco. Eu estava perdida, não queria morrer, mesmo infeliz, não queria aquilo para mim. Eu ainda precisava achar meu irmão. Eu tinha que dar um jeito de sair dali.

O homem de cartola se levantou e os três fizeram um pequeno círculo.

Engoli em seco.

Um dos homens que era louro e um pouco novo para frequentar cassinos, começou a bater com seus punhos fortemente em sua própria cabeça. Gritava de maneira agressiva. Eu e inclusive os outros 2 homens olharam em direção para ele. Uma risada brutal nasceu em seus lábios. Seus olhos ficaram todo branco, leitoso, incluindo sua íris.

- Pietro... – A voz metálica saiu da boca do menino louro e meu coração bateu dolorosamente em meu peito.

Foi tudo e o menino apenas voltou o que ele era antes.

Houve um silêncio, todos estavam estatelados.

Inclusive eu!

Porém esse silencio foi quebrado por um berro ao longe.

- EII!!- Uma silhueta alta se aproximava apressadamente. – Deixem ela em paz – Vejo o quarto homem correndo rapidamente parando na frente do circulo.

Ele tinha cabelos ruivos desgrenhados, sua barba estava rala com um cavanhaque para ser feito a algum tempo e roupas puídas. Mas era bastante corpulento.

- Não tem nada para você aqui. Volte para a pocilga de onde você veio. – O homem de cartola cuspiu.

Creio que a paciência do meu suposto salvador seja aparentemente curta, pois reconheci uma pequena lamina saindo da sua manga de seu velho sobretudo marrom.

- Eu já disse cavaleiros, deixem ela em paz. – O homem ruivo finalmente tirou toda lamina da sua manga. Uma adaga que deveria ser do tamanho de seu antebraço.

O homem da cartola riu e o ignorou, voltando seu olhar para mim. Ele se abaixou e quando fez menção de me pegar, o homem louro – o mesmo que falara o nome de meu irmão – caiu no chão de paralelepípedo ao meu lado e vi que a adaga que antes estava na mão do ruivo agora estava fincada em sua perna.

Tudo aconteceu tão absolutamente rápido.

O homem ruivo investiu contra os três homens que em questões de segundos fez com que eles corressem.

Ele se aproximou de mim e estendeu a mão, para que eu pudesse levantar.

- Luke Pinhato. – Ele sorriu bondosamente e sem hesitar peguei sua mão e levanto. Sua aura era boa e limpa, mesmo o conhecendo em pouco tempo sabia que poderia confiar nele.

- Victoria Burke. – Disse retribuindo o sorriso. – Obrigada por me ajudar. Mas eu poderia me salvar sozinha. – Eu olho para ele rapidamente enquanto limpo a saia do meu vestido vinho.

- Eu não tenho dúvidas Madame – Ele dizia de maneira divertida – Vamos dizer que apenas lhe poupei trabalho.

- Claro... Escute Luke, já está quase amanhecendo – Olhei para cima e realmente é possível ver os primeiros raios solares – Eu conheço um ótimo café aqui perto. Gostaria de tomar um café comigo? - Eu o convidei gentilmente.

Luke mesmo com roupas puídas e não tão apresentável ele era alguém bonito. Porém eu o julguei por não ter muito dinheiro. Talvez, senti de alguma maneira pudesse ajuda-lo.

- Seria um prazer. – Ele sorriu brevemente.

- Senhor Pinhato?- O chamei antes de sair da ruela, já podíamos ver o café a o final da esquina no outro lado da rua.

- Me chame de Luke, por favor. – Ele direcionou o seu olhar verde para mim e sorriu.

- Claro, Luke? – Corrigi-me

- Sim senhorita Burke. – Ele colocou as mãos para trás, inclinando a cabeça. Tudo em seus movimentos eram extremamente elegantes, devia ressaltar. Seus olhos eram verdes, parecidos com os meus, porém com o brilho e a fagulha de vida cuja perdi a muito tempo. E o que me assustava era de que a fagulha de vida de Luke era assustadoramente imensa.

- Acredito que seremos bons amigos. – Eu sorrio – Acho que ainda passaremos muitas coisas juntos.

- E foi assim que o conheci. – Olhei para Luke e logo em seguida para Catastrophe, que me observava com faciono.

- Isso é fantástico! – Ela riu divertidamente com o lábio inferior sujo de migalhas do

pão.

- Madame Burke me ajudou muito. – Ele espalmou as mãos nas coxas e as esfregou contra o tecido da calça. – Eu deveria a essa hora estar provavelmente morto. Eu estava despejado ha 3 dias, estava sem comer quase o mesmo tempo. Acho que dei tremendo prejuízo em Madame Burke no dia do café. Estava realmente com fome.

- Foi mais do que merecido Luke. Você salvou minha vida. - Me aconcheguei mais contra o corpo de Catastrophe e senti seu braço envolver meu ombro.

- Estou orgulhosa de você. – Ela disse murmurando perto de minha orelha.

Meu pescoço esquentou assim como minhas bochechas e de repente estou tímida ao elogio de Catastrophe e feliz por saber que ela tem orgulho de mim.

Um pouco infantil? Pode até ser, mas Catastrophe me despertava coisas que nunca pensei que fosse sentir.

- Luke, foi meu único amigo que não foi embora quando descobriu meu verdadeiro eu.

Disse, mas englobando não o fato do meu dom, mas do sequestro do meu irmão, na ajuda de algumas missões e meu desejo por mulheres.

Luke tomou mais um pouco do seu suco de morango e acenou para mim concordando.

- Agora, você também tem Catastrophe. – Ele sorriu gentilmente e eu balancei a cabeça concordando com ela.

Catastrophe me trouxe mais contra ela e quando olhei para ela vi que seu olhar era de extrema devoção para mim.

- Eu jamais te julgaria Madame. Você foi a única pessoa que me ajudou. Me dando emprego, um excelente quarto e comida. – Ele disse por fim agora um pouco mais sério. – Devo me retirar agora, tenho que terminar de cuidar da cozinha. – Luke se levantou pegando os copos de nossas mãos. – Devo retirar tudo ou deixo a bandeja aqui?

- Deixe. Catastrophe com certeza irá comer mais. – Falei rodando os olhos.

Ouço uma risada baixa de Catastrophe, sabendo que tinha razão.

Se alguém tinha um apetite imenso nessa casa era Catastrophe, outra coisa que lembrava meu irmão.

Luke então se retirou nos deixando sozinha na sala.

- Acho que devemos ver essa torre solitária. – Catastrophe disse finalmente depois de algum tempo em silêncio.

Não era um silêncio constrangedor, mas sim um silêncio reconfortante. Eu acariciava os cabelos dela, enquanto ela ronronava baixinho como um gato, perdida em seus próprios

pensamentos.

- Sim, vamos terminar de comer e ver com que estamos lidando.

Passamos o resto da manhã e o início da tarde assim, entre beijos, brincadeiras maliciosas de leve e caricias com certa censura. Eu não queria empurrar Catastrophe em uma situação que a deixasse desconfortável. Queria que quando ela se entregasse para mim, fosse a partir de uma aproximação dela, algo que ela começasse. Deixando-a livre. Claro, que já estava ficando sensível demais, durante meus banhos era eu que deveria me aliviar sozinha. Sempre tivera a libido alto, mas desde que Catastrophe começara a me rondar ele ficou descontrolado. Eu queria muito Catastrophe, muito. Como nunca desejei ninguém, mas eu esperaria.

Catastrophe conseguia selecionar o melhor de mim.

Nos arrumamos sem muita pressa, o frio que estava fazendo hoje era grande e com o tempo seco não ajudava muito também. Pedi para que Luke nos levasse rumo ao oeste com a nossa carruagem. Era o lugar onde sabia que havia uma cadeia de lagos não muito exploradas e era onde a parte da arquitetura mais antiga da cidade estava prevalecida.

No final das contas eu estava certa não demorou muito para ver a torre em cima de um grande elevado a margem do rio Urso. Ao nos aproximar percebi que ela era realmente monumental. Um pouco assustadora devo admitir. Era feita com grandes blocos de pedras cinzas com trepadeiras já mortas e secas subindo até pela metade de toda sua estrutura. Ao alto estava localizada apenas uma grande janela com vidros coloridos e uma porta de metal. Um corredor com pequenas arvores secas que iam em direção a grande porta.

Ao pisar no gramado da propriedade meu corpo travou. Logo a aura invadiu meu corpo de maneira terrível. Era como uma manada inteira de elefantes tivessem passado por cima de mim. A aura de Luke estava acuada, ele estava acuado e com medo – mesmo não demonstrando-. Qualquer cético ao pisar ali teria um arrepio na base da sua espinha e sairia correndo dali o mais longe possível. Já a aura de Catastrophe percebi que lutava constantemente contra a aura que aquele lugar apresentava. Era fascinante ver sua luta constante, ela sabia que iria perder, mas não desistia.

Eu me perguntava. Como um lindo lugar como aquele cercado de elevados com plantações rasteiras e um lago com águas cristalinas pudessem reservar um lugar tão destoante recheada de terror.

Mais do que nunca precisava da esperança de Catastrophe.

A cólera de Catastrophe. - Capítulo 17

Definitivamente essas feiticeiras eram mais fortes do que Thompson, apenas pela aura que a torre emitia eu conseguia sentir. Isso não era bom, não mesmo.

- Droga... – Amaldiçoei baixinho enquanto estávamos na frente da propriedade.

- Sim. – Catastrophe olhou para mim, como se soubesse exatamente do que eu estava sentindo.

Seus olhos negros estavam brilhantes e selvagens, prontos para qualquer coisa.

- Você pode sentir? – Perguntei meio inutilmente, é claro que Catastrophe não tinha os mesmos dons que eu, mas ela me olhou como se realmente soubesse o que eu sentira.

- Não, mas esse lugar me dá um frio horrível na barriga. Seja lá o que for, temos que ter muito cuidado. – Ela disse seriamente, enquanto seu olhar voltava para a torre solitária.

- O que iremos fazer, Madame Burke? – Luke perguntou atrás de mim.

- Não podemos pega-las de uma vez só. – Eu falei colocando os dedos no queixo analisando toda a situação em minha volta, tudo o que eu pensava acabava um de nós três mortos. Eu tinha que realmente pensar direito de como pega-las separadas.

- Victoria, você não pode tentar rastreá-las separadamente? Talvez elas vivem como humanos, andam como a gente. Assim, podemos nos preparar para pega-las. Juntando assim mais pistas. Elas iriam estar despreparadas juntas. – Ela disse pensativa dando um passo à frente e entrando no começo do corredor das pequenas arvores que davam até a grande porta de metal.

Ela estava certa novamente. Eu realmente conhecia um feitiço no qual conseguia rastrear as pessoas pela sua aura, e pelo o que estava sentindo a torre tinha três auras diferentes, ou seja, ali residiam três poderosas feiticeiras. Porém, até o momento só havia testado em humanos uma ou duas vezes. Nunca em demônios, feiticeiros ou criaturas. Bem, seja como for temos uma primeira vez para tudo. No momento era tudo o que eu tinha. Seria suicídio entrar nessa torre, nesse momento. Eu não poderia arriscar Luke e muito menos Catastrophe.

- Claro. – Eu disse como se a ideia tivesse partido de mim. – O único problema é que esse tipo de feitiço leva cerva de 24 horas para se concretizar, e o feitiço apenas se realiza quando uma das feiticeiras passar pelo o local onde eu fiz. Ou seja, quando elas saírem da torre, apenas que irá começar a contar. Não sei se temos esse tempo todo. E se elas não andarem como nós? E se no final, não der tempo de conseguirmos pega-las e descobrir onde está meu irmão? O pior, se não der tempo de evitar que o mundo se

desmorone? – Comecei a perguntar um pouco rápido demais de maneira aflita para olhando para ambos, começando a me sentir inútil perante a situação.

- Madame Burke. Mas não podemos viver no SE. É o que temos por hora, é o que podemos fazer. – Luke disse seguramente, com as mãos atrás das costas.

- Concordo com Luke, Victoria. É o que temos por hora. Faça esse feitiço e as pegamos separadamente. Correremos contra o tempo, mas eu sei que iremos conseguir. Apenas confie. – Escutei o argumento de Catastrophe.

Cheguei à conclusão que a única pessoa com baixa estima, era eu. Ainda bem que tinha Luke e Catastrophe.

- Certo. Faremos isso então. Seja o que for é a nossa única chance. Não é? – Dou de ombros e respiro fundo ainda que um pouco frustrada e contrariada, sentindo o nervosismo começar a bater em meu peito.

- É a única solução que vejo. – Catastrophe falou com convicção.

- Eu preciso de uma faca – Disse estendendo a mão para alguém me entregar.

Sem hesitar Luke me entregou uma pequena faca que estava em seu sobretudo, a mesma em que usei para cortar meu dedo para entrar na câmara de Burke.

Puxei um pequeno chumaço de cabelo na nuca preso em meu coque e cortei um pouco. Me agachei ao chão e depositei o pedaço de cabelo entre as raízes da primeira arvore do corredor e mais uma vez percorri a lâmina em meu dedo já cicatrizado para que o sangue começasse a brotar pela nova ferida.

Esfreguei meu dedo na terra formando um círculo entre as raízes onde no centro coloquei o pedaço de cabelo. Fechei os olhos e me concentrei em três figuras, sem características especificas. Apenas três mulheres normais, dizendo os nomes feiticeiras sem parar num sussurro, concentrando a minha aura no local do pequeno pedaço de cabelo. Concentrando a minha aura nesse ritual era a única coisa que tinha para que eu pudesse localiza-las, quando elas cruzassem essa árvore minha aura iria oscilar e eu sentiria a distância de sua presença. Respirei fundo e assoprei contra o feitiço e a mesma hora uma corrente gélida da brisa da lagoa percorreu por todo a elevação.

Me levantei e senti o braço de Catastrophe em minhas costas.

- Pronto. – Eu virei a cabeça e olhei para ela. – Agora tudo o que podemos fazer é esperar.

Entramos na carruagem e para o meu alivio nos distanciávamos cada vez mais do lago Urso. Conseguia agora não apenas respirar melhor, mas me mexer também. As auras estavam ficando mais leves assim como o ar.

- Gostaria de te levar para um passeio pelo jardim botânico da cidade. A uma estufa de só com flores tropicais. Elas são tão parecidas com você. – Falei olhando para ela enquanto Catastrophe parecia observar atentamente a torre já sumindo a linha do horizonte. – Já que temos que esperar um dia inteiro. Por que não te apresentar algo novo?

- Sério? – Ela me fitou por um momento com um sorriso divertido nos lábios.

- Sim, te levarei lá. A uma flor que quero que veja se chama Trompetas de Anjo. Elas são como você. Quando chegarmos lá te mostrarei. Uma flor tão linda, pode ser usada como um alucinógeno e levar a pessoa a morte. Ou virar um medicamento para curar as pessoas. Depende como a gente usa. – Eu disse olhando para ela, estudando seu rosto tão lindo.

Catastrophe realmente era assim. Ela era tão bela que chegava a doer em olhar, mas ao mesmo tempo era coberta de perigos e mistérios desconhecidos a mim. Ela poderia ser mortal, mas também poderia ser a cura de qualquer coisa.

- Eu não sei como tomar o que você acabou de dizer. Se posso levar como um elogio ou uma observação. – Ela disse com um sorriso nos lábios e os seus olhos negros transbordam inocência. Diferentemente, quando está em ação ou concentrada.

- Tome como desejar. – Disse seriamente, antes de bater com os nós dos meus dedos na parede de madeira da carruagem.

Senti os cavalos pararem e logo em seguida eu abri a porta colocando minha cabeça para fora da cabine.

- Luke nos leve ao Jardim botânico.

Não espero nenhuma resposta e fecho a porta.

O jardim botânico era um espaço que enchia os meus olhos. Além de ter um incrível jardim com as mais diversas flores e arvores. Havia lugares para sentar, conversar, fazer piquenique e brincar no gramado entre a natureza, mesmo no frio muitas pessoas passavam por lá durante o dia. Mas o que me interessava estava no meio de todo esse verde. Era um prédio branco todo envidraçado com dois andares. Uma linda estufa com estruturas de ferro pintado de branco. As arvores tropicais chegavam até o seu teto e lindas flores eram espalhadas pelo primeiro andar.

Assim que passamos pelas grandes portas de vidro, já podia ser possível sentir o frescor da pequena floresta tropical de maneira organizacional, Palmeiras, samambaias,

dentre outras espécies vinda da região tropical. A temperatura também se elevou e logo pude perceber Catastrophe tirando seu sobretudo, jogando-o para suas costas e segurando com dois dedos em forma de gancho sobre seus ombros. Eu mesma desabotoei dois botões do meu sobretudo.

- Isso aqui é incrível! – Ela soltou alegremente um riso olhando para todo o verde que preenchia a casa de vidro. – Sinta a temperatura, o cheiro é tudo tão... – Ela fechou os olhos e inalou devagar parecendo memorizar cada fragrância que ali estava e encheu seu pulmão com o ar puro.

- Eu sabia que você iria gostar. – Eu olhei para ela ainda de olhos fechados. – Eu vinha aqui quando estava triste.

Ela abriu os olhos e olhou para mim, e nele estava uma preocupação constante.

- Você está se sentindo infeliz? – Ela perguntou baixinho inclinando-se levemente em minha direção.

- Catastrophe.... Eu nunca fui verdadeiramente feliz, estaria mentindo para você se dissesse que estou. Eu sei que felicidade é um estado, um momento. Não dá para se perdurar nela o tempo inteiro. Não dá para ser feliz o tempo inteiro. – Eu comecei a andar e toco com as pontas dos dedos uma grande folha verde. – Mas, eu gostaria de ser mais plena, entende? Não gostaria de passar por tudo o que estou passando.

- Mas se você não tivesse passando por tudo isso, você não seria o que seria hoje Victoria. Você se imagina sendo outra pessoa, outra Victoria? – Ela se virou para mim e começou a andar de costas.

- Para ser sincera. Não. Eu realmente não imagino. – Disse seriamente. – Eu acho que eu gosto do que me tornei. A mulher que sou hoje. Eu gosto de quem eu sou, mas não do que eu sou.

- E você seria o que? Nesse momento você me demonstrou ser uma mulher incrível. Com defeitos, assim como o resto da humanidade, mas você é especial. Talvez esteja em seu destino.

Catastrophe realmente gostava de deixar as coisas mais difíceis, seus elogios só faziam meu coração sentir mais afago e compaixão por ela. Só fazia querer cada vez mais essa menina.

- Como um plano divino? – Eu falei com um sorriso sarcástico nos lábios e as mãos mexendo os dedos para cima, como se tivesse contando uma estória de fantasma.

Catastrophe se virou novamente e começou a andar do meu lado.

- Por que não? – Ela deu de ombros. – Talvez eu tenha esbarrado em sua vida, não

apenas de propósito.

- Não sei Catastrophe.

Mesmo que tenha tido um sonho de alguém me dizendo sobre a alma pura e que de alguma forma Catastrophe caiu em meu colo era difícil acreditar que algo divino estava me ajudando.

- Prefiro realmente acreditar que o divino não tenha me dado essa maldição que carrego. Se isso for um plano, foi de muito mal gosto. – Falei um pouco zangada, tentando me manter calma. – O destino, talvez ele possa até estar me ajudando. Mas eu tenho certeza que ele vai me cobrar. Nada é de graça Catastrophe.

Nada realmente é de graça, pois para ficar com você eu desisto do meu irmão e para ter meu irmão tenho que abrir a mão de minha esperança.

- Talvez, você esteja vendo tudo isso o que está acontecendo em sua vida em uma perspectiva diferente. Talvez, você esteja em algo muito maior. – Ela falou causalmente jogando os ombros para cima.

- E você, Catastrophe? Tem medo de alguma coisa? - Perguntei realmente demonstrando interesse, qualquer coisa que eu pudesse saber sobre ela era realmente bom. Entretanto de alguma maneira queria desconversar. Não queria tocar em um assunto que para mim era delicado.

Fé.

- Antes... - Ela falou olhando para algum monto fixo de uma árvore, juntando os lábios formando uma pequena linha, como se tivesse procurando por alguma coisa em sua memória – Não, mas agora eu tenho. - Catastrophe demorou um pouco para responder, seus olhos se voltaram para o meu e ela disse baixinho. - Tenho medo de perder você. - Ela sorriu quase imperceptivelmente.

Eu inevitavelmente olhei para seus olhos negros e mergulhei naquela imensidão e na sua aura. Ela estava falando a verdade. Catastrophe tinha tanta coisa para me oferecer, tanto a me mostrar. Seus olhos me mostram tanta coisa, tanta inocência mais também tanta sabedoria.

Eu a parei segurando seu pulso e ignorei todos os que estavam em volta. Toco em seu rosto e sinto sua pele quente de sua bochecha, acariciei levemente com o polegar suas sardas.

- Obrigada, obrigada por me mostrar tantas coisas. – Falei finalmente, antes de perceber o quão próxima eu estava dela e me afastei apenas um pouco, mas ainda sim dentro de seu espaço pessoal.

De onde essa menina veio? Céus. Eu deveria estar apaixonada, pois ela era perfeita.

- Eu que deveria agradecer, Victoria. – Catastrophe sorriu gentilmente, inclinando em meu toque, antes de cobrir minha mão com a dela.

Ficamos ali perdidas uma no olhar da outra, sem se incomodar com as pessoas passando pela gente. Olhar para Catastrophe era como se tivesse em casa. Era como se tudo fosse dar certo.

- Deveríamos retornar nosso passeio. Quero aproveitar um pouco mais esse clima. Antes de congelar lá fora. - Ela riu baixinho mostrando seu lindo sorriso.

- Tem razão. - Peguei seu braço e retornamos a andar

Ficamos por ali um pouco mais, passeando entre os caminhos de metal. Observando as arvores, as flores e respirando o clima quase tropical. Catastrophe estava tendo um bom tempo, estava sorrindo atoa, tocando nas plantas como uma criança curiosa e depois me olhava com meiguice. Não faltava muito para o sol se pôr e tirei a conclusão que a muito tempo não me sentia tão bem e aberta em público, pois eu também sorria junto com ela, brincava com as brincadeiras que ela oferecia. Mesmo com toda anormalidade e imprevistos, ter Catastrophe naquela tarde no jardim botânico me fez sentir quase normal.

Catastrophe ressonava em meu ombro, enquanto estávamos dentro da carruagem indo para casa. Seu peito subia e descia devagar, eu conseguia ver um pouco de seu decote e o começo do desenho de seu seio. Lambi os lábios desejando toca-los, respirei fundo ignorando esse sentimento. Olhando assim para frente.

Quando chegamos em casa ela se esticou como um gato e sorriu beijando-me nos lábios.

- Eu adorei nosso passeio.

- Que bom, minha querida. Eu vou me trocar e já volto. – Eu falei mais uma vez tocando sua boca na minha. – Por que não ajuda Luke com o jantar?

Catastrophe olhou para Luke com um sorriso travesso nos lábios, como se implorasse para que ele dissesse sim.

Ele acenou concordando.

- Não se preocupe Luke, não destruirei a cozinha como a da última vez.

- Da última vez? Ou você quer dizer todas? – Luke não pode deixar se implicar com Catastrophe com um tom divertido em sua voz.

-Ei... – Catastrophe fez um bico como de criança mimada e deu um pequeno tapa no ombro de Luke.

- Divirtam-se. – Me virei e subi as escadas.

Fui até meu armário e peguei uma calça lilás de seda, que viera dos países orientais, uma blusa simples branca e um casaco preto confortável.

Fechei a cortina, mas antes admirei a noite fria lá fora, a lua estava minguante e bastante brilhante. As estrelas pingavam por todo o céu, umas com a luz mais forte do que as outras. Voltei a cama e joguei meu sobretudo em cima dela. Fazia menção de desabotoar meu vestido, foi quando senti a aura pesada me acertando em cheio. Ela era tão pesada que parecia que alguém havia em empurrado fortemente, então eu voei para o outro lado do quarto. Eu me levantei com dificuldade e ao me virar vi uma linda mulher com cabelo cacheado é uma túnica longa preta me encarando com um sorriso diabólico no rosto. Seus olhos eram negros, mas neles não tinham vida alguma. Ela parecia um boneco ambulante, sem brilho.

- Procurando-nos!? - Sua voz gélida preencheu meu ouvido causando-me um mal-estar inexplicável - Você acha realmente que não vi você fazendo aquele feitiço patético em minha casa? - Ela deu um passo para frente chegando mais perto da cama. Era apenas essa mobília que nos separava.

- O mestre está te subestimando. - Ela disse me encarando com ódio. - Eu estou num impasse aqui. Veja, as ordens dizem para não te matar. Entretanto sinto que devo te matar, lentamente ouvindo seus gritos deliciosos. - Ela sorria e percebi que seus dentes estavam agora mais pontudos, ela ergueu uma das mãos e pude ver também suas unhas vermelhas imensas como verdadeiras garras. Porém, o que mais me chamou a atenção foi sua marca na palma de sua mão. O símbolo da verdadeira face do mal. O símbolo que nos últimos dias balançaram toda minha vida.

Então de repente ela avançou sobre mim em um pulo, eu consegui desviar mas cai no chão em um baque audível. Agora, ela já estava na minha frente. Eu precisava sair dali. Eu precisava me defender e pedir por ajuda, foi aí que vi através dos ombros da feiticeira minha estante com as três velas. Um feitiço de proteção era o que eu precisava.

Ela investiu contra mim, mas consegui colocar a mão para cima e quando seu corpo começou a se projetar em cima de mim, minha aura concentrou nas pontas dos dedos, tornando-se quase palpável, a feiticeira parou no ar momentaneamente antes de bater contra a parede, caindo em um baque alto. Rapidamente pude sentir meu corpo esgotando-se, ainda não sabia controlar minha aura direito e as quantidades para ser postas em cada feitiço.

Essa era minha chance.

Levantei rápido contornei a cama e peguei as três velas. Para minha sorte uma pequena caixa de fósforo estava lá em cima da pequena estante.

Coloquei duas velas no chão formando uma linha perfeita e outra atrás de mim, formando um triângulo perfeito. Acendi a primeira, e vi a feiticeira levantar, acendi a segunda, e a feiticeira começou a correr até a mim, acendi a terceira e seu braço chicoteou como uma serpente, em direção a o triangulo. Mas um uivo de dor foi ouvido, ela recolheu a mão contra o corpo, sua mão estava queimada e o cheiro de sua pele chamuscada subiu pelas minhas narinas.

- Esperta. Mas logo sua aura irá tremular e quando isso acontecer estarei aqui pronta. - Ela riu cruzando os braços, ficando em minha frente.

Esperava pacientemente meu fraco, com um sorriso malicioso em sua boca.

- CATASTROPHE!!!!!!! - Liberei todo o meu ar preso no pulmão, para gritá-la e mandei os resquícios de minha aura que tinha como uma onda para cima de Catastrophe na esperança de se ela não me ouvir, ao menos pudesse me sentir.

Estava fraca, eu sentia minha aura oscilar de maneira rasteira. Eu sabia que não iria aguentar mais que segundos. A feiticeira continuava lá, me encarando.

Eu comecei a piscar rapidamente, minhas pálpebras estavam pesadas e doloridas. Eu iria fracassar, Catastrophe estava demorando muito, porém antes que eu pudesse finalmente sentir minha mente entrando no escuro vi Luke e Catastrophe entrarem pela porta.

Ouvi um tiro estalando no ar. Era Luke disparando contra a feiticeira e como sempre com sua mira certeira ele conseguiu acerta-la no ombro, mas não o suficiente para sequer ela pestanejar de dor. A feiticeira apenas olhou para o ferimento e sorriu andando em direção dos dois.

Então era vez de Catastrophe entrar em ação, eu não pude ver a sua expressão, porém fui capaz de sentir sua aura. E ela estava com raiva, muita raiva.

Catastrophe entrou em confronto com a feiticeira usando sua espada, as suas habilidades eram incríveis, só que parecia não ser o suficiente. A feiticeira conseguia desviar todos os golpes.

Luke já agora ao meu lado me deu apoio para levantar, agora nós dois éramos apenas expectadores da luta entre a feiticeira e Catastrophe. Percebeu não poderia fazer muito.

Em um golpe com a espada onde Catastrophe lançou a lamina de cima para baixo, a feiticeira conseguiu pegar com as mãos. As duas palmas estavam juntas e o fio da lâmina da espada de Catastrophe entre elas. Eu vi a feiticeira rir baixo e senti meu corpo todo estremecer.

- Você realmente acha que pode me ferir. Não sou como Thompson, coisa insignificante. – A voz gélida penetrou novamente minha cabeça causando-me calafrios.

Catastrophe não disse nada apenas pareceu colocar ainda mais pressão em sua espada, na tentativa de ferir a feiticeira. Mas mesmo com toda raiva e as incríveis ondas de auras para cima da mulher, não era o suficiente. A feiticeira desarmou Catastrophe puxando a espada de maneira violenta e foi para cima dela com suas garras afiadas, as duas caíram no chão. A feiticeira ficou por cima de Catastrophe e suas garras pairavam sobre o seu peito, por mais que Castrophe segurasse os punhos da feiticeira, sua força não era o bastante. Suas garras enrijeceram forçando a caixa torácica de Catastrophe, a feiticeira queria de alguma maneira chegar o coração de Catastrophe. Toda sua aura estava direcionada em suas garras.

Meu coração se apertava, eu estava aterrorizada. Estava com medo de perde-la.

Seus olhos se cruzaram e elas se encararam, com cólera evidente. Catastrophe estava em um estado de tenção inacreditável. Ao menos era o que sua aura me dizia, algo estava diferente seu brilho e sua força mudara para algo assustadoramente forte. Catastrophe grunhiu que ecoou o seu peito, um grunhido animal que saia pela sua boca.

O som fez com a feiticeira vacilasse. Foi o suficiente para Catastrophe rolar e ficar desta vez em cima da feiticeira. Um soco foi solto bem deferido, tão forte que o nariz da feiticeira fora destruído e o sangue tomou conta de seu rosto. A boca feiticeira parecia ter sofrido sérios danos também. Catastrophe lançou a cabeça da feiticeira contra o chão que certamente amassara meu assoalho. A aura de Catastrophe estava imensa e assustadoras, eu nunca provara algo parecido. Eu não estava com medo dela, mas era surpreendendo o que essa menina podia fazer. Seus olhos negros não saiam em nenhum momento em contato com os da feiticeira.

- Diga ao seu mestre que mandei lembranças. – A voz de Catastrophe soava perversa e ameaçadora. Algo que nunca havia imaginado que um dia poderia ouvir.

Em um movimento rápido ela se virou e pegou a espada e antes que a feiticeira pudesse fazer qualquer coisa a lamina perfurou sua cabeça e num piscar de olhos a feiticeira gritou e tudo o que restou dela foi pó. Apenas a túnica preta e um colar com uma grande preta vermelha, foi o que restou da feiticeira.

- Catastrophe? – A chamei num fio de voz um pouco apreensiva, pois ainda sua aura ainda estava estranha e suas mãos presas fortemente a sua espada.

Ela se levantou e não olhou para mim apenas saiu do quarto arrastando-se em direção ao corredor.

- Madame Burke, a senhorita está bem? – Luke finalmente disse depois que ambos

observamos Catastrophe sair do quarto de maneira entorpecida.

- Sim. Estou. Obrigada por virem me ajudar. – Eu disse com a voz rouca.

- Ouvimos você gritar e Catastrophe veio como um furacão. – Luke falou enquanto ia até o que restava da feiticeira.

Ele pegou a manta e o colar com a pedra vermelha.

- Luke, guarde isso – apontei para o colar. – Acho que posso usar isso como nosso favor. Mas pensarei nisso só amanhã. Vá descansar meu amigo. – Coloquei a mão em seu ombro e apertei levemente.

- Claro Madame. – Ele disse sem fazer mais delongas ou perguntas.

Um pouco cansada fui em direção a o quarto onde Catastrophe estava. A porta estava encostada, bati levemente com os dedos e entrei. O quarto estava numa penumbra agradável, a noite iluminava o quarto junto a uma pequena iluminaria.

Catastrophe estava sentada na cama, de costas para porta. Sua aura estava se acalmando, ela agora parecia tão indefesa e pequena. Eu me aproximei devagar e com hesitação me sentei do seu lado. Ouvi ela soluçar e uma lagrima desceu lentamente pelo seu rosto pingados de sardas. Ergui minha mão e limpei seu rosto de maneira sutil.

A segurei pela sua bochecha e acariciei um pouco.

- Eu perdi o controle. Eu tive que sair dali. – Sua voz era grave e tremula. – Eu poderia machucar você. Tanta coisa.... Tanta coisa. – Ela dizia olhando para um ponto fixo no chão balançando seu corpo quase imperceptivelmente para frente e para trás.

- Catastrophe... Calma. – Eu sussurrei enquanto minhas mãos passaram a acariciar seus cabelos louros. Não iria contesta-la ou muito menos fazer perguntas.

- Eu sou perigosa para você. – Ela disse virando o rosto para mim e seus olhos negros, estavam um pouco vermelhos. Eles estavam tristes. Sua raiva se transformou em tristeza e arrependimento. Minha linda menina estava sofrendo.

- Não! Você me salvou, se não fosse por você Catastrophe, não estaria tão próxima como estou do meu irmão. – Encostei minha testa em sua têmpora e passei minha mão pelas suas costas. – Eu preciso de você. Quando tudo isso acabar quero você do meu lado.

Eu a queria do meu lado. Eu precisava tê-la em minha vida. Eu daria um jeito, mas Catastrophe tinha que ser minha. Eu iria conseguir ter ela e meu irmão.

Ficamos muda por um tempo. Catastrophe presa em seus próprios fantasmas dentro de sua cabeça e tudo o que eu podia fazer é estar ali presente, pois quando ela precisasse de ajuda estaria ali para atende-la.

- Eu quero você, Victoria. – Ela se virou para mim. – Eu quero você, agora. – Ela diz com a voz rouca e baixa. – Eu preciso... – Sua voz morreu e seus lábios encontraram os em um beijo carregado de paixão.

Hoje eu seria de Catastrophe.

Eu finalmente faria amor com Catastrophe.

O toque de Catastrophe – Capítulo 18

Seu toque era firme, porém sutil. Catastrophe pairava sobre mim e silenciosamente desvendava meu corpo sem pressa, com curiosidade, a impressão que dava era que tudo para ela era a primeira vez. Mesmo sentindo que ela já conhecia meu corpo, pois sabia onde e quando me tocar. Catastrophe tinha incríveis habilidades. Habilidades nas quais algumas não haviam sido descobertas, como essas. Cuja ansiosamente estava esperando para experimentar, fazer amor com essa garota iria ser algo única que jamais provara, eu nunca tinha ansiado tanto por alguém e finalmente ela seria minha.

Parecia que estávamos em uma dança, onde cada uma sabia o que fazer. Entretanto Catastrophe que me levava, hoje apenas hoje deixaria ela mestrar as coisas do jeito e de como ela queria. Sua necessidade de meter ultrapassava qualquer manifestação minha de tomar a frente.

Sua boca, suas mãos e seu corpo sempre encaixando perfeitamente contra minha figura. Se eu pudesse congelar o tempo, nessa noite e fizesse que essas horas durassem dias, eu faria. Tê-la assim tão intimamente, fora além das minhas expectativas.

Meus dedos curiosamente exploravam suas costas e finalmente chegaram a pele sensível das suas duas cicatrizes, por um momento ela hesitou e olhou para mim com seus olhos tomados de desejos.

- Eu abraço cada imperfeição sua Catastrophe. Faça amor comigo. – Digo baixo beijando sua clavícula e distribuindo pequenos beijos até seu maxilar e pescoço, fazendo ela gemer e se contorcer perante o assalto.

Ela relaxou um pouco mais encontrando minha coxa e ondulando vagarosamente em cima de minha pele. Pude sentir seu centro quente e escorregadio, gritando por mim. Como eu queria vira-la e toma-la, mas me controlei. Ela me queria também, me desejava, seu controle já estava sendo perdido. Pois nada fazia parar a pequena ondulação que ela fazia sobre mim, friccionando o seu majestoso corpo sobre o meu, pintando minha perna com seu gosto. Eu poderia chegar o ápice só dessa maneira, mas

eu me segurei, esperaria Catastrophe tomar seu tempo.

Seus seios eram maiores e mais redondos, suas coxas mais grossas e a musculatura do seu braço parecia ser desenhado a mão. Deus, essa garota estava me tirando do sério.

Eu dedilhava seu braço, sentindo seus músculos sob o meu toque, ela se levantou um pouco, espalmando as duas mãos no colchão a cada lado de minha cabeça. Seus seios ficaram pendurados e eu aproveitei para escorregar meu toque de seus braços até eles. Eu os apertei e senti a maciez que seus seios proporcionavam, ela gemeu baixo e seu quadril ondulou um pouco mais forte contra minha coxa. Catastrophe permitiu que a tocasse um pouco, revelando um pouco mais.

Senti finalmente ela relaxar ainda seu corpo e o seu peso desce sobre o meu, murmurando meu nome, enquanto descia pelo meu colo e seios. Sua boca fazia maravilhas contra minha pele, a cada beijo, lambida ou mordida eu me arrepiava e meu centro formigava cada vez mais. Eu estava me sentindo protegida, como se alguém finalmente depois desse tempo todo sozinha realmente se importasse comigo. Fechei os olhos e esperei que o relógio fosse meu amigo e essa noite passasse devagar, ao contrário de todas as outras. Finalmente nos braços de Catrastrophe, senti minha vida novamente inflar. Senti aquela pequena chama antes apagada em mim começando a renascer. Senti-me segura. Tudo o que eu passei em minha vida até agora, parecia que estava escapando de minha mente, deixando apenas eu e ela.

Sua boca finalmente chegou aonde eu queria, Deus, eu gemi alto.

Ela me saboreava a procura de me dar desejo e prazer, meus suspiros ficavam cada vez mais altos. Seus dedos me invadiam sem qualquer resistência o meu sexo, trazendo-me ondas de prazerosas maiores que poderia aguentar, ela estava me fazendo dela. Sua boca me abocanhava com fome, porém ainda assim com gentileza. Minhas mãos desciam em seus cabelos louros e o puxava ainda mais forte em direção ao meu prazer.

- Como eu quero você. – Ela disse sensualmente antes de lamber a parte interior da minha coxa.

- Você já me tem. – Falei com dificuldade tentando encontrar seus olhos recheados de desejo, mas eu não aguentei mantê-los aberto então eu os fechei aproveitando o que ela estava me dando.

Então novamente sua boca voltou ao meu centro e seus dedos trabalhavam insistentemente em mim.

A temperatura quente de seu corpo batia contra o meu. Catastrophe não parecia querer me largar, seu ser estava pedindo pelo meu, sua aura era um misto de sentimentos fortes que me deixavam ainda mais perdida dentro dela.

Nossos corpos suavam e eu me agarra cada vez mais nela, essa noite eu iria me entregar por completo. Não pensando em absolutamente nada, apenas Catastrophe contra mim, me tocando e me beijando. Causando-me arrepios e ondas de prazeres que como nunca antes sentira.

Agora, tudo se resumia entre mim e ela.

Abri os olhos preguiçosamente ao sentir os primeiros raios de sol batendo em meu rosto. Demorei um pouco por dar conta de onde estava. Senti o calor de outro corpo atrás de mim, me abraçando pela cintura. Foi aí que percebi que realmente tudo acontecera, não era um sonho no qual havia tido. Relembrei os maravilhosos momentos que tive durante a noite passada. Eu tomando Catastrophe gentilmente, conhecendo e aprendendo aquilo do que ela gostava. Ela sussurrava meu nome enquanto se segurava em mim, marcando meus ombros. Seus olhares de surpresa ao meu toque íntimo e seus suspiros de que nunca tinha provado aquilo antes, era totalmente inebriante para mim. Eu estava colecionando um novo vício, presentear Catastrophe com desejo e prazer. Colecionar seus murmúrios e meus nomes saindo pelos seus lábios.

Fiquei ali parada, sentindo-me segura e ousei sim dizer, feliz.

Um beijo foi depositado no topo da minha cabeça e senti rapidamente meu coração acelerar e minhas bochechas esquentarem.

- Bom dia. – A voz rouca de Catastrophe saiu baixa e preguiçosa.

Me virei para encara-la e sorri.

- Bom dia. – Olhei para seu pescoço e acariciei sua pele quente, sentindo o seu pulso através dos meus dedos.

- Você está bem? – Ela perguntou, molhando os seus lábios grossos.

- Sim. Obrigada, por me trazer felicidade, Catastrophe. – Confessei com um sorriso pequeno nos lábios.

- Eu que deveria dizer isso. – Ela roçou seus lábios nos meus e me abraçou.

- Pedirei para Luke, fazer nosso café. Que tal abrirmos a sala de jantar e tomarmos nosso café lá? – Perguntei enquanto me levantava pegando a blusa de botão de Catastrophe.

- Uau... – Ela riu e suspirou. – Você realmente deve estar feliz. Me disse que só se senta na mesa da sala de jantar para ocasiões especiais. – Catastrophe me observou abotoando sua camisa e ria baixinho implicando comigo.

- Bem... – Dou de ombros. – Gostaria de comer hoje lá. – Tentei dizer indiferentemente.

- Claro, Victoria. Qualquer coisa. Façamos o seguinte. Você pede para Luke fazer o café da manhã e eu preparo a banheira para um banho. Enquanto ele faz o café a gente aproveita. – Ela disse se levantando e vejo seu corpo desnudo por completo. Todo seu corpo era harmônico. Nada exagerado, apenas o suficiente para torna-la uma mulher atraente e bonita. Ela sem o mínimo de vergonha vai passeando pelo quarto a procura de algo para se cobrir, seus cabelos desgrenhados e cheios caiam pelo seu corpo e aquela imagem fez com que meu coração flutuasse. Encontrou por fim o meu robe de seda preto jogado pela pequena poltrona do quarto.

- Está bem. – Sorri antes de sair do quarto.

Desci as escadas o mais rápido possível, estava ansiosa em encontrar Catastrophe nua à minha espera na banheira. Encontrei Luke na cozinha já começando a preparar o café da manhã. Ainda me perguntava se de alguma maneira ele dormia, Luke sempre estava ao redor fazendo alguma coisa. Eu precisava dar umas férias para esse homem.

Eu pedi para ele abrir a sala de estar e nesse momento ele piscou em questionamento, mas não falou absolutamente nada, apenas acenou com a cabeça e vi nos seus lábios um mínimo sorriso nascendo. Ele sabia que eu estava feliz e faria qualquer coisa para que eu continuasse desse jeito.

- Luke eu gostaria do cordão que ontem você pegou. Preciso dele. – Disse gentilmente, me abraçando percebendo que não vestia nada da cintura para baixo, ainda bem que a camisa de Catastrophe ia até a metade das minhas coxas.

Mas Luke como sempre cavaleiro manteve seu olhar em meu rosto, nunca vacilando para dar qualquer espiada.

- Claro, Madame Burke. Espere um pouco. – Ele disse indo para a porta dos fundos que dava para um pequeno anexo. Onde Luke ficava.

Ele não demorou muito retornou com o colar, com cuidado ele me entregou e voltou a os seus afazeres.

Abri a porta do banheiro e Catastrophe já está lá, pronta, sentada dentro da banheira com a cabeça inclinada para trás e de olhos fechados aproveitando a água morna. Entrei devagar sentando-me em sua frente, sentindo seus seios acariciarem minhas costas. Reclinei meu tronco para trás e descanso minha cabeça em seu ombro. Seus braços me envolvem me trazendo ainda mais para perto e sinto seu centro contra minha bunda o que me traz uma agradável sensação percorrendo o meu corpo. Levei algum tempo para me acostumar com a água, ela não estava exatamente quente. Mas morna o suficiente, para tornar o banho agradável.

Catastrophe gemeu baixinho perto do meu ouvido quando me sentiu finalmente relaxada,

e esse som fez novamente que meu corpo pedisse novamente por ela. Deus, porque eu estava assim?

- Passamos por mais uma complicada ontem. – Catastrophe falou num murmúrio, enquanto seus dedos passeavam na lateral do meu corpo.

- Sim, nos últimos três anos para ser preciso. Só tenho passado por complicações. – Respirei fundo frustrada, mas mordi meu lábio inferior reprimindo meu desejo.

Observei a joia na minha mão. Um cordão de prata com um grande pingente velho ao centro, um pouco parecido com a rubi fixada do anel de meu irmão, porém sua cor é ainda mais vermelha quase puxando para o vinho.

- Eu compreendo. Minha vida não foi fácil também. Eu sou uma bagunça desde o dia que cheguei a terra. – Ela riu baixo desanimada com o próprio comentário – Mas acredito, que temos o que temos que passar. Acredito que o destino sempre esteve lá. Apenas escolhemos caminhos diferentes para chegar até ele.

- Você acredita nisso? Destino?

- Claro, se não fosse por ele. Eu não te conheceria. – Ela disse apontando o obvio antes de me abraçar e fixar seus lábios em minha nuca.

Eu sorri gostando de sua atenção amorosa e me permito mais uma vez me sentir feliz, apenas por frações de segundos.

- Mas isso tudo poderia ser uma coincidência. Não poderia?

Não escutei sua resposta de imediato. Sinto sua aura entrar em conflito. Ela arfou o peito e hesitou. Catastrophe quase nunca hesitava.

- Eu não tenho uma resposta para isso Victoria. No que acredito é que nada é por acaso e temos sim um destino, obviamente temos o livre arbítrio, mas em geral as coisas sempre se encaixam. – Ela disse um pouco frustrada, sei que não é comigo e sim consigo mesma. Pois, normalmente Catastrophe tem resposta para absolutamente tudo.

- Sim. Talvez elas se encaixem. Talvez as coincidências no final seja um conjunto para formar o destino. A coincidência pode ser o caminho a ser percorrido. – Senti sua mão acariciar minha barriga e meu corpo reagiu com um prazeroso arrepio.

Escutei novamente Catastrophe suspirar.

- Ontem, quando você saiu do quarto, após a feiticeira parecia transtornada. Aconteceu alguma coisa?

- Nada. – Limitou-se a dizer. – Estava apenas impressionada.

- Tem certeza? – Forço um pouco mais a situação.

- Sim... – Ela demorou uns segundos antes de retomar a fala – Onde você arranjou esse cordão?

- Com a feiticeira. Quando ela simplesmente se transformou em pó. Sua roupa e esse colar ficaram para trás. Acho que posso usar isso ao nosso favor. – Disse dominada pelo brilho do vermelho da grande pedra. – Eu estive pensando, meu feitiço rastreador começara daqui algumas horas. Se as outras feiticeiras tiverem um cordão igual a esse, posso enviar um impulso de aura, imitando a mesma aura da feiticeira que eliminamos ontem e atrai-las para algum lugar onde teremos vantagem. Podemos pega-las separadamente, a primeira que sair usamos esse feitiço. Não podemos mais arriscar com o rastreamento, já que uma delas viu. Talvez as outras possam de visto – Respirei fundo e meus dedos dedilhavam na pedra vermelha, minha cabeça parecia estar trabalhando a mil. – O que você acha?

- Hm...

Silêncio.

Eu virei a cabeça e vejo Catastrophe fitar a janela, seu olhar está perdido em algum lugar, onde eu não estava presente.

- Castastrophe? – Chamei o seu nome e ela demorou um pouco para ver que eu estava chamando-a. Até que ela piscou e voltar seus olhos a os meus – Você escutou alguma coisa que lhe disse? – Perguntei um pouco ríspida.

- Sim.... Esperamos uma das feiticeiras saírem e quando isso acontecer você irá mandar impulsos de sua aura, não a sua, você reproduzira a da feiticeira para o cordão da outra. Vamos atrai-la para algum lugar e eu a mato. – Ela me encarou com seus olhos negros carregados desta vez acompanhado com um espirito vingativo ou algum tipo de sentimento justiceiro, algum coisa ruim passou no seu olhar, algo inédito para mim. - Só peço uma única coisa, quero que a última seja pega dentro da torre. Pois, farei ela falar. Se elas realmente são as esposas, amantes, ou seja lá o que for da verdadeira face do mal. Elas sabem onde ele se esconde. Elas sabem onde seu irmão está. Além disso, na própria torre podemos encontrar algumas pistas.

- Claro. O que você preferir. – Falei um pouco atônita do jeito que Catastrophe disse *"farei ela falar"*

- E tenho mais um pedido – Ela me ofereceu um sorriso doce e sua mão saiu da água para acariciar minha mandíbula, seus dedos quentes fizeram com que eu fechasse os olhos momentaneamente. – Quando eu fizer ela falar. Não quero que você fique por perto. Não quero que você veja o que sou capaz de fazer. Você já conhece muito bem a morte. – Ela piscou lentamente como se tivesse carregando milhões de coisas dentro dela. – Mas não conhece a tortura e isso, minha cara Victoria as vezes é pior do que a

própria morte. – Ela se aproximou e me beijou de maneira tenra.

E assim foi, ela conseguiu me domar e eu não demonstrei nenhuma resistência, não reivindiquei por respostar ou nada do tipo. Me entreguei sem medo, Catastrophe me preparava para o bote e permitia. Lentamente e quase que dolorosamente ela me tocava intimamente, uma de suas mãos passeavam pelo meu corpo e a outra acariciava languidamente o meu sexo. Sua respiração descompassada trazia-me arrepios para intensificar ainda mais meu prazer e novamente sinto-me plena protegida e segura. Eu passei minhas pernas envolvendo sua cintura e me colei nela para beija-la urgentemente.

Essa garota ainda iria acabar comigo.

Catastrophe se vestiu como sempre do seu jeito. Colocando um par de calças pretas uma blusa azul com suspensórios e colete aberto. A manga de sua blusa estava dobrada até o cotovelo e os últimos dois botões faltando para fechar até a gola da camisa ficava aberto. Seu cabelo estava preso em um grande e frouxo rabo de cavalo e seus olhos e bocas com maquiagem leve. Sua excentricidade chamava atenção de todos, tantos de homens quanto de mulheres. Uma coisa não poderia negar, suas roupas abraçavam suas curvas trazendo-lhe um ar ainda mais atraente.

E eu o que posso dizer de, é que preto é a minha cor. Estava vestindo vestido preto com algumas listras vermelhas na manga e na saia, o cabelo e um coque desajeitado, mas ainda sim arrumado e uma pequena camada de maquiagem. Assim descemos as escadas lado a lado.

A sala de jantar ficava à direita do hall de entrada. Do outro lado da sala de estar.

A sala era simples, mas elegante uma mesa de madeira envernizada com cerca de 8 lugares, suas cadeiras eram também de madeira, mas eram estofadas com uma estampa preta de veludo. Ao centro da mesa logo acima no teto um pequeno lustre charmoso era o suficiente para iluminar toda a sala durante a noite. Na outra exterminada contraria a porta uma pequena lareira simples e duas janelas grandes - não tanto quanto a da sala de estar- acompanhado com lindas cortinas vermelhas.

O café estava posto na mesa e dois pares de pratos um localizado na cabeceira e outro à sua direita. Nos sentamos e Catastrophe sorriu.

- Eu nunca tive oportunidade de dizer isso, mas sua casa Victoria é linda.

- Obrigada, minha querida. Foi eu e meu irmão que a decoramos. Ele é o responsável pela grande parte na realidade. O meu quarto é bem simples, você ainda não entrou no quarto dele é totalmente contrário ao meu.

Eu ainda me lembro quando brigamos pela decima quinta vez sobre os modelos da cama que iriamos comprar. Eu queria a mais simples, o bastante para poder descansar. Já ele queria uma cama trabalhada. Pietro sempre fora um rapaz inteligente e sempre soube o que queria e como queria. Eu por outro lado sempre pensava antes de agir, sempre nascia duvidas em minha cabeça e quando era hora de tomar decisões eu não fazia nada, apenas deixava as oportunidades passarem.

- Victoria, acredito que a túnica seja útil também. – Catastrophe falou de maneira avulsa enquanto pegou um pão e o cortou colocando um pouco de mel como recheio. – Poderíamos nos disfarçar da feiticeira já morta. Seria mais seguro se eu fizesse. Tudo iria acontecer rápido. O que você acha?

- Pode ser perigoso Catastrophe. – Disse um pouco receosa.

- Eu posso me cuidar Victoria. Ela é apenas mais um número. Mais uma morte para chegarmos até seu irmão. – Ela falou com um olhar vago.

- Mesmo assim. – Tentei ignorar seu comentário. – Iremos eu e Luke para ficarmos por perto.

- Tudo bem – Ela sorriu, antes de colocar o primeiro pedaço de pão na boca. – Mas por hipótese alguma me interrompa. – Catastrophe disse com a boca cheia esquecendo qualquer etiqueta aprendida na sua vida.

- Como quiser. – Beberiquei o café quente. – Será que posso lhe perguntar algo, Catastrophe?

A fitei enquanto pacientemente se servia com um copo de suco.

- Claro.

- Eu nunca lhe perguntei, mas a noite que fomos salvar aquelas pessoas na mansão, Burke antes de morrer sussurrou algo em seu ouvido. Você pode me dizer o que ele disse?

Vejo ela vacilar, seu rosto tinha mudado de expressão, como se tivesse em um conflito interno, suas mãos tremeram um pouco e a jarra de suco quase caiu de sua mão.

- Eu não desejo mentir para você, Victoria. Mas... – Ela hesitou, vejo sua garganta se mexer, seja lá o que Thompson tenha lhe contado a deixara incomodada e mexida. – Eu não posso te contar. – Ela falou incerta, seus dedos apertaram o guardanapo de pano em cima da mesa

- Catastrophe? Por que? – Indaguei. – Algo envolvendo meu irmão? – Perguntei nervosa.

- Não. – Sua voz saiu baixa. – Sinto muito Victoria. Não posso.

Sua aura tornou-se inalcançável.

- Não pode, Oras... Catastrophe. – Senti uma pontada dolorosa no peito um misto de tristeza, raiva e frustração e a olha-la percebi que os mesmos sentimentos que estavam em mim permaneciam nela.

- Sinto muito. – Ela se levantou um pouco aturdida. – Eu perdi meu apetite, quando tiver alguma notícia da feiticeira, por favor, me avise estarei no porão treinando um pouco. – Sua voz saiu tremida e seus olhos fugiam do meu – Eu não queria ter arruinado nosso café da manhã. Me desculpe.

Ela se virou me deixando sozinha junto com seu pão mau tocado.

O nascimento da escuridão - Capítulo 19

Catastrophe não tinha limites para os seus mistérios. Seu oceano de sentimentos e sua aura eram sem fim. Eu já percebia que mais cedo ou mais tarde acabaria me afogando nele, e nesse momento estava no meio dessa água tentando respirar, tentando entender.

Lá eu fiquei, só. Observando toda minha sala, degustando o que deveria ser um maravilhoso café da manhã. Sinto-me curiosa e frustrada e principalmente furiosa, pois grande parte de mim deseja saber o que foi dito. Erámos para estar comendo, sorrindo e roubando beijos entre uma mordida e outra. Mas como sempre nossas emoções sempre atrapalham.

Seria tão mais fácil não me preocupar com Catastrophe, joga-la na escuridão de minha troca. Mas não estava caída pela minha isca, estava querendo cada poro do ser dela.

Tamborilei os dedos na mesa, antes de tirar do bolso de meu casaco o cordão e novamente acaricio a grande pedra vermelha. Depositei a joia sobre a mesa e ponho meu café de lado. Coloquei a minha mão em cima da pedra como se fosse uma concha, não seria difícil reproduzir a aura da feiticeira, ela marcou bem sua impressão ontem à noite.

Quando encontrava alguém muito feliz eu copiava sua aura e numa tentativa ridícula de me projetar em cima dessa felicidade, tentava projeta-la em mim. Claro que não funcionava, apenas me enganava.

Fechei os olhos e trazia de minha mente a aura da feiticeira que vivenciei e não demorou muito para cópia ficar presa na pedra. Agora era só esperar e rezar para que o feitiço do rastreamento ativasse e quando uma das feiticeiras saíssem da torre, mandaria um impulso da aura copia para uma delas e emitir um sinal de encontro. E

então Catastrophe faria todo o trabalho sujo, matar. Algo que para ela parecia já tão normal.

Me levantei da cadeira um pouco tonta, Droga.... Estava tão bem até 20 minutos atrás. Coloquei o colar em meu pescoço e sai da sala de jantar – que afinal poderia ter ficado um pouco mais trancada-.

Passei basicamente o resto de toda manhã trancada na sala de estar absorvida em livros de feitiçaria. Pulei o almoço, pois perdera o apetite e não chamei Catastrophe, cuja estava até agora em seu pesado treinamento.

Rodeada em livros ainda era difícil de acreditar que sou assim "carregada" com esse dom ou maldição. Havia pouquíssimas pessoas como eu. Não exatamente como eu, mas bastante parecido. Alguns anos atrás, ainda quando Pietro estava aqui, encontramos uma médium que conseguia ver o futuro de maneira desconexas. Desde coisas corriqueiras do dia a dia. Até um futuro assassinato. Uma senhora que poderia arriscar facilmente que passava dos 80 anos. Ela me disse que não era a única com dons mediúnicos e feitiçaria, mas eu era a única a ser portadora de todos esses dons e feitiços. Eu tinha sido escolhida ser uma caixinha de surpresas, com algo ilimitado dentro de mim, onde provavelmente morreria sem conhecer todo o meu potencial. O que eu não ligava sinceramente. Havia coisas também que ainda iria descobrir e coisas que nunca iria conseguir controlar. De certa maneira, eu era a única da minha "espécie".

Desci as escadarias ao lado da cozinha que me levavam até o porão. Parei no penúltimo degrau e na penumbra apoiada na parede de pedra observei Catastrophe. Golpeando o ar com sua espada. Já tinha tirado sua camisa, onde tudo o que restava para tapar sua nudez era seu lingerie. Seus cabelos estavam soltos e poderia ver suas imensas cicatrizes entre as omoplatas. Ela pareceu não notar minha presença, estava concentrada em sua incrível dança mortal, seus músculos se tonificavam a cada golpe deferido no ar. Lambi os lábios inconscientemente minha libido crescia mesmo que frustrada com ela, seu corpo realmente era esbelto demais para não ser notado, entretanto, algo me despertou de meus devaneios por Catastrophe. O feitiço de rastreamento fora ativado. Alguém saiu daquela torre. Peguei o cordão em minhas mãos e olhei a pedra, quando novamente levantei meu olhar para cima Catastrophe estava em minha frente parada no final da escada, com a respiração rápida e a espada apoiada em seu ombro esquerdo.

- Victoria? – Catastophe inclinou a cabeça e seus olhos descem ao cordão.

- Alguém saiu da torre.

- Devemos agir. Elas provavelmente devem ser mais fracas durante o dia como o Burke

certo? - Apontou colocando a espada apoiada na parede.

- Sim. – Concordei enquanto observo Catastrophe colocar sua blusa azul. – E a onde podemos leva-la? A cidade está acordada.

- No jardim secreto. Quando eu matei a primeira criatura. Ali não parece ter muito movimento de pessoas.

Catastrophe colocou o cinto de couro, onde a bainha de sua espada era fixada do lado direito.

- Lá parece ser afastado realmente. – Falei a o observar ela já pronta.

Sua camisa estava presa em seu corpo e seu suor desenhava o tecido entre os seios e as costas.

- Poucas pessoas devem conhecer aquele jardim. Ao menos foi o que eu percebi, as vezes que fui lá não havia absolutamente ninguém. – Retomei a fala.

- Então vamos. – Catastrophe sorriu momentaneamente, enquanto pegava sua espada e deslizava para dentro da bainha.

- Sim.... Vou chamar Luke, ele nos levara até lá. Pedirei a túnica também.

Fiz menção em me virar, mas Catastrophe me segurou gentilmente pelo ombro fazendo com que eu a encarasse.

- Nós praticamente já o encontramos.- Catastrophe me encorajou. – Agora apenas seguimos as pistas. – Acrescentou docemente.

- Eu sei, minha querida. – Eu me inclinei em sua direção e beijei sua testa úmida.

Me virei para subir as escadas, porém sua mão ainda me segurava. Novamente meus olhos pairaram sobre os dela e a fitei com interesse evidente. Ela me puxou de maneira um pouco abrupta me chamando para ela, senti um pouco o suor de seu corpo contra o meu e seu cheiro penetrar meu sentido olfativo. Catastrophe apertou meu quadril e me prensou na parede das escadas contra o seu corpo. Seus olhos negros estavam carregados de adrenalina e desejo, sua aura estava por todo os lados trazendo-me ainda mais para ela de maneira atrativa. Sua respiração estava pesada e sua língua apareceu para molhar seus lábios predatoriamente. Ela me queria, uma hora extremamente inoportuna eu iria dizer não, era difícil, mas agora não era o momento. Coloquei as mãos em seu peito e relutantemente -mesmo meu corpo reagindo e desesperadamente pedindo por ela – eu tentei empurra-la gentilmente.

- Catastrophe... - falei roucamente, com a voz carregada de desejo. – Não podemos.... Não agora.

- Eu sei... - ela olha para mim e encosta sua testa contra a minha. – Mas desde que me deitei com você, meu corpo quer você. É difícil para mim me controlar, eu nunca tive isso é impossível me controlar eu não sei o que fazer.- Ela apertou minha cintura e lançou seus quadris em minha coxa. - Eu quero você. - ela soltou um suspiro longo e sorri.

- Acredite em mim. Eu também sinto a mesma maneira. – Eu acariciei seu pescoço e beijei seu rosto. – Mas temos que ir.

- Eu sei.... – Catastrophe repetiu dando um passo para trás encostando do outro lado da parede com as mãos para trás. – Vá. – Ela jogou seus olhos para o alto da escada – Vá antes que eu me perca em você.

Eu acenei com a cabeça rapidamente, tentava me recompor dando longas inspirações e desta vez sou eu quem deixa Catastrophe sozinha.

Ao chegarmos no jardim, continuava a mesmo ambiente de antes, ali o tempo não parecia mudar, nenhuma folha parecia ter caído ou nenhum ramo crescido fora do lugar. Ali tudo era estagnado, ainda mesmo que no outono o jardim continuava florida e verde. A aura daquele jardim era algo fora da realidade.

Eu olhei para Catastrophe já com túnica preta vestida e com o rosto quase todo escondido sob o pano. Um choque nostálgico retumbou meu peito. Não fazia muito tempo que estive aqui, porém ao retornar ali, não era a mesma pessoa. Desde de meu encontro com Catastrophe nesse jardim eu mudei de maneira assustadora, ao menos para mim. Catastrophe era responsável pela maneira que eu agia e começava a enxergar as coisas, talvez seja algo bom. Mas de qualquer maneira minha isca era algo sublime, se não fosse por ela eu certamente não estaria aqui. Era como se eu pudesse praticamente tocar o rosto do meu irmão. Ele parecia mais perto do que nunca.

Combinamos que eu e Luke ficaríamos escondidos atrás da grande arvore entre seus ramos de folhas que iam até o chão, enquanto Catastrophe faria seu trabalho de eliminação. Pedi para que Luke fosse na frente e visse o melhor ponto para que pudéssemos ver tudo e ficássemos bem escondidos.

Catastrophe já estava com o colar vermelho, eu cheguei perto dela devagar invadindo seu espaço pessoal. Ela inclinou um pouco a cabeça para cima, segurei a pedra em minhas mãos e as coloquei novamente como uma concha sobre a jóia. Fechei os olhos e mandei a onda de aura para a outra feiticeira, que a qualquer momento ela receberia e certamente – assim eu esperava – estaria aqui.

- Tome cuidado. – Disse incerta fitando seu rosto que estava praticamente todo coberto pela túnica.

- Eu irei. – Ela acenou com a cabeça.

– Me desculpe por hoje. – Retomou a falar depois de algum tempo em silêncio.

- Não tem problema, você tem seus motivos. – Eu segurei seu queixo entre o indicador e o opositor e escovei meus lábios contra os dela. – Eu sempre quis resposta de tudo e quando você não me deu eu fiquei frustrada, eu não estou acostumada com isso. Mas antes de tudo tenho que te respeitar, assim como sua privacidade.

Ela sorriu o que automaticamente faz com que eu retribuísse o gesto.

- Você é incrível Victoria. – Ela segurou minha mão que ainda estavam sobre o colar e apertou gentilmente. – Você tem me apresentado um mundo extremamente novo, tanta coisa que eu queria te contar minha cara Victoria...

- Ei, você irá contar, eu sei disso. Quando estiver pronta, não é? – Eu disse baixinho com o tom meigo que apenas Catastrophe e Pietro já ouviram.

Ela acenou a cabeça rapidamente como uma criança.

Girei meus calcanhares e vou em direção para grade arvore junto ao Luke. Ficamos em um local entre as folhas que iam até o chão, onde era possível ver a pequena passagem de cascalho. Eu podia ver Catastrophe em pé de costas para o grande portão, mas quem vinha de lá não era capaz de nos enxergar, estávamos em um ponto cego.

Para falar a verdade não esperamos muito, talvez trinta minutos e logo pude ver uma mulher aparecer junto a ela sua monstruosa aura, igual a feiticeira de ontem à noite. Andava como se houvessem súditos a observando, seu queixo estava elevado, seu pescoço esticado e seus ombros caídos. Parou poucos centímetros de Catastrophe.

- Estávamos a sua procura. Sabe que é proibido sair sem nos avisar Eleonor. Mesmo que seja para fazer mais vítimas ou por diversão. – Mesmo afastada eu podia ouvir a voz grossa e gélida ao longe, como um sussurro do vento.

A mulher estava sem túnica, seus cabelos eram extremamente encaracolados vermelhos e sua pele era muito branca, quase como tivesse a aparência de alguém que estava algumas horas já morta. Ela se aproximou ainda mais e tocou o ombro de Catastrophe. Sem hesitar Catastrophe se virou e a sua espada perfurou exatamente no peito da feiticeira. A mulher tentou segurar Catastrophe, porém tudo o que ela conseguiu foi debater inutilmente suas mãos no ar. Agora nada mais restava, antes mesmo que a feiticeira pudesse cair no chão desaparecera transformando-se em pó, era possível apenas ver lâmina de Catastrophe no ar onde antes estava perfurando um corpo.

Eu e Luke fomos a o seu encontro e Catastrophe entregou os pertences da feiticeira para Luke.

- Isso foi rápido. - Luke admitiu.

- Você conseguiu engana-la. – Catastrophe falou enquanto abaixa o capuz. - Victoria realmente tem dons incríveis dentro de você. – Ela me estudou e me sinto momentaneamente invadida como se ela pudesse ler minha alma e meus sentimentos.

- Obrigada, eu acho...- Minha voz sai baixa e a lateral do meu pescoço esquentou levemente, o rubor certamente apareceu em minha face, pois Catastrophe sorriu.

- Vamos para casa, amanhã faremos uma visita para a última feiticeira – Catastrophe jogou seu cabelo para trás e me fitou lá eu via sua pequena chama crescendo um pouco mais, porém não por um sentimento bom, mas pela vingança. Eu aos poucos estava envenenando minha menina com minha escuridão, esperava que ela pudesse me perdoar o dia que intoxicasse ela de vez.

O perigoso ponto de luz. - Capítulo 20

Ao chegarmos em casa aprontamos uma pequena refeição a frente da lareira, enchemos de almofadas e cobertores e nos jogamos ali, sem querer que as preocupações evidentes das feiticeiras nos atrapalhasse, eu apenas queria ficar algumas horas sossegada com Catastrophe. Sentir seu corpo e sua boca em mim e riso baixinho de algum comentário que eu soltava.

O dia já estava dando espaço para noite e o frio já forte começava a ficar ainda mais notável. Novamente, meu corpo já pedia por Catastrophe. Seu assalto essa manhã deixou meu corpo em estado de tensão, ela certamente estava virando meu ponto fraco.

Então sem ao menos eu iniciar nada ou pedir alguma coisa. Ela pairou sobre mim e seu hálito quente bateu em minha nuca, mordiscando por toda sua extensão me fazendo gemer baixinho. Seu beijo agora estava doce e gentil, porém extremamente sensual. Catastrophe era quem estava me levando, ditando seu ritmo que me levaria a loucura, sua boca desceu pelo meu corpo e sua língua passeava por ele com fome, até chegar no centro do meu desejo que me fez arfar de excitação. Se ela soubesse o que suas mãos e boca fazem comigo, ela jamais pararia de me tocar. Eu ainda conseguia me perguntar no meio dessa densa nuvem de desejo como mãos assim poderiam matar e me tocar tão sutilmente.

Catastrophe era intoxicante.

- Tem certeza que você nunca fez isso antes? – Disse sem ar, arfando enrolada em uma coberta junto com Catastrophe.

Ela riu divertidamente e me olhou.

- Nunca, é puramente instinto. Agradar você, te ver sem controle, algo difícil de se pegar é extremamente único. Quase viciante. Eu quero sempre isso. – Seu dedo passeou entre meus seios até chegar em meu nariz onde ela bateu gentilmente com a ponta.

Eu sorri e revirei os olhos. Eu realmente esperava tê-la assim sempre.

Estávamos deitadas enroladas nos cobertores em nossos pensamentos invidiais aproveitando o conforto que uma causava sobre a outra.

- Sinto que amanhã teremos grandes avanços – Catastrophe falou enquanto brincava com a palma de minha mão fazendo desenhos aleatórios com as pontas dos dedos.

- Eu também estou sentindo isso. – Aproveitei para deitar em seu peito e esticar o pescoço para vê-la um pouco melhor. Seus olhos estavam perdidos em algum lugar entre as danças das chamas.

- Posso lhe fazer uma pergunta? – Questionei Catastrophe mordendo o lábio inferior, ela me olhou rapidamente e sorri antes de voltar a encarar as chamas.

- Você e suas perguntas. – Catastrophe comentou com um sorriso bobo nos lábios. – O que deseja perguntar?

- O que você sente quando mata?

Catastrophe respirou fundo e coçou o pescoço, sua aura estava incerta. Pelo o que eu conhecia dela estava formulando alguma coisa em sua cabeça.

- Eu nunca matei um humano. Para dizer a verdade, antes de ter conhecido você nunca havia matado.

Eu levantei a cabeça e olhei para ela um pouco assustada, para mim matar para Catastrophe parecia algo mais corriqueiro. Era algo que vinha com ela, fazia isso naturalmente. Eu realmente estava intoxicando minha linda menina.

- Sério? Você age como se tivesse conhecido a morte. – Eu a estudei atentamente ainda mais curiosa.

- Todos nós conhecemos a morte. A morte nos acompanha em nossa vida. – Ela explicou ainda olhando para o fogo tremendo na lareira.

- Sim, você não deixa de ter razão. – Dou de ombros.

Desde que eu e Catastrophe dividimos a cama e fizemos amor nossa intimidade parecia ter aumentado, um segundo patamar entre nós foi posto. Mais do que nunca me sentia conectada com ela.

Voltei a deitar minha cabeça em seu peito e me junto a ela acompanhando as chamas

dançantes.

- Eu não penso Victoria. Se eu pensar ou hesitar quem irá morrer sou eu. É agir friamente. Quando matei aquela criatura...- Catastrophe parou de falar e sinto seu peito inflar. – Fiz aquilo não porque era uma criatura do mal, mas sim porque ela iria te atacar. Até o ruim tem o direito de viver, felizmente ou infelizmente. – Senti seus dedos acariciarem minhas costas nuas e logo meu ventre esquenta de maneira prazerosa. - Eu não me arrependo de nada que fiz até agora para te ajudar. Quando meus olhos bateram sobre os seus na minha apresentação, eu sabia que faria parte da minha vida. Eu sabia que iriamos nos cruzar. Me uniram a você, seja o destino a sorte, Deus, Destino, ou seja, lá quem for. Podemos estar fazendo o errado para achar o certo, mas seres humanos são assim.

Absorvi tudo o que Catastrophe falou com grande fascínio. Sua cabeça e raciocínio do jeito de encarar a vida era diferente de tudo que já vira.

- Acho que afinal somos perigosas. – Conclui sussurrando, antes de depositar um beijo sobre o coração de Catastrophe.

- Talvez sejamos. Mas seja o que tenhamos feito. Eu estou aceitando você. Estamos juntos por uma razão.

- Destino? - Perguntei realmente interessada em uma explicação de Catastrophe.

- Acredito que sim, como já havia dito antes e tudo o que eu sei é que estamos juntas.

Então ali ficamos. Falando de nada e de tudo ao mesmo tempo e como sempre era complicado em arrancar alguma coisa da vida de Catastrophe antes de me conhecer. Tudo o que conseguia era metades de informações e histórias que faltavam algumas lacunas, ela era um mistério. Eu me deitava com uma mulher que nem sabia seu sobrenome, ou de onde viera. No começo quando a via como isca não me importava, agora aquilo já começava a me incomodar. De todas as formas ficava com medo também de saber e fazer com que minhas escolhas e decisões se tornassem ainda mais difícil.

Chegamos à conclusão que o melhor seria dormir e partir cedo - ainda nos primeiros raios de sol- para torre. Logo reparei que Catastrophe me recolhendo nos braços em nossa capa e rapidamente seu sono apareceu, ao contrário de mim que sempre vivia com a terrível insônia me perseguindo, mesmo que ultimamente tenha relaxado mais devido Catastrophe não era o suficiente. Estava nervosa com absolutamente tudo, esperava que amanhã desse tudo certo.

Não sei a que horas fui dormir, mas Catastrophe me acordou chamando-me baixinho.

- Victoria, temos que ir.

Abri os olhos lentamente e a poucos eles se focalizaram. Catastrophe já estava vestindo uma de suas blusas brancas e calça de couro. Seu cabelo estava ainda todo bagunçado e era nítido ainda sua sonolência.

Eu me levantei ainda arrastando meus pés e tratei de me arrumar o mais rápido possível, e quanto eu fazia isso ela trançava seu cabelo em volta de um imenso fio de couro preto.

O dia estava começando a clarear, o sol estava ainda nascendo, ao menos foi o que eu consegui observar entre as pequenas frestas das cortinas.

Os acontecimentos dos últimos dias foram absolutamente cruciais para eu chegar cada vez mais perto do meu irmão. Eu não queria colocar minha dependência em cima de Catastrophe, eu não gostava de depender de ninguém. Eu não era uma mulher desse porte, como a sociedade pedia. Entretanto, eu me via sim presa na rede de sentimentos que Catastrophe me proporcionava. Não apenas somente por desde que a conheci tudo estava cada vez mais perto, mas os meu emocional se transformava a cada dia. Eu me achava forte antes, impetuosa e inalcançável, mas Catastrophe existia para provar que eu estava completamente errada.

Luke, eu e Catastrophe chegamos a torre, mas antes de nos aproximarmos deixamos a carruagem a baixo do elevado. Perto de uma pequena árvore, uma distância segura caso algo desse errado.

Subimos o elevado em silêncio, até que os três estavam parados no caminho da entrada da torre.

A aura ali estava mais fraca, não tão aterrorizante quanto antes. Era quase possível de respirar sem que os pelos da minha nuca se eriçassem.

Catastrophe foi a primeira a andar em direção da grande porta. Ela parecia focada e determinada. Seja o que fosse acontecer dentro daquele local, eu iria conhecer mais uma face desconhecida de Catastrophe.

- Luke, olhe por ela. – Catastrophe pediu gentilmente virando a cabeça de perfil para nos olhar de soslaio.

- Pode deixar senhorita Catastrophe. Farei o meu impossível. – Luke respondeu sério, acenando com a cabeça reafirmando o entendimento do pedido. – Você também tome cuidado. – Momentaneamente eles se fitam e vi um sorriso quase imperceptível se colocado no rosto de meu mordomo.

- Fique tranquilo.

Catastrophe parou na frente da porta de madeira e sem hesitar tocou na grande maçaneta enferrujada. Ela abriu a porta e o rangido das dobradiças de metal com certeza denunciaram os novos visitantes não esperados tinham chegado. Catastrophe foi a primeira a entrar na torre solitária, logo após Luke tomou minha frente e adentrou, pegando uma de suas armas no coldre de seu cinto. Por fim com uma desconfiança crescente em meu corpo, respirando fundo entrei na grande torre.

A sala que entramos não era assustadora afinal, era apenas um pouco escura, o silêncio insistente me incomodava deixando o lugar com uma aparência ainda mais sombria do que realmente era. O ambiente era sem janelas, a iluminação vinha de uma grande clareira no teto selada com vidro, havia duas portas aparentemente feitas de metal no outro lado da sala e entre elas uma grande escada preta de mármore preto, subia para um segundo andar.

A sala estava praticamente vazia, apenas um grande piano de calda preto no canto abandonado. Outros quatro objetos, mas estavam todos cobertos por lençóis brancos só pude reconhecer um deles o que aparentemente parecia ser um grande sofá.

- Não sei quanto vocês, mas não estou gostando daqui. – Confessou Luke.

- Meus pensamentos estão junto com os seus. – Avisei com um sorriso nervoso.

- Fiquem de olhos abertos - Catastrophe conseguiu intensificar ainda mais a tensão do local.

Assim que a fala de Catastrophe terminou, uma risada metálica surgiu ao longe e certamente foi ouvida pelos os três, pois Catastrophe encolheu os ombros. A risada preencheu todo o ambiente, meu coração saltou e fui obrigada a colocar a mão em meu peito com medo do impossível acontecesse, como se ele fosse possível de ele escapar por ali. Senti minha nuca esquentar e minhas pernas tremerem.

Uma mulher alta vestindo um vestido preto leve que contornava cada parte do seu corpo descia as escadas de mármore lentamente, de maneira sensual e superior. Pela minha ansiedade acumulando cada vez mais, instintivamente dei dois passos para trás.

- Vocês têm dado trabalho. Descobrindo coisas demais. – Os olhos da feiticeira me ficavam e em seus lábios um sorriso perverso nasceu. – Eu estava realmente triste ontem, pelo fato de vocês terem matado minhas companheiras. – Um falso tremor em sua voz e uma feição de tristeza exagerada instalou-se em sua face. – Mas agora... – Ela se inclinou para trás, segurando o corrimão da escada, rindo um pouco mais – Eu tenho que agradecer a vocês, pois apenas eu dividirei o trono ao lado da verdadeira face do mal.

A feiticeira pisou no chão perolado e olhou pela primeira vez para Catastrophe e seu sorriso sádico foi substituído por um sedutor. Ela andou sedutoramente na direção dela e a estudou com interesse evidente. Eu não tinha gostado daquilo.

- Você, minha querida Catastrophe. – A mão pálida da feiticeira tocou a pele do rosto de Catastrophe. Era possível ver o caminho das suas veias desenhado caminhos desconexos nas costas de sua mão. – Acha que realmente deterá tudo isso? – A feiticeira segurou o queixo de Catastrophe e aproximou seu rosto do dela.

Seus lábios estavam a poucos centímetros dos da minha garota, Catastrophe não reagia apenas a olhava, seus olhos não expressavam qualquer coisa. Mas eu sabia que algum tipo de eletricidade passara entre elas, pois era ver nítido nas auras das duas que a ameaça constante ali estava presente.

Meu corpo agora já estava queimando de raiva, apertei o punho e senti minhas unhas afundando de maneira dolorosa na palma de minha mão. Eu sabia que tinha que controlar isso, mas eu estava criando um sentimento de pose por Catastrophe. Ela era importante demais para mim e ver outra mulher querendo se apoderar do que é meu, me deixava furiosa. Era eu quem queria matá-la.

Se as escolhas não existissem e Pietro e Catastrophe ficassem felizes ao meu lado, eu adoraria que ela fizesse amigos e outros laços, criar amizades por outras pessoas. Meus ciúmes não era algo não controlável, aliás eu nunca sentira nada assim antes. Um sentimento de querer que apenas eu a tocasse, ao menos intimamente.

Sua aura estava perto demais de Catastrophe, definitivamente ela queria se apoderar da minha menina.

- Realmente mandaram você. – A feiticeira falou com desdém reprimindo um riso baixo.

- Não me subestime. – A cólera de Catastrophe era evidente, não somente pela sua aura, mas pela sua postura que estava começando a ficar tensa.

- E você vai fazer o que comigo? – A feiticeira retornou a falar maliciosamente, arrastando o dedo indicador pelo maxilar marcado de Catastrophe. – Aposto que com a convivência com essa mulher, muita coisa foi ensinada para você, não é? – Ela disse referindo-se a mim ao me olhar rapidamente.

Eu vi os lábios de Catastrophe formando um sorriso, um sorriso que eu conhecia muito bom. Ela me dava ele depois que eu a satisfazia. Eu poderia ter ficado ainda mais com raiva, mas sua aura estava me mostrando seriedade, talvez Catastrophe estivesse fazendo aquilo para arrancar alguma coisa da feiticeira. Eu queria acreditar naquilo, me convencer de que sua aura estava certa e não seu sorriso.

- Sim.... Muitas coisas. Mas creio que não posso te mostrar. – Catastrophe deu um passo para trás saindo do toque da feiticeira, novamente seu olhar estava como a um de animal selvagem. Pronto para o ataque.

- E você irá fazer o que contra mim? Me matar? – A feiticeira riu desafiando a minha menina.

- Pior.

Em um movimento hábil – onde todos foram pegos de surpresa- Catastrophe espalmou a mão na face da feiticeira e fechou seus dedos, segurando-a. Em um empurrão extraordinariamente forte Catastrophe fez com que a mulher fosse parar no chão. A parte de trás da cabeça da feiticeira bateu contra o perolado branco e um baque seco foi escutado, se a feiticeira fosse um humano normal certamente ela estaria morta agora.

Catastrophe se abaixou e sua mão esquerda se perdeu no emaranhado de cabelos vermelhos da feiticeira. A mulher gemeu de dor ao sentir o puxão de Catastrophe no seu cabelo, olhou confusa para os lados. Catastrophe começou a andar arrastando-a junto a ela.

Demorou alguns segundos para a feiticeira perceber o que estava acontecendo, ela estava recobrando a consciência cada vez mais. Começava a se debater inutilmente na tentativa frustrada de sair dali. Suas unhas arranhavam o braço de Catastrophe e os vi ficando lanhados e vermelhos.

- Por favor! – Ela gemia em desespero. – Por favor, não deixe ela fazer isso. Ela não... – Suas mãos agora desistiram de se debater contra Catastrophe, a feiticeira levava os braços para frente em um pedido de ajuda fechando as mãos no ar a procura de agarrar o nada.

Olhou para mim como se eu pudesse fazer alguma coisa para fazer para-la.

- Catas... – Eu hesitei.

Eu queria ajuda-la, mas eu não poderia. Ela sabia onde poderia estar meu irmão. Além do que quantas pessoas a feiticeira já havia matado? Quantas pessoas iriam ser salvas, pela sua morte? Ela nem humano era. Era um demônio. Eu não estava aqui para bancar a alguém bom, eu estava correndo contra ao tempo e sinto dizer não teria pena alguma. Eu fiz uma promessa a muito tempo a traz que faria o que custasse para reaver meu irmão de volta e era isso que eu estava fazendo.

Catastrophe andou até uma das portas de metal que ficava na outra exterminada de sala e parou por um instante. Virou a cabeça momentaneamente e olhou para Luke.

- Me esperem aqui. Garanto que sairemos com respostas hoje – Falou calmamente.

E então Catastrophe é engolida pela escuridão da outra sala e a porta de metal se fechou atrás delas. Compreendi que Catastrophe estava sentindo a escuridão, por minha culpa, novamente eu a intoxicava com os meus objetivos. Ela iria fazer algo agora, que arrancaria dias de sono dela. Eu sei disso, porque eu mesma já tinha feito.

Não demorou muito tempo para eu ser capaz de ouvir os gritos de terror da feiticeira. O suplicio de sua voz para que Catastrophe parasse, seus berros foram substituídos pela a voz rouca, até que finalmente nada que eu pudesse escutar. Seja lá, o que Catastrophe esteja fazendo o sofrimento daquela feiticeira era grande. Eu e Luke nos entre olhamos, ele não iria admitir seu medo, porém eu via seu olhar alarmado e sua aura incerta. Certamente ele deveria estar se perguntando o que estava fazendo ali. Ouvindo o sofrimento de alguém, e não poder fazer nada.

- Aquela força foi irreal. – Luke comentou num sussurro um pouco tremulo, até que pigarreou tentando parecer forte.

- Sim, Catastrophe tem uma força inacreditável. – Concordei com Luke acenando com a cabeça.

Ouvi então correntes, correntes sendo arrastadas pelo chão da outra sala e um último suplico de terror.

- Por favor, isso não. Por favor tudo menos isso.

Não passou muito tempo, a porta se abriu e Catastrophe saiu de lá. Suas mangas estavam erguidas até os cotovelos e sua espada estava em suas mãos pintadas de sangue, assim como partes do seu pescoço e maxilar.

- Eu já sei onde está seu irmão. – Catastrophe apontou de maneira corriqueira, com o olhar vago entre Luke e eu.

- O que?! – Meu corpo entrou em choque, parecia que todo o meu mundo estava girando, minhas pernas vacilaram.

Eu oscilei e senti a mão de Luke em minhas costas.

- " A verdadeira face do mal" está em uma cidade chamada Callato. A parte humana dele vive lá, recorrendo de força. Onde, provavelmente seu irmão deve estar. – Catastrophe me passou as informações enquanto guarda a espada de novo em sua bainha.

Sua aura estava impenetrável. Catastrophe naquele momento tinha construído uma muralha em sua volta impossível de alcançar. Ela fez o que devia ter feito, graças a mim e agora provavelmente ela nunca será mais a mesma. Ela estava cada vez mais dentro da escuridão. Minha luz principal, minha esperança estava morrendo aos poucos por causa de mim.

- Callato? – Luke falou tirando as mãos de minhas costas.

- É uma cidade ao sul daqui. Leva cerca de 8 horas para chegarmos lá de trem. É uma cidade antiga, ela fica dentro de fortalezas de um castelo. – Conclui.

- Sim. – Catastrophe simplesmente falou.

Meu peito doía, sentia como se minha cabeça estivesse tendo pequenas descargas elétricas.

- Victoria? - Catastrophe se aproximou e colocou a mão em minha face. – Iremos reaver seu irmão – Sua voz saiu rouca e finalmente seus olhos se penderam no meu.

Seus olhos negros estavam sutis, como se tivesse me dizendo que tudo ficaria bem.

- Sim.- Eu acenei concordando e engolindo seco.

- Juntas, prometo. Pararemos todo esse mal que irá vir. – Ela sorriu para mim enfatizando seu discurso.

- Vamos.

Seguimos para fora da torre com a esperança de que amanhã, finalmente veria meu irmão. Mas isso significava a troca e nada que pudesse pensar faria com que isso fosse inevitável. Eu apenas queria reaver um jeito de que essa criatura maldita voltasse para o buraco em que ela emergiu, sem o sacrifício de ninguém, mas será que isso seria possível?

Eu estava caminhando para o precipício e teria que empurrar um dos dois, a não ser..... Que eu fosse a que pulasse.

No limiar do precipício - Capítulo 21

Não perdemos tempo e fomos direto para a estação, porém ao chegarmos lá vimos que só teria outro trem partindo no dia seguinte, logo no primeiro horário de manhã. Comprei por fim três tíquetes e retornamos para casa.

Confesso que ficara um pouco frustrada e decepcionada, quanto mais perto eu estava de finalmente a minha procura de meu irmão ser encerrada mais eu queria que isso tudo acabasse. Mas nada eu poderia fazer, se eu tinha esperado 3 anos, poderia esperar um pouco mais. Tudo o que restava era voltar para casa, descansarmos e nos prepararmos.

Já em casa Catastrophe falou que iria descer para treinar, pulando a refeição. Eu e Luke acabamos por nos juntarmos na cozinha e comer alguma coisa, onde nada se foi falado. Apenas o suficiente para o silêncio não ficasse constrangedor.

Eu realmente gostava da presença de Luke, de alguma forma sua aura também conseguia me apaziguar. Não como Catastrophe, mas o suficiente para poder respirar bem.

Por fim, fiz um sanduiche para Catastrophe e peguei um jarro de água com um pano branco, ela ainda estava suja desde que saímos da torre. Ao descer as escadas a vi sentada no chão de cimento, encostada na parede com a cabeça encostada as pernas descansando totalmente no chão e os seus olhos fechados.

Estava usando apenas uma blusa fina e a camada de suor mesmo com frio que fazia era possível ser visto, a pequena camada de umidade fazia com que seus músculos ficassem ainda mais marcados e projetados. O suor, a musculatura de Catastrophe e o sangue pingado seco ainda em seu pescoço, colo e maxilar, fez com que o meu lado libidinoso aumentasse sem a minha permissão. Ela estava tentadoramente perigosa.

Eu sabia que deveria me concentrar, mas do jeito que ela estava era praticamente impossível. Era como se no perigo ou em grande tensão meu corpo precisava de uma válvula de escape, uma libertação ilógica em horas inapropriadas e desde que conhecera o corpo de Catastrophe. Bem, as coisas se tornaram cada vez mais impossível.

- Trouxe algo para você comer. – Disse me aproximando, tomando a liberdade de sentar entre suas pernas.

- Eu tinha esquecido de comer. – Ela abriu os olhos e me fitou com um sorriso gentil, pegando o sanduiche e o trouxe até a boca.

Nesse meio tempo eu mergulhava o pano na jarra com água e torcia o excesso. Lentamente eu passava o tecido pelo seu colo, meus olhos acabavam por passer por sua pele e musculatura.

- Eu não mereço isso. – Eu falei baixinho para mim mesma.

Eu senti o peito de Catastrophe se expandir e os seus olhos ainda estavam sobre mim.

- Não merece o que? – Ela falou se ajeitando um pouco, colocando as mãos em minha cintura me trazendo ainda mais para perto. Isso fez com que eu abrisse as pernas e as circulasse praticamente em sua cintura.

Minhas mãos ainda passeavam pelo o colo e pescoço de Catastrophe. Limpando sua umidade e o sangue da feiticeira. Deus, eu tinha que me concentrar. Não era o momento certo para meu corpo despertar.

- Você.

- Por que está dizendo isso? – Senti os dedos de Catastrophe passearem pela minha barriga e seus dedos curiosos abrirem lentamente os botões de meu sobretudo.

- As coisas que você faz para mim Catastrophe. O que eu te peço, eu estou lhe fazendo...

- Shiii. – Ela me interrompeu. – Victoria, eu estou aqui porque eu quero estar aqui. Eu falei que te seguiria, que protegeria você. Você é muito importante para mim Victoria. As coisas que você faz comigo. Eu experimento coisas com você que nunca antes sonhava. – Suas mãos adentraram por dentro do meu sobre tudo e estremeci a sentir sua mão quente em minha blusa.

Eu sorri e passei a atenção de limpa-la em seu pescoço, tentando ignorar suas mãos cada vez mais invadindo o meu corpo.

- Amanhã irá ser um grande dia para nós duas. – Eu falei, enquanto depositava um beijo no colo de Catastrophe.

Lambi os lábios e encontrei seus olhos me fitando.

Amanhã era o dia em que eu me perderia em que para sempre mergulharia na escuridão. Era a escolha primordial entre os meus dois portos seguros, mesmo que me jogasse no precipício das trevas, será que iria adiantar. Afinal não era eu que tinha uma alma pura e sim os dois.

Catastrophe percebeu meu conflito interno e me trouxe mais para ela. Eu a abracei fortemente respirando o perfume de seu cabelo louro e ela me apertava ainda mais. Ela me segurava ali, me dando segurança e estabilidade para que eu não caísse. Sua boca passeou pelo meu maxilar e suas mãos subiram um pouco da minha blusa, desprendendo de minha saia o suficiente para que eu sentisse sua mão quente na pele da minha cintura. Sua aura estava branda e receptiva, ela sabia do meu sofrimento constante. Talvez não o motivo exato, mas ela sabia que algo estava de errado.

- Você sabe que pode contar comigo não sabe? – Ela falou baixo, beijando novamente meu maxilar.

Pare.... Não faça as coisas serem mais difíceis. Eu queria sentir raiva de tudo isso. Mas simplesmente não funcionava desse jeito.

- Faça amor comigo...- Eu pedi praticamente suplicando pelo o seu toque eu precisava me sentir segura, pelo menos uma última vez. Antes que amanhã tudo termine.

- Victoria? – Sua voz saiu rouca e suas mãos subiram um pouco mais, procurando ainda mais por contanto.

- Me faça sua hoje. Agora.

E foi assim que ali no chão de cimento que novamente Catastrophe me tocava, com admiração, com toques sutis e amáveis. Tudo absolutamente devagar que fazia eu me

arder por dentro, de repente meu desejo se tornou inexplicavelmente insuportável de se sentir, era como se tivesse sensível ao extremo. Mas ela não parava, por mais que suplicasse por libertação ela estava convicta em fazer aquilo que eu pedi. Sem pressa, deixando-me sem estruturas. Eu senti as lagrimas se formando no canto dos meus olhos, as sensações eram mais do que eu poderia aguentar, sua devoção por mim era algo lindo de se ver. Meus suspiros e murmúrios só comprovavam isso. Eu queria chorar, porque eu sabia que estava apaixonada por ela e que ao mesmo tempo, parecia no que eu estava vivendo era uma mentira.

Finalmente ele me libertou, ela estava dentro de mim e sua boca na minha eu me apertei contra ela não querendo nunca mais solta-la.

Já estávamos dentro da cabine, exceto por Luke que perambulava entre os vagões. Ele odiava lugares pequenos e fechados. A noite passada se resumiu em ficarmos ali naquele porão até o começo da noite, até que finalmente subimos, tomamos um banho e resolvemos deitar. Para que hoje estivéssemos descansados o suficiente para enfrentar, seja lá o que for.

Estava apenas eu e Catastrophe dentro da cabine. Ela era simples 4 poltronas, 2 de cada lado uma de frente para outra. Um suporte de metal logo acima de nossas cabeças, para os pertences - a espada de Catastrophe jazia lá- e uma pequena mesinha de madeira ao centro.

Catastrophe estava sentada na minha frente seu olhar estava perdido no meio da paisagem que a janela oferecia. Seus olhos negros estavam focados observando as cadeias de montanhas ao longe, cercado por um lindo vale de florestas. Por vezes as florestas eram substituídas por pequenas clareiras e lagoas. Era algo bonito de se vê, talvez até eu mesma degustaria da visão, entretanto nesse momento minha cabeça estava em outro lugar.

Eu estava a fitar Catastrophe, ela sim nesse momento viajava em minha cabeça. Deveria admitir estava apaixonada por ela, estava a os poucos abraçando esses sentimentos que Catastrophe me oferecia. O que era um grande erro, pois agora estávamos andando em um fino limiar praticamente caindo no precipício de nos aguardava lá em baixo. Se ela caísse obviamente tudo seria culpa minha, se não fosse por mim ela não estaria conhecendo a escuridão. Eu a apresentei tudo que tinha mais de ruim.

Sei que havia grandes possibilidades de não sairmos viva do que iriamos enfrentar

hoje, principalmente ela. Mas me dava o luxo de imaginar Eu, Pietro, Catastrophe e Luke na sala de jantar experimentando apenas a felicidade, rindo e bebendo talvez um pouco demais. Imaginando logo depois de longas horas conversando e falando coisas sem sentido, de repente até mesmo fumar um cigarro na companhia do meu irmão, após eu contar minhas aventuras frenéticas com Catastrophe e Luke. Eu e ela, nos retiraríamos e novamente faríamos amor, sem parar. Sentindo a textura de sua pele, seus lábios. Ah, seus lábios.... Com urgência e um desejo crescente sexual, devido a quantidade excessiva de álcool. Eu não seria silenciosa e ela me daria tudo o que eu precisasse com sua devoção a mim.

Meu corpo reagiu ao pequeno estimulo fantasioso. Fazendo com que meu ventre esquentasse e um arrepio prazeroso se preenchesse em mim. Cerrei os punhos em cima de minhas coxas e suspirei frustrada. Sacudi a cabeça para isolar esse pensamento inapropriado, eu deveria focar no resgate do meu irmão e não apenas no meu egoísmo insano de querer Catastrophe.

Tudo o que eu gostaria era fechar os olhos e só abri-los quando tudo isso tivesse resolvido.

Eu queria meu irmão a salvo, queria Catastrophe a salvo, Luke e eu. Algo impossível de se pedir, eu estava perdida.

Encostei minha cabeça na poltrona com o seu estofado desbotado e olhei novamente para Catastrophe, que desta vez sentiu meu olhar sobre ela que desprendeu os olhos da paisagem.

- Victoria? – Catastrophe franziu o cenho sabendo que algo estava de errado.

- Está doendo. – A palma da minha mão para em meu peito e puxo um pouco do tecido do meu vestido - Estou sufocada. – Minha voz fica um pouco embargada.

- Está com medo?

Catastrophe se inclinou e colocou a mão em meu joelho apertando levemente.

- Eu não sei. – Disse com raiva de mim mesma. – Esse é o problema. Antes eu poderia dizer tudo o que estava acontecendo comigo, cada percepção, mas agora... – Minha voz falhou e desviei os olhos para a paisagem que a janela me dava.

- Sei que isso é frustrante. Estamos lidando com o algo desconhecido. Não sabemos o que vamos ver, porém estamos muito perto. Vamos tentar até o final, estou falando sério Victoria.

Catastrophe se levantou e circulou a mesinha, sentando do meu lado.

- Farei o impossível para recuperar seu irmão. Prometo. – Ela disse na tentativa de me

demonstrar autoconfiança.

Sua voz não gaguejava, parecia estar certa de que novamente tudo daria certo. Eu sabia na minha cabeça que dessa vez alguma coisa sairia errada. Essa história não era permitida um final feliz, não para mim. Pois, seja como for eu perderei um dos dois.

- O que eu quero é que isso acabe. Eu só estava aqui para encontrar o meu irmão. Agora estou no meio de algo muito maior. Parece que a qualquer momento me afogarei, esse oceano é maior do que eu jamais sonharia em nadar. –

Meu queixo começou a tremer involuntariamente, meus olhos ardiam e ficava cada vez mais difícil de engolir.

Eu queria chorar e gritar, queria bater em Catastrophe, porque ela não merecia sofrer, quero que ela saia correndo e fale que foi um erro ter se juntado a mim, que eu era uma pessoa ruim. Mas eu sabia que ela não faria isso. Catastrophe não era uma mulher de andar para trás, mesmo eu nunca tenha entendido sua devoção por mim, sua ajuda instante. Não era simplesmente por causa do dinheiro, pois ela constantemente em nossas conversas se recusava a receber. Era algo a mais, algo que eu sabia que não iria descobrir, mas que me importunava como nunca. Como ela chegara até aqui comigo?

Catastrophe me abraçou, seu abraço quente e envolvente como um lar. Escutei seu coração bater de forma tranquila, comecei então por espirar fundo tentando acompanha-la.

- Sua preocupação é Pietro, Victoria. Deixe que eu lide com todo o resto. – Sua voz saiu abafada, pois seus lábios estavam encostados no topo de minha cabeça.

Suas mãos passearam pela minha costela e mesmo sobre o meu grosso vestido sentia o calor do seu toque.

- Mas... – Tentei argumentar.

- Tente relaxar. Hoje o caminho será longo, vamos precisar de todo o seu dom.

Eu sorri e tirei seus cabelos da frente de seu pescoço e depositei um beijo em sua pele. Catastrophe me apertou mais contra ela e voltou a encarar a paisagem. Apoiei a cabeça em seu ombro e respirei fundo.

- Quando tudo isso acabar quero viajar com você. Para um lugar quente. Uma linda praia. Eu tenho uma casa de praia onde poderíamos ir. Está fechada a algum tempo. Mas posso providenciar tudo quando voltarmos. O que você acha? – Indaguei sorrindo para ela, mentindo para nós duas.

Eu queria construir memórias falsas, algo em que me pegar, um futuro incerto que eu tinha muita certeza que não iria acontecer. Entretanto nesse momento o que eu precisava

era conversar com Catastrophe, sobre coisas corriqueiras. Fingir que éramos um casal comum, fazendo planos comuns. Nos enganando com mentiras e falsas promessas de algo especial que iria se perder hoje.

- Eu adoraria. Adoro lugares quentes e praias.

- Eu sei. Na realidade uma das poucas coisas que sei sobre você. – Novamente tentei relembrar o fato de não saber nada sobre Catastrophe, mas nessa altura eu realmente pensava se isso era importante. Talvez eu não saber coisas sobre ela, fez com que eu não me apaixonasse ainda mais, onde as coisas seriam mais difíceis do que já estão.

Ela pegou minha mão e levou até seus lábios e os escovou ternamente.

- Prometo que quando voltarmos lhe contarei tudo sobre mim. – Ela se virou e me encara com os seus olhos negros afiados e brilhantes, isso fez com que o meu coração doesse de uma maneira horrível. Alguém não iria voltar. – Espero que você continue a me querer depois. – Sua boca agora pairou em minha mandíbula e outro beijo foi depositado. – Porque eu não sou perfeita Victoria. Se eu não contei nada para você...- Sua voz falhou e vejo que é a primeira vez que ela hesitou verdadeiramente, a primeira dificuldade que ela teve de falar sobre ela. As camadas de Catastrophe estavam ficando mais rasas. – Tantas coisas... – Seu olhar pareceu triste agora e meu coração se apertou. Ela estava sofrendo pela nostalgia de suas memorias.

- É o seu passado, minha querida. Não o presente. Assim como eu, não sou mais a Victoria do passado. Graças a você eu sou alguém diferente. Talvez não melhor nem pior, mas diferente e eu gosto do jeito que estou agora. – Admiti sem qualquer vergonha.

Era verdade, eu mudei desde que conhecera essa garota. Ela conseguia filtrar coisas em mim que pensei que por muito tempo estava morto, era mais um motivo para sentir meu coração se despedaçar ainda mais. Pois, talvez a partir de hoje esse filtro que ela causava não iria mais funcionar.

Toquei sua coxa e acariciei fugazmente, por cima de sua calça de couro. A vi fechando os olhos lentamente ao sentir minha mão sobre ela.

- Seu toque.... Eu nunca provei isso antes. É inexplicável. Meu corpo simplesmente não me respeita. Eu quero você o tempo inteiro. Quero te proteger, sentir-se desejada e querida. – Sua voz agora estava rouca e sua aura cada vez maior em minha direção.

Novamente o meu corpo reage a suas palavras, tão inocentes e luxuriante. Meus sentimentos incrivelmente se abriam e se afloravam por como Catastrophe dizia e tocava.

- Antes de você Victoria.... Eu vivia numa mentira, eu não via isso antes. Agora, tudo é

tão claro. Eu não podia sentir, era proibida.

Fiquei um pouco confusa. Proibir de ter sentimentos? Como ela poderia se privar disso. Até eu mesma que sempre tinha medo deles antes de Catastrophe, me arriscava. Meu amor por Pietro, meus pequenos momentos de diversão com Luke ou até mesmo com Benjamim.

Por outro lado, novamente a culpa se espalhava por mim, pois estávamos caminhando para o precipício no limiar. Ela estava sentindo coisas que nunca sentira e eu era responsável por isso.

Eu era o carrasco de Catastrophe, mas também seu anjo que lhe dava aquilo que sempre faltara para ela.

- Eu não posso explicar isso para você agora. - Admitiu fracamente. – É complexo e difícil de intender. Mas eu vou te dizer tudo. Eu prometo. – Ela reafirmou sua promessa beijando mais uma vez minha mandíbula, porém senti seus dentes raspando levemente e dessa vez meu corpo reagiu além do que eu gostaria.

- Catastrophe... – Meu crescente desejo aumentava. Minha tensão da situação em resgatar Pietro, meu quase certo adeus para Catastrophe e a tentativa de acabar com a verdadeira face do mal, estava se transformando em fervoroso desejo.

Algo proibido, mas novamente o que poderia fazer. Eu amava algo proibido para mim. Catastrophe era uma prova viva disso, não era?

- Seu toque, Victoria. Seu corpo. Seu sentimento depositado em mim veio como uma avalanche. Estou aprendendo a lidar com isso. Você não tem ideia como é difícil para mim tentar equilibrar tudo isso, mas isso é único. Eu nunca trocaria nada nessas últimas semanas, elas valeram a pena – Catastrophe não esperou eu falar, seus lábios se encaixaram contra os meus. Em um beijo tórrido.

Suas mãos me seguraram e me trouxeram para cima de seu colo. Onde fiquei montada em cima de suas coxas, logo seus dedos percorreram minhas costas sem hesitação. Ela me apertava fortemente quase agressivamente, senti o desejo crescendo enlouquecidamente dentro de mim. Quando me dei conta, Catastrophe já estava em mim, dentro de mim por baixo de minhas vestes. Dando-me prazer de maneira rápida e forte. Me beijava e mordia os meus lábios e então sem aviso desmoronei gemendo dentro de sua boca e ela rapidamente me segurou beijando minha clavícula. Seus olhos estavam carregados de luxuria me encaravam sem censura.

Foi como uma descarga elétrica, uma liberação da tenção que se formara em minha cabeça e no meu mundo particular. Ela tentou aliviar isso um pouco dentro de mim. Algo rápido e carnal, para que meus sentimentos desmoronassem e os tentasse

reorganiza-los com menos pressão.

- Você ainda vai acabar comigo. – Eu disse encostando minha testa em seu ombro, enfraquecida por de repente ter sido tomada por Catastrophe.

- Aposto que sim...

Ouvimos duas batidas na porta e eu rapidamente sai de cima da Catastrophe, me arrumando o mais rápido possível.

- Madame Burke... Senhorita Catastrophe? – A cabeça de Luke apareceu na pequena fresta da porta de correr.

- Oi. – Disse um pouco envergonha, ainda deslizando minhas mãos sobre a saia do meu vestido.

- Creio que daqui poucas horas estaremos chegando. – Ele andou até a poltrona onde Catastrophe estava sentada.

- Verdade. – Concordei com Luke e olhei para Catastrophe, que estava novamente fitando a janela. Parecendo que nada havia acontecido.

O restante da viagem foi assim. Trocamos algumas palavras entre nós três, cada um absorvido nos próprios pensamentos e questões, tentando lidar com toda essa bagunça que eu os meti. Sentia que Catastrophe novamente estava bloqueando sua aura para que eu não pudesse enxerga-la, eu ainda me perguntava como ela conseguia controlar tão bem isso. Já Luke mesmo demonstrando braveza, era possível ver que estava também absolutamente nervoso.

- Olhe! – Catastrophe apontou para o horizonte assim que o trem fez uma curva para direita.

Eu e Luke viramos o olhar para janela e de longe podíamos ver as grandes fortalezas e as torres do castelo imponente. Algumas casas solitárias pingadas pelo vasto bosque e os grandes portões madeira abertos, onde poucas pessoas trafegavam por ali. Não esperamos muito para um operário do trem dizer que já poderíamos nos preparar para descermos.

Fomos abandonados pelo trem que já andava a todo vapor em direção do seu próximo destino. A estação era simples, apenas alguns bancos de madeira espalhados pela plataforma de concreto e uma pequena casa a direita, onde provavelmente ficava os correios e para a compra de novas passagens.

Andamos atentos a qualquer coisa estranha que pudesse nos apresentar, algo ali não

estava certo. Era uma aura ruim demais, pesado demais. Mesmo que tivesse visto pessoas antes de chegar pela janela do trem, ninguém estava andando pela pequena vila. Ouvíamos apenas o barulho do vento batendo contra a estrutura velha da estação. Seja como for saímos dali e fomos diretamente para os grandes portões de madeira abertos. As poucas casas que ficavam espalhadas pelo campo, parecia estarem todas trancadas e fechadas como se muito tempo ninguém passasse por ali.

Entramos pelo portão e a mesma coisa que vimos no campo aqui se repetia, todas as casas ao redor do castelo e os pequenos prédios de comercio estavam fechados também, ouvimos uma janela bater ao longe e Catastrophe olhou assustada para a direção do barulho.

Um pouco a frente já era possível ver as escadas largas de pedra que dava para o enorme castelo.

- Tomem cuidado.- Ouvimos alguém sussurrar numa pequena ruela que se formava entre duas casas precárias. Sua face estava na sombra e não conseguia ver seu rosto. Porém por um momento meu coração disparou e pensei que fosse Pietro, mas era apenas um engano.

- Tomem cuidado. – O homem repetiu dando um passo para trás. – Ele é mal. Ruim.... Acabou com nossa felicidade, nos arrastando para escuridão.

Eu olhei para o castelo e novamente quando voltei meu olhar para o homem na sombra e ele simplesmente não estava mais lá.

Seja como for. Era meu irmão que estava na escuridão e eu iria salva-lo.

Iria salva-lo e junto tentaria impedir que as trevas reinassem sobre a terra.

Respirei fundo e dei o primeiro passo para o meu destino final.

Pietro - Capítulo 22

Nós entramos na zona do castelo e eu podia sentir a ameaçadora aura vindo em minha direção, algo assustador responsável pelo o nó na minha garganta. Eu sentia que o mal sabia que eu estava ali, pois seja lá o que for continuava a me empurrava incessantemente para a escadaria que dava para as entradas do castelo.

Dominada pelo medo, pela pressa, a confiança e esperança fez com que eu subisse as escadas de pedra sem pensar duas vezes. Um misto de confusos sentimentos se aglomerava em todo o meu ser.

Respirei fundo e meus olhos passearam por todo a estrutura corpulenta e danificada do castelo. Finalmente tomei o primeiro passo e minhas botas bateram firmemente contra cada de grau de pedra. Sentia a grande presença de Catastrophe atrás de mim, que de repente começou a aumentar significantemente. Isso fez com que eu me sentisse mais tranquila e o bolo que se formasse em minha garganta diminuísse, fazendo com que eu respirasse um pouco melhor. Ela também parecia não hesitar, estava vindo no mesmo ritmo que eu, mas nela eu sabia que caminhava com confiança e exatidão. Diferentemente de mim que apenas enganava a ela e a mim mesma.

Luke, pelo o desconhecido estava com medo. Porém nada fizera com que ele estremecesse até agora e certamente não ia desistir. Eles estavam aqui para lutar minha luta, não apenas ajudar o meu irmão, mas para lidar com algo maior. Eu nunca soubera a opinião real de Luke ao me acompanhar nessa aventura louca que o meti, mas ele nunca hesitou. Isso fez com que meu coração se acalentasse ainda mais. Meu mordomo e meu amigo, merecia ser feliz, merecia alguém que o completasse.

Assim como Catastrophe me completava.

Nós não sabíamos no real no que estávamos nos metendo, mas não tínhamos muita escolha. O prazo do solstício de inverno estava por acabar, em poucos dias tudo o que conhecíamos poderia mudar. Hoje seria o último dia da minha nova vida ou o fim dela.

Entramos finalmente no grande salão do castelo, estava bastante escuro e grande parte do ambiente em ruinas. As escadas estavam quebradas e não tinha a possibilidade de chegar no segundo andar. As pilastras que sustentavam a estruturas, algumas delas seriamente danificadas. Um carpete vermelho sujo e puído, com pequenas ervas daninhas que se projetavam pedindo liberdade. Me perguntava como todo castelo não tinha caído.

No centro do grande salão havia um grande foco de luz, causado por uma abertura no teto e lá dentro da luz ele estava lá.

Acorrentado pelos punhos com os braços estendidos. As correntes estavam amarradas em grandes duas pilastras já destruídas do castelo, ele estava na frente de um grande trono de ferro. O meu irmão estava ajoelhado com a cabeça tombada para frente -seu cabelo negro estava maior-. Seus braços feridos e cobertos por sangue seco. Tive a sensação que meu coração tivesse parado, uma dor e um medo tenebroso se espalhou por mim. Meu peito ficou pesado e uma sensação fria passou por toda minha estrutura fazendo meu corpo estremecer violentamente, como se tivesse levado um soco no meio do rosto.

- Pietro. – Murmurei.

Sem pestanejar sai correndo em sua direção, como se minha vida dependesse daquilo.

Não pensei em absolutamente em nada, apenas tê-lo finalmente em meus braços. Eu corri e me joguei no chão, meus joelhos bateram fortemente contra o carpete puído do castelo, eu sabia que aquilo iria doer mais tarde, mas agora nada se comparava no que eu estava sentindo agora. Ignorei por completo qualquer outro sentimento, apenas queria tê-lo novamente. Meus braços imediatamente circularam seu pescoço e o abracei, sentindo o seu corpo frio contra o meu.

- Vic...- Sua voz fraca preencheu meus ouvidos.

- Eu—Eu estou aqui...- Disse entre lagrimas apertando-o ainda mais, querendo transmitir meu calor para ele. – Tudo ficara bem. – Gaguejei.

- Vic...- Ele me chamou novamente um pouco mais forte.

Eu o soltei, mas minhas mãos pararam em seu rosto e eu o segurei para que pudesse me encarar. Pietro estava magro demais, sua pele estava suja, olheiras formavam envolta de seus olhos que ainda permaneciam os mesmos bondosos como o de sempre. Seus lindos olhos verdes. Eu pensava que estava sentindo a falta dele, mas agora vendo-o novamente. Percebi que ultrapassava qualquer coisa que sentira.

- Me ajudem! – Disse com desespero me virando momentaneamente para Catastrophe e Luke.

Ouvi rapidamente o barulho das botas se aproximando atrás de mim.

- Você não deveria ter vindo.

Vi uma lagrima saindo pelo seu olho esquerdo e lentamente escorregando pelo seu rosto cansado.

- Ele quer isso. – Ele baixou os olhos novamente e soluçou. – Eu me vendi para te proteger.

Eu olhei para ele sem entender, franzia o cenho e eu balançava a cabeça negativamente quase imperceptível.

Luke habilmente com sua arma atirou nas dobradiças do cadeado de cada braço de meu irmão para livra-lo de sua prisão.

Luke rapidamente ajudou Pietro a se levantar, circulando um braço em sua cintura aparando-o. Pietro tentava caminhar, mas ele se atrapalhava em seus próprios pés. Era como se a muito tempo ele não havia feito isso. Levou um tempo e uma força incrível de Luke para praticamente sustenta-lo todo o peso do seu corpo, mesmo magro Pietro certamente era pesado. Afinal, era um homem de quase um metro e noventa de estatura.

- Devemos levar ele para um lugar seguro. – Disse rapidamente me levantando colocando minha mão atrás de suas costas.

Seria tão fácil assim? Será que chegamos cedo? E quanto a troca? Eu sabia que algo estava errado, nada seria tão fácil. Mas eu estava tão entretida e atônita por ver meu irmão que simplesmente ignorei qualquer outra coisa.

Começamos a andar devagar, acompanhando o andar arrastado de Pietro, mas o solo estranhamento tremeu e todos nós erigíssemos na mesma hora. Dobrei um pouco os joelhos para me equilibrar e vi que todos fizeram a mesma coisa. Luke, entretanto, quase caiu, mas não vacilou e ainda sim segurou mais fortemente Pietro.

Foi então que eu ouvi, algo que para sempre irei me lembrar e para sempre me assombrara nos pesadelos.

Uma risada.

Uma risada brutal como a de um urro de um urso que me causou um terrível arrepio, percorrendo toda minha espinha até chegar na base de minha nuca.

- Pensa que vai aonde? – Uma voz forte carregada de ameaça falou ao longe.

Catastrophe pegou sua espada e intensificou todo o seu corpo, colocou-se em minha frente preparada para me proteger.

Minha isca. Será que era agora que deveria escolher? Será que eu teria que dizer adeus a um dos dois. Meu irmão ali ferido, praticamente sem vida minha linda esperança. Mas em minha frente a pessoa que estava completamente apaixonada. Devo que dizer que sim eu a amava, amava a Catastrophe. Estaria eu pronta para fazer essa escolha. Eu não queria me desfazer deles, e pela primeira vez em muito tempo desejei morrer.

- Isso não é bom. Victoria, não saia do meu lado. Ouviu bem, não saia. – Catastrophe ordenou pondo-se ainda mais em minha frente, interrompendo meus pensamentos.

O dono da voz finalmente apareceu no teto no buraco que vazava a luz para dentro do castelo, onde segundos antes meu irmão estava.

No primeiro lance não fui capaz de ver sua face, mas conseguia ver sua silhueta. Seus membros eram grandes demais, suas mãos davam lugar a imensas garras negras e deformes. Chifres que se projetavam no alto de sua cabeça – parecido a de um carneiro, longas e afiadas - e um par de asas negras. Ele desceu ao chão e antes que suas asas pudessem esconder seu corpo, vi que no lugar de pés ele tinha grandes cascos. Suas asas eram como as de um morcego, uma grande membrana negra com pelos, elas estavam maltratadas e com cortes em sua extensão. Duas grandes saliências como espinhos saiam na ponta de suas asas.

Deus, ele era um monstro.

Ele abriu suas asas e percebi o quão elas eram imensas e finalmente pude vê-lo. Na

hora tive a certeza que estávamos lidando com a verdadeira face do mal, sua aura era gigantesca. Até mesmo maior que Catastrophe, Thompson ou as feiticeiras. Sua aura era nojenta, fria e medonha tudo aquilo de escuridão que provara na vida não chegava perto do que hoje estava sentindo.

A verdadeira face do mal era incrivelmente alto e musculoso, seus ombros tinham pelos, assim como seus quadris, ele não vestia absolutamente nada, mas seus pelos cobriam as partes mais indecentes de seu corpo. Seus cabelos eram ruivos e iam até sua cintura, seus olhos eram vermelhos como se estivessem pegando fogo. Entretanto o que mais me chamou atenção, além de suas mãos foi em que no meio de sua barriga estava lá o símbolo que nesses últimos dias havia visto várias vezes. As três linhas verticais e uma horizontal cortando-as.

Ele deu um passo para frente e escutei seu casco batendo contra o carpete vermelho, meu corpo novamente estremeceu e vi Catastrophe levantando levemente sua espada.

A verdadeira face do mal riu jogando a cabeça para trás e abraçando seu próprio corpo, como se tivesse escutado alguma piada que o fizera perder as estribeiras.

- Você está de brincadeira? - Sua voz calculada e mórbida faz com que eu tremesse. Como eu queria sair correndo dali. Estava aterrorizada com o monstro que via na minha frente.

- Victoria, me desculpe. – Catastrophe sussurrou.

Catastrophe tirou seu sobretudo e me entregou.

- Dê para o Luke.

Peguei o sobretudo e no meio dele percebi uma faca. Sua lâmina era de ouro com uma caligrafia que não entendia. Fiz o que Catastrophe me pediu e o vesti com o sobretudo, no mesmo segundo meu irmão piscou confuso e pôs-se em pé, sem ajuda de Luke. Sua aura rapidamente se transformou, estava ficando aos poucos mais forte.

- Pietro... – Ouvi a voz de Catastrophe que estava extremamente seria. – Proteja sua irmã. – Ela virou a cabeça de perfil para ver meu irmão.

Pietro apenas acenou a cabeça.

- Mas.... Como? Ele parece... – Eu gaguejei confusa.

A verdadeira face do mal riu ainda mais alto.

- Você acha pequeno foco de luz. Que pode me deter. Eu sou um demônio. Você é apenas.... Isso. – Disse com desdém apontando para Catastrophe. - Uma espada celestial? Veio preparada, não é mesmo?

A verdadeira face do mal se aproximou e eu recuei com medo absoluto. Estou perdida

do que ele estava falando. Celestial? Pequeno foco de luz? Mas por que diabos as criaturas das sombras ficam a chamando assim? Seria agora a troca? Como seria capaz de intervir?

- Não se aproxime. Não se aproxime dela! – Catastrophe praticamente rugiu para a criatura em nossa frente.

- Ou o que? – Ele a desafiou. - Você acha que tem o poder para me deter? Você acha que vai me parar? Agora que estou tão perto?

- Lúcifer sabe de seu plano?! Sabe que quer desestabilizar a ordem? O equilíbrio? Ele pode estar preso, mas ainda está no comando não está? Temos um tratado. - Catastrophe falou com raiva evidente, porém sua voz parecia como uma canção lenta.

Lúcifer? Equilíbrio? Mas que diabos ela estava falando?

- Catastrophe? O que está acontecendo? – Perguntei confusa, deixando de lado momentaneamente o meu medo.

Parecia que ignorância estava tomando conta desse meu sentimento, eles estavam falando algo que só os dois sabiam. Algo que não estava sendo compartilhado para mim.

- Victoria...- Ela respirou fundo e rapidamente olhou para mim docemente.

- Lúcifer não precisa saber de tudo. Ele é um fraco. Eu irei governar, eu irei arrancar todos os tronos. – Ele olhou para cima e encarou um o buraco do teto e percebi que a verdadeira face do mal estava olhando para o céu, para as nuvens que lá flutuavam.

- Você sabe não sabe Catastrophe? Por isso que está aqui. Por que minha chave principal é ela. – A besta apontou com sua mão medonha para mim. – Eu preciso dela e você está aqui para protege-la. Mas o irmãozinho dela atrapalhou meus planos por três anos. Vendendo sua alma para mim.

- Precisar de mim? Para que? – Falei gritando, mas ambos pareciam me ignorar.

Estava ficando irritada. Eu queria saber de tudo. Queria saber do que eles estavam falando. Queria mata-lo e queria principalmente gritar com Catastrophe, pois sabia que ela estava mentindo para mim e sabia mais ainda que ela estava escondendo algo.

- Eles sabem que você se apaixonou pela sua protegida? – Ele riu e seus olhos ficam ainda mais vermelhos.

Suas asas se mexeram e ele começou a flutuar, seus cascos ficaram alguns centímetros do chão e seu empoderamento estava se tornando cada vez pior.

– Você não sabe que isso é proibido? Nunca esteve familiarizada com isso não é meu foco de luz? Catastrophe, ela te ofereceu algo que era proibido para você,

sentimentos.... Isso não é bom minha querida, sentimentos humanos. Ah, o amor, o carinho, a raiva, a libido. Principalmente essa última parte. – A voz da criatura ficou predatoriamente baixa e vi rapidamente Catastrophe abaixar os ombros como uma derrota silenciosa.

A lâmina da sua espada tocou no carpete vermelho, ela estava desistindo. Era como se ela estivesse ouvindo somente verdades e aquilo estava machucando-a terrivelmente. Mesmo sem entender o que estava acontecendo, mesmo ainda com raiva de Catastrophe, eu tive vontade de abraça-la, pois ninguém era permitido de feri-la desse jeito. Ela não merecia.

Sua aura estava rasa e fraca. Luke tentou se mexer para ajudá-la, mas eu o impedi. Instintivamente o impedi, não sabendo o certo porque, parecia o certo. Se fizéssemos qualquer tipo de movimento mais brusco, certamente seria nosso fim.

A criatura chegou mais perto de Catastrophe. Para falar a verdade estava a centímetros de distância. Ainda continuava flutuando e de repente ele apareceu ser indestrutível, muito maior do que ela. Catastrophe pareceu um coelho encurralado por um urso feroz. Pareceu, que nada que pudéssemos fazer iria funcionar.

- Sentimentos, meu ponto de luz. Algo que era tirado de você e quando experimentou, me diz a verdade foi a melhor coisa do mundo, não foi? Assim, como seu livre arbítrio. Eles tiraram isso de você, Catastrophe. Você tem que concordar comigo. – Sua voz estava mansa, mais ainda sim calculada e fria. – Você é apenas um peão. Nesse jogo inteiro, entre aqui e lá em cima. – A criatura olhou rapidamente para o buraco no teto e encarou através das nuvens.

Catastrophe acompanhou seu movimento e também olhou para cima e foi assim em um golpe rápido contra o rosto de dela. Um soco acertando em cheio a mandíbula de Catastrophe. O soco foi tão forte que achei que apenas esse golpe seria o suficiente para matá-la. Seu corpo voou e foi em direção a uma pilastra, Catastrophe se chocou ali e despencou no chão.

Pulei de susto e olhei para ela desacordada, ou talvez morta e de repente novamente o medo se alastrou pelo meu corpo novamente. Ela não podia ter ido. Não assim, não desse jeito sem uma luta. Eu não queria perder a mulher que eu amava desse jeito.

Senti a mão gélida encostar no meu rosto fazendo pressão para que eu retornasse o olhar para frente e assim que fiz, encarei os olhos vermelhos e simplesmente me senti dominada. Fechei os olhos assustada e quando os abri de novo.

Escuridão.

O pequeno foco de luz - Capítulo 23

Estávamos apenas eu e ele, na total escuridão. Tentei olhar em volta para encontrar meu irmão, Luke ou até Catastrophe caída no chão com as costas apoiada na pilastra, mas ele não deixou; continuou a segurar minha face fixamente. Para que meus olhos fixassem sobre os seus.

- Esperei tanto tempo por isso. – A verdadeira face do mal abriu um sorriso brilhante. – Para ser mais preciso desde o dia que você nasceu.

- O que? – Sussurrei.

Encarava aqueles olhos vermelhos e de alguma maneira me senti atraída pelo seu poder, pela sua imensidão de aura que me cercava e me abraçava. Eu estava com medo, aterrorizada, mas aquele poder único era interessante demais para ignorar. Além disso, eu precisava de muitas respostas, estava absolutamente confusa.

- Você pertence a mim, Victoria. Você nasceu para a grandeza.

- Eu não estou entendendo. – Disse sentindo meu estômago remexer de maneira não agradável.

- Desde que eu soube que você iria nascer, com esses grandes poderes. Finalmente, pude começar a me preparar. – Ele sorriu para mim e acariciou com as costas de sua mão o meu rosto. – Entenda, Lúcifer e o rei dos céus estão a milênios com um tratado de equilíbrio e isso é um verdadeiro infortúnio. Pois, nosso reino foi perdendo força e Lúcifer foi ficando fraco. Ouve então guerras e mais guerras, antes mesmo de vocês pequenos humanos existirem e ele foi aprisionado. Porém, mesmo assim o idiota ainda manteve seu tratado. – Ele riu em irônia. – Nós somos mais fortes.

Eu tentei sair daquele local, me mexer ao menos um pouco, mas meu corpo não me obedecia. Eu continuei sendo dominada por ele.

- Então você veio. Alguns vêem você como uma ameaça, Victoria. Outros como eu um dom. Eu a vejo como uma oportunidade para o meu reino. Para minha ascensão sobre Lúcifer e o rei dos Céus. Porém, não posso simplesmente ir ao celeste. Veja bem, eu sou um demônio e minha força aqui no plano terreno não é o suficiente, é limitado. Eu preciso de um primogênito. Alguém para ficar aqui, ele conseguiria herdar ainda mais poder. Será o primeiro mestiço. Com poderes que nem eu posso calcular e você minha querida é a única pessoa com esses dons que conseguira manter um filho das sombras. Ele iria ser o estopim do equilíbrio. Meu filho, nosso filho seria a fagulha final para desequilibrar tudo. – A verdadeira face do mal contava sua história calmamente, sem me despor de nenhum detalhe.

- E ele terá poder suficiente para juntos conseguirmos tudo em nossos pés. Você será rainha do céu, da terra e do inferno. Eu dei todas as dicas para você chegar até a mim, entenda, eu não poderia ir até você e te pegar. Não depois que seu irmão vendeu sua alma para mim, quando ele fez isso eu não pude voltar para te fazer finalmente minha, te mostrar absolutamente tudo, te preparar até o solstício. - Ele mexeu os ombros como se tivesse sentindo algum tipo de pesar. – Porém, você chegou um pouco mais cedo do que eu imaginava, pois ainda não é o solstício, quando meu poder todo estará reunido. Mas acho que você não se importaria de ser minha hospede. Você consegue imaginar? Tudo será seu – Ele me olhou parecendo estudar cada centímetro de minha alma, tinha a impressão de que todos os meus sentimentos e memorias estavam sendo vasculhados por ele.

Eu estava dominada pela sua aura e pela sua conversa, eu queria saber mais. A intoxicação do poder, nunca foi meu forte. Saber disso tudo, tornou as coisas mais difíceis. Então, afinal será que desde o início existira troca? E o que seria Catastrophe? Uma ajudante da verdadeira face do mal, que me seduzira e trouxe até aqui. Não era possível, eu a conhecia, ela não seria capaz disso. Ou seria? Não! Catastrophe era a mulher por quem me apaixonei, que me jurou devoção. Mas onde ela se encaixava em tudo isso.

- Posso tirar toda sua dor. Posso tirar a dor de todos aquele que presa. Um mundo sem regras, sem sofrimento. As pessoas seguiriam suas vidas como quiserem. – Ele sorriu e me surpreendi ao ver que seus dentes eram perfeitamente alinhados e brancos.

Eu começava a querer acreditar nele, tudo seria tão absolutamente mais fácil. Sem sofrimento, sem dor. Era apenas dizer um mínimo sim. Eram só três palavras.

- Tudo será seu... – Ele sussurrou e aproximou seu rosto do meu.

- Eu...

Senti meu corpo sendo puxada contra o dele, sinto o gosto do poder que ele pode me oferecer. É tão tentador. Eu vejo que quero aquilo que ele estava me oferecendo, mesmo parecendo terrivelmente errado.

- Eu...

Parei de falar de repente fechando minha boca. A escuridão se inibia e uma grande luz surgia a minha esquerda ao alto. Uma grande luz branca, eu olhei para ela, mas minha visão fica sensível demais. A verdadeira face do mal me soltou e recuou um passo. De repente consegui respirar mais aliviada e seu poder sobre mim já não era tão grande quanto estava.

- Victoria.

Eu reconheci aquela voz.

A luz tomou forma aos poucos, ela estava com um par de asas. Grandes asas brancas com longas penas majestosas e brilhantes. Ela estava vestida com uma túnica de seda branca, uma cascata de cabelos louros jogados selvagemente pelo seu colo e finalmente seu rosto começou a tomar forma.

- Catastrophe...?

Um anjo.

Estaria eu delirando?

Ela estava morta, não estava? A verdadeira face do mal acabara com ela.

- Saia de perto dela. – Catastrophe gritou e suas asas dobraram e como uma lança ela se lançou para acertar seu alvo, jogando a verdadeira face do mal para longe.

- Catastrophe... – Eu olhei para ela sem acreditar no que estava vendo.

Balancei a cabeça me negando a acreditar no que estava vendo. Esse dia estava mais do que podia aguentar, muitas descobertas e mentiras. Nunca em toda minha vida, pensara em passar por algo assim e para dizer a verdade, já havia passado por inúmeras coisas. Achava que nada mais me surpreendia, até eu chegar aqui.

Catastrophe era um anjo. Um lindo anjo, meu anjo particular.

Eu queria chorar, eu queria gritar com ela, esbofeteá-la, mas eu queria dizer que a amava, amava mais do que tudo.

Ela chegou perto de mim planando baixo, devagar para que eu não me assustasse. Ela se inclinou em minha direção e eu fiquei na ponta dos pés, eu não iria resistir a ela, eu não podia. Catastrophe me conhecia tão bem. Seus lábios roçaram nos meus e eu senti finalmente a verdadeira Catastrophe. Consegui finalmente experimentar sua verdadeira aura e Deus, era pura paz e amor por mim. Sim, amor. Eu me esqueci de tudo, de onde estava em que situação nós estávamos.

Catastrophe me amava.

- Você está bem – Ela sussurrou. – Desculpe.... Eu vou te salvar. Eu vou acabar com tudo isso. Prometo. – Ela sorriu confiavelmente para mim.

- Eu sei, meu amor. – Disse engolindo seco, tentando reunir minhas forças para acreditar nela.

Minha raiva já tinha sido esquecida, eu simplesmente não podia, não depois de provar seus lábios. Mesmo ela escondendo todo esse tempo de mim sua verdadeira identidade o que eu sentia por ela era inexplicável. Era algo que nunca sentira antes.

Eu verdadeiramente a amava.

- Catastrophe.... Eu te— - Ela me silenciou com o dedo indicador sobre meus lábios e balançou a cabeça.

- Depois. Quando terminarmos aqui.

Catastrophe se distanciou um pouco de mim e subiu para o alto.

Ela parecia tão pura, tão perfeita. Agora, fazia sentindo suas cicatrizes, suas asas ficavam ali. Agora, sua força e habilidade estão respondidas, porém ainda muitas perguntas estavam sem respostas.

- EI!!!- Ela gritou em direção da criatura. – Irei manda-lo para o lugar que você nunca deveria ter saído. Se arrependera profundamente de ter se metido com Victoria.

Sua espada tomou forma em sua mão desdobrando-se por inteira, seu brilho era diferente do normal, um prateado forte e uma luz colorida, igual à de um arco-íris que formava uma pequena camada envolta da espada.

- Você ficará preso no inferno junto ao seu mestre e o equilíbrio irá prevalecer.

Catastrophe desceu novamente em toda velocidade para cima da verdadeira face do mal que estava começando a se levantar. Ele conseguiu se defender usando as mãos e a lâmina de Catastrophe bateu contra as garras da criatura. Ele jogou um de seus braços para cima e uma foice aterrissou em seus dedos. Logo, as faíscas das laminas se batendo e o barulho dos metais se encontrando tornaram-se ameaçadores e alto. Eu não conseguia ver a luta direito, era tudo muito rápido para eu acompanhar. Era um raio negro chocando-se com um branco. Depositei toda minha fé em Catastrophe. Fechei os olhos e transmiti o máximo da minha aura para ela, na tentativa de mantê-la forte. Eu sabia que ela era capaz, eu conhecia as habilidades de Catastrophe.

Tive um vislumbre rápido do que estava acontecendo. Catastrophe estava ferida, um enorme corte no braço e com sua linda túnica rasgada e ensanguentada. Os dois pararam no ar se encarando, a verdadeira face do mal riu sarcasticamente, enquanto rodava sua foice com grande velocidade.

Catastrophe respirava rápido e rasteiramente com o braço ferido caído ao lado do corpo, como se nesse momento ele estivesse inútil para batalha. A verdadeira face do mal Investiu para cima de Catastrophe que sem hesitar preparou o contra-ataque, mesmo feriada meu anjo iria lutar até o final.

E novamente tudo era apenas uma luz branca e negra chocando-se um contra o outro. Eu ficava ansiosa, meu coração batia rápido demais dentro do meu peito, era doloroso me manter ali e não poder fazer nada. Eu sabia que Catastrophe estava dando tudo de si, eu ouvia seus gritos quando as lâminas se chocavam ou quando ela conseguia deferir

algum golpe para cima da criatura.

Quando eu pisquei vi Catastrophe descendo de cabeça com uma incrível velocidade suas asas estavam rente a suas costas e a verdadeira face do mal estava despencando em direção ao chão, cuja a espada de Catastrophe estava perfurada em sua barriga.

- Leve sua escuridão com você. – Catastrophe disse ao chegar no solo, em pé em cima da criatura, seus pés estavam a cada lado da cintura da criatura.

A criatura foi se deteriorando aos poucos gritando em agonia e dor a procura de ar, suas veias ficaram negras e sobressaltadas.

Eu tapei a boca em susto e nojo era terrível ver essa imagem na minha frente, era mais do que podia aguentar. Senti meu estomago se revirar, mas consegui me controlar.

- Você nunca terá ela. VOCÊ SABE DISSO!! – Ele disse agonizando com um sorriso mórbido no rosto, antes de finalmente desaparecer.

Catastrophe fraquejou e eu corri para segura-la, mas com suas asas parecia ter dobrado de peso. Então ambas caímos no chão.

Eu acabei por cair em cima dela e fitei seus olhos negros brilhantes cheios de vida e excitação pela a batalha que acabara de finalizar.

- Você está ferida. – Disse exasperada segurando seu braço com cuidado.

- Não se preocupe. Eu curarei rápido. – Ela sorriu docemente e acariciou minha face. – Tantas explicações que devo lhe dar... – Sua voz estava fraca.

Catastrophe estava decepcionada consigo mesma.

- Você vai me contar tudo, vamos sair daqui antes. Para nossa casa. Eu preciso de você, do meu irmão e até mesmo do Luke. Quero tentar viver minha normalidade.

Ela acenou positivamente e sorriu para mim. Com um pouco de dificuldade ela se levantou ficando novamente em pé.

- Onde estamos? - Perguntei curiosamente.

- Ele te trouxe para o nada. Ao menos como nós chamamos. Uma linha fina entre a vida e o sobrenatural. Quando eu acordei do golpe deferido pela criatura, Pietro e Luke estavam sendo atacados por criaturas da sombra. Eu os ajudei, assim que terminamos eu fui a sua procura. O tempo que estive com você, aprendi focalizar sua aura. Logo, eu soube onde você estava.

- Você sabe sobre aura? – Franzi o cenho a encarando.

- Minha querida Victoria, eu sou um anjo. Eu sei de bastante coisa. – Ela sorriu mostrando o óbvio.

- Claro. – Sacudi a cabeça. – Como iremos sair daqui?

- Isso é fácil. – Ela disse me pegando no colo.

- Catastrophe! – Falei surpresa agarrando seu pescoço.

- Apenas feche os olhos e relaxe.

- Seu ferimento.

- Que ferimento? – Ela sorriu.

Olho para seu braço e tudo o que consigo ver agora é sangue seco, e enorme corte que antes estava perfurado em sua pele, agora era apenas um lanhado.

- Uau...

- Mais coisas que devo te explicar.... Agora relaxe.- Catastrophe pediu gentilmente.

Ela deu um pequeno salto pegando impulso do chão e logo já estávamos flutuando. Catastrophe começou a bater as asas lentamente. Conseguia ouvir suas lindas e enorme asas batendo contra o ar. Eram penas brancas brilhantes que pareciam brilhar ao redor de cada uma. Era lindo. Perfeito. Trazia-me paz. Não estava com medo, estava sentindo-me segura. Olhei para ela e estava concentrada fitando a escuridão acabar.

Respirei fundo e afundei o rosto em seu pescoço fechando os olhos e então a velocidade aumentou, fazendo com que eu me apertasse ainda mais contra ela.

- Relaxe... – Ela sussurrou.

Estava plena, Catastrophe estava tão linda. Eu iria guardar sua imagem descendo de túnica com suas cascatas de cabelos louros e suas asas para sempre em minha mente.

- Victoria! – Ouvi a voz do meu irmão.

Percebi então que eu havia cochilado nos braços de Catastrophe, pois novamente quando tornei a abri-los estávamos pairando sobre as escadas de pedra no castelo.

Catastrophe com cuidado me colocou no chão e rapidamente fui abraçada pelo meu irmão. Um abraço dolorido, mas muito bem-vindo. Finalmente Pietro estava comigo e tudo parecia estar bem novamente.

Catastrophe, Luke e Pietro. Todos bem! Todos comigo. Seria possível realmente uma vida normal?

- Você me encontrou... – Sua voz estava fraca, mas sua aparência estava bem melhor do que antes.

- Claro. Jamais esqueceria de te procurar, meu irmão. Você é uma das coisas mais preciosas da minha vida. – Eu sorri abertamente e peguei a sua mão apertando

levemente, sentindo seus dedos ossudos em volta dos meus.

Olhei rapidamente para Catastrophe e Luke que estão alguns degraus acima da gente, dando-me espaço para o meu encontro com Pietro.

As asas de Catastrophe já estavam recolhidas e de alguma maneira suas vestes haviam voltado como estavam antes, calças e blusa.

- Como você me achou?

- Isso meu querido irmão é uma longa história. Nem eu mesma sei como conseguimos parar aqui. – Eu comentei, lembrando que nos últimos dias aconteceram em uma rapidez tão grande, do que nos últimos três anos que estive à procura de Pietro.

- Obrigada por ajudar minha irmã. - Pietro se virou para Luke e Catastrophe.

Eles apenas acenam a cabeça.

- Eu apenas fiz o que deveria ser feito. – Ela olhou para mim com um sorriso triste e distante.

Isso não era bom.

- Ainda sim.

Eles ficaram se olhando por um tempo. Pietro a olhava curiosamente, como eu na primeira vez que a vi. Catastrophe tinha um enorme poder de deixar as pessoas dessa maneira. Curiosa pedindo por mais informações que nunca iriam ter. Mistérios que só ela sabia. Não apenas somente da sua vida, mas de tudo.

- Com licença. - Uma voz interrompeu.

Nós quatro viramos para a voz e um senhor baixo estava no final das escadas olhando para nós.

- Vocês o destruíram? – Ele perguntou incerto, mexendo seus dedos de maneira nervosa.

- Sim... - Catastrophe falou tomando a frente e sorrindo.

O senhor de idade riu baixo e chorou como uma criança.

- Meu Deus... isso é um milagre. Finalmente podemos viver com paz. – Ele fungou limpando o nariz e as bochechas nas mangas de seu grosso casaco.

Catastrophe acenou a cabeça.

- Por favor, eu tenho um pequeno restaurante. Vocês estão convidados a comerem, tomar um banho se necessário. – O senhor desviou seu olhar para Luke que estava uma bagunça.

- Agradecemos sua hospitalidade, meu senhor. – Catastrophe disse gentilmente.

Luke desceu as escadas e acompanhou o senhor com Catastrophe, o homem comentava animadamente os acontecimentos desde que o mal se instalou na pequena e charmosa cidade. Enquanto eu fiquei para trás ajudando meu irmão descer as escadas.

- Prometo Victoria, começaremos do zero. Uma nova vida. – Ele beijou minha têmpora.

- Sim meu irmão uma nova vida. – Olhei para as costas de Catastrophe e sinto meu peito expandir por amor. Eu queria ter apenas cinco minutos com ela. Precisava toca-la e dizer o que estava sentindo.

Deus, eu a amava.

Eu queria acreditar finalmente teríamos paz.

Finalmente Pietro teria sua vida de volta.

Luke continuar sua vida, não tão seriamente quanto agora.

Eu e Catastrophe poderíamos ser felizes

Meu anjo particular - Capítulo 24

Caminhávamos tranquilamente até o estabelecimento do senhor e ao entrarmos lá, logo percebi que o local era precário, mas tinha aquela sensação de acolhimento que eu precisava.

As cadeiras eram velhas e capengas, mas era o suficiente para que nós depois de tudo o que havia acontecido sentarmos e respirar um pouco. As mesas remendadas com diferentes cores de taboas corridas e algumas delas tinham pequeninos buracos. O chão era cimentado, mas tudo parecia estar aparentemente limpo. O local era um pouco escuro, algumas lamparinas presas na parede, porém eram mal distribuídas. Fazendo com que certos ambientes ficassem mais iluminado do que o outro. Tinha também uma porta vai e vem no outro lado do balcão e de lá surgiu uma senhora, que estava com vestes simples e puídas. Mas ela estava com um sorriso no rosto parecendo satisfeita e suas mãos trabalhavam contra o avental de seu vestido para limpa-las.

- Bem-vindos...- Ela disse aproximando-se do senhor que nos acompanhara até aqui. – Não tenho palavras para agradecer o que vocês fizeram pela gente. Finalmente a cidade está livre da escuridão. – O senhor passou o braço em volta da senhora e apertou seu ombro com seus dedos calejados.

- Sim é verdade, por favor, aceite um prato de comida, nosso jantar em comemoração e

um banho para esse jovem, pois certamente ele precisa. – O senhor apontou para Pietro e com o queixo e sorriu. – Acho que as roupas do meu filho, caberão perfeitamente em você.

- Isso seria muito bom, obviamente se não for incomodar. Um banho nesse momento é realmente do que mais preciso. – Pietro retribuiu o sorriso, levantando um pouco o braço e inclinando a cabeça, para que seu nariz chegasse perto da axila. – Um banho mudaria minha vida. – Ele tentou rir fracamente.

Seu humor.

Eu senti falta daquilo.

Tanto o senhor quanto a senhora riram baixinho.

- Pietro. – Ouvi a voz de Catastrophe atrás de mim. – Quando terminar o banho continue a usar meu sobretudo.

- Tudo bem. – Pietro apenas concordou, antes dele e o senhor se direcionaram para porta de molas e desapareceram de vista.

Luke se aproximou da mulher e como um verdadeiro cavalheiro colocou os braços para trás e se inclinou levemente.

- E o seu nome? Me desculpe, entramos aqui e nem nos apresentamos. – Luke disse cordialmente.

- Eu sou Ana.

Luke e Ana agora conversavam sobre alguma coisa, na qual não me concentrara.

Me virei para Catastrophe e tentei fita-la.

- Por que pediu para que meu irmão usasse o seu sobretudo? – Tentei ser seria, tentei o máximo mostrar a indiferença do que acabara de acontecer naquele castelo.

- Minha aura, ela é como uma poeira. Tudo o que eu toco ou visto acaba ficando um pouco. Então, Pietro acabou por ficando mais forte, desde que colocara minha vestimenta.

- E foi assim. Um dia estávamos indo dormir e no outro, criaturas horrorosas invadiram nossas vidas. Dizendo o que deveríamos fazer e quando fazer. Não poderíamos chamar simplesmente as autoridades ninguém iria acreditar. – Ana suspirou frustrada e se encostou na bancada do bar. – Era assustador, tentamos lutar, mas vários se transformaram em criaturas ou então simplesmente morreram. – Sua voz ficou falha e percebi que Anna reprimiu um soluço. – Como meu querido Felipe, meu filho que tentou nos livrar disso tudo, mas não conseguiu.

Ana acabou por cortar meu raciocínio.

Catastrophe caminhou até ela e levemente tomou a liberdade de tocar no braço flácido da senhora.

- Eu sinto muito chegamos tarde demais. – Catastrophe se desculpou oferecendo um sorriso triste.

- Ao menos meu Felipe tentou. – Ana colocou sua mão por cima de Catastrophe e deu dois tapinhas carinhosos.

- Sim. Como um verdadeiro herói. Eu garanto. – Catastrophe continuou um pouco mais confiante.

Um silêncio se instalou durante um minuto ou dois, todos pareciam estar em seus próprios pensamentos. Entretanto não demorou muito para que o senhor entrasse novamente no restaurante.

- Pronto, Pietro já está se aprontando, o pobrezinho está pele e osso. Aposto que é um homem bom, parece nosso Felipe, o mesmo brilho sonhador no olhar. – O senhor sorriu se aproximando.

- Sim Antony. – Ana sacudiu a cabeça concordando com o marido. - Acho que deveríamos começar o jantar. Essas crianças aqui devem estar famintas. – A senhora reuniu as mãos entrelaçando os dedos na frente do corpo.

- Eu adoraria ajudar – Catastrophe levantou a mão como uma criança pedindo permissão para falar.- A senhora deve ter incríveis habilidades na culinária, poderia te acompanhar. – Catastrophe propôs.

- Claro, minha querida. Duas mãos sempre a mais são sempre bem-vindas. – Anna riu baixinho e ambas foram para a cozinha.

Eu queria muito conversar com Catastrophe. Queria entender absolutamente tudo, entender porque da mentira, ou da sua omissão em uma revelação tão séria. Seria para me proteger? Seria para me enganar? Desde que o dia que nós nos encontramos até hoje, nesse mesmo segundo, eu queria ter respostas. Mas eu sabia que agora, nada iria conseguir arrancar dela, eu aprendi que com Catastrophe tudo tinha que ser em sua hora. Tudo se encaminhava de maneira sozinha, além do que não parecia ser a hora certa para discutir isso, com certeza seriamos interrompida inúmeras vezes e eu precisava novamente me aproximar de meu irmão.

Ficamos ali no restaurante apenas eu, Luke e Antony.

- Eu vou ali fora falar com outros moradores. Chama-los, para participar do jantar. É um dia de comemoração, afinal, não é? – Antony falou alto batendo as duas mãos uma

na outra alegremente. – Já volto. Fiquem à vontade.

Agora estamos apenas eu e Luke.

Nos sentamos em uma mesa no fundo do restaurante e Luke tomou a liberdade de pegar uma lamparina e ascender. Colocou o pequeno foco de fogo no meio da mesa quadrada. Ele me encarou por um instante e passou a mão pela sua pequena barba ruiva.

- Ela é um anjo.- Ponderou referindo-se a Catastrophe.

- Sim...- Disse respirando fundo, massageando a testa com as pontas dos dedos.

Estava muito cansada, parecia que toda minha aura estava finalmente se esgotando. Mesmo estando ali algumas horas, o dia já havia acabado e a noite começa a tomar conta. Eu queria me recompor, me sentir forte novamente, não parecer tão boba e vulnerável. Eu me sentia desse jeito, Deus, eu estava amando um anjo. A escuridão se apaixonara pela luz. Que ironia mais idiota, o destino me pregava peças que jamais desconfiaria.

- E a Madame sabia disso? – Pietro continuou curioso.

- Não! – Esbravejei rápido demais.

Luke me olhou assustado.

- Não...- Respondi murmurando, tentando me recompor do estupor. – Eu fiquei tão surpresa quanto você. Eu nunca poderia desconfiar, Luke. – Respirei fundo apoiando meu queixo na palma da minha mão enquanto sustentava pelo cotovelo apoiado na mesa. – Quero dizer, Catastrophe sempre foi diferente, isso eu sempre soube, mas nunca iria desconfiar disso.

- Eu entendo. Madame Burke. – Luke acenou e sorriu fracamente. – Senhorita Catastrophe é um livro guardado em sete chaves. Acho que sempre foi um dos motivos da senhora se apaixonar por ela.

- Apaixonar?? – Gaguejei ruborizando, sentindo minhas orelhas e nuca esquentar.

Eu realmente era tão aberta assim para o meu mordomo desconfiar disso? Eu transparecia minha paixão por ela, tão obviamente. Eu era uma idiota.

- Madame, eu lhe conheço já algum tempo, a bastante tempo para falar a verdade. Eu nunca critiquei suas preferencias, mesmo sabendo que onde vivemos é proibido. Eu já lhe vi com mulheres, eu sei como se sente em relação a elas, mas com Catastrophe foi diferente. Ela é como um oceano profundo, quanto mais você nada mais você quer conhecer sua imensidão. Acho, que vocês tiveram sorte de conhecer uma a outra. – Luke me olhou diretamente nos olhos e reconheci ali um confidente de poucas palavras, seu olhar estava cansado e sua barba um pouco maior que o normal.

Se eu tivesse preferência em homens, Luke certamente me encantaria. Ele era bondoso e realmente um fiel amigo, deveria valoriza-lo mais.

- Sim.... Você tem razão, Luke. Eu nunca senti isso. Eu acho que eu realmente a amo. Mas tudo isso é uma loucura não concorda? Quero dizer, minha vida é uma loucura, entretanto ela superou todos os meus níveis de loucuras. – Eu ri fracamente escondendo o meu rosto na curva do meu cotovelo

Eu respiro fundo e novamente volto a olhar pra Luke e vejo que a um pequeno ferimento em sua têmpora, mas ele pareceu não perceber ou ligar.

- Acho que mais do que nunca Madame Burke, você deve ajudar Catastrophe. Pois agora que você sabe o segredo dela. Certamente terá coisas que atingira Catastrophe, anjos criaturas puras. Sua inocência, pode ser rompida.

Deus, eu fiz amor inúmeras vezes com um anjo. Eu fui a culpada de romper a inocência de Catastrophe, assim como a sua pureza. Fui eu quem afinal apresentei a verdadeira escuridão para ela.

Mordi fortemente o lábio inferior. Sua inocência. Agora, tudo se encaixava, em várias situações ela não sabia como agir. Como na primeira vez que tentamos fazer amor, ela nunca provara algo assim por isso se assustou. Ou quando fomos a Benjamin e ela não sabia agir com seus ciúmes. E até mesmo suas reações com doces, sua vestimenta e seu libido não controlável.

- Sim, ela é inocente, Luke. Deus, como ela é inocente. – Neguei com a cabeça, passando os dedos em minha testa.

Tanta coisa fazia sentindo agora.

- Ela é.... Algumas vezes que eu conversei com a senhorita Catastrophe. Ela me fazia perguntas de maneira curiosa de coisas supérfluas. Para ela, tudo parecia novo e incrível, uma experiência que antes nunca parecia ter provado. – Luke olhou para pequena lamparina e observou o fogo, sorriu com o canto da boca, estava certamente lembrando de alguma coisa entre eles.

- Sim, eu irei ajuda-la, Luke. Eu tenho quase certeza que fui eu quem a corrompi. – Disse desabafando sinceramente para meu mordomo.

- Claro que não Madame Burke.

- Como pode ter tanta certeza.

- Pois o sentimento que você sente, o amor que você sente por ela. Ela sente por você. – Ele sorriu e colocou sua mão em meu ombro apertando levemente.

Um toque inesperado, Luke só me tocava em minhas crises quando vivíamos apenas eu

e ele e minha casa. Todavia, seu toque fora muito bem recebido.

Pietro entrou pela porta de vai e vem e caminhou em nossa direção.

Meu irmão estava magro e um pouco barbudo, seus cabelos negros estavam batendo na nuca e seus olhos ainda pareciam um pouco cansado e fundos. Estava com uma calça surrada marrom, uma blusa bege e o sobretudo preto de Catastrophe que visivelmente estava um pouco justo em seu corpo. Todavia, Pietro acatou as ordens de Catastrophe e manteve seu sobretudo.

- O cheiro do que elas duas estão fazendo lá na cozinha está uma delícia. – Ele riu apontando para a porta que acabara de sair.

Pietro sempre tivera um humor muito melhor do que o meu. Eu estava ansiosa para que ele e Catastrophe começassem a conversar. Certamente os dois juntos iriam ser algo muito bom de se ver, risadas certamente aconteceriam a todo estante. Pela inocência de minha linda anjo e pelo abobalhado de meu irmão.

- Senhorita Catastrophe é excelente cozinheira. – Luke disse seriamente puxando uma cadeira para Pietro.

Pietro aceitou com um sorriso e sentou-se em uma das cabeceiras da mesa.

- Então, o nome dela é Catastrophe. Excêntrico. – Ele olhou para mim e levantou uma de suas sobrancelhas. - Vic, seja lá onde você encontrou ela, tivemos sorte. Com todas as pessoas do mundo você encontrou justamente um anjo. Claro, sua ajuda também foi essencial. – Pietro se virou momentaneamente para Luke.

- Destino. – Repeti uma das palavras preferidas de Catastrophe. – Graça a ela e Luke, eu finalmente te encontrei. – Peguei a mão de Pietro sobre a mesa e apertei sentindo seus dedos magros em baixo dos meus.

- Sim. Finalmente meu pesadelo acabou. – Seus olhos encheram-se de lagrimas, mas ele relutantemente não se pôs a chorar. – Nosso pesadelo. – Corrigiu.

- Agora, estamos bem. Vamos voltar para casa e finalmente ter uma vida que merecemos. – Eu disse com o peito enchendo-se de alegria.

- Exatamente. Esqueceremos de tudo isso. Começaremos do zero. – Senti Pietro apertar minha mão e sorrir. – Obrigada Luke, por cuidar bem de minha irmã. –

- Apenas fiz meu trabalho. – Luke exclamou. – Felizmente tudo acabou bem, não é verdade?

- Sim. – Falei com a voz fraca.

Antony finalmente chegou com alguns convidados e logo o restaurante tornou-se quente e cheio de murmúrios. Não demorou muito para Catastrophe aparecer junto com Ana e

ambas ajudarem a servirem todas as pessoas da pequena cidade.

Sentamos eu e Pietro junto com dois convidados. Luke e Catastrophe se afastaram e ficaram sentados na bancada. Ambos comiam com avidez o jantar, pelo os desgastes das lutas certamente gastaram muita energia. Além de que normalmente Catastrophe tinha um apetite surreal.

Sabia que de alguma maneira ela estava me evitando, para que nós não entrássemos em qualquer assunto que poderíamos ser cortadas no meio. O que deveríamos conversar era algo para apenas nós duas. Sem interrupção, eu só esperava que não demorasse muito. Eu não apenas queria conversar com ela, queria beija-la também. Estava sentindo falta de sua boca e seu toque.

Ao longe trocávamos olhares, seus olhos negros a todo momento me procuravam e eu a correspondia, mesmo me evitando Catastrophe sempre me procurava. Era como se ela dependesse daquilo, dos meus olhos a bebendo.

- E foi assim... Quando chegava perto da morte. Quando eu finalmente pedia pela morte. Aquela criatura fazia com que eu sobrevivesse. – Pietro continuou a falar por alto seus últimos três anos com a verdadeira face do mal. – Eu desejei morrer. – Sua voz saiu num fio carregada de tristeza.

Voltei meu olhar para Pietro e sorriu.

- Mas agora tudo acabou. Demos um jeito nisso. Quero ir embora logo amanhã e não perder tempo. Vamos para praia. Vamos fugir do inverno. Sei que você gosta do inverno, mas eu estou com saudades do calor do sol, do cheiro do mar. – Pietro retornou a falar.

- Eu adoraria. A praia. Também sinto falta do cheiro da maresia. – Falei.

Pietro colocou um grande pedaço de carne na boca e mastigou com prazer absoluto, soltando um gemido felicidade.

- Então, combinado. – Eu disse antes bebericar o chá que Ana fez especialmente para mim.

Olhei então novamente para Catastrophe e a vi tombando a cabeça para trás e explodir em uma risada alta. Algo que Luke dissera, pois, o mesmo colocou o punho na frente da boca e riu baixo. Senti minhas bochechas esquentarem, eu estava com ciúmes. Não com ciúmes dos dois em si, mas eu queria ser razão pela risada de Catastrophe. Estava contando os minutos para ter um tempo a sós com ela.

- Preparei dois quartos para vocês. – Ana disse se aproximando de mim.

- Para você e seu irmão e outro para o casal ali. – Ana apontou para Catastrophe e

Luke.

Na mesma hora, meu coração pareceu afundar dentro do meu peito e minha cabeça latejou rapidamente. Mas respirei fundo, as pessoas não estavam acostumadas ou desconhecia casais do mesmo sexo. Como Pietro e Luke me conhecem já fazem anos, ambos sabiam de minhas aventuras românticas com mulheres. Tive muita sorte de nunca ser pré-julgada por eles. Então, para ambos nunca foram tão estranho assim.

- Claro... – Disse baixo, começando a ficar frustrada com tudo o que estava acontecendo.

Depois quando finalmente fosse deitar eu resolveria com Luke e destrocaríamos de quarto.

- Senhorita Ana? – Pietro chamou a senhora.

- Sim, meu querido.

- Você poderia nos informar o primeiro trem que passa pela cidade amanhã? – Pietro perguntou com um sorriso no rosto, antes de se virar novamente para seu prato e espetar mais um pedaço de carne com seu garfo.

- Bem.... Se eu não me engano perto das 7 da manhã. – Ana disse franzido o cenho e olhando para o teto com o dedo indicador em cima dos lábios.

- Muito bem. Obrigada. – Pietro sorriu e colocou mais uma vez um grande pedaço de carne na boca.

A noite foi passando e Catastrophe não vinha até a mim. Sua aura estava uma verdadeira bagunça, era como se ela não deixasse ver o que realmente estava sentindo. Seus movimentos estavam um pouco exagerados e logo as pessoas se aproximavam dela para conversar. Luke a acompanhava com uma caneca de cerveja nas mãos. Eles estavam criando um laço de amizade bem forte. Vi que Luke gostava dela verdadeiramente. Era bom Catastrophe conhecer outras pessoas, se aproximar de alguém, fazer amizade. Luke era um homem bom e era um ótimo amigo de Catastrophe.

Os convidados começaram a partir depois que a comida e a bebida já estavam praticamente acabadas. Me ofereci para ajudar Ana e Antony a limpar todo o restaurante. Pietro e Catastrophe finalmente pareciam trocar algumas palavras. Meu irmão a olhava com interesse evidente, obviamente pela sua beleza, porém também pelo os mistérios que Catastrophe ainda carregava consigo.

Me juntei com Anna e Antony na velha cozinha e os ajudei a lavar toda louça, pacientemente. Observei o entrosamento entre o casal e percebi que deseja aquilo para mim. Queria aquilo com Catastrophe. Eles completavam toda ação que outro deixava.

Ao voltarmos para o restaurante, não encontrei Catastrophe pelo local. Apenas Luke e Pietro sentados em uma das mesas, ao canto do restaurante. Pietro estava sentado com os braços cruzados pensativos e Luke com sua atitude séria encarando algum ponto imaginário no chão.

- Onde está Catastrophe? Já está tarde... – Disse me aproximando dos dois.

- Vic... – Pietro inclinou a cabeça para cima e olhou para mim. – Ela foi dar uma volta.

- O que? – Pisquei algumas vezes, antes de olhar todo o ambiente.

- Ela foi dar uma volta. Disse que poderíamos dormir e que ela voltaria de manhã. Antes de irmos. – Luke completou o que Pietro disse.

- Voltar? Ela deveria estar aqui. – Fiquei com raiva e minha voz repercutiu exatamente o que sentia.

Comecei a andar em direção a porta do estabelecimento para procurar Catastrophe, mas alguém me impediu. Voltei o olhar para trás e lá estava Pietro me segundo pela mão. Sua aura já estava bem mais forte. Mas ainda assim, não estava completamente recuperado.

- Deixa-a. Ela falou comigo, Vic. Amanhã ela voltara. Catastrophe precisa desse tempo para ela. Confie em mim. – Pietro falou com um sorriso doce nos lábios.

- Tudo bem. – Falei frustrada antes de me soltar do meu irmão.

Ana e surgiu da cozinha e nos direcionou até os quartos que ficavam no segundo andar do restaurante.

O quarto era simples, apenas uma cama de casal com uma pequena cômoda, cobertores quentes e uma lamparina na parede ao lado da janela de vidro. Pietro agradeceu a hospitalidade que Ana nos proporcionou e fechou a porta com cuidado.

- Vamos descansar, minha irmã. Amanhã teremos um dia cansativo. – Pietro disse atrás de mim enquanto eu encarava a noite lá fora.

- Sim.... Eu já estou indo Pietro. – Eu me virei para ele e sorriu tristemente.

- Boa noite Vic.

- Boa noite Pietro.

Não demorou muito e já escuto meu irmão ressonando. Pela primeira vez em três anos ele finalmente pode dormir despreocupadamente sem ter medo do que poderá ocorrer no minuto segundo.

Olhei para noite estrelada que está lá fora e por um momento desejei estar junto com Catastrophe. Sentia sua falta. Ela estava lá fora sozinha.

Respirei fundo ainda frustrada, era como se ela estivesse me cortando. Sei que em seu coração milhões de questões estavam passando, mas em meu também estava. Eu queria desesperadamente vê-la e resolver todos seus mistérios. Queria novamente essa noite tê-la em meus braços.

Apoiei minhas mãos no vidro gelado da janela e com as pontas dos meus dedos comecei a fazer desenhos aleatórios. Olhei distraidamente para os pontos brilhantes do céu, mas algo me chamou atenção. Ao longe, minha visão periférica denunciou algo diferente vindo a esquerda. Virei a cabeça e enruguei um pouco os olhos e quando dei por mim, me vejo fitando duas grandes asas brilhando contra a lua. Caindo em queda livre, antes de rodopiar e novamente voltar para cima.

Catastrophe!

Senti meus olhos arderem. Meu anjo. Lá estava ela. Sobrevoando a noite fria com suas magnificas asas sem se preocupar em se esconder. Ela estava lá. Mesmo longe de mim, eu a sentia. Sentia sua aura vindo até mim.

Catastrophe, era meu anjo. Meu amor.

Ela não iria fugir, Catastrophe precisava sentir seu ser novamente, dessa vez sem omissões.

Suas verdadeiras intenções. - Capítulo 25

- Vic... – Ouvi alguém chamar pelo meu apelido docemente. – Victoria... Acorde, já está na hora. – A voz foi criando forma e reconheci a voz de meu irmão.

Abri os olhos lentamente e o vi me encarando já com um sorriso nos lábios.

- Pietro?? – Olhei para ele ainda tentando o reconhecer, mesmo sabendo quem era.

Ainda era difícil de acreditar, que ele estava ali finalmente comigo. Meu querido Pietro ainda que magro, estava com o semblante menos carregado, mais feliz. Meu coração bateu fortemente contra o meu peito, era tão bom vê-lo aqui seguro, comigo.

- Sim, minha irmã. – Ele acariciou meu ombro.

Pietro estava sentado na cama, já aparentemente arrumado ainda com o sobretudo de Catastrophe.

- Devemos ir. Daqui pouco teremos que estar na plataforma da estação.

- Claro.

Levantei rapidamente em solavanco e me senti um pouco tonta.

- Vai com calma. – Pietro disse baixo apoiando sua mão em minhas costas para me amparar.- Você dormiu tarde ontem. Não deve ter relaxado muito.

Eu realmente fora dormir tarde ontem, fiquei por observar Catastrophe. Voando no céu gelado da cidade como um lindo pássaro. Ela estava completa, sua aura de longe emanava isso. Eu queria estar com ela, mas deveria ter sido duro se esconder o tempo inteiro. Não poder ser quem ela realmente era.

- Catastrophe? – Ignorei perguntando o que naquele momento parecia a coisa mais importante para mim.

- Já chegou. Está lá em baixo a nossa espera, junto a Luke.

Pietro me ajudou a levantar e na hora minhas forças já estavam redobradas. Finalmente eu iria ter momentos a sós com Catastrophe.

Descemos as escadas e passamos pela velha cozinha, ao entrarmos no salão do restaurante vi Catastrophe abraçar a senhora Anna com um sorriso tenro nos lábios.

- Obrigada, por nos receber tão bem. – Catastrophe disse docemente.

- Nós que temos que agradecer, por vocês livrarem essa coisa horrível que dominava essa cidade. – Anna disse se desvencilhando do abraço, mas ainda assim segurava as mãos de Catastrophe.

Catastrophe apenas balançou a cabeça e rapidamente se virou para mim quando percebeu que estava no restaurante.

- Victoria. – Meu nome saiu em um suspiro cansando em seus lábios, que fizeram meu corpo reagir com pequenas ondas de calor.

- Bom dia Catastrophe. – A cumprimentei um pouco indiferente.

Ela piscou algumas vezes, mas apenas sorriu.

- Senhora Victoria, espero que tenha tido uma boa estadia essa noite aqui. – Antony se aproximou.

- Sim. Creio que todos nós conseguimos descansar. – Falei seriamente para o senhor, mas com um sorriso mínimo em meus lábios.

- Devemos ir. Falta pouco para o trem chegar. – Luke interveio.

- Claro. – Pietro concordou.

Nos despedimos mais uma vez e fomos até a plataforma. A cidade parecia agora tomar uma cara, um pouco mais animada. As pessoas preocupada com seus afazeres, mesmo com o frio o sol brilhava. Tinha um pequeno grupo de crianças empacotas em casacos,

brincando em volta de um pequeno chafariz. Duas mulheres varrendo a frente de suas casas e um homem cortando sua lenha com um imenso machado.

Comprei os quatro bilhetes, porém duas cabines. Onde eu poderia ficar a sós com Catastrophe.

Agora estávamos apenas eu e Catastrophe na pequena cabine. Ela era ainda menor do que quando viemos, porém, era mais arrumada e aconchegante. Havia duas poltronas largas uma na frente da outra de couro onde cada uma de nós tomamos um assento. Uma simpática cortina de renda branca com formas geométricas, uma base metálica em cima de nossas cabeças para colocar malas e sua porta era de vidro com uma janela de vidro que dava para o corredor do trem.

Catastrophe esfregava as mãos nervosamente contra sua calça mordendo o lábio inferior. Respirou fundo e finalmente olhou para mim. Seus olhos inocentes grandes e negros agora tomavam conta dela.

- Victoria... – Sua voz saiu falha, parecendo que estava sentindo algum tipo de dor. – Escute.... Eu vou falar. Não me interrompa enquanto eu estiver falando. Deixe eu explicar tudo e no final, quando tudo acabar, você pode decidir por fazer perguntas ou ficar quieta.

Eu a olhei apenas acenando com a cabeça. Finalmente ela iria contar a verdade, eu iria verdadeiramente conhecer a mulher que estava apaixonada. Eu respirei fundo e a observei ainda esfregando as mãos na calça. Catastrophe estava nervosa, bastante para dizer a verdade. Algo estava aterrorizando ela, talvez a verdade iria ser doida.

- Eu fui enviada para lhe salvar. Eu fui enviada para parar tudo isso.

-Enviada? – A interrompi logo em sua primeira fala.

Ela olhou para mim e inclinou a cabeça me recriminando silenciosamente.

- Sou um anjo, Victoria. Eu sou milenar. Eu tenho missões a muito tempo, antes de você nascer ou qualquer um dos seus primeiros parentes de sua arvore genealógica. – Ela sorriu para mim gentilmente e apoiou seus cotovelos em seus joelhos inclinando sua postura para frente. – Eu fui enviada para salvar você. Eu fui aquela que interrompi os seus sonhos para te dar a ideia da troca. – Seu sorriso tornou-se triste. – Sei que você no começo só me queria como uma troca. Eu fiz com que você agisse dessa maneira. Eu sabia que você faria de tudo para procurar seu irmão, então tive essa ideia. Sabia que você passeava na praça da cidade. Então propositalmente me enfiei naquele espetáculo de luta, pois sabia que mais cedo ou mais tarde isso iria chamar sua atenção. Você

sempre foi curiosa.

Espera.... Ela me manipulou. Catastrophe fez isso, comigo? Seria assim que ela me conhecia tão bem, era por isso que tinha a impressão de que ela me conhecesse, como se eu fosse um livro aberto.

- Vou tentar explicar desde o início. – Ela respirou fundo e lambeu os lábios. Seus olhos encontraram os meus e ali se fixaram. - A muito tempo ouvimos rumores que um dos maiores demônios do mundo inferior queria ter a ascensão em cima de Lucifer e Ele – Catastrophe olhou para cima e entendi que ela estava mencionando Deus. – Mas nunca acreditamos, pois para isso precisaria de alguém muito poderoso aqui na terra. Uma mulher. Que tivesse poder suficiente de ter um filho da escuridão. Ter o sangue da escuridão. – Ela se ajeitou no seu lugar como se tivesse incomodada de falar o que estava falando.

- Porém, um dia foi anunciado que uma alma iria reencarnar depois de anos adormecida, finalmente todo esse poder iria ser liberado a terra. Essa alma...- Catastrophe chegou ainda mais para a frente e colocou a mão espalmada em meu peito. – Está aqui dentro. É você. – Ela sorriu novamente para mim e tirou sua mão quente do tecido do meu vestido. – Desde sempre você fora assistida, muitos olharam por você. Inclusive eu. Como você acha que seu irmão soube que você estava em um manicômio. Ou as vezes que você se arriscava demais para salva-lo e nada acontecia com você, muitos anjos trabalhavam para te manter a salvo. Desde o princípio de sua vida. – Ela confessou baixo.

Proteger? Eu nunca tinha me sentindo protegida. Aliás me sentia a pessoa mais azarada do mundo, pois todo o sofrimento que eu passara, estava sendo condicionado não porque eu quis, mas porque sou uma alma antiga. Pietro sim que me salvara, que vendera sua alma para me salvar. Para novamente a verdadeira face do mal não voltasse e fizesse o que ele realmente queria fazer. Será, que os anjos também manipularam isso? Tentei não pensar, desviando esse pensamento de minha cabeça. O que importava agora era, que meu irmão finalmente estava comigo e o inferno de 3 anos acabara.

- Esperávamos que esse demônio, a verdadeira face do mal chegasse até você, mais cedo ou mais tarde. Até que um dia ele apareceu, a verdadeira face do mal deveria ter pego você, porém seu irmão sempre fora um estudioso do mistério e do sobrenatural, sempre para te ajudar com os seus dons. E ele por fim acabou vendendo sua alma para proteger você. Não entendemos no princípio o porquê ele fez isso, mas se não por sua ação certamente estaríamos no verdadeiro inferno na terra.... Ele se jogou como isca, fora um verdadeiro herói.

Ela molhou novamente os lábios e tornou a falar.

- Não quero que você me entenda mal, Victoria, por favor. Mas Pietro, mesmo sendo seu irmão e um herói nunca fora o nosso alvo, tínhamos que esperar algo acontecer com você. Então novamente te olhamos esperando o momento certo, esperávamos que a verdadeira face do mal mandasse atacar você, mas isso nunca vinha. Não entendíamos o porquê, acho que até hoje não sabemos. Creio que seja por causa da profecia do solstício de inverno, esperar que ele finalmente estivesse forte para fazer seu movimento final. Vimos como isso te afetou, vimos também sua busca incansável por ele. E Victoria... – Ela me olhou e seus olhos encheram de lagrimas, ela não se sentiu acanhada por estar ali ficando cada vez mais vulnerável palavra após palavra.

Eu queria abraça-la, mesmo ainda sentindo extremamente confusa com todo esse descarrego, eu estava num misto de raiva, por serem tão volúveis ao meu irmão, mas estava sentindo compaixão por Catastrophe, pois sei que ela fez o que deveria fazer. Assim como eu fazia para ter Pietro de volta.

- Anjos são quase impermeáveis quando se tratam de sentimentos.- Ela mordeu o lábio inferior e soluçou brevemente, uma lagrima desceu pela sua linda face. - Porém, quando a vi dessa maneira eu senti tristeza e uma angustia que a princípio não soube identificar. Pedi para os elevados me mandarem para terra. Para que eu pudesse te ajudar a encontrar seu irmão e também acabar por fim de encontrar a verdadeira face do mal e encerar de uma vez por todas com essas ameaças e profecias. Mas quando você me olhou tudo de repente pareceu ser mais difícil, por um segundo meu coração parecia afundar no peito. Eu tinha certeza que entraria em algo que não iria sair. Experimentei outro sentimento que nunca havia consumido.

- Catastro....

Tentei falar, mas novamente ela me interrompeu.

- As coisas foram tomando uma proporção cada vez maior. Não somente pelo fato de cada vez mais realmente estarmos encontrando seu irmão e a criatura do mal e que toda essa profecia no final das contas era realmente real, mas também meus sentimentos por você... Victoria, sentimentos que eu nunca antes sentira. Coisas que eu nunca antes fizera. Você me deixou desarmada. Sem saber o que fazer ou como agir. Eu me apaixonei por você e eu nunca vi isso acontecer com um anjo antes, ao menos não que chegasse até a mim. – Sua voz vacilou e vi seus olhos encheram de lagrimas novamente e foram assim ficando levemente vermelhos. – O jeito que você me tocava, seus diálogos me intrigavam de uma maneira que nunca antes tinha percebido. Finalmente quando experimentei seus lábios eu sabia que estava perdida, eu apenas pensava nisso, em seu toque, sua boca, seu desejo e a vontade de te salvar de tudo isso. Eu tentei a

princípio negar isso, entenda eu nunca tivera intima com ninguém e eu já tenho mais de um milênio de existência. Eu estava com medo de sentir algo maior do que eu poderia aguentar e foi realmente isso que aconteceu. O efeito que você tem sobre mim, Victoria.

Seus olhos fugiram dos meus e ela encarou um ponto invisível da janela, sei que Catastrophe não estava olhando a paisagem lá fora. Catastrophe estava passando por um turbilhão de sentimentos. Talvez ainda pior, pois muitos desses sentimentos ela nunca experimentara antes, isso dava as respostas da sua curiosidade e inocência para certas coisas. Eu não conseguia sentir raiva dela, não conseguia sentir, não poderia. Ela desde o início tentou me ajudar, sem ao menos me conhecer. Ela olhava por mim, sem ao menos eu saber que ela existia. Eu deveria odiá-la por tudo o que estava acontecendo e por tudo o que ela escondeu de mim, mas simplesmente não conseguia. Tudo o que eu conseguia sentir era gratidão e amor. Sim... Amor. Eu amava Catastrophe. Talvez a antiga Victoria viraria de costas e nunca mais seria capaz de olhar para ela, mas essa nova Victoria amava demais a Catastrophe.

Catastrophe era o meu anjo. Minha luz.

- Eu não deveria me envolver com você. Anjos não podem fazer isso, eu passei um milênio sem tocar na boca de alguém, eu nunca sentira desejo, prazer ou paixão. Mas você é como imã para mim Victoria, eu me sinto atraída por tudo o que você é. Pelo seu mistério, pelo seu poder.... Sua beleza. – Ela voltou a olhar para mim e seus lábios desenharam um lindo sorriso.

Catastrophe se ajoelhou no chão e tocou com a ponta dos dedos com cuidado em minha bochecha, como se eu fosse de alguma maneira quebrar sobre seu toque.

- Se você soubesse o quanto é linda. O quanto seus olhos verdes me fazem tremer. Sua boca sempre vermelha e seu cabelo negro, seus vestidos de alta costura. Seu porte majestoso. Eu nunca havia experimentado antes nada tão grande. Eu sou um anjo não deveria sentir nada carnalmente, não deveria ter sensações. Mas com você, seu cheiro... – Ela fechou os olhos e abaixou sua mão para minha perna e apertou levemente. – Você tem ideia do que fez e faz comigo.

Observei seu peito encher de ar sob a camisa de botões um pouco suja e sinto a incrível vontade de me esconder na curva de seu pescoço.

- Thompson me disse que eu não era o suficiente para a verdadeira face do mal. Que eu iria morrer e que ele iria prevalecer – Catastrophe sorriu, fazendo-me lembrar da pequena discursão que tivemos na sala de jantar quando eu a perguntei o que Thompson havia dito. – Mas entenda Victoria.... Eles me mandaram. Eles poderiam mandar qualquer um.... Mas eles me mandaram, por um único propósito. Eu sou a mais poderosa da minha ordem, seria eu a única capaz de destruí-lo, ao menos os anjos que

tem permissão para fazer missões na terra. E agora tudo está acabado, você está com seu irmão e novamente está tudo se equilibrando. Luz e trevas novamente estão coniventes.

- Catastrophe... Mais que diabos...- Minha voz saiu embargada e finalmente eu me jogo em seus braços.

Surpresa pela minha ação ela hesitou um pouco, mas Catastrophe me segurou.

O espaço entre uma poltrona e outra era apertado, mas fora o suficiente para que eu sentasse em cima do seu colo e fazer aquilo que tinha vontade. Respirar profundamente seu cheiro. Rosei meu nariz inúmeras vezes sob a pele de seu pescoço.

- Por que você não me contou isso? Desde o início. Eu queria te trocar pelo meu irmão. – Minha voz saiu abafada, pois minha boca tocava levemente sua pele.

- Eu não poderia Victoria. Uma das regras mais importantes da ordem é: Por hipótese alguma se revele. E eu fiz isso. Mesmo que fosse para salvar o mundo. Provavelmente serei castigada, por isso, por estar revelando isso tudo para você agora.

Eu levantei minha cabeça e a encarei por um instante.

- Castigada?? Catastrophe, você salvou o mundo. Eu não permitirei que isso lhe aconteça.

Ela riu baixinho e isso faz com que a base da minha nuca se arrepia.

- Minha amada e doce Victoria. A tantas coisas ainda fora de minha mão – Ela acariciou minha mandíbula com as pontas de seus dedos.

Ela se levantou e me puxou junto com ela para ambas ficássemos sentadas na poltrona onde Catastrophe anteriormente estava. Ela passou seu braço pelos meus ombros e beijou o topo da minha cabeça.

- Agora devemos seguir em frente. Você tem agora uma linda vida. Aproveite-a, meu amor. Está livre de todo o mal. Seu irmão está a salvo – Catastrophe me apertou contra ela e seus lábios desceram rapidamente contra os meus em um beijo fugas.

- Sim. Parece que agora tudo está bem. Eu consigo sentir a felicidade, ela finalmente está palpável. Eu consigo respira-la e quero sorrir sempre. Você, Pietro e Luke. Minha família.

- Então faça... Você, Victoria mais do que ninguém merece sorrir o tempo inteiro. – Concordou comigo com sorriso de satisfação.

Eu enrolei meu braço envolta da cintura de Catastrophe e coloquei meus pés para cima.

Ficamos em silencio por um tempo. Ambas presas em seus próprios pensamentos.

Catastrophe afinal era um anjo. O anjo na qual eu sonhei. O anjo na qual me salvou da verdadeira face do mal. Agora ela seria o anjo que me guiaria para a vida e eu em troca iria a ensinar sentir. Iria mostrar os sentimentos para ela. Explica-los. Sei que em sua cabeça há uma inundação de perguntas. Mesmo agora com sua aura escondida de mim, eu de alguma maneira conseguia senti-la.

Meu corpo por fim relaxou, eu olho uma última vez para Catastrophe antes de fechar os olhos e inflar meus pulmões com ar. Eu finalmente pertencia a algum lugar e esse lugar era aqui, ao redor de Catastrophe.

Acordei com vozes murmuradas.

- Eu não acredito que você já fez isso Catastrophe. – Ouvi a voz grossa de Pietro e então uma palma.

Eu abri os olhos lentamente e vejo que minha cabeça estava nas coxas de Catastrophe e minhas pernas dobradas devido ao pequeno espaço da poltrona. Pietro estava sentado em nossa frente e Luke estava em pé a frente da porta.

- Desculpe irmãzinha. Se te acordei... – Pietro cruzou os braços em baixo do peito e jogou a cabeça para trás com acompanhando uma gargalhada agora mais contida. – Essa garota é simplesmente fantástica.

Eu olhei confusa e preguiçosamente fui levantando do colo de Catastrophe. Coçando os olhos levemente a essa hora meu rosto já estava limpo sem qualquer maquiagem. Bastante raro de se acontecer.

- O que está acontecendo? – Perguntei com a voz grogue de sono.

- Aparentemente Pietro sofre a mesma coisa que eu. Detesta ficar parado e lugares pequenos. – Luke comentou com um sorriso imperceptível em seus lábios.

- Ahh... Isso meu amigo adquiri nos últimos três anos. – Ele sorriu levemente.

Eu enguli em seco e consigo imagina-lo preso em algum lugar escuro, sem esperança ou vontade de viver.

- Não quer saber o que Catastrophe me contou? – Pietro continuou.

Eu virei minha cabeça e encarei Catastrophe.

- Eu já cuspi no copo do Cleópatra. – Disse com indiferença.

- CLEOPATRA?? – Engasguei arregalando os olhos. - A RAINHA DO EGITO??

- Em minha defesa, foi uma de minhas primeiras missões. Bem ela despertou algo em

mim que não gostei. Então, eu cuspi em seu vinho.

Pietro explodiu em uma gargalhada mais uma vez. E eu ri, não simplesmente pelo fato do que Catastrophe havia feito. Mas por finalmente escutar o som contagiante dá risada de Pietro.

Olhei novamente para Catastrophe e reconheci que realmente ela era milenar, mesmo seu corpo aparentemente ser mais de 10 anos mais nova do que eu, seu ser era além do que eu poderia calcular de mais velha.

Ficamos assim nós quatro conversando sobre tudo e nada ao mesmo tempo. Escutei com atenção algumas das incríveis histórias de Catastrophe e o luxo de ouvir outras de Luke. A viagem teve impressão de durar menos. Estava definitivamente me divertindo.

Finalmente, agora já estamos na porta de nossa grande casa. Falei para que Pietro usasse o quarto de hospedes. Pois seu quarto ainda não estava limpo o suficiente para usá-lo. O quarto de Pietro era no terceiro andar, onde era muito bem mobiliado e com uma imensa vidraça no teto. Meu irmão sempre gostara de observar o céu, seja de dia ou de noite acompanhando as constelações. Ao lado de seu quarto também tinha um pequeno cômodo onde ficava um velho piano. Pietro, sempre gostara de tocar. Eu me arriscava as vezes, mas não era tão bom quanto ele.

- Devemos então todos tomarmos um banho e trocar de roupa. Luke por favor, arrume depois um belo almoço para nós. Aposto que estamos todos famintos. – Disse enquanto subia o primeiro degrau da escada.

- Claro Madame Burke. Com todo prazer.

Todos então nós nos retiramos da entrada principal e cada um foi descarregar pessoalmente as últimas memorias desses terríveis dias, deixando-se levar pela água.

Novos começos e velhos fins - Capítulo 26

Finalmente estávamos todos reunidos na sala de jantar.

Luke com seus dotes incríveis na cozinha teve a brilhante ideia de fazer pato com deliciosos legumes. Para que recarregássemos as energias da viagem de volta, além de algo de sustança para meu irmão que precisava ganhar peso o mais rápido possível.

Abriu também um maravilhoso vinho do porto, que eu especialmente guardara para que se esse dia chegasse, pudesse finalmente abrir. Obviamente no fim acabei por convida-

lo para se juntar a mesa. Luke por anos ficou ali do meu lado, até o final. Se eu não fosse tão apaixonada por Catastrophe e tão somente fosse atraída por mulheres, com certeza Luke estaria na minha lista de homens interessantes. Mesmo envergonhado, ele aceitou o convite sem pestanejar.

Eu me sentei na cabeceira com Catastrophe em minha direita e Pietro na minha esquerda. Luke estava ao lado de Catastrophe, que colocava o garfo na boca com felicidade estampada em seu rosto.

- Permita-me dizer Luke, mas você é o melhor cozinheiro que conheci em toda minha existência. – Catastrophe falou com satisfação evidente, antes de pegar uma enorme quantidade de legumes e um pedaço de carne do pato e acabando por enfia-lo da boca.

- Muito Obrigada, senhorita. – Ele disse educadamente, enquanto acenava com a cabeça. – Eu aprendi com meu pai. Ele era um cozinheiro único. – Um sorriso nostálgico se postou nos lábios finos de Luke e eu partilhei do meu gesto.

Luke assim como eu em uma época de minha vida, também não tinha absolutamente ninguém. Mas isso era passada, agora éramos uma família. Nós quatro.

Pietro observava tudo com interesse e simpatia, enquanto mastigava sua comida avidamente. Seus olhos agora já não pareciam tão fundos, as olheiras já não estavam tão marcadas. O seu olhar novamente estava se tornando bondoso e os verdes de seus olhos tornando-se ainda mais brilhantes. Usava novamente suas roupas antigas, um pouco largas devido à falta de peso que tivera esses últimos anos. Ele vestia com uma calça preta, uma camisa azul e suspensórios, ainda que muito tempo sem usa-las estavam em bom estado. Em tempos em tempos, junto a Luke colocávamos as roupas de Pietro para lavar e depois areja-las. Entretanto, eu tinha quase certeza, que era só o tempo de ele melhorar antes de remodelar todo o seu guarda roupa.

Não pude deixar de nota que tanto ele quanto Catastrophe estavam iguais, apenas pelo fato da blusa de Catastrophe ser lilás e o tecido ser um pouco mais fino que cai levemente revelando um pouco do seu decote. Devo ressaltar que ambos estavam descalços.

Eu como sempre acompanhado de um vestido elegante preto com rendas transparentes que subiam pelo meu pescoço e braços, abraçando todo o meu colo revelando um pouco de minha pele através do material.

- Luke... Você terá que me ensinar a atirar. Você tem habilidades incríveis - Pietro disse animadamente, pegando o copo de vinho antes de tomar um grande gole do liquido avermelhado.

- Com toda certeza, senhor.

- A pior coisa que inventaram foi a pólvora. – Catastrophe disse aborrecida.

Ela brincava distraidamente com o garfo entre os dedos os movimentando rapidamente.

- Por que diz isso? – Perguntei curiosamente, colocando levemente os cotovelos na mesa, cruzando os dedos das duas mãos.

- Qualquer covarde pode segura-la, não estou dizendo que Pietro e Luke são assim, mas ela pode matar milhões. Acredite, ainda teremos muitas guerras e com isso muitas pessoas irão morrer. – Catastrophe falou com grande entendimento, como soubesse que realmente aquilo iria acontecer. – O mundo espiritual fica uma bagunça quando coisas assim acontecem. Quando humanos terminam com a vida de outros.

- Eu não uso as armas porque eu gosto delas. Eu as uso para minha defesa, ou pela a defesa de quem eu me importo. – Luke disse seriamente.

Eu o observei limpar seus lábios com o guardanapo de pano cuidadosamente.

- Eu sei, os seres de luzes sempre perdoam pessoas como você Luke. Você não faz a maldade, você tenta prevenir que ela chegue até a você. – Catastrophe disse com um tom manso e tranquilizador.

– Eu concordo com você absolutamente, senhorita. – Luke sorriu no final.

- Conte-me... Catastrophe? – Pietro chamou sua atenção.

-Sim...

- Você já o encontrou? – Pietro inclinou a cabeça para cima e apontou para o céu.

Estavam falando de Deus.

- Eu? – Catastrophe indagou surpresa.

Ela riu baixinho.

- Infelizmente não. Poucos já os viram. Apenas as altas ordens de anjos. Ele é como um pai muito atarefado, que trabalha praticamente o dia e a noite inteira. Seria assim, quando você acorda ele já saiu para trabalhar e quando você dorme ele ainda não chegou em casa. Está sempre fazendo alguma coisa para que seus filhos tenha a melhor vida possível, no caso vocês. Mas de uma maneira sentimos sua presença, constantemente. Mas os humanos, os sentem ainda mais forte, afinal vocês são os seus semelhantes. – Ela sorriu e olhou para mim com os seus olhos negros inocentes. – Ele os ama tanto. Vocês foram sua criação perfeita.

Eu olhava Catastrophe com admiração. Era incrível ela saber simplesmente disso tudo. Minha comida a essa hora deveria estar esfriando, mas tudo o que Catastrophe era interessante demais para não ter minha concentração.

Eu recostei minhas costas na cadeira e estiquei o braço para pegar meu copo de vinho.

- Claro, muitos anjos não gostam disso. Pois, vocês têm um poder de autodestruição incrivelmente alto. Vocês não têm ideia de quantas vezes anjos guerrearam entre para defende-los. – Ela falou fitando Pietro que mastigava avidamente, enquanto olhava de volta para Catastrophe.

Percebi que Luke olhava para ela também com um inexplicável interesse. Luke largara os talheres e a observava e Pietro escorava o cotovelo na mesa de madeira e apoiava a cabeça na palma de sua mão esquerda, era como se ele quisesse suprir todas as informações de Catastrophe. Não apenas ele, sim todos nós.

- Mas.... Você estava em que lado? – Perguntei com a voz um pouco trêmula, tentei limpar minha garganta, mas apenas piorou minha situação. Eu não sabia se gostaria de ouvir o que Catastrophe tinha para dizer.

Catastrophe mordeu o seu lábio inferior um tanto nervoso com medo de falar sua resposta.

- Dos dois lados. Quando se tem uma longa existência como a minha, podemos mudar de opinião inúmeras vezes. Obviamente, Ele ficava triste, mas nunca se metera na nossa confusão. Acho que ele só tomaria algum parecer se realmente alguma acontecesse com vocês.- Catastrophe respondeu, antes de enfiar mais um enorme pedaço de pato em sua boca.

- Uaaau... – Pietro riu baixinho. – Você é incrível. – Pietro bateu as duas mãos uma na outra e cruzou os braços em baixo do peito, antes de se virar para mim. – Vic.. Você teve sorte. – Ele lançou uma piscadela e se ajeitou ainda mais na cadeira.

- Tive mesmo. – Concordei, colocando a taça de vinho em meus lábios e sentindo minhas bochechas esquentarem levemente.

Olhei para Catastrophe com toda a paixão do mundo que a pessoa pode transmitir uma para outra. Sem qualquer censura ou vergonha, eu a amava e era assim, simples. Quanto mais eu a conhecia, mais minha fome insaciável de conhece-la aumentava. Gostaria de saber absolutamente tudo que era possível de sua existência. Tive o luxo de imaginar tomando xicaras de chás e lanches durante a tarde discutindo sobre o que ela já havia passado. Ou após de fazermos amor em frente a lareira abrir uma garrafa de vinho e ouvir absolutamente tudo, suas aventuras, seu olhar sobre o mundo, sobre a vida e a morte. Cada palavra, ponto e vírgula. Queria saber quem cruzou pelo seu caminho e por onde andou. Eu sorri com o canto da boca e senti seus dedos levemente em meus joelhos.

Me emocionava ainda mais em saber que eu fora a única a toca-la, que fora única a

prova-la. Deus, eu parecia que finalmente a vida começava a sorrir para mim.

- Sei que não vai adiantar muito e o inverno começa em poucos dias, mas que tal irmos para a casa na praia. Lá costuma ser um pouco mais quente. Não sei quanto a você, mas eu odeio o inverno. – Pietro informou juntando os lábios em uma pequena linha fina.

- Sim.... Eu também não gosto muito do inverno e sua irmã já tinha me falado sobre a casa. Eu com certeza iria. – Levantou a mão animadamente e a sacudiu.

Me servi com mais uma taça de vinho e repus para Luke e Pietro. Catastrophe estava bebendo água, percebi que desde que a havia conhecido nunca tinha visto ela colocar álcool dentro da boca, talvez seja algum tipo de regra celestial.

Desfrutamos o prato que Luke fez, entre conversar, sorrisos e risos. Pietro estava com seu humor particularmente como um raio de sol, assim como sua aura que estava fascinantemente alta. Nós realmente estávamos tendo um tempo bom. Algo, colecionável para nossas memórias. Poderia dizer que me sentia feliz, olhar para o três em minha volta, ver que em tão pouco tempo o entrosamento estava se tornando cada vez mais forte.

A aura de Luke também estava inquieta e irradiava uma felicidade espontânea. E bem de Catastrophe, era como sempre, eu não conseguia mais lê-la, tudo o que eu poderia sentir era que estava amena e fraca mesmo com uma explosão de risada ou um outro sorriso furtivo que vinha em minha direção, cada vez que ela abaixava suas mãos para de baixo da mesa e acariciava levemente minha coxa. Vi que algo estava errado. Mas, estávamos todos alegres. Não iria me aborrecer por isso. Estávamos tendo uma tarde perfeita, como a anos sempre desejara a ter.

A tarde logo se transformou em noite e uma fina garoa brotava no céu que descia ao solo, molhando o chão lá fora. As grandes janelas estavam preenchidas com mini gotas e conseguirmos sentir a temperatura cair.

- Acho que vou me retirar. Estou cansado. Gostaria de dormir mais um pouco. – Pietro comunicou.

- Claro. – Concordei.

Pietro então se levantou colocando o guardanapo de pano sobre os pratos e talheres.

- Bem.... Foi realmente uma tarde muito agradável, como poucas que participei. Mas eu vou me deitar. Acho que vocês só irão me ver amanhã. Senhoritas, Luke. – Pietro nos cumprimentou antes de ajeitar a cadeira e sair pelas portas.

- Por que não fazemos a mesma coisa? – Catastrophe perguntou com um sorriso nos lábios.

- Acho uma ótima ideia.

Ela se levantou num salto animado e colocou os braços para cima alongando seus músculos.

- Luke, você pode descansar também. – Catastrophe sorriu para ele. – Acho que você merece esse descanso.

- Sim, Senhorita. Apenas irei arrumar a sala e irei me recolher. – Luke acrescentou levantando-se.

Ele se posicionou atrás de minha cadeira, eu me levantei e o senti empurrando a cadeira para trás, enquanto me punha de pé.

- Boa noite. Meu querido amigo. – O cumprimentei.

- Boa noite. Madame Burke e senhorita Catastrophe.

Andei até Catastrophe e senti sua mão quente espalmada em minhas costas.

- Vamos. – Ela sorriu para mim e correu com a sua mão por toda extensão de minha coluna, antes de segurar a minha nuca gentilmente.

- Vamos... – Disse baixinho.

Fomos até meu quarto e em todo nosso percurso sua mão ainda permanecia em minha nuca, enviando-me pequenas ondas agradáveis.

- Tenho que pedir para Luke concertar essa porta. – Disse antes de encostar a porta do meu quarto.

- Perdão por ter estragado ela. Mas eu fiquei tão desesperada quando uma das feiticeiras entrou aqui que não pensei duas vezes.

- Eiii... Não tem problema. Você me salvou. – Me virei para Catastrophe e selei sua boca com a minha em beijo gentil.

Fiz menção de sair do beijo, mas Catastrophe me prendeu em sua boca. Seus braços rapidamente se voltaram em minha cintura e ela me segurou. Seu beijo era lento, degustando cada espaço. Seus lábios dançavam contra o meu de maneira tão sutil e terno, sem fome ou pressa. Saboreando como se eu fosse seu prato principal, ou melhor sua sobremesa. Seu beijo conseguia atingir minha alma, meu coração e todo o meu corpo pedia por ela. Pedia para ser amado. Eu nunca sentira assim em toda minha vida. As explosões de sensações eram enormes.

Eu precisava dela.

Em um movimento preciso ela me ergueu e me pegou em seu colo. Minhas pernas rapidamente circularam sua cintura e sua boca continuou na minha sem alterar sua

degustação. Ela parecia não se importar com o oxigênio, Catastrophe dependia do meu beijo para sobreviver.

Gentilmente ela me depositou na cama e pairou sobre mim apoiando-se em seus cotovelos um em cada lado de minha cabeça. Sua boca interrompeu contato com a minha e seus olhos negros me fitaram.

Eu a amava.

Minhas mãos subiram pelo seu corpo, escorregando pelas costelas, seios até chegar em sua face. Onde eu acariciei graciosamente. Passei o indicador pelo seu lindo lábio inferior calmamente. Ela sorriu e segurou minha mão beijando-a levemente.

- Eu preciso de você. Algo aqui dentro. Imenso e eu não sei o que é, explode dentro de mim. – Catastrophe confessou baixinho com a voz rouca carregada de paixão.

- Minha doce, Catastrophe. – Eu levantei a cabeça e a beijei novamente.

Antes que ela pudesse começar seu assalto pelo meu corpo eu a virei invertendo as posições. Deixando-a contra o colchão e em baixo de mim. Eu sentei em sua virilha e desabotoei pacientemente sua blusa e cada pedaço de pele que era apresentado para mim eu acariciava com a ponta das unhas, trazendo-lhe pequenos gemidos. Por inúmeras vezes observei Catastrophe arfar sobre meu toque, seu quadril levantava levemente a procura de mais contato.

- Hoje, eu cuidarei de você, meu amor. – Falei docemente inclinando-me sobre ela depositando inúmeros beijos sobre seu peito nu.

- Victoria...- Ela gemeu meu nome de maneira tão doce, que meu coração afundou dentro do meu peito.

Eu amei Catastrophe preenchendo-a com todo o meu ser. Sem demora, desfrutando de cada som e movimento que ela respondia ao meu toque. Ela era uma amante fantástica, seu prazer transformava em meu prazer. Seu suspiro era meu suspiro. Eu a roubava para mim, eu a memorizava calmamente, cada curva de seu corpo. Sua pele incrivelmente quente contra a minha era um choque térmico. Beijei suas imensas cicatrizes, deslizei meus dedos por toda extensão da sua incrível musculatura, até sua bunda e coxas. Ela apenas repetia o meu nome, sem parar. Minha mão não parava em um único lugar por muito tempo, sempre provocando sensações novas para ela e para mim. Usava minha boca, para beijar, mordiscar e sugar. Provava ela e tomava ela.

Após os inúmeros ápices que tivera, sai do seu centro de desejo colocando beijos e mordidas por toda sua barriga até alcançar sua boca. Quando novamente voltei a encara-la vi seus olhos lotados de lagrimas.

- Catastrophe?? - A chamei preocupada, eu tinha a machucado?

Catastrophe ainda estava aprendendo a fazer tudo isso, era novo demais para ela. Talvez as sensações tinham sido além do que ela conseguiria aguentar.

A fitei preocupada a procura de alguma resposta.

- Eu---...- Ela gaguejou, antes de lamber os lábios secos. – Eu amo você.

Pisquei.

Meu coração pulou dolorosamente sob meu peito, eu parei de respirar por alguns segundos e senti meu corpo inteiro corresponder a 3 simples palavras. Era como se ele estivesse ficado mais pesado. Tive sensação de quentura em meu ventre e minha alma após a confissão de Catastrophe sentiu-se completa.

- E eu você. Catastrophe... – Beijei suas bochechas e a voltei a encara-la. – Eu a amo, como eu nunca amei ninguém. Eu pertenço a você.

Ela não disse nada simplesmente me abraçou fortemente contra o seu peito e ouvi seu coração batendo rapidamente, martelando sob meu ouvido.

Então eu senti... Catastrophe finalmente havia liberado sua aura para mim. Sua verdadeira aura. Ela era algo inexplicável, não dava para tentar articular algo próximo do que já sentira. Tudo o que seu sei era ela vinha de maneira avassaladora como uma onda gigante para cima de mim e eu tive certeza que me afogaria, mas isso nunca veio. Eu ficava suspensa ali, em sua aura. Era quente e acolhedora. Quase tocável, trabalhada inteiramente e puramente em sentimentos total contrários que eu convivera em minha vida. Tinha praticamente gosto, um gosto de esperança, de paz e principalmente algo que nunca mais irei esquecer. Amor.

Eu não sei como isso aconteceu, mas eu apaguei.

- Catastrophe? – Resmunguei baixinho. – Querida? Por favor puxe as cortinas... A claridade. – Reclamei mudando de posição para abraça-la. Mas apenas senti o travesseiro gelado.

Abri os olhos lentamente, pois a claridade me incomodou de primeira estância. O lado da cama de Catastrophe estava vazio.

Sentei-me na cama e coloquei o coberto em volta dos meus seios desnudos. Olhei confusa para o redor do quarto e ninguém estava lá.

Levantei e peguei sua blusa lilás que ainda estava lá e a vesti. Não me importei como eu estava ou o frio que percorria em minhas coxas. Sai do quarto e fui até o banheiro, talvez ela estava já no seu banho matinal à minha espera para trocarmos caricias antes de decermos para comer. Mas ela não estava lá.

- Catastrophe?? – A chamei pelo o corredor.

Desci as escadas e a chamei a cada degrau que pisava.

- Catastrophe??

Pietro apareceu casualmente na porta da sala de estar e se apoiou no vão da porta.

- Victoria?

- Catastrophe está com você? – Perguntei um pouco irritada.

- Não. Eu pensei que ela estivesse com você. – Ele tentou reprimir um sorriso maroto que nascia em seus lábios.

Alguma coisa estava muito errada. MUITO ERRADA MESMO. Meu coração já estava se quebrando eu podia sentir. Sua aura não estava ali, não tinha, mas nenhum resquício.

- Luke!!! – Eu berrei seu nome.

Demorou apenas segundos para que ele aparecesse, andando pacientemente com os olhos baixos.

Isso não era bom...

Meus olhos se encheram de lagrima. Eu sabia que alguma coisa ruim estava prestes a ser contada para mim.

- Madame Burke... – Ele sussurrou quase envergonhodo. – Eu sinto muito.

- O que?? – Disse irritada colocando os braços para cima e arregalando os olhos.

Ele ficou mudo e continuou a encarar o chão.

- Olhe para mim! – Ordenei furiosa. – Olhe para mim, agora!!

Mas ele não fez e minha cólera aumentou, eu fui para cima dele. E soquei inúmeras vezes seu peito, era forte o suficiente para machucar eu tenho certeza disso. Eu precisava descontar o que estava sentindo em alguém e Luke era a pessoa mais perto de mim no momento. Ele não se mexeu, pôs-se firme no lugar.

Senti as mãos de Pietro em meus pulsos.

- Calma... – Ele disse tranquilamente. – Luke o que está acontecendo? – Pietro indagou pacientemente.

- Ela.... Se foi. Não era para eu ter visto, mas eu acordei mais cedo. E eu apeguei indo embora. – Disse com grande pesar em sua voz e ele finalmente olhou para mim. Seus olhos estavam um pouco vermelhos como se tivesse prendido o choro por horas a fio.

- O que ?? Ela se foi? Que horas? Quando?? Por que não me acordou??- Minha voz saiu carregada de ódio e perigosamente baixa.

- Ela pediu para que não acordasse. Ela disse que a missão dela havia acabado. Ela não tinha escolha. – Luke despejava a informação com cuidado, mas não adiantava parecia que cada palavra que falava, era um soco que recebia em minha face.

- ESCOLHA?? – Eu gritei incrédula. – Escolha DE QUE??

Eu estava confusa. Catastrophe pertencia ao meu lado. Ela deveria estar comigo agora e não simplesmente ter me deixado aqui sozinha. Eu a amava, eu a amo e ela simplesmente se foi. Como se nada daquilo que tivéssemos passado fosse importante, como se eu fosse apenas uma missão. Uma prostituta.

Me soltei de Pietro desajeitadamente e corri em direção da porta de entrada. Com um movimento com a mão direita a porta se escancarou, batendo fortemente contra a parede. Sai para o pátio, sem me importar com as minhas roupas, ou pela falta delas, sentia o frio me assombrar a cada poro de minha pele, minhas pernas estavam geladas e meus pés úmidos devido a chão molhado da chuva que cairá a noite passada.

- CATASTROPHE!!! - Gritei seu nome até o ultimo ar que prendia em meu pulmão e me despenquei ao chão.

Meu peito estava doendo, meu coração parecia vazio, despedaçado. Uma ferida foi aberta e eu posso sentir, pulsando e sangrando. Do mesmo jeito quando Pietro fora sequestrado. Eu estava sem ela. Eu estava sem minha luz. Eu estava novamente perdida nas trevas.

Eu olhava para todos os lados a sua procura, sabia que era inútil. E então eu olhei para cima para o céu. Juntei as mãos no peito.

- Por favor, Catastrophe. Por favor, se você me ouve volte para mim. Por favor. Não posso simplesmente aguentar outra perda. Não posso. Eu a amo tanto. Por favor! – Eu disse como uma prece.

Meus joelhos estavam pintados de vermelhos contra o cimento do pátio e eu pus-me a chorar, como uma criança. Soluçando.

Senti os braços de Pietro em minha volta. Abraçando-me fortemente e eu cai em seu colo. Eu não seria forte o suficiente para me levantar.

- Ela se foi. Ela me abandonou. Me deixou. Depois de tudo o que passamos. – Chorei contra o seu peito e puxei sua camisa com os dedos para descontar os sentimentos que me assolavam nesse momento.

- Calma minha irmã. Você ouviu o que Luke disse. Ela não tinha escolha, nós não sabemos o que aconteceu realmente. Catastrophe é um ser celestial, alguém tão poderoso que nunca iremos compreender. Eu sinto muito. Eu sei que a amava. Eu sei que a ama. Eu vi em seus olhos. E vi que ela te ama também – Pietro falava calmamente

enquanto acariciava meu cabelo.

- Eu a perdi. Eu simplesmente a perdi.

Catastrophe se fora e junto levou minha luz.

Apenas mais uma xicara de chá. - Capítulo 27.

Ela havia me deixado sozinha.

Me deixando um buraco inexplicavelmente gigantesco em meu coração, praticamente incurável. O mesmo sentimento que senti quando perdi Pietro, agora novamente me assolava, me acompanhava como um fantasma perseguia um amaldiçoado.

Mas o que mais me doía, foi que Pietro não tivera escolha a não ser ir com a verdadeira face do mal, já Catastrophe me abandonará.

Catastrophe simplesmente se foi, sem ao menos dizer adeus. Deixando-me novamente naquela nevoa importuna de escuridão. Ela foi voar sozinha, levanto junto o meu coração. Eu que sempre detestei romances melancólicos, princesas e moças chorando por seus amados em livro. Agora por irônia eu vivia esse papel ridículo. Afundada, no meu próprio desespero e vulnerabilidade.

Obviamente que estava feliz por Pietro, ele voltara. Estava comigo e vê-lo transitando pela casa naturalmente, era algo que fazia meu peito inchar. Mesmo que tanto ele – que mal conhecera Catastrophe- e Luke ficaram mais reclusos e silenciosos. Todos nós sentíamos falta de minha querida anjo.

O sentimento raiva não era o que sentia mais. Era desespero, era dor, era tristeza. Tudo absolutamente misturado e transparecendo em minha aura. Pois aquilo que mais amava não existia mais. Simplesmente tinha sido apagada. Meus planos que arquitetava, em meus devaneios agora não se passavam de ilusões impossíveis de serem alcançados.

Eu já deveria ter me acostumado com tudo isso. Perda. Minha vida era constante perdas, claro, que me sentia mal por me vitimizar desse jeito, mas era inevitável. Eu apenas queria ter aquilo que me fazia feliz na minha volta. Apenas, aquilo que eu amava. Minha família mesmo que não tradicional, ali. Comigo!

Agora, eu voltava a ser aquela Victoria de antes. Aquela Victoria que eu odiava ser. Aquela Victoria que não se importava com absolutamente nada. Sentia-me fraca, parecendo que toda minha aura estava saindo pelas minhas mãos, escapando entre meus

dedos e por mais que eu os fechasse nada adiantava.

Pietro, tinha pena de mim. Tentava me animar, mas inutilmente, mesmo que me levando para passeios nada fazia eu me recuperar. Quando me levara para o jardim botânico comecei a chorar ao ver as lindas flores que comparei com Catastrophe.

O tempo se arrastava dia após dia e a dor simplesmente não diminuía. A dor não parecia se cicatrizar. O verão já estava começando a tomar conta da cidade. O calor já começava a esquentar, mas ainda me sentia fria.

Levantei de minha poltrona e fui para minha banheira, onde Luke já havia preparado meu banho. Lá eu fiquei por incontáveis horas, mesmo que a água estivesse ficando fria, eu continuava lá em meus próprios pensamentos que me levavam a superfície da melancolia. Afundei minha cabeça e fiquei em baixo da água até que meus pulmões ardessem por ar. Subi rapidamente e inspirei fortemente pela boca. Chorei junto com pingos da água que desciam pelo meu rosto.

Eu tinha que me recuperar, já haviam se passado meses. Eu não poderia mais ficar nesse estado, eu não queria mais. Iria a um passo de cada vez novamente me recolocar sob o sol e sentir a luz.

Sai da banheira e fui para o meu quarto, onde coloquei uma calça de seda e um quimono preto. Penteei meu cabelo pacientemente encarando meu cansado rosto no reflexo do espelho.

Ouvi então duas batidas na porta.

- Madame Burke? – Luke abriu a porta devagar e sua cabeça surgiu no vão.

- Sim. – Disse de um jeito monótono.

- Visita. – Falou seriamente antes de abrir totalmente a porta.

- Diga que não estou. Diga que viajei. Não quero receber ninguém. – Continuei a pentear meu cabelo, mesmo que já completamente desembaraçado.

- Victoria, garanto que essa visita você não vai querer deixar ir embora. – Luke usou meu primeiro nome, ele nunca fizera isso antes.

Por um segundo meu corpo inteiro congelou e a escova despencou de minha mão quicando na pequena prateleira e parando no chão de assoalho.

Eu o olhei pelo espelho e um pequeno sorriso nascia em seus lábios.

Foi então que meu corpo tremeu e meu coração pulou fortemente contra o meu peito.

Sua aura. Eu conhecia essa aura, a única aura que me fazia perder qualquer sentindo.

Levantei rapidamente e sai correndo pelo corredor meus cabelos ainda estavam úmidos

e soltos estavam grudando em meu rosto e no quimono fino que eu usava. Ao chegar nas escadas lá estava ela perto da porta. Com uma calça preta de linho uma blusa branca aberta relevando um pouco seu decote e suspensórios pretos. Seus cabelos louros estavam soltos e apenas uma pequena trança estava envolta de um fio de couro vermelho.

Desci as escadas correndo e no penúltimo degrau eu pulei em direção de seu colo. Sem vacilar Catastrophe me pegou em seus braços e me abraçou fortemente.

- Nunca mais irei te soltar. – Seus lábios colaram em minha orelha e sua voz saiu num sussurro.

Meu corpo inteiro correspondeu ao ouvir as palavras de Catastrophe. Ao ouvir a voz de Catastrophe, ao sentir principalmente seu corpo contra o meu.

Era como se ela fosse minha casa, meu lar.

- Por favor... – Implorei me apertando ainda mais nela.

Minhas pernas estavam enroladas em sua cintura e meu rosto estava afundada em seu pescoço, precisava sentir seu cheiro, precisava saber que ela era real. Que não era mais de uns meus devaneios que tinha durante as madrugadas.

- Eu estou aqui. Eu desisti de tudo, para tê-la comigo. Eu amo você Victoria. – Ela disse ainda perto da minha orelha, antes beijar logo abaixo.

Eu olhei em seus olhos grandes e negros. Inocentes, mas estavam demonstrando sua devoção por mim. O amor que ela acabara de pronunciar estavam ali descritos no seu olhar que fazia questão de me perder sempre.

- Eu amo você, minha querida. Eu amo muito você. – Falei rindo nervosamente, sem que ainda pudesse acreditar.

Meus lábios encontraram os dela com paixão evidente. Deus, como sentira falta de seu gosto. De sua boca, de seu amor sobre mim.

- Por onde você esteve? – Perguntei contra seus lábios enquanto distribuía beijos por eles.

- Isso, minha querida. Irá demorar para lhe contar. Tudo o que eu posso dizer é que tive uma longa jornada até novamente estar em seus braços.

- Quero que me conte tudo. Aceitaria uma xicara de chá Catastrophe? Gostaria que me contasse absolutamente tudo. – Falei animadamente com um sorriso imenso em minha boca.

- Chá... Ótima ideia, eu acho que aceitaria o bolo de morango de Luke. Estava sentindo falta desse doce também. – Ela riu baixinho, antes de me beijar mais uma vez.

Eu desci de seu colo e peguei sua mão. Juntas fomos para sala de estar, onde sentaríamos a frente da lareira e lá mais mistérios de Catastrophe iriam ser contados para mim.

Fim.